



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

SOLANGE STABILE

**VOCABULÁRIO DO PORTUGUÊS NA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO NO SÉCULO XIX: UM
LEGADO DE RELATOS DE VIAGENS**

Campo Grande – MS

Março-2008

SOLANGE STABILE

**VOCABULÁRIO DO PORTUGUÊS NA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO NO SÉCULO XIX: UM
LEGADO DE RELATOS DE VIAGENS**

Dissertação apresentada para obtenção do título de
Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos
de Linguagens, da Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul, sob a orientação do(a) Prof^(a) Dr^(a)
Aparecida Negri Isquendo.
Área de Concentração: Linguística e Semiótica.

Campo Grande – MS

Março-2008

SOLANGE STABILE

**VOCABULÁRIO DO PORTUGUÊS NA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO NO SÉCULO XIX: UM
LEGADO DE RELATOS DE VIAGENS**

APROVADA POR:

APARECIDA NEGRI ISQUERO, DOUTORA (UFMS)

AURI CLAUDIONEI MATOS FRÜBEL, DOUTOR (UFMS)

CLAUDIA MARIA XATARA (UNESP)

Campo Grande, MS, 22 de março de 2013.

Dedico este trabalho, com todo o meu amor, às pessoas mais importantes de minha vida: meu pai Josué Stabile e minha mãe Maria Aparecida Stabile.

AGRADECIMENTOS

a Deus, pela vida que me concede e pelas condições que me permitiram realizar este trabalho;

à orientadora, Dra. Aparecida Negri Isquerdo, pelas horas de dedicação e por apontar os melhores caminhos para a realização de meu estudo;

aos professores Drs. Auri Claudionei Matos Frubel e Cleonice Candida Gomes, pelas sugestões feitas por ocasião do Exame de Qualificação que em muito enriqueceram o trabalho;

à CAPES e à FUNDECT, pelo apoio financeiro concebido sob a forma de bolsa, que em muito auxiliou a elaboração deste trabalho;

aos professores do curso de Mestrado em Estudos de Linguagens, pelos preciosos conhecimentos transmitidos durante a etapa de cumprimento dos créditos das disciplinas;

ao professor Geraldo Vicente Martins, coordenador do Mestrado em Estudos de Linguagens pela dedicação e valiosas orientações prestadas;

à Ana Carla, secretária do Mestrado em Estudos de Linguagens, pela eficiência e pela atenção e cordialidade sempre dispensadas;

aos funcionários da Biblioteca da UFMS, da Biblioteca Municipal Isaías Paim Filho e do Instituto Histórico e Geográfico de Campo Grande, pela atenção e pelas informações prestadas;

aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, especialmente às Profas. Madalena e Noelina, pelo acolhimento, pelo apoio prestado e pelas valiosas sugestões;

aos professores Doutores Valmir e Lúcia Corrêa pelas sugestões, contribuições e por gentilmente disponibilizarem-me o acervo de sua biblioteca;

ao professor Dr. Bruno Maronezze por haver apresentado o software AntConc e por fornecer orientações preliminares de utilização do mesmo;

aos veteranos e amigos, Adriana, Ana, Cláudia, Luciene, Marigilda, Regiane, Suely, Thyago e Vanessa, por disponibilizarem material, opiniões e compartilharem importantes experiências;

aos amigos de turma, por haverem tornado tão agradável esse período de aprendizado e por haverem dividido valiosas experiências;

à Dany, que se tornou amiga de turma e de todas as horas, pelo apoio, pelo incentivo e pelos momentos especiais que me proporcionou;

ao Eder Stabile, à Erika Flores, ao José Ricardo e ao Odemilson pelo apoio técnico.;

às amigas-irmãs Nádia, Shirlei e Teresa por me ouvir, orar por mim e pelas palavras, que sempre foram de fé e de incentivo;

ao meu irmão, Artur, historiador e militar nato e de formação, pelo apoio, pelas informações e pelo incentivo;

à minha cunhada Dirlene e à minha sobrinha Gabriella por serem minhas fieis torcedoras;

especialmente aos meus queridos pais, por me amarem incondicionalmente, pelo apoio, pela paciência, pela compreensão com as horas de ausência e pelo carinho sempre dispensado;

a todos que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo principal catalogar e organizar por meio de um vocabulário o léxico veiculado por duas obras produzidas no século XIX: Notícias sobre a Província de Matto Grosso seguida d'um roteiro da viagem de sua capital a' São Paulo, de Joaquim Ferreira Moutinho (1869) e Viagem ao redor do Brasil, de João Severiano da Fonseca volumes I (1880) e II (1881), que se configuram como dois importantes relatos de viagens produzidos no século XIX e que contemplam o período entre e pós Guerra do Paraguai (1864 – 1870). O recorte espacial selecionado abrange os territórios que hoje correspondem aos Estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. O estudo fundamentou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Lexicologia, da lexicografia e da Semântica, focalizando o estudo do léxico numa perspectiva histórica com base no levantamento do acervo lexical dos textos-fonte e em consultas a dicionários gerais da língua portuguesa publicados nos séculos XIX e XX, a dicionários de língua africana e de línguas indígenas. A seleção dos campos léxicos investigados pautou-se no critério de representatividade do cotidiano da Província e totaliza 21 campos: Administração/política; alimentação, atividades de lazer, clima/tempo, costumes e comportamento, Exército, fauna, fenômenos da natureza, flora, habitação, heráldica, instalações, Marinha, medicina, militarismo, náutica, nobiliarquia, relevo/hidrografia, transporte terrestre, unidades de medidas e utensílios. O corpus do estudo foi obtido por meio de programas de edição de texto e de estatística linguística e a nomenclatura do Vocabulário foi selecionada com base nos parâmetros da Linguística de Corpus. O Vocabulário apresenta uma nomenclatura de 316 verbetes, cuja microestrutura contempla os seguintes elementos: entrada, referência gramatical, origem linguística, definição e abonação, além de sinônimo, variante, remissiva e nota e ilustração. As análises qualitativa e quantitativa dos dados deram mostras da visão de mundo dos viajantes-autores a respeito da Província e apontou para aspectos da realidade político-administrativa, econômica e sociocultural da região durante o século XIX.

Palavras-chave: Vocabulário; Província de Mato Grosso; Século XIX; Relatos de Viagens.

ABSTRACT

This study aimed to catalog and organize in a Vocabulary the lexicon of two works produced in the XIX century: *Notícias sobre a Província de Matto Grosso d'um roteiro da viagem de sua capital a' São Paulo*, by Joaquim Ferreira Moutinho (1869) and *Viagem ao redor do Brasil*, by João Severiano da Fonseca, volumes I (1880) and II (1881), that are two important travel reports produced in the XIX which cover the period during and after the War of Paraguay (1864 – 1870). The space area investigated covers the territories that nowadays correspond to the States of Mato Grosso and Mato Grosso do Sul. The study was based in the theoretical and methodological precepts of Lexicology, Lexicography, Semantics, focusing the study of the lexicon in a historical perspective based on the survey on the lexical collection presented in the source-texts and based on searches in the general dictionaries of the Portuguese Language published in the XIX and XX centuries, and in dictionaries of the African and Indian languages. The selection of the lexical fields investigated was based on the criterion of representativeness of the everyday life of the Province and totalizes 21 fields: Administration/politics; food, leisure activities, climate/weather, customs and behavior, ethnicity, Army, fauna, phenomena of nature, flora, housing, heraldry, facilities, Navy, medicine, militarism, nautical, nobility, relief/ hydrography, ground transportation, unities of measurement and utensils. The *corpus* of the study was obtained through *softwares* of text edition and Linguistic Statistics and the nomenclature of the Vocabulary was selected based in the parameters of Corpus Linguistics. The Vocabulary presents a nomenclature of 315 entries, whose microstructure comprises the following elements: entry, grammatical reference, linguistic origin, definition and examples from texts, as well as synonym, variety, cross-reference and note and illustration. The qualitative and quantitative analysis of the data revealed the worldview of traveler-authors about the Province and pointed to the political-administrative, economical and sociocultural aspects of the region during the XIX century.

Keywords: Vocabulary; Province of Mato Grosso; XIX century; Travel reports.

Lista de figuras

Figura 1 – Quadro I – Classificação de <i>corpora</i> por extensão	95
Figura 2 - Quadro II – Classificação de extensão de <i>corpora</i> por classe gramatical	96
Figura 3 - Hierarquia dos signos linguísticos segundo Pottier	103
Figura 4 – Interface do aplicativo online NewOCR	113
Figura 5 – NewOCR – Seleção de arquivo para conversão	114
Figura 6 – NewOCR – Seleção e layout de página	115
Figura 7 – NewOCR – Visualização da página selecionada	116
Figura 8 – NewOCR – visualização de página em formato de texto	117
Figura 9 – NewOCR – Opção para armazenamento de arquivo	117
Figura 10 – NewOCR – Definições de arquivo para armazenamento	118
Figura 11 – ABBY FineReader 11– Tela inicial	120
Figura 12 – ABBYY FineReader11 – Reconhecimento de arquivo	120
Figura 13 – Armazenamento de arquivo	121
Figura 14 – Endereço do site <i>AntConc</i> para download do aplicativo	123
Figura 15 – Janela inicial do programa AntConc 3.2.3 para Windows	124
Figura 16 – Abrindo arquivos para gerar listas de palavras	124
Figura 17 – AntConc – arquivos abertos	5125
Figura 18 – AntConc – opções para gerar <i>Word list</i>	126
Figura 19 – <i>Word List</i> gerada pelo AntConc	126
Figura 20 – AntConc – opção de armazenamento da <i>Word List</i>	127
Figura 21 – AntConc – <i>Word List</i> armazenada no sistema	127
Figura 22 – <i>Concordance</i> – contextualização de palavras no AntConc	128

Figura 23 – Contextualização de palavras na ferramenta <i>Concordance</i>	129
Figura 24 – Contextualização máxima e acesso a textos na ferramenta <i>Concordance</i>	130
Figura 25 – Estatísticas de <i>tokens</i> e de <i>types</i>	131
Figura 26 – <i>AntConc Lexique</i> – Gráfico elaborado pela ferramenta <i>Concordance Plot</i>	132
Figura 27 – <i>Lexique Pro</i> – Tela inicial	133
Figura 28 – <i>Lexique Pro</i> – Caixa de diálogo para seleção de etiquetas	134
Figura 29 – <i>Lexique Pro</i> – Edição de etiquetas de campo	135
Figura 30 – <i>Lexique Pro</i> – Redação de verbete	135
Figura 31 – <i>Lexique Pro</i> – Visualização de verbete (versão digital)	136
Figura 32 – <i>Lexique Pro</i> – Visualização de verbete (texto editável)	137
Figura 33 – <i>Lexique Pro</i> – Modelo de formatação de verbete	138
Figura 34 – Figura 34 – Pênis de pato	269
Figura 35 – Raiz de ipecacuanha	269

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

alter.: alteração

Cf.: Conferir

cm: centímetro

dr.: doutor

exm.: excelentíssimo

kg: quilo

m: metro

merid. occid.: meridiano ocidental

N: Norte

NO: Nordeste

O: Oeste

ONO: Oés-noroeste

regr.: regressão

S.E. Sudeste

S. Exc.: Sua Excelência

s.f.: substantivo feminino

SIN: Sinônimo (s)

s.m.: substantivo masculino

sr.: senhor

Sumário

Introdução	15
Capítulo I – Contextualização histórica da região pesquisada.....	23
1.1 – Antecedentes históricos.....	23
1.2 – Mato Grosso, a terra	30
1.3 – A capitania	32
1.4 – A Província.....	36
1.5 – O Estado	40
1.6 – A Guerra do Paraguai	40
1.6.1 – O conflito.....	40
1.7 – A presença indígena	43
1.8 – A presença do negro.....	44
1.9 – O ciclo da erva-mate	45
1.10 – O Estado de Mato Grosso e sua divisão.....	46
1.11 – O Estado de Mato Grosso do Sul	47
Capítulo II – Fundamentação teórica – estudos lexicais.....	49
2.1 – O léxico em foco	49
2.2 – O léxico: objeto de estudo de diferentes ramos do saber linguístico	52
2.3 – A teoria dos campos léxicos	53
2.4 – A Lexicografia – percurso histórico e alguns fundamentos.....	55
2.5 – A norma linguística	67
2.6 – As obras lexicográficas - tipologias.....	70
2.7 – Da palavra ao conceito: a obra lexicográfica de caráter semasiológico	79
2.8 – A macroestrutura e a microestrutura das obras lexicográficas	82
Capítulo III – a Linguística de corpus.....	83
3.1 – A linguística de corpus – breve histórico.....	83
3.2 – Corpus - conceituação	88
3.2.1 – Tipologia de corpus.....	89
3.2.2 – A representatividade do corpus	91
3.2.3 – A extensão do corpus	94
Capítulo IV – O estatuto da palavra.....	97
4.1 – Palavra e vocábulo	97

4.2 – Lexema e lexia – lexias simples, complexas e compostas	102
--	-----

Capítulo V – O percurso metodológico da pesquisa 105

5.1 – Objetivos e questionamentos.....	105
5.1.2 – <i>Corpus</i> de referência e obras consultadas.....	110
5.2 – O programa NewOCR.....	113
5.3 – O programa Abby FineReader 11	119
5.4 – AntConc: software para análise de corpus	122
5.5– Lexique Pro.....	132

Capítulo VI – Vocabulário do português na Província de Mato Grosso no século XIX: um legado de relatos de viagens..... 131

6.1 – Apresentação.....	139
6.1.2 – A macroestrutura do Vocabulário.....	139
6.1.3 – A microestrutura do Vocabulário	141
6.1.3.1 – Entrada (lematização)	142
6.1.3.2 – Referência gramatical	142
6.1.3.3 – Origem linguística	142
6.1.3.4 - Definição.....	143
6.1.3.5 - Abonação.....	146
6.1.3.6 – Sinônimos	147
6.1.3.7 – Variantes.....	148
6.1.3.8 – Remissiva	148
6.1.3.9 – Nota	148
6.1.3.10 – Ilustração	148
6.1.3.11 – Modelo de verbete	149
Vocabulário.....	150

Capítulo VII – considerações pontuais sobre a nomenclatura do *Vocabulário* 260

Considerações finais 273

Referências..... 276

INTRODUÇÃO

A compreensão do homem e de sua cultura passa pela compreensão da linguagem e tem inquietado o espírito humano através dos séculos. Na Antiguidade clássica, por exemplo, o *Cratilo*, de Platão, foi uma obra plena de reflexões sobre a linguagem; na Idade Média, a exatidão das palavras é questionada e há oposição entre duas correntes de pensamento: a dos *realistas*, para quem as palavras são apenas reflexo das ideias, e a dos *nominalistas*, que acreditavam na arbitrariedade das nomeações. Já no período abrangido entre o Renascimento e o século XVIII, o estudo do léxico considerou dois fatores: i) a confecção de dicionários, ii) o estudo da palavra sob a perspectiva filosófica. No século XIX, os estudos linguísticos voltaram-se para os aspectos fonéticos e morfológicos da palavra em detrimento da relação desta com o pensamento.

Predominam nesse século os estudos histórico-comparativos que foram impulsionados pela formulação da hipótese do indo-europeu, divulgada em 1786, pelo juiz e orientalista inglês, Sir William Jones e que supunha a existência de parentesco entre o grego, o latim e o sânscrito. Surge nesse contexto, elaborada por Franz Bopp, a *Gramática Comparada*, cujo foco historicista dos estudos gramaticais gerou novos pontos de vista para os estudos da língua (WEEDWOOD, 2002, p. 8-93). O século XIX encerra-se com a consolidação da Geografia Linguística ou Geolinguística e, lentamente, os estudos linguísticos voltam-se do campo fonético para o lexical. No início do século XX, Saussure (1998, p.16)¹ rompe um paradigma até então vigente na história dos estudos linguísticos ao demonstrar a possibilidade de se estudar a língua sob uma perspectiva sincrônica, ou seja, num dado momento da história. Esse estudioso concebe a linguagem verbal humana como um processo constituído pela língua, um sistema de convenções de caráter social, abstrato e produto da cultura, e pela fala, ato individual e concreto que, pelo uso, pode ou não gerar mudanças na língua. Essas mudanças, porém, não ocorrem aleatoriamente, mas são condicionadas por fatores internos (fonéticos, morfológicos e sintáticos), respeitando a gramática, entendida como as inter-relações das estruturas

¹ A primeira edição do *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, data de 1916. Para este projeto, consultamos a edição de 1998, uma tradução originalmente de 1969 de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blickstein, publicada pela Editora Cultrix, São Paulo, SP.

linguísticas. Não se pode ignorar, porém, o fato de que além de serem condicionadas por fatores internos, as mudanças também são influenciadas por fatores extralinguísticos, sendo válido ressaltar que

tradicionalmente, variáveis sociais independentes como idade, sexo e classe social são parâmetros pertinentes, seja para estudar a heterogeneidade linguística, seja para indicar o dinamismo das mudanças em tempo aparente. Esses parâmetros extralinguísticos dividem a sociedade em grupos fixos, estabelecem correlações diretas entre uso de variantes e estratificação social e buscam identificar o *locus* da mudança no indivíduo em determinado ponto da estrutura social. Daí a coexistência de grupos inovadores e conservadores em uma relação dinâmica que pode apontar os caminhos da língua (MOLLICA-RONCARATI, 2001, p. 48).

O contato entre diferentes etnias e culturas é manifesto predominantemente no nível lexical, uma vez que é por meio do léxico que o homem nomeia os elementos do ambiente no qual está inserido. Assim, ao fazer uso do seu repertório vocabular, o homem externa seus pensamentos, costumes, crenças, ideologias e elabora conceitos, além de manifestar experiências culturais vivenciadas e acumuladas por seu grupo social através do tempo. Dos níveis linguísticos,

o léxico [...] é que mais nitidamente (sic) reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses (sic) e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade (SAPIR, 1969, p. 45).

Nessa perspectiva, “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo” (BIDERMAN, 1998a, p. 11). A palavra carrega consigo um caráter sócio-histórico por constituir-se como modelo e modelador de cultura. É nele que se pode buscar a visão de mundo de uma época e é nele que se encontram as palavras-testemunho que constituem o cerne do pensar, de agir e de ser de uma sociedade (MENEZES, 2009, p. 19).

Essa versatilidade do léxico, enquanto estrutura exposta a condicionantes, permite que ele seja estudado por ciências distintas, e sob diversos enfoques que variam de acordo com a necessidade, com o momento histórico e com o objetivo da pesquisa. No século XX, influenciados pelos parâmetros da Linguística Moderna, desencadeada pelo pensamento de Ferdinand de Saussure, os estudos linguísticos priorizam a óptica sincrônica, quadro que começa a alterar-se no final desse século e no início do subsequente à medida que ressurgem projetos voltados para o viés histórico. No caso do Brasil, esse fato se deve à busca da compreensão e

explicitação do Português nacional, de sua estrutura e de seu funcionamento. (MATTOS E SILVA, 1999, p. 147-166).

Esse viés histórico expressa, na verdade, uma busca da identidade linguística do português brasileiro, o que tem intensificado as pesquisas de caráter histórico-diacrônico em universidades das diferentes regiões do Brasil. A esse respeito Kato (1993, p. 14) ressalta que “... mexer com o problema da identidade é mexer com a história. Quer-se saber como tal identidade foi adquirida”. Alguns trabalhos de pesquisa têm contribuído para o estudo linguístico do português colonial.

Concernente aos estudos acerca do léxico da língua portuguesa falada na região Centro-Oeste, mais especificamente em Mato Grosso do Sul, predominam as pesquisas de natureza sincrônica, quase que exclusivamente com base na língua oral. Logo, é preciso considerar o fato de haver uma lacuna em termos de estudos linguísticos acerca da língua portuguesa escrita comum, não científica no Centro-Oeste/Mato Grosso do Sul nos séculos anteriores ao XX. Esta pesquisa insere-se nesse contexto e contribui para a minimização dessa lacuna, à medida que tem como objeto de estudo a catalogação e a análise do léxico utilizado pelos autores de dois importantes relatos de viagens do século XIX.

Considerando que, nesse período, a região Centro-Oeste foi marcada por inúmeras viagens e expedições de caráter científico, exploratório e econômico e, somando-se a isso, o fato de a colonização do Brasil – e da América como um todo – ter inicialmente privilegiado as áreas litorâneas, os relatos de viajantes que adentraram os sertões brasileiros constituem importantes documentos de registro de aspectos da realidade nacional que proporcionam o conhecimento e a pesquisa de riquezas de ordem natural e linguística de determinada região. No caso deste projeto, os textos-fonte foram selecionados pelo fato de se enquadrarem na delimitação espaço-temporal estabelecida para a pesquisa e por se situarem num período peculiar da História do Brasil: o período entre e pós-Guerra do Paraguai (1864 – 1870).

Nessa perspectiva, este estudo se justifica como relevante e inédito não apenas por contemplar o vocabulário do português do Brasil do século XIX, corrente na região Centro-Oeste, mas pelo seu pioneirismo em termos de estudo do léxico veiculado por textos antigos voltados para a história de Mato Grosso do Sul. Essas obras, além de recuperarem parte da realidade de Mato Grosso e de Mato Grosso

do Sul, contêm dados significativos sobre Corumbá, cidade considerada como “porta de entrada” dos portugueses na Província de Mato Grosso através do rio Paraguai, no final do século XVIII.

É válido ainda ressaltar que, embora muito já se tenha estudado, debatido e escrito sobre a formação do português brasileiro, uma grande parte desses estudos tem-se voltado para a modalidade oral da língua, prova disso são as inúmeras publicações realizadas e em vias de se realizar de atlas linguísticos de diversas regiões do Brasil. No entanto,

ainda está por ser elaborada uma reconstituição que conjugue fatores sócio-históricos e linguísticos que interagiram na constituição do português que falamos. Tal intento, talvez utópico, já poderia ser implementado desde o início do século e alguns caminhos foram abertos por Antonio Houaiss (1985), Alberto Mussa (1991), Fernando Tarallo (1991), além de outros, também pelo Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR) do Departamento de Letras da Universidade Federal da Bahia (MATTOS E SILVA, 2004, p. 12-13).

Não é demais destacar ainda que as obras selecionadas como textos fonte para esta pesquisa recuperam um período da história dos atuais Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, por isso a sua importância como registro de um vocabulário voltado para questões regionais que testemunham um momento peculiar da história desses Estados.

Joaquim Ferreira Moutinho, comerciante, nasceu na cidade do Porto, em Portugal, e chegou a Mato Grosso por volta de 1850, fixando residência em Cuiabá. Em sua obra *Notícias sobre a Província de Mato Grosso Seguida d'um roteiro da viagem de sua capital à São Paulo* conta suas memórias sobre os anos em que viveu no Mato Grosso, bem como a viagem que realizou de Montevidéu a Cuiabá, destaca os portos por onde passou e narra usos e costumes da Província e cita itinerários, facilidades e dificuldades vividas durante seu trajeto (SILVA, 2002, p. 44).

João Severiano da Fonseca foi médico, militar e político brasileiro (Alagoas, 1836 – Rio de Janeiro – 1897). Em 1887 integrou como médico a Comissão de Limites com a Bolívia, em Corumbá. Foi eleito senador pelo então Distrito Federal à constituinte de 1890 e às duas primeiras legislaturas do Congresso Nacional (1891-1896). Sua obra *Viagem ao Redor do Brasil* trata-se de um diário no qual o autor

descreve as riquezas naturais da capitania², suas questões políticas e econômicas e os hábitos dos habitantes e dos indígenas.

Maiores detalhes sobre esses textos-fonte são fornecidos no capítulo V (item 5.5.2), que trata do percurso metodológico deste estudo.

Considerando a representatividade dessas obras, optamos por analisar e tratar lexicograficamente as palavras lexicais – mais precisamente os substantivos comuns e concretos – nelas registradas, ponderando que, segundo Rey-Debove (1984, p. 53-54) “a palavra lexical [...] constitui o instrumento pelo qual as civilizações constroem para si uma visão de mundo... [e] entre as palavras lexicais o substantivo é o mais representativo” (REY-DEBOVE, 1984, p. 53-54).

Concordamos ainda com Rey-Debove (1984, p. 55) quando pondera que é “o substantivo comum que nos permite organizar o mundo construindo classes (de objetos, de fatos, de pessoas etc), uma vez que os substantivos comuns catalogados do corpus nos textos-fonte são representativos da realidade da capitania, que, durante o século XIX, viveu um período peculiar, em que a busca por índios para serem aprisionados como escravos e por ouro, pedras e metais preciosos atraiu indivíduos de diversas regiões, inclusive estrangeiros. O acesso à região era feito predominantemente por vias fluviais devido à precariedade do lugar, os rios eram as estradas de ‘monçoeiros’ e de bandeirantes que adentravam o desconhecido, mas promissor território de Mato Grosso. Esse fato se reflete nos dados pesquisados, uma vez que dentre os substantivos comuns selecionados para compor o corpus da pesquisa, ‘rio’ é o mais produtivo, contando com 440 ocorrências na forma singular e 151 na forma plural.

Não poderíamos excluir da pesquisa, ainda, os substantivos comuns de origem tupi, haja vista a importante contribuição que essa língua desempenhou na formação do léxico da vertente brasileira da Língua Portuguesa. Além disso, a presença indígena nessa região é marcante até os dias atuais, pois o atual Estado

² Basicamente, capitanias eram as divisões da administração colonial no Brasil. Inicialmente cada capitania era subordinada diretamente à Lisboa. Posteriormente, com a criação do Governo Geral, eram subordinadas ao Vice-Rei, no Rio de Janeiro. As primeiras capitanias eram aquelas faixas do tratado de Tordesilhas, depois com a expansão dos portugueses para o interior, agregaram-se outras, como a de Mato Grosso, desmembrada de São Paulo. Após a independência do Brasil, as capitanias foram renomeadas pelo Império como províncias, situação que mudou com a proclamação da República, quando as províncias passaram a se chamar Estados.

do Mato Grosso do Sul possui a segunda maior população indígena do país, com cerca de 70000 índios.³

A influência do tupi para o léxico da língua portuguesa foi tão significativa que ultrapassou fronteiras e oceanos, influenciando inclusive os falantes lusos. A esse respeito, Cardeira (2006, p. 67) pondera que,

no Brasil, o tupi-guarani legou-nos milhares de palavras. Algumas pertencem, [SIC] apenas ao léxico estritamente usado no Português brasileiro, outras, tão vulgares como ananás, amendoim ou cacau, fazem parte do vocabulário que usamos, todos os dias, em Portugal.

Esse fato vem ao encontro da ideia de Sapir (1969, p. 166) de que as “línguas podem propagar-se muito além do berço, invadindo territórios de outras raças e outros âmbitos de cultura”.

Mediante a ponderação de Sapir e considerando que a presença do negro foi efetiva na capitania durante os séculos XVIII e XIX, sobretudo na mineração, buscou-se verificar o índice de ocorrências de palavras de base linguística africana presentes no vocabulário dos textos selecionados como fonte para a nossa pesquisa, levando-se em conta a maciça (ainda que forçada) presença e o relevante papel dos escravos africanos no processo de colonização e de desenvolvimento do Brasil, além do emprego da mão-de-obra escrava na mineração, atividade predominante no Centro-Oeste brasileiro durante o período estudado. A esse respeito Karasch (1996, p. 241) registra que “o censo de 1779 de Goiás esclarece que os ‘pretos’ constituíam, a depender da localidade, entre 45 e 80% da população”. Já Volpato (1996, p. 220) ressalta que,

Durante os séculos XVIII e XIX, vários aldeamentos de escravos fugitivos surgiram em território mato-grossense. Alguns com certeza tiveram vida tão efêmera que não deixaram registros; outros, no entanto, se constituíram de forma organizada e duradoura [...] entre os quais os quilombos de Quariterê, do Sepotuba e do Rio Manso.

A mesma autora destaca ainda que os negros fugitivos e moradores dos quilombolas souberam tirar proveito do momento de medo e de insegurança vivido pela província de Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai, pois, segundo ela, o número de homens que empreendiam fugas para evitar o recrutamento militar, bem como o número de deserções era grande e os fugitivos procuravam abrigo junto aos

³ Disponível em <http://noticias.pgr.mpf.gov.br/noticias/noticias-do-site/copy_of_pdfs/entrevista_Deborah_Duprat.pdf>

quilombos, de modo que os quilombolas, ao recebê-los nos arrachamentos, tiveram acesso a armas e a informações de militares valiosas que possibilitaram que os quilombolas se organizassem estrategicamente e se mobilizassem de modo que puderam invadir terras e apossar-se de dinheiro, alimentos e de bens materiais, tornando-se assim mais fortalecidos, passando a cultivar alimentos obtendo fartura que em dado momento sobrepujou a da própria Cuiabá, dada a situação calamitosa a que esta foi submetida com os horrores da Guerra e da epidemia de varíola que a assolaram (VOLPATO, 1996, p. 229-236)

As repressões aos quilombos, contudo, permaneceram, inclusive por meio de ataques indígenas e, embora muitas vezes tenham-se conduzido por veredas nada ortodoxas, praticando assaltos e outros atos considerados como crimes tanto no Mato Grosso quanto em Goiás, os negros ajudaram a descobrir e em alguns casos descobriram jazidas de ouro (das quais não tiveram posse) e trabalharam nas atividades da caça, da pesca e do cultivo, contribuindo desse modo para a formação étnica e econômica da Região Centro-Oeste, o que justifica o fato de que dentre outros, este trabalho teve como um de seus objetivos verificar o índice de ocorrências de africanismos nos textos selecionados como fontes de estudo.

A opção pelo tratamento lexicográfico dos dados justifica-se pela importância atribuída ao dicionário, que assim como toda obra lexicográfica, constitui uma espécie de depósito, de arquivo da língua e que se mostra importante como documento linguístico histórico, como é o caso do Vocabulário elaborado como produto deste trabalho, e que poderá subsidiar futuros estudos em diversos ramos de saberes, podendo inclusive ser utilizado com intuito pedagógico, além de recuperar e divulgar traços da história e da cultura da região, uma vez que se tornará publicamente acessível.

Além do foco histórico e sincrônico, há que se considerar também a utilidade da obra lexicográfica para o cotidiano dos falantes de uma língua, no nosso caso, a portuguesa, pois, é fato que “os usuários não dominam jamais o léxico, encontram em todo o decorrer de sua vida palavras desconhecidas” (REY-DEBOVE 1984, 55), residindo justamente aí a funcionalidade da obra lexicográfica como material de consulta e de aprendizado. E, finalmente, a importância da obra lexicográfica torna-se evidente quando ponderamos que o “fato da maioria das pessoas não ‘compreenderem’ um texto é devido às palavras desconhecidas: resulta disso uma

espécie de desconforto permanente, de angústia léxica que se transforma em observações desdenhosas sobre o ‘jargão’” (REY-DEBOVE, 1984, p. 57-58). Esse déficit de competência lexical do falante pode ser compensado pela utilização do dicionário.

Por todas essas razões, este trabalho tem como objetivo maior, a produção do *Vocabulário do português na Província de Mato Grosso no século XIX: um legado de relatos de viagens*, com vistas à análise do Vocabulário relacionado ao cotidiano da Capitania de Mato Grosso no período entre e pós-Guerra do Paraguai. O estudo busca ainda verificar em que medida o Vocabulário identificado testemunha o período histórico retratado por esses autores e, por extensão, reflete a visão de mundo veiculada nessa fase da história do atual Estado de Mato Grosso do Sul. Outrossim, como já mencionamos alhures, esperamos que o Vocabulário produzido contribua para a descrição e a disseminação do léxico do português do Brasil registrado em relatos de viajantes do século XIX que perenizaram a história do grande Mato Grosso no período contemplado pelas obras consultadas.

Isso posto, tratamos agora da organização textual deste trabalho, que foi estruturado em seis capítulos. O primeiro apresenta a contextualização histórico-geográfica da região pesquisada apresentando seus antecedentes históricos, processo de povoamento, trajetória político-administrativa e econômica, além de discutir a presença do índio e do negro na formação de Mato Grosso e de contextualizar o conflito da guerra do Paraguai. O segundo capítulo discute pressupostos teóricos que subsidiam este estudo, com destaque para o léxico enquanto objeto de estudo e para os fundamentos e o percurso histórico da Lexicografia. Já o terceiro traz breve histórico sobre a Linguística de Corpus e apresenta critérios direcionadores para estudos com essa abordagem. O quarto capítulo aborda a conceituação de palavra, vocábulo, lexema, e lexias simples, complexas e compostas, enquanto o quinto discute os procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa, já o sexto e último capítulo centra-se no *Vocabulário do português na Província de Mato Grosso no século XIX: um legado de relatos de viagens* e apresenta e exemplifica as partes constitutivas do Vocabulário. Na sequência são apresentadas as considerações finais, que sintetizam os resultados alcançados com a realização do trabalho. Por último, apresentamos as obras que embasaram a pesquisa, na seção de referências.

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA REGIÃO PESQUISADA.

Este capítulo centra-se na história de Mato Grosso, que implica conhecer e compreender fatos históricos, políticos e econômicos não apenas dessa região, mas também de Portugal e Espanha aos quais a História do Brasil encontra-se intimamente ligada.

A percepção da trajetória histórico-cultural da região foi importante para a contextualização das descrições contidas nos textos-fonte e para embasar a seleção das unidades lexicais que compõem o Vocabulário, que buscou desse modo constituir o mais representativa possível da realidade da província de Mato Grosso no período estipulado.

As análise qualitativa e quantitativa expostas no capítulo VII reiteram a importância da compreensão da história da região ao evidenciar dentre outros, aspectos socioculturais, ambientais, políticos e econômicos da região por meio das unidades léxicas contempladas pelo Vocabulário.

1.1 Antecedentes históricos

A descoberta do continente americano por Cristóvão Colombo em 1492 e a possibilidade de riquezas que esse novo continente proporcionaria despertou em algumas nações europeias (leia-se Inglaterra, França e Holanda) o interesse pelo até então desconhecido El Dorado recém descoberto e suscitou entre Portugal e Espanha a disputa pelas terras descobertas, pois como esses dois países consideravam-se como ‘donos’ do novo continente, o interesse de outras nações europeias pelo novo território representava uma ameaça à sua hegemonia e, segundo Florêncio (1985, p. 07), a preocupação das Coroas Portuguesa e Espanhola deixou de ser puramente comercial, tornando-se também política, pois, somente uma sólida soberania poderia assegurar a exploração econômica que a colonização do futuro continente proporcionaria.

Portugal baseava sua postulação no Tratado de Alcáçovas, firmado com a Espanha em 1479, pelo qual desistia das ilhas Canárias, no Atlântico, e passava a

ter direitos sobre quaisquer terras descobertas ao sul desse arquipélago (GOES FILHO, 1999, p. 42).

À época dos descobrimentos, a Santa Sé ainda conservava o papel de árbitro entre as nações cristãs, e o papa Alexandre VI, tanto por sua origem (ele era aragonês) quanto por questões pessoais e militares favoreceu a Espanha. A necessidade de equilibrar a balança política também influenciava a postura do pontífice, uma vez que os papas anteriores, Sisto IV e Inocêncio VIII, haviam favorecido bastante a Portugal em diversas questões. Desse modo, em 1492, por meio de duas bulas – a *Eximiae Devotionis* e a 1ª *Inter Caetera*, o papa Alexandre VI concede integralmente as terras descobertas, ou a descobrir, à Espanha. Esta, no entanto, recentemente unificada e com problemas com a Itália, temia uma guerra com Portugal, o que a levou a aceitar negociação com a coroa lusitana. Assim, a bula papal 2ª *Inter Caetera*, de 1494, distinguiu as terras espanholas e portuguesas, traçando a divisa pelo meridiano que passa cem léguas a oeste dos arquipélagos dos Açores e de Cabo Verde. Finalmente, a 7 de junho de 1494, na cidade espanhola de Tordesilhas, foi assinado o tratado chamado *Capitulação da Partição do Mar Oceano*, confirmado pela Santa Sé em 1506, pela bula *Ea Quae Pro Bona Pacis*, dividindo as possessões ibéricas no Atlântico pelo meridiano que passa a 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde: as terras a leste seriam de Portugal, enquanto as situadas a oeste Pertenceriam à Espanha (GOES FILHO, 1999, p. 44-46).

Esse tratado, que atingia também terras no oriente, como as ilhas Molucas, vigorou até 1750, quando revogado pelo tratado de Madrid. A linha de Tordesilhas não chegou a ser demarcada de forma objetiva, sendo a versão mais aceita na América do Sul a que estabelece uma linha imaginária entre a ilha de Marajó até o sul de Santa Catarina ou Cananéia.

O território mato-grossense, situado ao oeste da linha, pertencia à Espanha (CAMPESTRINI-GUIMARÃES, 1991, p. 13). Houvessem os portugueses respeitado de fato os limites da linha de Tordesilhas, hoje não apenas o território que compreende o atual estado de Mato Grosso do Sul, mas toda a área que corresponde às regiões Norte e Centro-Oeste, seria posse dos vizinhos hispânicos.

A assinatura do Tratado de Tordesilhas e as expedições enviadas pelas Coroas Portuguesa e Espanhola e a postura soberana assumida por estas, não

foram suficientes para impedir que outras nações europeias adentrassem as novas terras e lhes explorassem as riquezas, o que levou o governo português a iniciar o processo de ocupação e de colonização do território brasileiro, ocupação essa que remonta ao século XVI e se deu inicialmente pelo sistema das Capitanias Hereditárias e que visava a assegurar a soberania portuguesa “em toda a porção costeira da Colônia a fim de evitar a penetração de estrangeiros” (FLORÊNCIO, 1985, p. 08).

De acordo com Innocentini (2009, p. 16), esse sistema consistia em uma composição de 15 lotes que formavam 12 capitanias situadas desde a Ilha de Marajó ao norte do território do Brasil, até ao sul deste, mais precisamente até ao território hoje ocupado pelo Estado de Santa Catarina. A autora esclarece que as Capitanias foram definidas como faixas lineares de terra que ignoravam os acidentes geográficos e que iam do litoral da costa brasileira até à linha virtual estipulada pelo Tratado de Tordesilhas, o que significava que apenas 20% da atual América do Sul pertenciam a Portugal. Innocentini ressalta que cada Capitania possuía aproximadamente 300 km de largura na costa,

mas os dados divergem em relação à exatidão da extensão de cada Capitania, e algumas delas eram maiores que outras. Registros indicam que quando se deu, mais tarde, a busca por minérios e intensificaram-se os movimentos exploratórios ao interior do país, os limites do Tratado não foram respeitados, a preocupação maior era iniciar o ciclo da mineração no Brasil. Também não havia exatidão na demarcação da linha do Tratado de Tordesilhas porque na época, devido aos escassos instrumentos disponíveis, era medido grosseiramente e “movia-se” conforme interesses (Innocentini, 2009, p. 16).

Esse sistema, embora não tenha obtido o esperado êxito econômico, obteve sucesso enquanto estratégia política por garantir à Coroa Portuguesa o domínio da costa brasileira e por possibilitar a povoação portuguesa em toda a faixa litorânea do território brasileiro.

Após o Sistema de Capitanias Hereditárias, vários outros sistemas e medidas foram adotados pela Coroa Portuguesa com o intuito de garantir sua hegemonia sobre as terras em seu poder, desse modo, por volta de 1549, instituiu-se o Governo Geral, que teve como primeiro representante o político e militar português na figura de Tomé de Sousa (1503-1579), que governou o então território brasileiro de 1549 a 1553 e fundou a cidade de Salvador (BA), a primeira capital Brasileira (1549-1763). Instituir o Governo Geral no Brasil foi um passo importante para a consolidação da

colonização portuguesa em nosso território. Essa colonização, no entanto, tinha caráter exploratório e visava suprir a metrópole de gêneros alimentícios e de minérios preciosos, adotando-se então o regime de grandes propriedades e o de trabalho compulsório, aqui representado pelo sistema escravista, inicialmente tentado com o elemento indígena, mas que por uma série de questões culturais culminou com a escravização dos africanos.

A coroa espanhola, preocupada com as tentativas de expansão portuguesa, criou em 1534 o Adelantazgo da Província do Rio de La Plata, província que segundo Gressler & Vasconcelos (2005, p. 31), abrangia “os atuais estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rio Grande do Sul, grande parte do Paraná, Santa Catarina Minas Gerais e São Paulo, além de parte da Argentina e do Chile e todo o atual território ocupado pelo Paraguai e pelo Uruguai”. O sistema dos adelantazgos equivalia ao das capitanias hereditárias criadas pela Coroa portuguesa, sendo que “o adelantado tinha os poderes de “encomendar” índios, repartir terras entre seus homens, construir fortalezas, cunhar moedas e monopolizar o trânsito e a pesca” (GRESSLER; VASCONCELOS, 2005, p. 31).

Posteriormente, a Coroa Espanhola ofereceu as terras platinas a Pedro de Mendonça, que fundou Buenos Aires em 1536. João Salasar de Espinosa fundou Assunção em 1537, enquanto Domingos Martinez fundava, no ano seguinte, a colônia de Maracaju, próxima Às sete quedas do Paraná. Álvaro Nunes Cabeça de Vaca, que assumira o governo de Assunção em 1542, subiu o rio Paraguai e atravessou o Mar de Xaraés, como era conhecido o Pantanal. Já Irala, que sucedeu Cabeça de Vaca, explorou os rios Iguatemi e Paraná, além da Serra de Maracaju (CAMPESTRINI, 2011, p. 21).

Fica evidente que a intenção dos espanhóis era ocupar de fato e explorar as terras que compreendem o atual território do estado de Mato Grosso do Sul, que lhe cabiam por direito, ao abrigo do Tratado de Tordesilhas.

Uma forma eficaz de ocupação espanhola foi o estabelecimento de reduções jesuíticas, nas quais os padres reuniam os índios, ganhando suas almas para a Igreja e seu trabalho para a Espanha. Um importante grupo de povoações jesuíticas foi o Itatim, no sul de Mato Grosso. Seus aldeamentos eram contemporâneos da redução do Guairá, no Paraná, e de certa forma, fazia parte do mesmo cordão de isolamento, cuja finalidade era conter a expansão lusa, impedindo-a de extravasar

do meridiano de Tordesilhas (ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO, 1972, p. 222). Foram assinaladas as instalações de Torém, Mboyboy, Terecandi, Maracaju, Caaguaçu, Atirá e Nossa Senhora da Fé, além de Ipané e Santo Inácio, estas duas ao sul do rio Apa, no atual Paraguai. Importante destacar o burgo de Santiago de Xerez, que não era redução, mas sede de autoridades e moradia de civilizados (ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO, 1972, p. 222).

Há controvérsias acerca da localização desse burgo, mas pesquisas recentes apontam-na nas proximidades do atual município de Aquidauana.

Essas reduções, localizadas no caminho para o mítico El Dorado, foram alvo de inúmeros ataques dos bandeirantes (expedicionários paulistas), que procuravam apresar índios e encontrar metais preciosos.

Há quem defenda que a União Ibérica (1580-1640), período no qual Portugal foi governado pelos reis de Espanha, teria sido fundamental para o surgimento e desenvolvimento das bandeiras, sob o argumento de que não havia fronteiras entre os dois impérios, porém, nesse período Portugal não formava um todo com a Espanha, pois conservava todos os foros, liberdades e privilégios, usos e costumes, formando um reino à parte, tanto na metrópole como nas colônias (GOES FILHO, 1999, p. 97-98).

Aceitando-se como mais plausível esta segunda hipótese, pode-se cogitar que a força motriz do avanço bandeirante em direção às posseções espanholas no sul, oeste e norte eram de ordem econômica, não importando a eles os limites políticos, pois as bandeiras já eram organizadas antes de 1580.

Quanto às questões econômicas, como forma de garantir lucros significativos, Portugal adotou a política do Mercantilismo, que basicamente constituiu-se em, reduzir pela tributação elevada, ou proibir a entrada de bens manufaturados estrangeiros e facilitar o ingresso de matérias-primas; inversamente, proibir a saída de matérias-primas produzidas no país e estimular a exportação de manufaturados quando estes concorressem vantajosamente no mercado internacional (FAUSTO, 1994, p. 55).

Ainda segundo Fausto (1994, p. 55), outro fator que definiu os rumos da economia colonial foi a criação da Companhia Geral do Comércio do Brasil, que inicialmente concebida para compor uma espécie de retaguarda aos navios mercantis, posteriormente foi transformada em órgão governamental, o que não

impediu acordos econômicos entre Portugal e outros países europeus, sobretudo a Inglaterra, que obteve direitos de negociar com a colônia brasileira, tendo como única exceção os produtos monopolizados pela Companhia Geral do Comércio. O autor esclarece ainda que esse sistema de frotas findou-se em 1765, “quando o Marquês de Pombal resolveu estimular o comércio e restringir o papel dos ingleses. Isso se fez através da criação de novas companhias (Companhia do Grão-Pará e Maranhão, Companhia de Pernambuco e Paraíba)” (FAUSTO, 1994, p. 58).

De acordo com alguns historiadores, após essa fase, o foco da economia da colônia brasileira passou então para o sistema de plantation, que consistia no cultivo predominante de determinado gênero, visando à exportação, mas segundo Fausto (1994, p. 58-59),

a afirmativa de que a *plantation* foi a forma básica da colonização portuguesa no Brasil se tornou clássica a partir dos trabalhos de Caio Prado Júnior. Em anos mais recentes, ela vem sendo criticada [...] A crítica é significativa [...] Ela chama a atenção para o fato de que o Brasil colonial não foi só açúcar, ouro, grande propriedade e escravos, [...] de um lado [havia] o contínuo interesse do governo português na produção de alimentos e [de outro], as resistências opostas pelos proprietários rurais a utilizar terras com esse objetivo menos rentável.

É válido destacar que o sistema econômico em regime de plantation, que ocorreu em praticamente toda a América tropical, visando produzir gêneros que abastecessem o mercado europeu da época, teve como elemento central na colônia brasileira, o engenho, unidade industrial destinada principalmente à produção do açúcar. Inicialmente os engenhos eram compostos pela moenda, pela casa das caldeiras e pela casa de purgar, com o passar do tempo, todos os elementos envolvidos no conjunto da produção do açúcar, passaram a compor o engenho: as plantações de cana, a casa-de-engenho (que se pode entender como a fábrica, propriamente dita), a casa-grande, a senzala, a bagaceira (depósito de resíduos da cana moída) e tudo o mais que pertencesse à propriedade. A esse respeito, Alcoforado (2006, p. 106) destaca que, “no Brasil, a existência de uma economia de plantation esteve bastante relacionada com os interesses dos proprietários das melhores terras, que lucravam enormemente com as culturas de exportação”. Sobre esse aspecto Corrêa & Corrêa (1985, p. 9) ponderam que,

quatro fatores permitiram o sucesso da economia açucareira, sem os quais dificilmente se viabilizaria a empresa mercantil lusa na colônia americana: técnica de produção sob controle dos

portugueses, financiamento e distribuição pelos holandeses e mão-de-obra escrava. Como resultante, a colônia atingiu plenamente a sua função de mercado fornecedor de matérias-primas e mercado consumidor de manufaturas europeias, ocupando uma posição subsidiária no sistema capitalista mercantil da época.

No entanto, alguns fatores externos interromperam o monopólio luso do açúcar, dentre eles o fato de os holandeses terem permanecido durante muito tempo em território brasileiro, tendo, portanto, dominado as técnicas de produção do açúcar, o que lhes foi de grande valia quando de sua expulsão da colônia brasileira, quando passaram a produzir açúcar nas Antilhas e estabeleceram concorrência com o Brasil. A esse respeito Corrêa & Corrêa (1985, p. 9) ressaltam que,

fatores externos, tais como o domínio da Coroa Espanhola sobre Portugal e a consequente ocupação da zona açucareira pelos holandeses, não permitiram aos portugueses manter o controle por muito tempo do lucrativo monopólio do açúcar [...] Assim, não conseguindo superar a decadência da economia açucareira nordestina, Portugal perdeu irreversivelmente o monopólio da produção e do comércio do açúcar.

A crise da economia açucareira exigiu do governo português alternativas para a sustentação da colônia, e, de acordo com Corrêa & Corrêa (1985, p. 9-10), “as opções variaram de atividades agropecuárias pouco significativas e rudimentares ao apresamento indígena”. Dessa forma, ainda no século XVI, tiveram início os movimentos das Entradas e Bandeiras que segundo, Florêncio (1985, p. 08), tinham como objetivos principais “a expansão e integração do território, exploração da terra, povoamento, investigação e aproveitamento das potencialidades econômicas da então Colônia”.

Embora o fim principal desses movimentos de adentramento do território brasileiro - que perduraram até meados do século XVIII – visassem predominantemente interesses econômicos, eles tiveram papel relevante na área político-administrativa, uma vez que foram fundamentais para a configuração geográfica do país, sendo igualmente importante sua contribuição para a questão demográfica, “pois decorreu das ‘entradas’ e ‘bandeiras’ a interiorização do povoamento, cuja consequência foi a formação dos primeiros núcleos populacionais e das primeiras fazendas agropastoris no interior da Colônia” (FLORÊNCIO, 1985, p. 08). Ainda segundo Florêncio (1985, p. 08), duas outras contribuições dos movimentos das Entradas e Bandeiras vinculam-se à descoberta e exploração de minas de ouro no século XVII e à “fixação de contingentes populacionais estáveis

em grande porção do território brasileiro, a exemplo de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso”.

1.2 – Mato Grosso, a terra

É consenso que a nomeação de uma localidade não se dá de modo aleatório, mas “vincula-se à língua utilizada em dada região e época, aos valores, aos intercâmbios culturais decorrentes de contatos entre diversas etnias e a acontecimentos históricos relevantes para uma determinada sociedade” (STABILE, 2011, p. 1). Com referência à nomeação de Mato Grosso, Corrêa Filho (1969, p. 13), salienta que considerada uma

terra de surpresas, “Mato Grosso não as dissimula, desde o próprio título, [que demonstra a impressão dos pioneiros que], “após palmilharem campos e cerrados” depararam-se com a mata do alto Guaporé, que contrastava com a paisagem anteriormente por eles observada (concentrações arbóreas dispersas), sugeriu-lhes o “topônimo destinado a perdurar” (CORRÊA, 1969, p. 13).

O território mato-grossense, no entanto, permaneceu ignorado em suas características por longo período devido ao interesse pelos elementos autóctones em detrimento do interesse fisiográfico da região por parte dos colonizadores. Tal fato é mencionado por Moutinho (1869, p. 7) ao frisar que

Matto-Grosso é uma das provincias do Brasil que mais ricamente forão dotadas pela natureza; está, porém, situada tão longe, e tão pouco aquinhoadas tem sido pelo Governo na distribuição dos seus favores, que tudo ali é difficil, e tudo existe ainda no seu estado embryonario.

“O exame das peculiaridades locais somente começaria depois da fixação dos andejes bandeirantes em Cuiabá, atraídos pelo ouro de suas lavras”. (CORRÊA, 1969, p. 25). A dimensão territorial da região dificultava a realização da análise e do mapeamento por uma só pessoa, de modo que durante o período de 1750 a 1777, inúmeros observadores registraram suas impressões sobre a região, destacando-se dentre eles o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira⁴ (século XVIII). A partir de 1498 tanto o governo espanhol quanto o português se preocupou em povoar e

⁴ A fonte de citação do texto de Alexandre Rodrigues Ferreira está registrada como Anzai (2004), uma vez que para este estudo foi utilizada apenas a edição do manuscrito realizada por essa historiadora.

explorar as novas terras e, a partir de 1534, Portugal iniciou a divisão do litoral brasileiro em capitanias hereditárias e no século XVI teve início o movimento das ‘entradas’ e ‘bandeiras’ de que dentre outros objetivos, segundo Isquierdo (2009, p. 43) visa à “expansão e a integração do território, intensificando o povoamento e a exploração econômica do interior da Colônia, sendo o responsável pela formação dos seus primeiros núcleos populacionais”, que não sem muito empenho foram criados, pois a região era íngreme, os índios locais aguerridos e o ambiente insalubre.

Goes Filho (1999, p. 100) ressalta que “sem os garimpeiros aventureiros dos primeiros tempos, vindos nas bandeiras descobridoras, não se pode garantir que seria brasileiro o atual Centro-Oeste”. Além das bandeiras, (Goes Filho, 1999, p. 145-146) cita também monções cuiabanas que, segundo ele, diferentemente das primeiras, eram exclusivamente fluviais, seguiam roteiros fixos e tinham como objetivo único chegar às minas auríferas dos rios Cuiabá e Guaporé e acrescenta que foram elas [as monções] que garantiram o povoamento do Centro-Oeste. De acordo com a explanação do autor, a história das monções está intimamente ligada à do Centro-Oeste e durou mais de um século, tendo-se iniciado com a descoberta de ouro em afluentes do rio Cuiabá, sendo que Pascoal Moreira Cabral encontrou esse precioso metal no rio Coxipó-Mirim por volta de 1718 e quatro anos mais tarde, Miguel Sutil localizou aluviões auríferos no local que deu origem à Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Segundo a narrativa de Goes Filho (1999, p. 151), as minas de Cuiabá constituíram o segundo eldorado brasileiro. Mendonça (1970, p. 11) atesta que a primeira povoação (cuja data não é citada) denominou-se Forquilha e que a ata de fundação de Cuiabá foi assinada em 8 de abril de 1719.

Em 1726 Rodrigo César Menezes chega ao Porto de Cuiabá numa monção que trouxe à localidade aproximadamente três mil pessoas brancas e negras. Logo Menezes impôs rigoroso sistema administrativo e foi um baluarte na elevação do arraial à categoria de vila, que ainda assim ficou subordinada à Capitania de São Paulo (Corrêa Filho, 1969, 205), sendo, 22 anos depois, elevada a capitania, assunto tratado no tópico seguinte.

1.3 – A Capitania

A criação da Capitania de Mato Grosso, bem como a de Goiás deu-se por meio de Carta Régia do governo colonial português em 09 de maio de 1748, quando ambas foram desligadas da província de São Paulo. De acordo com Campestrini (1991, p. 22), a Capitania de Mato Grosso contou com 9 governadores⁵, desde a sua criação até a passagem ao status de província, quando da proclamação da Independência do Brasil em relação a Portugal.

O primeiro governador, Antônio Rolim de Moura Tavares (posteriormente Conde de Azambuja), veio de Portugal para administrar a capitania e a governou por dezesseis anos⁶. Ao chegar a seu domínio, estabeleceu-se no povoado minerador de Pouso Alegre, que elevou à categoria de vila, com o nome de Vila Bela da Santíssima Trindade, estabelecendo aí a capital (Estado Maior do Exército, 1972, p. 278). Enquanto governador, Rolim de Moura “conseguiu manter a posse das terras de sua capitania, incluindo as que hoje constituem Mato Grosso do Sul” (GRESSLER; VASCONCELOS, 2005, p. 32).

O maior destaque fica para o quarto governador, Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, nomeado em 1772. Sua administração foi a mais frutífera, pois criou o Tribunal de Justiça, fundou o forte Príncipe da Beira, em 1776, no rio Guaporé, hoje estado de Rondônia; mandou construir, por Ricardo Franco de Almeida Serra, o forte de Coimbra, e 1775, às margens do Rio Paraguai, a Vila Maria do Paraguai (hoje Cáceres), em 1778 (CAMPESTRINI, 2011, p. 62).

Merece destaque o oitavo governador, que permaneceu no posto de 1807 a 1819, o fidalgo João Carlos Augusto d'Oeynhausén Gravenbourg, o Marquês de Aracati, o qual trouxe grande progresso à capitania e a Cuiabá. A capital foi transferida para essa cidade em 1820, pelo nono governador, Francisco de Paula Magessi Tavares Carvalho (CAMPESTRINI, 2011, p. 62).

⁵ Considerando o foco e o objetivo de nosso estudo nos limitaremos a citar apenas quatro destes governadores, cujos feitos destacam-se na história de Mato Grosso enquanto Capitania; desse modo, o leitor que desejar maiores informações sobre demais e seus respectivos feitos, poderão consultar a bibliografia de cunho histórico constantes no tópico de referências.

⁶ Campestrini (1991, p. 22) situa o período de governo de Rolim de Moura entre os anos de 1751 a 1764, já Corrêa (1969, p. 14), salienta que esse governador administrou a capitania por 14 anos menos 16 dias, sem no entanto, datar o período em que se deu.

Expostas as atuações dos principais governadores, passaremos à explanação dos principais fatos que marcaram a história do Mato Grosso enquanto Capitania.

O fator primordial e que se caracteriza como marca da Capitania de Mato Grosso, é a sua localização em uma região de difícil acesso, bem como a distância que a separa tanto do litoral quanto dos centros administrativos. Os trajetos eram extensos e acarretados de obstáculos das mais diversas espécies, além da não rara presença de animais e insetos. Todos esses fatores faziam da capitania uma área isolada e ao mesmo tempo requeredora de constantes cuidados e vigilância, por constituir are de fronteira, sujeita, portanto a invasões. Fonseca (1881, p. 279) dá-nos uma pequena amostra de quão íngremes era o sertão de Mato Grosso:

As cargas seguiram por um caminho de duzentos e cinquenta metros; o bote desceu completamente leve, beirando a margem do rio. A sirga foi bastante trabalhosa; e a embarcação esteve por algumas horas engasgada em uma pedra, em sitio onde o rio faz um salto de quasi meio metro, já no fim da sirga. Com o emprego de uma talha fel-a o 1º tenente Frederico o remontar novamente a corrente e descer por um canaleta, mais junto á margem. Nas enchentes é essa cachoeira peor, havendo necessidade de sirga desde o Mamoré.

De acordo com Holanda et al. (1978, p. 8), uma das principais preocupações dos portugueses com relação ao Mato Grosso era o fato de este situar-se na fronteira de territórios de dominação espanhola, o que consistia numa ameaça à segurança e à soberania portuguesas. Na verdade, a Espanha nunca se conformou com a expansão portuguesa para além de Tordesilhas. O desenvolvimento da Capitania de Mato Grosso e a descoberta de ouro em Cuiabá fomentaram a cobiça, até que a guerra entre as duas nações, na Europa, forneceu o pretexto para a tentativa de retomar o território perdido.

Nesse período, as monções foram a marca registrada de Mato Grosso, por meio delas, davam-se os deslocamentos dos aventureiros, comerciantes e de toda a sorte de homens que visavam a prática da mineração, a principal atividade da capitania. A extração de ouro em Cuiabá estava no auge de modo que “ninguém se preocupava em se fixar no sul do território, que hoje é Mato Grosso do Sul, servindo-se dele apenas como caminho para as minas” (CAMPESTRINI, 1991, P. 21). Desse modo, a atenção dos governadores voltava-se para a conquista do norte e do oeste, áreas ameaçadas pelos espanhóis.

A criação da capitania representou então, uma estratégia do governo colonial devido à descoberta de ouro nas localidades de Cuiabá e de Mato Grosso, bem como aos tratados de limites impostos pelos espanhóis e vigentes à época. Foram estabelecidos então os Tratados de Madrid e o de Santo Ildefonso, que privilegiaram Portugal pelo princípio do uso possidetis (ABREU, 1976 p. 205-220). Sobre a ação do Tratado de Madri, Moutinho (1869, p. 198) ressalta que,

a 30 leguas de Matto-Grosso está o rio Jaurú, onde os commissarios de demarcação de limites por parte de Hespanha e Portugal collocarão em 1754, pela disposição do art. 7. do tratado de 1750, o grande marco de marmore, que até hoje alveja entre os verdes que o circulão.

A mineração na capitania passou por dois ciclos, o de Cuiabá e o de Guaporé, “os rigores da tributação, da ação fiscal e do alto custo de vida, além da insalubridade da região” (CORREA; CORREA, 1985, p. 27) foram responsáveis pela decadência de ambos.

De acordo com Corrêa Filho (1969, p. 330-331), “a era do ouro colhido às mancheias, mediante rápida esgaravatação do solo, já havia passado, quando Rolim de Moura inaugurou o governo regional”. [...] A abundância mingudara de contínuo [...].

Se a produção diminuía, o mesmo não se dava com os preços das mercadorias, este, continuava a manter o padrão da fase áurea. Corrêa Filho (1969, p. 331) chega a afirmar que “as aperturas, em que viviam os moradores, Rolim de Moura as experimentaria como governador”. A crise econômica, aliada às lutas de fronteiras, foi o estopim para que o Regime Colonial entrasse em colapso; no entanto, além da Coroa, uma classe beneficiou-se com os lucros da extração do ouro: a classe dos comerciantes, em sua maioria composta por portugueses e que

Abasteceu os núcleos mineiros de suas necessidades vitais. Impondo altos preços aos gêneros de primeira necessidade, monopolizando o comércio intermediário e/ou atravessando a distribuição de mercadorias, esse grupo de comerciantes [...] contribuiu efetivamente para o empobrecimento da população dos centros urbanos mato-grossenses (CORRÊA; CORRÊA, 1985, p. 28).

Vendo-se obrigada a voltar-se a culturas de subsistência ou a pequenas atividades urbanas e à margem do processo produtivo gerador de riquezas na região, a população responsabiliza as classes dominantes da época (comerciantes e grandes proprietários rurais), por sua situação de penúria e por seus problemas de

sobrevivência: “a carestia, os altos preços das mercadorias comercializadas nas vilas e cidades e a exploração a que, de um modo geral, esteve sujeita” (CORRÊA; CORRÊA, 1985, p. 29).

Volpato (1987, p. 53-119), por sua vez, ressalta que a ausência de um produto ou de uma atividade econômica que substituísse a mineração, deu lugar à economia de subsistência e levou a população a adotar o contrabando com a Bolívia. Segundo a autora, a miséria imperava, a agricultura e a pecuária eram pouco desenvolvidas e a esses fatores somava-se a condição fronteiriça da região, que além de promover a insegurança, requeria grandes esforços defensivos das autoridades coloniais.

Moutinho (1869, p. 33, no entanto, tem um outro ponto de vista com relação à população da Capitania de Mato Grosso, segundo esse autor,

se se lançar um anzol no rio, tirar se ha necessariamente um pacú, um dourado, um pintado ou um jahú; se se lançar uma rêde ou uma tarrafa, sahirá ella prenhe de centos de bagres, pacupevas, jeripócas, piraputangas, jurupensens, matrínchans, fidalgos, curimbatás, saùás, palmitos, além de uma quantidade extraordinaria de piquiras, trahiras, lambaris, etc.... E apezar de tudo isto, ha fome e ha miséria! Lance o governo um olhar de compaixão para aquelle povo, e procure dar lhe um remedio efficaz á preguiça, ao contrario terá de vel-o sempre miserável no meio da abundancia, e a província inhabitavel. E' lhe necessário um reactivo violento.

Sejam quais forem os responsáveis pela situação calamitosa da capitania, ela teve longa duração e foi agravada por fatores circunstanciais, tais como “epidemias, pragas nas lavouras, a ação constante e crescente dos atravessadores, confronto com os indígenas, etc” (CORRÊA ; CORRÊA, 1985, p. 29).

Um desses fatores circunstanciais, a “peste da varíola”, é mencionado por Moutinho (1869b, p. 7): “ha muito tempo devamos providencias á nossa partida, que máu fado nosso, não se pôde realizar antes de horrivel peste de variola, obrigando nos a testemunhar esse quadro de horrores e sentir lhe as terriveis consequências”.

Os historiadores Corrêa & Corrêa (1985, p. 29) destacam que “as consequências da decadência da mineração em Mato Grosso foram sentidas por um longo tempo e teve [sic] uma profunda e marcante presença no quadro socioeconômico e político da região até meados do século XIX” e se refletiram nas relações violentas que caracterizaram o processo de ocupação e de desenvolvimento do Mato Grosso enquanto província.

1.4 – A Província

A proclamação da Independência dos Estados Unidos, a vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808 – motivada pela invasão de tropas francesas em Portugal – e a proclamação das colônias espanholas do Prata, transformadas em república em 1810 valendo-se do princípio do *uti possidetis*⁷, eram o prenúncio de que o mesmo se daria com as colônias portuguesas.

Com o Regime Colonial em crise política e econômica, os movimentos nativistas intensificaram-se por todo o território nacional e a redução da autoridade e o afastamento de D. Pedro (príncipe regente do Brasil) por parte de Portugal, aumentou o descontentamento do povo, que desejava “a permanência do Príncipe no Brasil. Em 9 de janeiro de 1822, Dom Pedro disse ao povo que ficaria. Mais tarde, no dia 7 de setembro do mesmo ano, Dom Pedro proclamou a Independência do Brasil, tornando-se imperador, com o nome de D. Pedro I” (GRESSLER; VASCONCELOS, 2005, p. 32).

Estava criado o Império do Brasil e a partir de então as capitânias gerais passaram a províncias. “Na época, era o imperador D. Pedro I quem mandava no Brasil. Os presidentes das províncias eram nomeados pelo imperador e não eleitos pelo povo como os governadores de hoje” (GRESSLER; VASCONCELOS, 2005, p. 32-33).

Mato Grosso tornou-se uma província do Império do Brasil e em 1825 teve na figura de José Saturnino da Costa Pereira, seu primeiro presidente, nomeado pelo governo imperial com o intuito de superar a crise político-econômica da região (Corrêa; Corrêa, 1985, p. 38), no entanto,

Villa Bella, que desde a elevação desses sertões á capitania gozára dos foraes de capital, não quiz subordinar se á nova ordem de cousas. Creou um governo independente do da junta de Cuyabá, e assim se conservou até 1824, em que submetteu se, e ainda assim não completamente, ao primeiro presidente nomeado para a província, o major de engenheiros José Saturnino da Costa Pereira.

⁷ princípio do direito internacional que, em disputas envolvendo soberania territorial, reconhece a legalidade e a legitimidade do poder estatal que de fato exerce controle político e militar sobre a região em litígio (HOUAISS, 2009).

Essa cisma deveu-se principalmente ao fato de que a população não concordava com a Revolução do Porto, no entanto, o período provincial de Mato Grosso foi marcado por inúmeras revoltas e protestos que culminaram com a divisão de Mato Grosso em dois estados no período republicano. Dessas revoltas, Fonseca (1881, p. 123) cita a rusga, movimento antilusitano que visava a restauração colonial.

Conforme destacamos no tópico anterior, com a decadência da mineração, a economia de Mato Grosso estava em crise e a população em estado de miséria, o que dificultava a projeção e a inserção da província no contexto “nacional”.

Nesse contexto, assume a presidência da província, Pimenta Bueno, que consegue estabelecer-lhe alguma ordem. Dentre seus feitos destacam-se a organização das finanças da província e a abertura de estradas visando facilitar o acesso da província a São Paulo e à sede administrativa, além disso, promoveu o estabelecimento da imprensa, mediante a compra de uma tipografia (Corrêa Filho, 1969, p. 494-498).

Após Pimenta Bueno, diversos presidentes assumiram a administração da província, tendo-se estabelecido um período que Corrêa Filho denomina de “calmaria aparente”, uma vez que os movimentos nativistas não cessaram.

Em meio ao caos político e econômico que se instaurara na província, merece destaque a atuação do almirante Augusto João Manuel Leverger, o Barão de Melgaço, que tendo governado a província de 1850 até o final da Guerra do Paraguai, “se, porém não conseguiu imprimir à Província aceleração em seu engrandecimento material, como lhe seria de gosto, a ação moral, que desenvolveu, deu-lhe realce incomparável à Presidência” (CORRÊA FILHO, 1969, p. 531).

Em carta dirigida a Joaquim Ferreira Moutinho, Indalecio Randolpho Figueira de Aguiar, refere-se a Augusto Leverger como “o lhano, o justo, o brioso, o intrépido, o heroico, o sabio Augusto Leverger!” (MOUTINHO, 1869, n.p.). O próprio Moutinho (p. 70) em uma de suas muitas referências (todas positivas) a Augusto de Leverger assevera que

[...] o local bastante doentio, os muitos trabalhos, cuidados e insomnias, findarão por abalar sua saúde que sacrificou bravamente por dedicação ao povo cuyabano e ao Brasil, que jamais deixarão de render homenagem ao merito e ao valor do heróe de Melgaço, do salvador de Matto-Grosso.

No início da década de 1850, a província ainda se encontrava em significativa situação de isolamento, apresentando duas precárias opções de caminho para o litoral e a capital do império. A essa ausência de estradas, somava-se os constantes ataques indígenas “às comunidades, às fazendas e aos viajantes, [o] que tornava a vida no sertão mais insegura e com constantes sobressaltos. O envio de ‘bandeiras’ para a região foi a solução para a contenção desses ataques indígenas (GARCIA, 2001, p. 24-28).

Garcia salienta ainda que a orientação do governo imperial para as bandeiras era de que mantivessem relações amistosas com os índios visando o seu aldeamento e civilização, incluindo-se aí, a catequese. (GARCIA, 2001, p. 28). De acordo com o autor, sucessivos presidentes da província relataram os insucessos dessas bandeiras quanto aos objetivos estabelecidos pela Coroa, o que contribuiu para que um tratado fosse firmado com a República do Paraguai, a fim de obter-se livre navegação pelo rio Paraguai e com isso, acesso ao oceano (GARCIA, 2001, p. 24-32).

Mesmo com todas as ações promovidas para o desenvolvimento da província, esta demorava a recuperar-se do impacto sofrido com a queda da mineração, no entanto, ainda que lentamente, novas atividades econômicas foram surgindo no Mato Grosso: a criação de gado, introduzida na região no século XVIII (período monçoeiro) com a função de subsistência, aos poucos expandiu-se e a partir de 1850 passa a figurar como importante atividade da província, sendo exportado e gerando receita à província por meio de impostos. Nem mesmo uma epidemia de zoonose que assolou a província por vários anos deteve o desenvolvimento da pecuária no Mato Grosso (GARCIA, 2001, p. 35-36). Essa atividade ultrapassou os limites do império e da República e mantém-se até os dias atuais.

Na década de 1860, ainda que em pequena escala, a agricultura e o extrativismo somam-se à pecuária; além disso, até essa década, “basicamente a poaia (também chamada ipecacuanha) aparecia com alguma importância econômica [...] Raiz medicinal [...] a sua extração deve ter se desenvolvido bastante, pois sobre a poaia vendida incidia imposto desde 1837” (GARCIA, 2001, p. 36).

Alexandre Rodrigues Ferreira (1791, p. 171), já exaltava as propriedades medicinais da poaia ou ipecacuanha, ressaltando que “os eméticos mais brandos e prudentemente subministrados, como é a ipecacuanha em bastante líquido por

veículo são os que mais aproveitam”, enquanto Moutinho (1869, p. 27), faz alusão ao valor comercial dessa planta: “a ipecacuanha é presentemente o unico ramo de exportação da provincia, além da diminuta quantidade de couros. Deixa ella na actualidade um excellente lucro”

Um importante ciclo econômico da província e do qual não se pode deixar de mencionar, é o da erva-mate, que teve início com a vinda do Rio Grande do Sul de Tomaz Laranjeira, como um dos encarregados da logística de abastecimento e alimentação para os membros da comissão de demarcação de limites entre o Brasil e o Paraguai, no ano de 1872. Conhecedor do grande mercado consumidor de erva-mate no sul do continente e inteirando-se da existência dos muitos ervais ainda inexplorados na região da fronteira com o Paraguai, após o encerramento de suas atividades junto à comissão de demarcação de limites, Tomaz Laranjeira decide permanecer na região de Mato Grosso com o intuito de industrializar a erva-mate. O empreendedor obteve sucesso e em 1880, contava com 250 mineiros encarregados do preparo e do transporte da erva que, de sabor mais forte, conquistou rapidamente o mercado do sul do Brasil (GRESSLER; SWENSSON, 1988, p. 28). Os argentinos também cederam à qualidade da erva-mate tratada por Laranjeira (INSTITUTO EUVALDO LODI, 1986, p. 414).

No ano de 1882, por meio do Decreto no 8.799, Tomaz Laranjeira obtém monopólio para a exploração da erva-mate em terras da fronteira entre o Brasil e o Paraguai, o que gera muitos conflitos e revoltas. Seu poder político, no entanto, começa a se esvaecer a partir de 1899, quando Manoel Murtinho, seu concessor de privilégios não consegue eleger-se governador, o que leva a uma fusão da Companhia Mate Laranjeira com o grupo argentino Mendes Gonçalves, gerando a empresa Laranjeira, Mendes e Cia., que acusada de sonegar impostos, tem seus privilégios definitivamente encerrados com a lei sancionada em 7 de julho de 1934, que autorizou o governo de Mato Grosso a arrecadar em concorrência pública, a área de um milhão de hectares em terras ervateiras. (GRESSLER; SWENSSON, 1988, p. 29).

A decadência da Companhia Mate Laranjeira era previsível, pois já em 1896, Antônio Correa da Costa, então presidente da província, defendendo os interesses dessa empresa, manifestava sua preocupação com relação “aos abusos cometidos contra as riquezas naturais dos ervais, através de incêndios provocados de forma

criminosa” por exploradores clandestinos e por contrabandistas, dentre outros (CORRÊA, p. 29).

1.5 – O Estado

Com a abolição da escravatura pela princesa Izabel, filha de D. Pedro II, a 13 de maio de 1888, inúmeros senhores de escravos ficaram insatisfeitos. O descontentamento dos militares com o sistema imperial também era visível. Esses fatos contribuíram para a queda do império e levaram à proclamação da república, em 1889 (GRESSLER; VASCONCELOS, 2005, p. 33).

Mato Grosso já havia sido Capitania Geral e Província; passou, então, a ser Estado, tendo como primeiro governador o general Antônio Maria Coelho e era o terceiro maior estado brasileiro em extensão. Só os estados do Pará e Amazonas eram maiores. Possuía uma área de 1.231.549 km². De um extremo a outro do estado, em linha reta, a distância era de aproximadamente 2.000 km (GRESSLER; VASCONCELOS, 2005, p. 33).

1.6 – A Guerra do Paraguai

Considerado que o Mato Grosso sofreu consequências diretas resultantes do maior evento da História do Brasil, a Guerra do Paraguai, este tópico apresenta resumidamente o desenrolar do conflito que influenciou significativamente o léxico da Província de Mato Grosso, haja vista os significativos índices (constantes no capítulo VII) de unidades lexicais referentes aos campos léxicos do Exército, da Marinha, da guerra e do militarismo contempladas pelo Vocabulário e que retratam a relevância desse evento para a região.

1.6.1 – O CONFLITO

A Guerra da Tríplice Aliança, conhecida também como Guerra do Paraguai ou Guerra Grande, foi o maior conflito já ocorrido na América do Sul. Envolveu, por um

lado, a tríplice aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai, e por outro, o Paraguai.

Para compreender as causas da guerra é preciso voltar ao período da colonização espanhola e portuguesa na América. A administração colonial espanhola na região era organizada com base no “Vice-Reino do Rio da Prata”, com sede em Buenos Aires e com governadorias em Montevideo e Assunção. Com a invasão napoleônica à Espanha, ocorrida em 1807, e a deposição do Rei Fernando VII, as elites “criollas”, como eram chamadas as classes abastadas nascidas nas colônias, viram aí a oportunidade histórica de livrarem-se do jugo espanhol, proclamando a independência. A esse respeito, Campestrini (2011, p. 89) argumenta que ao proclamarem a independência, as colônias espanholas do Prata, decidiram tornar-se cada uma donas de suas terras, prevalecendo desse modo, o *utis possidetis* (1810), que garantia o direito de posse dos territórios aos seus efetivos ocupantes, ou seja, aos colonos. Tal procedimento de independência da metrópole era também esperado da colônia portuguesa na América, o Brasil, limítrofe da recente República do Paraguai pelas terras que hoje pertencem ao atual Mato Grosso do Sul (Campestrini, 2011, p. 89) e, de acordo com Holanda (1978, p. 173),

[...] Em mato Grosso, como zona de fronteira com os dominadores espanhóis, o problema era mais de segurança dessa fronteira para impedir o conflito armado com os confinantes e manter o território, evitando perdas que prejudicassem os interesses do Império.

Ainda que o trono espanhol tenha se restaurado em 1815 e que Fernando VII tenha adotado forte repressão sobre seus domínios, restaurando, inclusive a inquisição, isso não foi suficiente para conter os ânimos das colônias espanholas na América, que viviam um novo contexto, com aspirações emancipatórias e separatistas e que contaram com o apoio dos ingleses para os movimentos de independência, conforme ressalta (LOPEZ, 1989, p. 75). Toda essa efervescência política culminou em diversas lutas armadas, nas quais a figura de Simón Bolívar mereceu destaque.

A essa época, a elite comercial de Buenos Aires queria que toda a região platina ficasse sob seu controle, mas não logrou êxito, pois o Paraguai e a Banda Oriental tinham seus próprios projetos de independência sob a égide de caudilhos, chefes político-militares de base agrária.

O Paraguai, por sua condição mediterrânea, possuía uma situação geopolítica desfavorável, pois dependia de Buenos Aires para ter acesso ao mar e conseqüentemente, aos mercados. Visando minimizar tal deficiência, seus ditadores, Francia e Carlos Lopez, procuraram desenvolver o mercado interno e a indústria, como a fundição Ibicuy (Izecksohn, 2002, p. 29).

Os interesses brasileiros no Prata, com várias intervenções militares na banda oriental, também estão entre as causas do conflito. Portugal invadiu a banda oriental em 1816, e, com a independência do Brasil, em 1822, ficou o império com o território, incorporado com Província Cisplatina, situação que perdurou até o ano de 1828, quando os caudilhos conseguiram a independência, dando origem à República Oriental do Uruguai.

A guerra civil travada no Uruguai entre os *blancos*, apoiados pela Argentina e os *colorados*, apoiados pelo Brasil, levou a uma intervenção brasileira, colocando no poder o chefe colorado, General Venâncio Flores. Tal situação despertou no Paraguai a desconfiança de que estava surgindo uma ameaça à sua livre navegação no Prata, que era vital. O ditador de então, Francisco Solano Lopez, inicia as hostilidades invadindo a província argentina de Corrientes e o Rio Grande do Sul, visando chegar ao Uruguai, mas foram barrados e rendidos em Uruguaiana. Por outro lado, invadiu o Mato Grosso⁸.

Inicialmente o Paraguai levou vantagem, pois tinha um exército composto por 64.000 homens bem preparados, enquanto o Brasil dispunha de apenas 18.000 e a Argentina e o Uruguai de menos ainda. Mas a capacidade de mobilização do Brasil foi grande, com sua população maior, acesso ao mar e financiamentos da Inglaterra, o que proporcionou ao império a compra de equipamentos e a mobilização de grande contingente de “voluntários da pátria”, juntamente com o Exército e efetivos da Guarda Nacional (Costa, 1870, p. 99).

Os efetivos deslocaram-se por terra ou embarcados para Montevideo, onde se juntaram às tropas aliadas, partindo então para a ofensiva. Os paraguaios retiraram-se para o seu próprio território, que foi invadido. Em Mato Grosso, o Brasil enviou uma expedição para combater os paraguaios, o que deu origem ao épico “A Retirada da Laguna”.

⁸ Informação disponível no site da Marinha do Brasil: < http://www.mar.mil.br/menu_v/downloads/download/folder11dejunho_verso.pdf> Acesso em 22 Jul 2012.

A guerra durou cerca de seis anos, e ao final da mesma, o Paraguai saiu completamente arrasado, pois “Lopez e a oficialidade só perceberam a presença das tropas do General Câmara quando elas vararam o passo do rio Aquidabã, já à vista de seu acampamento. Não houve tempo e condições para reagir” (CAMPESTRINI, 2011, p. 239).

Para o Brasil, as principais consequências dessa guerra foram o aprofundamento da dívida externa, o fortalecimento da luta pela abolição da escravidão, pois muitos negros haviam lutado no conflito, o enfraquecimento da Monarquia e principalmente, a tomada de consciência institucional por parte dos oficiais do Exército, que saiu fortalecido como instituição, passando, posteriormente, a intervir na política, proclamando a República em 1889 e interpondo-se na mesma de forma corrente, ao longo de sua existência.

1.7 – A presença indígena

Quando os europeus chegaram à terra que viria a ser o Brasil, encontraram uma população ameríndia bastante homogênea em termos culturais e linguísticos, distribuída ao longo da costa dos Rios Paraná-Paraguai. (FAUSTO, 1994 p. 37)⁹.

Esse autor (1994, p. 37) distingue dois blocos que subdividem essa população: (i) os tupis-guaranis, (ii) os tapuias. De acordo com o autor, os tupis-guaranis ocupavam quase toda a costa brasileira, estendendo-se desde o território do atual Ceará até a Lagoa dos Patos, no extremo sul [...]. Já os tupis, também denominados tupinambás, ocupavam a faixa litorânea, do Norte até Cananéia, no sul do Estado de São Paulo.

Contemporaneamente, o estado de Mato Grosso do Sul é habitado por inúmeras etnias indígenas. Hoje tais grupos enfrentam problemas de posse de terras e perda de identidade cultural, situação que tem suas causas num modelo de ocupação territorial da sociedade envolvente.

Por volta de 1840 a população indígena do sul de Mato Grosso era formada pelas etnias Cayuá, Chamacoco, Cadiuwéu, Guaná e Terena, além da Paiaguá e da Guaicuru (CAMPESTRINI, 2011,p.137-138).

⁹ A primeira edição da obra *História do Brasil*, de Boris Fausto, data de 1930 Para este trabalho, consultamos a edição de 1994, editada pela Universidade de São Paulo.

Os civilizados foram ocupando gradativamente o território, como o mineiro José Antônio Pereira, que em 1875 fundou Campo Grande, futura capital do estado.

1.8 – A presença do negro

Concernente a essa realidade, Volpato (1996, p. 215) esclarece que “os escravos negros chegaram a Mato Grosso concomitantemente à fixação do povoamento” vindo, em sua maioria com as monções oriundas de São Paulo e eram alocados na atividade da mineração, agricultura, pecuária e também em obras públicas, sendo que, dentre estas, a mineração era a que mais consumia mão de obra cativa, por ser o ouro explorado de modo extremamente rudimentar e em condições precárias, fatores que reduziam o tempo de vida dos escravos. Volpato (1996, p. 216-217) explicita ainda, que, devido à rígida legislação colonial, que privilegiava a extração aurífera, as atividades agropecuárias eram limitadas; ainda assim, o gado bovino foi introduzido na região por volta de 1730, contemporaneamente às construções dos primeiros engenhos. A crise na mineração, ocorrida em meados do século XVIII afetou a economia da região e a dificuldade de comunicação com a área litorânea só fazia piorar esse quadro. Nesse período, muitos mineradores passaram a atuar na agricultura e várias levas de escravos foram transferidas da mineração para a agricultura e para a pecuária.

Houve nesse período muitos levantes de escravos, que, durante os séculos XVIII e XIX organizaram vários aldeamentos, denominados quilombos, tais como o de Sepotuba, o do rio Manso e de Quariterê, um dos mais famosos de Mato Grosso. Em alguns casos como ocorreu no quilombo de Quaritrerê, os negros aliaram-se aos silvícolas com o intuito de se fortalecerem. Os aldeados dedicavam-se ainda à produção de gêneros alimentícios, fumo e algodão e mantinham tendas de ferreiro com o provável intuito de fabricar armas. Na segunda metade do século XIX, havia em Mato Grosso diversos ranchos de escravos, que tiveram novas perspectivas com o advento da guerra do Paraguai, uma vez que os quilombolas

souberam receber e atrair para seus aldeamentos os desertores: ex-soldados, que chegavam aos arranchamentos portando armas de fogo e possuindo instruções, mesmo que rudimentares, sobre seu uso. A posse desses dados tornou os quilombolas mais ousados e menos preocupados com a segurança, indo atacar propriedades até

mesmo próximas à capital, ampliando o quadro de medo vivido pela população (VOLPATO, 1986, p. 229).

Embora temessem os ataques quilombolas, as autoridades não desejavam dispersar forças militares para combatê-los a fim de não desguarnecer as zonas de conflito externo.

Concluída a Guerra do Paraguai, o governo imperial tencionava estabelecer a ordem na província e “implantar seu projeto de nação progressista e civilizada, tornando portanto necessário eliminar esses focos de intranquilidade” e para isso, o governo organizou e treinou uma força composta por 80 homens para combater os quilombos; estes, porém, organizados e bem informados acerca das atuações da força organizada, antecipavam-se com frequência aos ataques, de modo que as incursões da força organizada lograram êxito praticamente nulo, sendo a fuga um dos principais recursos utilizados pelos escravos contra o regime de opressão, fuga essa que resultou na formação de quilombos dos quais remanescem atualmente no Estado de Mato Grosso do Sul 12 comunidades rurais das quais citamos duas: Furnas de Boa Sorte, situada a 100 km de distância de Campo Grande, pertencendo à jurisdição do município de Corguinho, e Furnas de Dionísio, situada a 40 km de Campo Grande e, pertencendo à jurisdição do município de Jaraguari (BARROS, 2011, p. 281).

1.9 – O Ciclo da Erva Mate

Os conquistadores luso-espanhóis tomaram ciência dessa planta nativa, cujas folhas eram mascadas pelos silvícolas ou empregadas em beberagens e passaram a estudá-la e cultivá-la (SEREJO, 1986, p.30).

A erva mate é utilizada como bebida em diversos países sul-americanos, como Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai e no Brasil, em especial nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso do Sul, sob a forma infusão quente ou fria, conhecidas como chimarrão e terebre.

O Gaúcho Tomaz Laranjeira requereu ao governo de Cuiabá o arrendamento dos ervais nativos do sul de Mato Grosso. Em poucos anos, após o afastamento do fundador, a empresa Mate Laranjeira era respeitada como uma organização ervateira sólida, não só no estado, mas também no exterior. Sua sede, a chamada

“administración General”, situava-se em Buenos Aires. A Mate virou força poderosa, influenciando na política, passando a eleger deputados, senadores, e até indicando o governador (SEREJO, 1986, p. 37).

Após a saída de Tomaz Laranjeira, assumiu os negócios da Mate o Médico e político Dr. Joaquim Duarte Murtinho, que chegou a ser ministro da fazenda no governo Campos Sales (SEREJO, 1986, p. 48).

Esse ciclo de prosperidade durou por várias décadas, até que a Mate perdeu sua importância.

1.10 – O Estado de Mato Grosso e sua divisão

Com a proclamação da república, Mato Grosso passou a ser um Estado. Durante o período republicano acirraram-se as rivalidades entre o norte e o sul, levando as elites do sul a aderirem à Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932, proclamando um estado de curta duração, o “Estado de Maracaju”. Em 1943 foi criado pelo presidente Getúlio Vargas o “Território Federal de Ponta Porã”, extinto em 1946. No ano de 1977 foi criado pelo Governo Militar o Estado de Mato Grosso do Sul, com capital em Campo Grande.

A mineração foi a mola propulsora do povoamento de Mato Grosso, e influenciou a vida econômica, social e política da região, de modo que, segundo Corrêa & Corrêa (1985, p. 27), tornou-se comum a formação de núcleos populacionais isolados, devido à grande extensão territorial e às grandes distâncias dos demais centros da colônia” que aliadas às difíceis condições de sobrevivência na localidade, resultaram em baixa densidade demográfica em torno de poucos núcleos populacionais, o que, de acordo com os autores, levou a Coroa portuguesa a adotar medidas que garantissem a posse da região, dada a impossibilidade de uma ocupação extensiva no local. Uma das principais consequências desse fato foi a assinatura do Tratado de Madrid (1750), que estabeleceu novas demarcações de limites dos territórios lusos e espanhóis na América e anexou o território de Mato Grosso às possessões portuguesas nesse continente.

A política portuguesa comumente incluía a edificação de fortes e de presídios e em se tratando da América, não foi diferente. Corrêa & Corrêa (1985, p. 28) salientam que a preocupação em manter sua soberania sobre a região aurífera de

Mato Grosso levou o governo português, na pessoa de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira (4º capitão-general de mato Grosso), a fundar os fortes de Coimbra (1775) e o do Príncipe da Beira (1776), além da povoação de Corumbá (1778), então denominada Albuquerque. No final do século XVIII, no entanto, conforme destaca Campestrini (2011, p. 80-81), em 1810, estabeleceu-se à margem esquerda do rio Paraguai uma fazenda para a produção de alimentos e para a criação de animais com o fim de abastecer o Forte de Coimbra, além disso, em 1819, estabelece-se ali, a missão capuchinha denominada Missão de N. S. da Misericórdia e tanto a guarnição quanto o comando-geral da fronteira foram transferidos de Albuquerque para esse novo povoado, que foi denominado Albuquerque Nova. Desse modo, a designação de Albuquerque, nomeava os dois povoados, o do norte e o do sul, até que “com a fixação do nome Corumbá para a povoação ao norte, o topônimo Albuquerque ficou exclusivo para o sul” (CAMPESTRINI, 2011, p. 81).

1.11 – O Estado de Mato Grosso do Sul

O Estado de Mato Grosso do Sul localiza-se ao sul da Região Centro-Oeste brasileira e limita-se ao Norte com os Estados de Mato Grosso e Goiás, ao Sul com o Paraguai e com o Estado do Paraná, ao Leste com Minas Gerais e São Paulo e ao Oeste com o Paraguai e a Bolívia Possui uma área de 357.124,9 km², ocupando 4,19% da área territorial do Brasil. (BARROS, 2006, p. 8).

Tornou-se unidade político-administrativa autônoma a partir de 1979, quando se desmembrou do Estado de Mato Grosso, no entanto, o ideal divisionista já se manifestava “no ano de 1823 a Assembléia Constituinte preocupava-se com os grandes espaços vazios existentes no Pará, Amazonas e Mato Grosso” (GRESSLER, SWENSSON, 1988, p. 34).

De acordo com os mesmos autores(p. 34-35), “em 1932 a porção meridional do Estado chegou a constituir-se em unidade independente e formou-se um Governo Provisório, chefiado por Vespasiano Barbosa Martins”.

Já em 13 de setembro de 1943, Getúlio Vargas, então Presidente da República, cria no país cinco territórios federais no país, a saber: (i) Amapá, (ii) Rio

Branco (Atual Roraima), (iii) Iguaçu, (iv) Guaporé (atual Rondônia) e (v) Ponta Porã (GRESSLER; VASCONCELOS, 2005, p. 74). A criação do território federal de Ponta Porã representou um grande passo para a divisão do estado de Mato Grosso (GRESSLER; VASCONCELOS, 2005, p. 74-75).

Em 1974, fundamentado na Lei Complementar no 20, o Governo Federal estabeleceu a legislação básica para a criação de novos estados e territórios, trazendo novamente à tona o desejo divisionista nos mato-grossenses da região sul. Em 1976, a Liga Sul-mato-grossense, presidida por Paulo Coelho Machado, organizou a campanha divisionista, tendo como opositor, o então governador de Mato Grosso, José Garcia Neto. Finalmente, em 11 de outubro de 1977, o General Ernesto Geisel, então Presidente da República, assinou a Lei Complementar nº 31, criando oficialmente o Estado de Mato Grosso do Sul, em uma área desmembrada do então Estado de Mato Grosso. Em 1º de janeiro de 1979, tomaram posse os primeiros deputados eleitos por Mato Grosso do Sul em 1978 e Harry Amorim Costa é nomeado pelo presidente como primeiro governador de Mato Grosso do Sul (CAMPESTRINI, 2011, p. X)

Atualmente o estado de Mato Grosso do Sul encontra-se em uma fase de desenvolvimento. A par das atividades tradicionais representadas pela agropecuária hoje modernizada, que adota tecnologia de ponta e obtém alta produtividade, a economia estadual viu surgir e prosperar outros setores como comércio, serviços e um pujante parque industrial, no qual se destaca a indústria de papel e celulose. Além disso, o setor do turismo ecológico ganhou grande destaque por ser uma tendência mundial e o estado contar com a beleza e a exuberância da planície pantaneira, bem como a presença de diversificados biomas, como o cerrado e os campos nativos.

CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – ESTUDOS LEXICAIS

Este Capítulo apresenta e discute os pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa. Além de abordar aspectos como a correlação entre língua, cultura e sociedade, o capítulo destaca o léxico enquanto objeto de estudo de diferentes ramos da Linguística, a teoria dos campos léxicos à qual recorreremos para fundamentar a seleção das unidades léxicas que compõem o Vocabulário e apresenta breve percurso histórico bem como fundamentos da Lexicografia, que orienta a construção de obras lexicográficas e que orientou a elaboração do Vocabulário.

O capítulo disserta ainda sobre o que seja a norma linguística, uma vez que a pesquisa buscou identificar a norma da língua escrita veiculada na Província de Mato Grosso durante o período entre e pós-Guerra do Paraguai; além disso, discute-se a tipologia, o caráter semasiológico, a macroestrutura e a microestrutura das obras lexicográficas, tendo em vista que estes são aspectos que fundamentaram a elaboração do *Vocabulário*.

2.1 – O léxico em foco

A palavra situa-se no universo humano e, por meio dela, há milênios, o homem tem nomeado seu ambiente, evidenciado e registrado seus saberes, suas crenças e suas ideologias, de modo que o legado sociocultural de uma comunidade é principalmente representado pelo léxico, o acervo de unidades lexicais de que as línguas dispõem e por meio do qual o homem expressa sua concepção de mundo.

Assim sendo, a língua torna-se “um guia cada vez mais valioso no estudo de uma dada cultura” (SAPIR, 1969, p.19) e o léxico pode ser compreendido como o nível linguístico que melhor evidencia o ambiente físico e social dos falantes. Desse modo, compreendemos que estudar o léxico de determinada língua significa também estudar a história do povo que a fala.

De acordo com Leroy (1971, p. 17-45), um dos mais antigos estudos lexicais de que se tem notícia remonta ao século IV a. C. e foi realizado por Panini, que organizou uma gramática com base em seus estudos sobre o sânscrito. No mundo ocidental, as primeiras reflexões acerca da linguagem e do léxico deveram-se aos

antigos gregos, cujos pressupostos ainda hoje influenciam a pedagogia e a metodologia de nossos estudos. Ressalta-se ainda a contribuição dos latinos por desenvolverem estudos que diferenciavam composição gramatical e língua, compreendidas como sistema e uso, podendo este ser identificado como a norma. Já durante a Idade Média, “as concepções da Antiguidade vão continuar a dominar os estudos acerca da linguagem” até o Renascimento, quando desse período até o século XVIII os estudos lexicais tomaram perspectivas lexicográficas e filosóficas. Já no despontar do século XIX os estudos linguísticos focam-se nos aspectos fonéticos e fonológicos da palavra e sobressaem-se os estudos comparatistas dentre os quais se destaca a Gramática Comparada de Franz Bopp (1816).

Outros, porém, foram os focos que permearam os estudos linguísticos durante os séculos XIX e XX, período em que a atenção dos estudos linguísticos deslocaram-se do som para a palavra, ou seja, da Fonética Histórica à Lexicologia Histórica, enquanto a “maneira de se considerar os problemas, inicialmente isolante – unidimensional – tornou-se estrutura, isto é, bi ou tridimensional” (BALDINGER, 1966, p. 7), desenvolvimento para o qual os atlas linguísticos contribuíram grandemente.

Esse conceito de bi- e de tridimensionalidade na Linguística foi influenciado pela teoria da relatividade de Albert Einstein (1915), que se pauta em dois pontos principais: (i) ausência de repouso e de movimento uniforme absolutos, e (ii) a inexistência do tempo, ou seja, a medida do tempo não é única, cada indivíduo possui a sua, que varia (é relativa) de acordo com o local onde se encontra e com o modo como se move. Antes dessa teoria, tempo e espaço eram considerados valores absolutos. De acordo com Tilio (2007, p. 107):

[...] apesar de formulada no campo da física, tratando de conceitos como repouso, movimento uniforme e tempo, sua teoria foi revolucionária para as ciências em geral, pois introduziu uma concepção nova de relativismo em substituição ao pensamento vigente de que conceitos poderiam ser absolutos. [...] Da mesma forma, a língua era vista como um sistema de categorias universais, independente do espaço e do tempo. Considerando-se o aspecto da relatividade, a língua passa a ser analisada levando-se em conta o contexto histórico e ambiental de seus usuários.

Esse autor esclarece ainda que, com a consideração da relatividade linguística, tempo e espaço são inseridos no contexto dos estudos linguísticos e passa-se a considerar a variabilidade linguística, que se reflete tanto no

conhecimento quanto no comportamento não linguístico. Tem-se então uma busca dos limites das variações entre as línguas por meio do estudo dos universais linguísticos. “Trata-se, na verdade, de uma tentativa de restringir as possíveis variações de representação cultural através do desenvolvimento de uma teoria de conceituações culturais e sua integração” (TILIO, 2007, p. 107).

Dentre as possíveis interpretações que subjazem ao conceito de relatividade linguística, destacamos a de que:

[...] a relatividade linguística pode ser entendida como a relação entre linguagem e pensamento, mediada pela cultura. Ou seja, a cultura, através da linguagem, afeta o nosso modo de pensar, principalmente, devido às nossas experiências de vida (TILIO, 2007, p. 108).

A partir da década de 1960, surge um novo e mais amplo conceito de relatividade linguística para o qual a noção de que o significado expresso na linguagem depende do seu contexto cultural. Desse modo, a língua deixa de ser vista “de si e por si” e as pesquisas voltam-se à tríade língua, cultura e sociedade, tema sobre o qual dissertaram diversos estudiosos, dentre os quais citamos Oliveira (1999, p.2), que destaca que “o léxico de uma língua de cultura [...] atesta o modo de vida e a imagem de mundo que individualiza um determinado grupo social, tornando-se [...] uma espécie de documento vivo da própria história desse grupo”, e das normas sociais que o regem e Biderman (2001, p. 179)¹⁰ ao salientar que: “[...] qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”.

Ainda segundo Biderman (2001, p. 132), considerando-se a dimensão social da língua, o léxico pode ser visto como “o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural”. Sendo o léxico um patrimônio social, como tal é transmitido por gerações e permite que os usuários da língua expressem seus conhecimentos, sentimentos e ideias e funciona como um meio de produção de sentido que se articula por elementos situados no âmbito da fonologia, da fonética, da morfologia, da semântica e da gramática, o que o configura como objeto de vários ramos do saber linguístico, dentre os quais

¹⁰ A primeira edição do livro *Teoria linguística: (teoria lexical e linguística computacional)*, de Biderman, data de 1978. Para este estudo, consultamos a edição de 2001, publicada pela Editora Martins Fontes, São Paulo, SP.

modernamente tem-se destacado a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia (BIDERMAN, 1998a, p. 15-22) que, embora voltadas ao estudo lexical e, de certa forma, constituam saberes complementares, possuem objeto, método e pressupostos teóricos distintos dos quais trataremos no tópico seguinte.

2.2 – O léxico: objeto de estudo de diferentes ramos do saber linguístico

Como anteriormente assinalado, a riqueza sócio-histórico-cultural substantiada pelo léxico configura-o como objeto de estudo, dentre outros, de três ramos do saber vinculados às ciências linguísticas: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Isso se deve ao fato de que, a constituição multifacetada da palavra, bem como sua função articulatória no discurso e na conexão com o mundo extralinguístico, “junto à expressão linguística das subjetividades e ideologias, confirmam não apenas a relevância, como as muitas possibilidades de estudos a seu respeito” (KRIEGER, 2010, p. 168).

O estudo científico do léxico é orientado pela Lexicologia, ciência que estuda e analisa a palavra, a categorização e a estruturação lexical.

Desse modo, os estudos lexicológicos podem abranger fenômenos morfológicos, sintáticos, semânticos ou ainda fonológicos, abrangência essa que confere caráter geral à disciplina, ponto contrastivo com o enfoque de estudos da Terminologia, que se volta ao estudo do léxico técnico-científico de determinada língua.

Pavel e Nolet (2002, p. XVII), por sua vez, apresentam duas acepções para “terminologia”, uma ampla e uma restrita, sendo que sob o ponto de vista da primeira a terminologia é definida pelas autoras como “um conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, uma arte, um autor ou um grupo social, como a terminologia da medicina ou a terminologia utilizada pelos especialistas em computação”, já em sentido restrito, a Terminologia, segundo as autoras, designa uma disciplina linguística voltada ao estudo científico dos conceitos e termos utilizados nas línguas de especialidade visando desambiguar o discurso em áreas do específicas conhecimento a partir de um vocabulário próprio desse campo.

Lorente (2004, p. 29), por seu turno, salienta que o objetivo da Terminologia é “dar conta do funcionamento das unidades lexicais especializadas em situações

comunicativas profissionais, acadêmicas ou científicas”. Isso se deve ao fato de o termo ser preciso e pontual de modo a evitar equívocos e ambiguidades, garantindo a “univocidade da comunicação especializada” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 75), portanto, é imprescindível em sua análise considerar-se não apenas aspectos de ordem semântica, mas também de ordens morfológica, sintática, fonológica e pragmática.

Já a Lexicografia dedica-se às teorias e às técnicas para elaboração ou compilação de dicionários e comumente é definida como a ciência dos dicionários, embora essa definição não dimensione o grau laborioso que se oculta por trás do fazer lexicográfico e que de certa forma permanece velado ao consulente comum, que de um modo geral concebe o dicionário como “um objeto de consulta, que apresenta os significados das palavras com a certitude do saber de um especialista” (NUNES, 2006, p.11).

2.3 – A teoria dos campos léxicos

Levando em conta nosso objeto de pesquisa e a natureza de seus dados, buscamos fundamentar-lhes a sistematização com base em pressupostos teóricos da Teoria dos Campos Léxicos. Para tanto, partimos da concepção de Coseriu (1977, p. 210), que define campo léxico como

[...] uma estrutura paradigmática do léxico; mais ainda: é, neste domínio, a estrutura paradigmática por excelência. Puede definirse como paradigma constituído por unidades léxicas de conteúdo (“lexemas”) que se reparten numa zona de significação contínua comum e se encontram em oposição imediata umas com outras¹¹.

Assim como alguns autores distinguem duas categorias para as palavras, classificando-as como lexicais e gramaticais, Coseriu (1977, p. 211) distingue os sistemas categoriais, classificando-os como lexicais ou gramaticais e esclarece que enquanto os paradigmas gramaticais constituem um conjunto fechado, limitado em determinada língua por categorias como número (singular e plural), gênero

¹¹ “[...] uma estrutura paradigmática del léxico; más aún: es, en este dominio, la estructura paradigmática por excelencia. Puede definirse como ‘paradigma constituido por unidades léxicas de contenido (“lexemas”) que se reparten una zona de significación continua común y se encuentran en oposición inmediata unas com otras” (COSERIU, 1977, p. 210). [TN]

(masculino, feminino e neutro) etc, os paradigmas lexicais constituem um sistema aberto, ou seja, ilimitado.

Coseriu ressalta ainda que, além dos tipos de oposições formais, a estruturação e o funcionamento dos campos dependem também do ‘sentido ôntico’ expresso por essas relações opositivas, ou seja, do tipo de relação que essas oposições ‘formam’ desde o ponto de vista semântico (COSERIU, 1977, p. 216). O autor esclarece ainda que a classificação dos campos léxicos segundo seu sentido objetivo fundamenta-se nos tipos ônticos das oposições que esses campos constituem e que essas oposições podem ser substantivas ou relacionais. De acordo com a concepção coseriana,

As noções substantivas designam propriedades (que podem ser ‘relativas’) ou ‘atos’ como conjuntos de propriedades objetivas (ou consideradas como tais). As noções relacionais designam relações ou ‘atos’ considerados, precisamente, como termos dessas relações¹² (COSERIU, 1977, p. 236).

Como exemplos de noções substantivas, Coseriu cita as noções de pedra, árvore e rio, esclarecendo que “as ‘árvores’ são conjuntos de propriedades objetivas, propriedades que os objetos designados manifestam”¹³ (COSERIU, 1977, p. 236), já noções como tio e sobrinho constituem, segundo Coseriu, noções relacionais, uma vez que “[...] os ‘tios’ – fora do ato de ser do sexo masculino (o qual, sem dúvida, não é algo exclusivo deles) – não têm em comum mais que o encontrar-se em tal relação de parentesco com seus ‘sobrinhos’ ou ‘sobrinhas’, e não são tios senão nesta relação”¹⁴ (COSERIU, 1977, p. 236). De acordo com essa classificação, os campos dos seres vivos, das cores e da temperatura inserem-se na categoria dos campos substantivos, enquanto os nomes designativos de relações de parentesco e de nomeação de dias e meses pertencem à categoria dos campos nocionais.

Essa categorização dos campos léxicos apresentada por Coseriu (1977) é lógica, podendo ser comparada à categorização matemática de valores absolutos e valores relativos, uma vez que, assim como os algarismos, as noções substantivas

¹² “Las nociones sustantivas designan propiedades (que pueden ser ‘relativas’) ou ‘atos’ como conjuntos de propiedades objetivas (o consideradas como tales). Las nociones relacionales designan relaciones o ‘hechos’ considerados, precisamente, como términos de esas relaciones (COSERIU, 1977, p. 236).

¹³ “los ‘árboles’ son conjuntos de propiedades objetivas, propiedades que los objetos designados manifestan (COSERIU, 1977, p. 236).

¹⁴ “[...] los tios – fuera del hecho de ser de sexo masculino (lo cual, sin embargo, no es algo exclusivo de ellos) – no tienen en común más que encontrar-se en tal relación de parentesco con sus ‘sobrinos’ o ‘sobrinhas’, y no son ‘tíos’ sino en esta relación (COSERIU, 1977, p. 236).

possuem valor absoluto, objetivo, podendo, no entanto, assumir valores relativos. As noções relacionais por seu turno, não possuem valores absolutos, objetivos, mas seus valores são variáveis, de acordo com sua posição no sistema.

Quanto ao corpus de estudo deste trabalho, dada a sua natureza, este contempla tanto lexias representativas de noções substantivas quanto de noções relacionais.

O tópico seguinte foi destinado a uma discussão mais detalhada dos fundamentos da Lexicografia por ser essa a principal disciplina que embasa este trabalho.

2.4 – A Lexicografia – percurso histórico e alguns fundamentos

A compreensão do homem e de sua cultura passa pela compreensão da linguagem e tem inquietado o espírito humano através dos séculos, não sendo possível estabelecer pontualmente a partir de que época esse interesse manifestou-se.

Considerando, porém, que o homem é um ser social e que é inerente a ele a interação com o seu semelhante, a nomeação de elementos do seu ambiente, a difusão de sua cultura e a exteriorização de suas crenças e também de sua concepção de mundo, não causa estranhamento o fato de que haja indícios e materiais que indicam que desde os primórdios da civilização tenha o homem se interessado pela compreensão e pela representação do mundo que o cerca. Essa ação de representação e de registro, contudo, teve sua origem na pré-história, passou por um processo evolutivo e, portanto, nem sempre se deu por meio de unidades lexicais. Fischer (2009, p. 20-27), por exemplo, ressalta que as pinturas rupestres foram as primeiras formas de registros efetuadas pelo homem e que estas paulatinamente evoluíram de pictogramas e ideogramas para fonogramas, constituindo estes o passo inicial para a entrada do homem no mundo da escrita, conforme salienta Coulmas (1983 apud FISCHER, 2009, p. 27), ao afirmar que “o passo decisivo no desenvolvimento da escrita é a fonetização: isto é a transição do ícone pictográfico para o símbolo fonético”. Nesse ponto, o símbolo, antes preso a um referente externo, “assumiu status sistêmico para se tornar um signo” (FISCHER, 2009, p. 30). Esse princípio, denominado rebus, e que foi desenvolvido pelos

sumérios possibilitou a escrita cuneiforme e teve como resultado o que Fischer (2009, p. 31) denomina como ‘escrita plena’, que posteriormente foi adotada pelos acadianos, pelos hititas, pelos babilônios, pelos assírios e amplamente empregada na Mesopotâmia. A partir daí, os sistemas de representação aprimoraram-se a tal ponto que os egípcios desenvolveram um sistema de escrita composto por consoantes individuais, ou seja, com apenas um sinal correspondente a cada forma consonantal.

Dados os contatos que os povos da antiguidade mantinham entre si por questões comerciais ou bélicas, a nova forma de escrita disseminou-se e foi transplantada para a Grécia por meio de mercadores fenícios. De posse do novo sistema, os gregos o aperfeiçoaram e tornaram-se “os primeiros a representarem sistemática e consistentemente fonemas vocálicos” (FISHER, 2009, p. 111). Estava criado o alfabeto grego, que foi moldado primeiramente por etruscos, e posteriormente por romanos (latinos); adaptado conforme as necessidades fonéticas dos povos mencionados (FISCHER, 2009, p. 109-133).

Mediante o exposto, verifica-se que, conforme mencionado anteriormente, a arte de compreender o mundo que o cerca e a necessidade do registro de suas experiências e de referentes extralinguísticos, foi um dos fatores que, desde a aurora da civilização, conduziram o homem a desenvolver e a aprimorar métodos representativos que tinham como objetivo simplificar não apenas a representação fonética, mas também a forma de representação desses registros, o que culminou na organização de listas de palavras, fato que, segundo Farias (2007, p. 89),

[...] remonta ao tempo dos Acádios, povo habitante da região central da Mesopotâmia, no século VII a. C. [...] Dessa forma, não podemos afirmar que a atividade lexicográfica tenha sido desenvolvida na Antiguidade, pois bem antes desse período a paleolexicografia havia alcançado desenvolvimento expressivo, uma vez que os eblaítas, sumérios, acadianos e babilônios já haviam produzido suas listas bilíngues.

Contrário, porém, a essa concepção, Nunes (2006, p. 12), ao citar Aroux (1982), situa as primeiras tentativas de organização e de sistematização do léxico na Antiguidade e ressalta que se considerarmos as listas de palavras produzidas nesse período como as primeiras tentativas humanas de organização e de sistematização do léxico, é possível concebê-las como “uma das mais antigas formas de saber

linguístico, que apareceram por volta do terceiro milênio antes de Cristo e que serviram de base para a elaboração de glossários e dicionários”.

Já Biderman (1984a, p. 1) ressalta que “a antiguidade não produziu obras lexicográficas no sentido que hoje damos a esse termo” e salienta que os glossários elaborados pelas escolas gregas de Alexandria e o Appendix Probi, elaborado pelos latinos no século III d. C., são as únicas obras de destaque da Antiguidade e segundo ela constituem trabalhos de “cunho vagamente lexicográfico”. Farias (2007, p. 90-91), de modo análogo a Biderman, destaca que “da antiguidade só há referências a obras lexicográficas gregas [...] aos glossários produzidos em Alexandria e ao Appendix Probi” e cita para esse período a obra *De Língua Latina*, de autoria de Varrão, gramático romano do século I a. C. Cardeira, por seu turno, esclarece que o Appendix Probi “é um dos documentos mais importantes para o estudo do Latim Vulgar, constituindo um manuscrito que corrige formas incorrectas – e certamente frequente – da língua falada” (CARDEIRA, 2006, p. 21).

Boisson, Kirtchuk e Béjoint (1991, p. 262-267, apud WELKER, 2004, p. 61-63), por seu turno, ressaltam a legitimidade de se considerar as tabuinhas sumérias contendo diversos tipos de listas de palavras como uma espécie de ‘protodicionário’, o que implica uma ‘paleolexicografia’. Esses mesmos estudiosos ressaltam ainda que considerável parcela da atividade intelectual realizada na Mesopotâmia era dedicada a essas tarefas e que produzir obras lexicográficas era praticamente uma obsessão para essa civilização, considerada a primeira do mundo. Segundo os autores, contribuiu para esse fato o trabalho de aprendizagem nas escolas dos escribas, o que fez com que os primeiros dicionários se configurassem como exercícios escolares e não como compilações de glosas de textos antigos. Boisson, Kirtchuk e Béjoint (1991) avançam ainda mais sua explanação acerca da origem dos dicionários e salientam que é na zona Mesopotâmio-Sírio-Síria que “surgem os protótipos de quase todas as subcategorias do gênero ‘dicionário’” (BOISSON; KIRTCHUK; BÉJOINT, 1991, apud WELKER, 2004, p. 62). Esses autores destacam, inclusive, como exemplos oriundos desses protótipos os dicionários temáticos, os interlinguais e interdialetais, os de pronúncia e os homófonos, além de salientarem que o único tipo de dicionário não representado prototipicamente por esses povos é

o monolíngue com definições sistemáticas, cujos primeiros exemplos se encontrarão somente mais tarde na Grécia, na Índia e na China.

Há que se mencionar, ainda, os primeiros dicionários indianos que, segundo os autores, eram na verdade listas de palavras difíceis de determinados textos Vedas, não sendo possível datá-los com precisão, embora se deduza pertencerem a uma era muito antiga. Já um excerto de texto desses mesmos estudiosos apresentado por Welker (2004, p. 63) pondera que “o primeiro dicionário [...] trata da língua dos textos clássicos em chinês antigo” e, organizado por campos semânticos, representa o chinês da época de Han,¹⁵ equivalendo a um dicionário francês clássico ou ainda a um glossário shakespeariano. Ressaltamos, no entanto, que a maneira como Welker ‘recortou’ a citação dá a entender que esse dicionário chinês foi de fato o primeiro dicionário editado no mundo, fato controverso, pois se chocam com posições de pesquisadores e estudiosos da Lexicografia que serão discutidas no decorrer deste trabalho, por pretendermos seguir, conforme o que foi delimitado no subtítulo deste tópico, uma ordem cronológica das produções lexicográficas. Consideramos, ainda, que, conforme o exposto, essa obra chinesa configura-se mais como glossário do que como dicionário, pois, a nosso ver, o dicionário volta-se mais para o léxico geral de uma língua, ao léxico de especificidades ou ao bilinguismo, o que não é o caso da obra chinesa mencionada, que se volta ao léxico de textos clássicos do chinês antigo, e, como o próprio Welker (2004, p. 25) define, “glossários são obras lexicográficas “que se encontram geralmente no final de certos textos para esclarecer o significado de determinadas palavras ou expressões usadas pelo (s) autor (es)”. Entendemos que o fato de estar num volume à parte das obras, cujo léxico é contemplado, não torna esse glossário independente delas.

Voltados à compreensão de textos literários e à correção gramatical, inferimos que, embora esses trabalhos de listagem de palavras elaborados na “Pré-Antiguidade-Clássica” não se configurem como obras lexicográficas tal como é concebida na atualidade, podem ser considerados como rudimentos do que hoje se denomina Lexicografia, a área da Linguística voltada à sistematização do léxico e

¹⁵ “A dinastia Han, presente entre 206 A.C. e 220 D.C.[...] Em tal época, a China viveu um notável período em que a Literatura e as Artes tiveram intenso desenvolvimento. Importantes avanços tecnológicos também fazem parte desse período. É durante a dinastia Han que se noticia o invento do papel e da porcelana” (SOUSA, sd, n.p.). Disponível em <<http://www.brasilecola.com/china/china-primeira-era-imperial.htm>> Acesso em 06 abr 2012.

cujos princípios e metodologia orientam a elaboração de dicionários, de glossários e de vocabulários. O caráter científico dessa disciplina foi adquirido paulatinamente à medida que os estudos e as metodologias de produção foram aprimorados visando a necessidades específicas tais como de ensino de línguas estrangeiras a princípio e, posteriormente, o ensino de línguas maternas. De acordo com Haensch (1997, p. 16), “o dicionário é fruto de uma longa evolução empírica”. De fato, o passar dos anos demonstrou que os estudos linguísticos vão além do estudo da palavra “pela” e “para” a palavra e compreendeu-se que pelo fato de a língua acompanhar a trajetória histórica de um povo e por ser o nível lexical o que mais evidencia o ambiente físico e social do falante, o léxico configura-se como um legado sócio-histórico-cultural digno de ser registrado, analisado e preservado.

Essa característica do léxico, o avanço dos estudos linguísticos – sobretudo a partir do século XX –, o constante avanço científico e tecnológico e a constante evolução das relações internacionais e das sociais, com certeza constituem fatores que motivaram os estudiosos a se preocuparem cada vez mais com a sistematização dos dados organizados, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, tipológicos e de especialidade, o que contribuiu enormemente para o desenvolvimento da Lexicografia e para que ela atingisse o status e a configuração atuais. Some-se a isso o fato de o léxico configurar-se como um sistema aberto e em constante expansão e a obra lexicográfica revelar-se como instrumento de registro do vocabulário utilizado por um grupo social para que se compreenda e se perpetue a concepção de mundo desse grupo em determinado momento: eis a relevância da obra lexicográfica e, conseqüentemente, da Lexicografia tanto para a memória linguística quanto para a memória histórica de uma sociedade. Nesse particular, Haensch (1982, p. 7) destaca que:

[...] em um mundo que está se fazendo cada vez menor, devido aos enormes progressos da ciência e da tecnologia, e em que as comunicações e especialmente o fluxo da informação se vão intensificando em um ritmo vertiginoso, se corresponde um papel primordial a três campos dentro da linguística aplicada: a teoria e a técnica de tradução, o ensino de línguas estrangeiras e a lexicografia, a dizer, a teoria e a prática de elaboração de dicionários, glossários, etc. A tradução e o ensino de línguas (além de outras muitas atividades humanas) requererem, cada vez mais, obras lexicográficas da mais diversa índole ¹⁶.

¹⁶ “[...] en un mundo que se está haciendo cada vez más pequeño, debido a los enormes progresos de la ciencia y de la tecnología, y en que las comunicaciones y especialmente el flujo de la

Não é demais, no entanto, ressaltar que a trajetória da Lexicografia enquanto disciplina de cunho científico esbarrou-se em muitos obstáculos – dentre os quais podemos citar os políticos, os ideológicos e os de recursos tecnológicos e o próprio caráter utilitário da obra lexicográfica – a serem vencidos ou contornados, o que pode ter contribuído para a diversidade de classificação e de definição Lexicografia. A título de exemplo, citamos o posicionamento de Biderman (1998a, 9-22), que trata a Lexicografia tanto como ciência quanto como disciplina lexical enquanto Krieger (2010, p. 161) concebe essa disciplina como subárea da Linguística.

Quanto à concepção da Lexicografia como arte, levando-se em conta as definições de Ferreira (2010) para “arte” não consideramos que a Lexicografia possa ser definida como tal, pois arte para esse autor significa: (i) “capacidade que tem o ser humano de pôr em prática uma ideia, valendo-se da faculdade de dominar a matéria”; (ii) “a utilização de tal capacidade, com vistas a um resultado que pode ser obtido por meios diferentes”. Entendemos que a Lexicografia é uma atividade, sendo, portanto, externa ao indivíduo que a pratica, além de requerer metodologia e rigor científico para sua realização, quesitos que, de acordo com o próprio Ferreira (2010), não se aplicam à “capacidade”, que o autor define como “qualidade que uma pessoa ou coisa tem de possuir para um determinado fim; habilidade, aptidão”. Uma leitura atenta das duas definições apresentadas por Ferreira (2010) para “capacidade” conduz à compreensão de que ambas são complementares e ao mesmo tempo circulares, ou seja, essas definições podem levar à inferência que arte é a capacidade de utilizar a capacidade. Mediante o exposto compreendemos que o conceito da arte aplica-se mais ao ato da produção de uma obra lexicográfica – ao fazer lexicográfico – do que à Lexicografia propriamente dita.

No tocante às considerações de Lorente (2004) e de Krieger (2010), consideramos ambas como plausíveis: o posicionamento de Lorente (2004) é coerente se consideramos que a Lexicologia tomada como ciência ou como disciplina abrange todo e qualquer estudo lexical seja sob qual enfoque for o estudo do léxico e que esse estudo pode se dar sob várias vertentes. No entanto,

información se van intensificando a un ritmo vertiginoso, les corresponde un papel primordial a tres campos dentro de la lingüística aplicada: la teoría y la técnica de la traducción, la enseñanza de lenguas extranjeras y la lexicografía, es decir, la teoría y la práctica de la elaboración de diccionarios, glosarios, etc. La traducción y la enseñanza de lenguas (además de muchas otras actividades humanas) requieren, cada vez más, obras lexicográficas de la más diversa índole” [TN].

consideramos mais coerente o posicionamento de Krieger (2010, p. 161), partindo do pressuposto de que a Linguística é uma ciência e que tem como objeto de estudo a língua em todos os seus níveis, abrangendo, inclusive, o lexical. Nossa visão é de que a Linguística constitui uma ciência maior que possui como objeto de estudo a língua, que é “multifacetada” (SAUSSURE, 1998, p. 17) e, portanto, pode ser analisada sob diferentes focos ou sob o esquema de partes de um todo, assim como na medicina e na História. Comumente concebemos a Medicina como uma ciência e seus ramos de estudo como áreas de especialidade. Fato semelhante ocorre no âmbito da História, pois a História antiga, a Medieval ou a Moderna são considerados como áreas de saber. De modo análogo, podemos entender que a Lexicologia e a Lexicografia, por terem o léxico como objeto de estudo, constituem ramos de saberes da Linguística, sendo que a Lexicografia, por voltar-se à análise e ao tratamento do léxico, situa-se, a nosso ver, no âmbito da Lexicologia, aqui compreendida a partir do conceito de logos – estudo, tratado – como todo e qualquer estudo que tenha como elemento fundamental o léxico.

É válido ressaltar, no entanto, que quer seja considerada ciência, quer subárea, essa disciplina constitui importante segmento de estudos (sócio)linguísticos por oportunizar uma análise contextualizada do léxico, englobando aspectos linguísticos e extralinguísticos (tanto sociais quanto físicos e culturais) e por manter interfaces não apenas com outras ciências da linguagem, mas também com disciplinas como a História, a Antropologia, a Geografia, a Sociologia, bem como com as ciências naturais e as jurídicas, dentre outras, todas fornecedoras de subsídios fundamentais para que a Lexicografia cumpra seu papel com eficiência, uma vez que se volta não só à produção de dicionários de línguas, mas também dos especiais, conforme salienta Barros (2004, p. 146) que, além de esclarecer que a principal semelhança entre essas duas categorias de dicionários reside no fato de que ambos situarem-se no nível do sistema linguístico e a principal diferença entre eles recair no grau de especificidade da nomenclatura da obra, argumenta que:

[...] o dicionário de língua arrola um grande número de unidades lexicais de uma língua em todos os seus aspectos, contextos e particularidades, registrando, ainda, expressões idiomáticas, palavras de baixo calão, provérbios e outros fraseologismos, além de tratar as unidades terminológicas, ou melhor, o sentido específico que as unidades lexicais descritas têm em domínios de especialidade (BARROS, 2004 p. 145-146).

Barros (2006, p. 23) pondera, ainda, que atualmente, “com o acelerado desenvolvimento das ciências e das técnicas, as terminologias das áreas de especialidade ocupam cada vez mais terreno na comunicação, passam a integrar o universo léxico das línguas”, e, como consequência, reivindicam cada vez mais espaço nos dicionários de língua geral, fazendo com que as interfaces da Lexicografia extrapolem as ciências linguísticas.

Dando continuidade ao intento a que nos propomos de apresentar uma breve exposição acerca da história da Lexicografia, ressaltamos que, conforme Verdelho (2002, p. 15), é possível situar a origem dos dicionários na Idade Média, uma vez que, desde o século XI, produziu-se, sobretudo na Itália, uma espécie de pré-lexicografia que se difundiu rapidamente entre as escolas monásticas europeias. Em Portugal, conservam-se testemunhos manuscritos do *Elementarium* (c. 1050), de Papias, que pode ser considerado como primeiro arquétipo dos dicionários modernos; do *Liber Derivationum* (fins do século XII), de Hugúcio de Pisa; do *Catholicon* (1286), de João Balbo; e de outros textos medievais com informação lexicográfica, essencialmente latina, mas que serviram de referência para o aparecimento dos primeiros glossários das línguas modernas. De acordo com Biderman (1984a, p. 1), no entanto, com relação à Idade Média, merecem destaque apenas as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha (570-636) e alguns glossários, uma vez que “as *Etimologias* têm escasso ou nulo valor científico e linguístico, sendo muito fantasistas” (BIDERMAN, 1984a, p. 1), nesse período da história da Lexicografia. A mesma autora menciona ainda como desse período a obra *O Glossário de Cassel*, com 265 palavras, que se refere à tradução do latim para o vernáculo germânico e as *Glosas Emilianenses* e *Silences*, elaboradas na Espanha entre os séculos X ou XI.

Já Farias (2007, p. 91) assevera que “o período medieval foi marcado por intensa atividade lexicográfica” devido à ascensão das línguas à categoria de vernáculos e destaca que nessa época as línguas faladas diferenciavam-se tanto do latim clássico, língua jurídica, religiosa e cultural, que se tornou necessária a produção de listas de palavras explicadas por meio de glosa, a fim de realizar-se uma espécie de tradução das línguas vernáculas para o latim.

Nota-se, pelo exposto, que os glossários tiveram papel fundamental e constituíram o sêmen da Lexicografia tal qual é concebida na atualidade. É no

Renascimento, no entanto, que, graças ao advento da tipografia, às constantes exigências do público leitor e em especial à fabricação, à divulgação e ao acesso aos textos que surgiram, a produção lexicográfica se torna uma importante manifestação cultural e linguística e adquire caráter de disciplina linguística independente e atingiu a maturidade em meados do século XV (MURAKAWA, 2007 a, p. 159). Nesse período surgem os dicionários monolíngues e a prática lexicográfica começa a adquirir autonomia, sendo impulsionada por vários fatores, dentre os quais podemos citar o surgimento da imprensa, a expansão territorial, as viagens de descobrimento, de exploração e de povoamento de novas terras, o comércio e o intercâmbio linguístico.

Segundo Leroy (1971, p. 22), foi necessário “esperar o século XVI para ver, na intensa fermentação intelectual que caracteriza essa época, surgir um clima mais favorável a um estudo linguística sério”.

Dentre as grandes obras lexicográficas produzidas durante o período do Renascimento, Nunes (2006, p. 48) destaca o *Dictionarium seu Linguae Latinae Thesaurus* (1531), de Roberto Estienne; o *Lexicon Latino-hispânico* (1492) e o *Vocabulário Hispano-latino* (1495), ambos bilíngues e de autoria de Nebrija além de ressaltar o Calepinus (*Léxicon Latinum, Variarum Linguarum interpretatione adjecta*), obra destacada por Leroy (1971, p. 23) como o mais antigo dicionário poliglota, que “alcançou tanto êxito que foi várias vezes refeito e enriquecido; dele surgiu mesmo o substantivo comum ‘calepino’”.

É durante esse período ainda que, oriunda dos vocabulários bilíngues que puseram em confronto o latim e as chamadas línguas vulgares, tem início a lexicografia da Língua Portuguesa período em que, além das obras já citadas por Nunes (2006), merecem destaque, segundo Romeo (2009, p. 48), o *Dictionarium iuuentuti studiosae admodum frugiferum* (Coimbra, 1551) e o *Dictionarium latino lusitanicum et vice versa lusitanico latinum* (Lisboa, 1570), ambas produzidas por Jerónimo Cardoso. Todavia é a obra *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* (1562) do mesmo autor que se destaca como marco inicial da dicionarização em Língua Portuguesa por ser a primeira a apresentar alfabetação. Essa obra pode ter sido antecedida por tentativas de elaboração lexicográfica e de ordenação alfabética do vocabulário português, no entanto, os textos noticiados como precedentes a ela nunca foram de fato encontrados, de modo que “não foi

possível recuar para além de 1562 o início da alfabetação do português” (VERDELHO, 2002, p. 15-18).

Ainda com relação ao período do Renascimento, Lupetti (2005, p. 65) assevera que “a lexicografia lusitana, bem como a de outros países europeus, adquire status de disciplina linguística na primeira metade do século XVI e objetiva [...] satisfazer a exigência de se ensinar o latim como língua não materna”¹⁷. De fato, Biderman (1984a, p. 2) pondera que esse configurou um período em que,

[...] além da consciência adquirida da distância entre o latim e as línguas vernáculas do seu tempo, o homem renascentista precisava de outros instrumentos de intercâmbio linguístico num mundo que se abria para um novo diálogo e troca entre as jovens nações europeias. Assim, multiplicam-se os dicionários bilíngues na Espanha, na França, na Itália, em Portugal.

Biderman, no mesmo artigo (1984a, p. 2), destaca ainda que, no século XVII, ocorre o surgimento e o desenvolvimento da Lexicografia monolíngue e destaca a obra *Tesoro de la Lengua Castellana*, publicada por Covarrubias em 1611, os dicionário franceses Richelet (1680), o Furetière (1690), e também o dicionário da Academia Francesa (1694) como representativa desse período. Já Murakawa (2007a, p. 161-162) cita o *Dictionarium Lusitanico-Latinum* de Agostinho Barbosa publicado em 1611 por Frutuoso Laurentium de Basto, o *Thesouro da Lingua Portuguesa* de autoria do Pe. Bento Pereira (1605-1681), publicado em 1646 por Paulo Craesbeeck, destacando que “este ‘thesaurus’ aparece incluído na *Prosodia in Vocabularium Bilingue Latinum et Lusitanum, Castellenum Digesta* (1634)”.

O século XVIII também se mostrou lexicograficamente produtivo, sobretudo para Portugal, época contemplada com a publicação do *Vocabulário Portuguez Latino*, do Pe. Raphael Bluteau, composto de oito volumes impressos de 1712 a 1728 e com a primeira edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio Morais Silva, de 1789 (a segunda edição data de 1813).

O *Vocabulário* de Bluteau destaca-se por seu caráter enciclopédico, pois suas definições são extensas e detalhadas e abrangem, além da explicação dos termos, a relação de seus sinônimos e pormenores histórico-descritivos, fatores que conferem um caráter paralexigráfico à obra. Além disso, ao utilizar-se de trabalhos de

¹⁷ “La lessicografia lusitana, così come quella degli altri paesi europei, acquisisce Il próprio statuto di disciplina linguistica nella prima metà del XVI secolo e mira [...] a soddisfare l’esigenza di insegnare il latino come lingua non materna” [TN].

autores de sua época, Bluteau refletiu a sociedade e o pensamento de seu tempo, dando início ao

[...] período da produção dicionarística baseada em corpus de referência construído a partir das obras, sobre os mais diversos assuntos, produzidas entre os séculos XV ao XVIII em língua portuguesa. Além disso, Bluteau adota procedimento inovador registrando exemplificação abonada de completa informação bibliográfica como: autor, data da obra, página, volume, parágrafo, etc. (MURAKAWA, 2007b, p. 236).

A obra de Bluteau tornou-se referência fundamental para a compreensão dos processos renovadores e descritivos da língua, bem como da tipologia de obras lexicográficas, sendo por esses motivos – com mérito – sublinhada tanto pela história da Lexicografia quanto pelos estudos culturais como um trabalho singular que,

[...] durante meio século, se manteve como o principal instrumento de referência da língua portuguesa, e que veio suprir, de uma forma inesperadamente abundante, as debilidades de um panorama dicionarístico modesto, insuficiente em relação à vida da língua e atrasado face à lexicografia europeia (SILVESTRE, 2008, p. 7).

É notório o fato de entre a publicação de Bluteau e a de Moraes haver um intervalo de 61 anos¹⁸, durante os quais se acredita que as alterações ocorridas tenham modificado a Língua Portuguesa em diversos aspectos. Silvestre (2008, p. 13) assinala que esse período é “geralmente menosprezado porque os lexicógrafos não avançaram de um modo inovador na direcção de uma obra monolíngue” e destaca para essa época o dicionário bilíngue de Folqman (1755), que “recupera com invulgar eficácia a descrição do português do Vocabulário, reformulando-a e completando-a com uma técnica já próxima dos dicionários modernos”, que prenuncia o modelo adotado por Moraes Silva.

Moraes Silva, no entanto, não se considerou autor da primeira edição de sua obra *Diccionario da Lingua Portuguesa*, mas atribuiu ao Pe. Raphael Bluteau a composição e a si a condição de reformador desta, que se constitui como “a mais importante e sistemática releitura do corpus efectuada até então e introduzirá

¹⁸ A contar da publicação do 8º volume.

definitivamente o legado de Bluteau na tradição da moderna lexicografia portuguesa” (SILVESTRE, 2008, p. 13)

Em 1813, Morais publicou nova edição de seu dicionário e, embora tenha utilizado o Vocabulário Portuguez e Latino de Bluteau como referência, inovações lexicográficas introduzidas fizeram de sua segunda obra um modelo para a produção dicionarística nos séculos seguintes. Dentre essas inovações, situa-se o registro da classe gramatical da palavra-entrada, logo após esta, e a inclusão de exemplos abonados: autor, obra, tomo, capítulo etc.; o registro de diferentes níveis de linguagem, tais como vulgar, gírico, injurioso, familiar e obsceno, dentre outros, além do registro de termos científicos. (MURAKAWA, 2001, p. 155-158).

Ainda com referência à Lexicografia portuguesa, destacamos que, após as obras de Bluteau e de Morais, surgem, no final do século XIX, outros dois importantes dicionários: O Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa (1871-1874), de autoria de Frei Domingos Vieira (? – 1854), publicado post mortem e, na penúltima década do século XIX, também publicado postumamente, o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete (1881). Os dicionários publicados a partir do século XVIII, a começar do Vocabulário de Bluteau, podem ser considerados clássicos da Língua Portuguesa por sua notável contribuição para o saber lexicográfico das obras produzidas a partir de então (MURAKAWA, 2007b, p. 237).

Já no Brasil, a Lexicografia nacional surge a partir do século XX, quando são publicados nossos primeiros dicionários, tanto editados em parceria com Portugal quanto exclusivamente por editoras brasileiras e, nessa mesma época, a Academia Brasileira de Letras publica um dicionário da Língua Portuguesa. Supre-se, assim, uma lacuna de aproximadamente quatrocentos anos em termos de lexicografia nacional. Cerca de 70 dicionários de língua portuguesa de tipologias diversas foram publicados no Brasil nesse século. Dentre essas tipologias, é possível citar

[...] obras de grande porte, do tipo padrão ou enciclopédico, dicionários ilustrados, escolares, minidicionários, entre outras tipologias que pretendem cobrir o léxico do português falado no Brasil, incluindo os dicionários de regionalismos (KRIEGER, et al..., 2006, p. 173).

Nesse contexto, seis títulos despontam como referenciais no quadro da lexicografia brasileira, sendo dois coeditados com Portugal: o Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido Figueiredo (1926) e o Dicionário Contemporâneo da

Língua Portuguesa Caldas Aulete (1958), e quatro de edição exclusivamente brasileira: O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, obra coletiva que, em suas edições iniciais, teve como organizadores, José Baptista da Luz, Hildebrando de Lima, Gustavo Barroso e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975), o Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de autoria de Laudelino Freire (1939-1944); o Dicionário da Língua Portuguesa, de Antenor Nascentes, publicado entre 1961-1967 a pedido da Academia Brasileira de Letras, e o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975). Este manteve o mesmo título durante as duas primeiras publicações (1975, 1986) e, na terceira, recebeu o título de Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o Aurélio Século XXI. No entanto, na reimpressão pela editora Positivo (2004), teve seu título novamente alterado para Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (KRIEGER, 2006, p. 173 – 176).

2.5 – A norma linguística

Partindo do pressuposto de que “a história da língua acompanha a marcha da história do povo que a fala” (ISQUERDO, 2008, p. 447)¹⁹, não constitui exagero afirmar que o dicionário desempenha o papel de testemunha da formação da norma de determinada língua. Consideramos aqui a concepção coseriana de norma como “um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente” (COSERIU, 1980, p. 50). Ao conceber a noção de norma, Eugenio Coseriu considerou a língua como uma estrutura abstrata tripartida, composta por sistema, “norma” e “fala”, sendo o “sistema” compreendido como um conjunto de possibilidades linguísticas e a “norma” como um nível prescritivo, situado entre a abstração do “sistema” e a concretude da “fala”, e que se caracteriza por abranger imposições sociais e culturais. Trata-se na verdade de “um sistema de realizações obrigatórias, de imposições culturais e sociais, e varia segundo a comunidade” (BIDERMAN, 1998a, p. 20).

A norma é influenciada por diversos fatores, dentre os quais, aspectos socioculturais, históricos, geográficos e político-ideológicos. Nesse contexto, é

¹⁹ Disponível em< http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_511.pdf> - Acesso 30 abr 2011.

preciso considerar que a língua e, mais especificamente, o léxico, passam por modificações decorrentes das necessidades dos utentes, pois “embora o léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua” (BIDERMAN, 2001 p. 179), configurando, desse modo, diferentes formas de expressão. É válido lembrar que de acordo com a concepção de Andrade (2000, n.p.),

[...] só se considera uma palavra como pertencente à norma se ela estiver registrada no dicionário... A proposta do dicionário é promover a identificação da língua nacional com uma comunidade ideal, por isso considera-se que seu caráter seja coletivo e não temporal. Alguns dicionários rejeitam a norma de grupos ou de ideologias que podem ser consideradas ultrapassadas ou pertencentes a uma comunidade tradicional. Por outro lado, o dicionário autoriza palavras, construções sintáticas e significados, integrando-os ao uso da comunidade.

Ao tratar da norma lexical do português do Brasil, Biderman (2002, p. 65-68) esclarece que esta se deu paulatinamente, perpassando os séculos XVI, XVII e XVIII, período em que a língua transplantada pelo colonizador europeu adquiriu características peculiares, devido à sua própria deriva, “seleção inconsciente realizada pelos que a falam, das variações individuais que se acumulam numa dada direção especial”²⁰ (SAPIR, 1921, p. 155). Essa deriva resulta, sobretudo, dos contatos estabelecidos primeiramente entre os colonizadores e as populações nativas aqui existentes, principalmente as de origem tupi, que resultaram na língua geral, variante utilizada pelos indígenas em grande parte do território brasileiro, incluindo toda a área costeira. Biderman (2002, p. 112) lembra ainda a influência do contato do português brasileiro com as línguas africanas, vindas com os negros escravos; com o castelhano, falado pelos imigrantes espanhóis e pelos habitantes dos países de colonização hispânica que fazem fronteira com o Brasil e com as línguas faladas pelos demais imigrantes que se fixaram no país.

Percebe-se, pois, que a norma lexical está ligada à identidade linguística de determinada comunidade; isso se deve, em parte, ao fato de que, ao interagirem entre si ou com indivíduos de culturas ou comunidades diferentes, os usuários da língua exteriorizam sua concepção de mundo e assumem características inerentes a outros grupos. Essas realizações se concretizam por meio do léxico, o nível da

²⁰ “The drift of a language is constituted by the unconscious selection on the part of its speakers of those individual variations that are cumulative in some special direction” (SAPIR, 1921, p. 155) [TN].

língua que mais se beneficia desses contatos. Assim sendo, é possível conceber o léxico como testemunha de uma determinada sociedade ou de determinada época (MATORÉ, 1953 apud ISQUERDO, 1994, p. 181). Nessa perspectiva, o estudo do léxico possibilita a realização de inferências sobre o ambiente físico e sociocultural de seus usuários, o que permite uma compreensão da visão de mundo de uma determinada época.

Por constituir-se como elemento passível de mudanças estruturais e de significados desencadeadas por fatores extralinguísticos, o léxico pode ser estudado sob diversas perspectivas. Nos últimos anos, tem sido crescente a busca pelo registro, pela compreensão, enfim, pela constituição da história do português do Brasil, prova disso são os inúmeros trabalhos realizados nessa área e as obras publicadas nesse sentido, pois

[...] ultrapassando o período colonial, nos inícios [SIC] do século XIX, faz-se necessário mapear as frentes de difusão até os nossos dias pelos interiores do Brasil do português – português brasileiro –, já língua hegemônica e ainda as várias línguas dos emigrantes – entre eles também os portugueses não mais colonizadores, que aqui chegaram, sobretudo no processo histórico internacional a partir do século XIX [...] (MATTOS E SILVA, 2004, p. 58)

Nesse sentido, diferentes projetos de pesquisa têm sido desenvolvidos no Brasil, com o intuito de melhor compreender a trajetória linguística do português do Brasil (PB) e de traçar um perfil identitário do nosso idioma. Dentre eles, podemos citar o Projeto Filologia Bandeirante (1997 - 2003), que objetivou coletar material linguístico para identificação, análise e tabulação de traços da língua antiga preservados em localidades situadas nas trilhas das bandeiras paulistas de fins do século XVII, com repercussão ao longo do século XVIII; o PHPB - *Para a história do português do Brasil* (1998), cujo principal intuito é promover o conhecimento e a descrição da realidade linguística brasileira nesses seus 500 anos de trajetória; o Projeto do DHPB – *Dicionário Histórico do Português do Brasil, séculos XVI, XVII e XVIII*, que organizou um banco de dados constituído por textos de gêneros diversos produzidos por autores brasileiros entre os séculos XVI e XVIII, que está fornecendo a nomenclatura do DHPB; e, mais recentemente, o projeto do *Tesouro do Léxico Patrimonial do Galego e do Português*, de natureza internacional com sede na Universidade de Santiago de Compostela, com a participação de pesquisadores portugueses e brasileiros, cuja finalidade é reunir, num *corpus* único, o léxico das

línguas galega e portuguesa, registrado em obras lexicográficas e em atlas linguísticos produzidos nas diferentes fases da história do galego e do português.

Diante desse breve relato histórico-cronológico sobre o fazer lexicográfico, fazemos nossas as palavras de Farias (2007, p. 97): “mais do que um instrumento para arquivar, organizar e recuperar informações linguísticas, os dicionários são, antes de tudo, um registro da história do homem” e, portanto, apresentam diferentes tipologias, sobre as quais trataremos no tópico seguinte.

2.6 – As obras lexicográficas – tipologias

A classificação das obras lexicográficas constitui uma tarefa complexa e que envolve tanto questões teórico-linguísticas quanto práticas. Nesse sentido, de acordo com Haensch (1982, p. 95), “vários autores tentaram estabelecer uma classificação mais ou menos rigorosa dos diferentes tipos de obras lexicográficas”²¹. Esse estudioso salienta, porém, que a complexidade da tarefa se deve em primeiro lugar ao fato de não apenas critérios linguísticos, mas também de cunho histórico e cultural, influenciarem o desenvolvimento das obras lexicográficas e, em segundo lugar, ao fato de os dicionários serem heterogêneos, de modo que uma mesma obra pode apresentar características de tipologias distintas.

Devido a toda essa combinação de aspectos, em uma classificação de obras lexicográficas “[...] há de se partir primeiro da história da lexicografia, em segundo lugar, dos trabalhos lexicográficos existentes e, em menor grau, de critérios léxico-linguísticos”²² (HAENSCH, 1982, p. 96).

Os estudos realizados em diferentes épocas da história da Lexicografia acabaram por originar inúmeras obras lexicográficas denominadas, dentre outras, como dicionários, glossários e vocabulários. Embora a linha que as distinga seja tênue, um dos critérios distintivos aplicados para sua classificação é a extensão, conforme destaca Haensch (1982, p. 127), ao asseverar que “um critério externo de

²¹ “[...] varios autores han intentado establecer una clasificación más o menos rigurosa de los distintos tipos de obras lexicográficas” (HAENSCH, 1982, p. 95).

²² “[...] ha de partir, primero, de la historia de la lexicografía, en segundo lugar, de los trabajos lexicográficos existentes y, en grado menor, de criterios teórico-lingüísticos” (HAENSCH, 1982, p. 96-97).

classificação das obras lexicográficas, que tem certa importância prática, é o seu formato e sua extensão e, condicionando [sic] por esses fatos, o número de entradas que contém”²³.

É notório que, com o passar do tempo, a evolução das línguas e o avanço dos estudos linguísticos, incluindo-se nesse rol os lexicográficos, fizeram com que os dicionários incorporassem, cada vez mais, explicações e comentários acerca de cada verbete. Tal fato resultou numa considerável diversidade de tipos de dicionários, dentre os quais destacamos três que levam em conta a informação sobre os signos ou sobre as coisas, e que Rey-Debove (1984, p. 64) os classifica como: (i) dicionário linguístico, que fornece informações sígnicas, excluindo, porém, a definição; (ii) obra enciclopédica, que fornece informações sobre as coisas e inclui a definição e (iii) dicionário de língua, que fornece informações sígnicas e inclui a informação. Além disso, Rey-Debove (1984, p. 64) assevera que essa categorização tipológica pode subdividir-se em dois grupos: “o dicionário geral, que trata de todos os signos duma língua dada ou de todas as coisas duma civilização; e o dicionário especial, que só descreve um setor de uma ou da outra”.

Biderman (1984a, p. 11-16), por seu turno, apresenta seis tipos básicos de dicionários, a saber:

- (i) dicionário padrão da língua, o tipo mais comum e do qual, segundo a autora, seriam exemplos o *Morais*, o *Aulete*, o *Cândido de Figueiredo* e o *Aurélio*, aos quais acrescentamos o, posteriormente editado, dicionário do *Houaiss*;
- (ii) dicionário ideológico ou analógico, “que organiza os conceitos em campos semânticos, ao invés de ordenar as palavras em ordem alfabética como os dicionários comuns”. De acordo com a autora, o primeiro dicionário desse tipo foi organizado por Comenius, no século XVII, e destaca que, a autora, o *Diccionario de la Lengua Española* (1942), de autoria de Casares é um dos principais da categoria, além de citar a obra *Longman Lexicon of Contemporary English* (1981), editado por Tom Mc Arthur, como obra de destaque nessa tipologia;

²³ “Un criterio externo de clasificación de las obras lexicográficas, que tiene cierta importancia práctica, es su formato y extensión y, condicionado por estos hechos, el número de entradas que contiene” (HAENSCH, 1982, p. 127).

- (iii) dicionário histórico, de tipos diversos dentre os quais se situa o dicionário que tem por base o vocabulário e a língua de determinada época histórica, tipologia na qual se enquadra o *Vocabulário* produzido neste trabalho. Nessa categoria, inclui-se ainda o dicionário histórico pancrônico, também denominado etimológico, que, elaborado a partir da perspectiva da língua contemporânea, ocupa-se de estágios anteriores do idioma, remonta à origem das palavras e tenta acompanhar a evolução histórica dos vocábulos, “assinalando os diferentes valores semânticos por eles assumidos no decorrer do tempo” (BIDERMAN, 1984a, p.13);
- (iv) dicionário especializado sobre aspectos particulares da língua, que trata de aspectos particulares da língua. Outra modalidade de dicionários, segundo Biderman, são os de especialidade, que se dedicam a um domínio do conhecimento que não a linguagem. Compõem essa categoria os dicionários científicos e/ou técnicos, que contemporaneamente “se multiplicam mais e mais, sobretudo por causa da especialização crescente que se verifica em cada ramo da ciência e da técnica” (BIDERMAN, 1984a, p. 15);
- (v) dicionário inverso ou grafêmico, “muito útil para a o estudo dos processos de sufixação e da produtividade léxica de determinados sufixos” e do qual Biderman, (1984a, p. 16) cita como exemplos dois dicionários inversos do português publicados por estrangeiros; são eles: *Dictionnaire Inverse de la Langue Portugaise*²⁴ e *Dicionário Inverso Português*, publicado por Dieter Messner, em Moscou (1973);
- (vi) as enciclopédias que, segundo Biderman (1984a, p. 16), “são obras de referência que buscam reunir o máximo de informação sobre os mais variados domínios do conhecimento”, sendo o *Dicionário Enciclopédico Salvat* (Barcelona, 1955) a obra mais antiga nessa

²⁴ Referenciado em site da Universidade de Salzburg como *Dictionnaire Inverse Portugais*. XLII + 773 p., Salzburg, 1971. Manuscript. Disponível em <http://www.uni-salzburg.at/pls/portal/docs/1/515543.PDF> Acesso em 14 abr. 2012.

categoria e, à época, a mais recente a *Enciclopédia Mirador Internacional* (São Paulo/Rio de Janeiro, 1976)²⁵.

É válido lembrar ainda que a finalidade de uma obra lexicográfica influencia sua classificação tipológica, fato evidenciado pela trajetória histórica da Lexicografia ao indicar que o surgimento dos diferentes tipos de obras lexicográficas e suas respectivas designações foi condicionado mais pela evolução sociocultural, inclusive por modas e gostos, do que por critérios teórico-linguísticos (HAENSCH, 1997, p. 16). Em face disso, conforme esclarece Biderman (1998b, p. 132),

[...] o ideal de elaborar um dicionário geral da língua é sempre inatingível, já que o léxico cresce em progressão geométrica, hoje, sobretudo, em virtude da grande aceleração das mudanças socioculturais e tecnológicas. A rigor nenhum dicionário por mais volumoso que seja, dará conta integral do léxico de uma língua de civilização.

Mediante o exposto, julgamos pertinente recuperar a definição de obras lexicográficas, de acordo com a norma 1087, da ISO (International Organization for Standardization), citada por Fromm (2002, p. 16), na qual o dicionário é definido como “repertório estruturado de unidades lexicais contendo informações linguísticas sobre cada uma delas”, enquanto o dicionário terminológico é um dicionário (6.2.1) que compreende dados terminológicos (6.1.5) referentes a uma ou várias áreas (2.2). Já o vocabulário constitui-se como um “dicionário terminológico (6.2.1.1) baseado em um trabalho terminológico (8.2) que apresenta a terminologia (5.1) de um domínio (2.2) particular ou de domínios (2.2) associados”²⁶.

Assim sendo, identificar as características da obra pode ser o meio mais indicado para a distinção da tipologia de obras lexicográficas, uma vez que esse

²⁵ Após a publicação desse texto da professora Biderman outras enciclopédias foram publicadas, dentre elas citamos *Enciclopédia Mirador*, publicada em 1979. Atualmente, com o advento da informática e a rapidez que ela proporciona às consultas, predominam as publicações de enciclopédias digitais e de acesso *online*.

²⁶ “Dictionary: Structured collection of lexical units with linguistic information about each of them. 6.2.1.1. **terminological dictionary** (admitted term: **technical dictionary**): Dictionary (6.2.1) containing terminological data (6.1.5.) from one or more specific fields (2.2) 6.2.1.1.1. **vocabulary** (admitted term: **glossary**): Terminological dictionary (6.2.1.1) containing the terminology (5.1) of a specific subject field (2.2) or of related subject fields and based on terminology work (8.2) (FROMM, 2002, p. 16)”.

recurso proporciona a aplicação de critérios de ordem prática que evidenciarão características que uma nomeação arbitrária ou estereotipada não deixará transparecer. A esse respeito, Barros (2004, p. 133) destaca a importância de se estabelecer a distinção entre *dicionário* como *objeto denominado* e como *objeto definido*, uma vez que o repertório das obras lexicográficas diferencia-se de acordo com a denominação destas, tais como léxico, glossário, vocabulário, mas que, na verdade, essas obras representam um único tipo de publicação. Essa autora esclarece que “a caracterização precisa dos *dicionários* é possível se os considerarmos como objetos definidos (uma vez que os títulos das obras não parecem seguir uma lógica rígida) e se estudarmos seus traços pertinentes”. Na sequência, Barros (2004, p. 134-135) apresenta alguns traços fundamentais distintivos da obra lexicográfica e esclarece que os enunciados lexicográficos, gráfica e formalmente, apresentam-se isolados uns dos outros e transmitem informações sobre lema; ressalta que o dicionário é uma obra de consulta com caráter didático que contém programa de informação organizado em uma dada ordem; as entradas organizam-se formalmente, sendo impreterivelmente de caráter linguístico; são dispostas na macroestrutura de acordo com princípios de estruturação e constituem um conjunto determinado, no qual os elementos são enumerados. As mensagens, por sua vez, organizam-se em sentido vertical na macroestrutura e horizontalmente na microestrutura. Já os verbetes podem ser organizados em ordem alfabética ou sistêmica, sendo possível combinar esses dois sistemas de classificação mediante uma dupla macroestrutura que agrupe o conteúdo em um verbete cuja entrada foi organizada alfabeticamente e que substitua a repetição da entrada por traços no corpo do verbete e pela indicação dos diferentes sentidos por meio de números.

Ressaltamos, no entanto, que as características listadas referem-se a modelos puros, o que, conforme o exposto anteriormente, nem sempre condiz com a prática corrente, na qual a heterogeneidade, a mistura de gêneros é bastante comum nas sociedades modernas, que, por sua vez, são constantemente regidas por normas internacionais.

Além das tipologias supracitadas, outras ainda existem e se voltam a finalidades distintas, tais como os dicionários de gírias, os dicionários de rimas, de frases feitas, de provérbios, dentre outros. Nota-se que, num mundo em que há

constantes progressos e inovações por parte da ciência e da tecnologia, e no qual a globalização é presença constante tanto na economia quanto em outras áreas da atuação humana, a presença dos dicionários torna-se cada vez mais importante se pensarmos essa obra como um instrumento mediador entre língua e ciência, sobretudo entre língua, cultura e sociedade.

Por constituir-se como modelo e modelador de cultura, o léxico configura-se como tesouro cultural abstrato que reflete aspectos do mundo extralinguístico: do mundo físico, social, espiritual e psíquico de determinada sociedade, constituindo-se, portanto, como um importante e (ousamos dizer) necessário meio de conhecimento da história da humanidade. Diante do exposto, infere-se que a obra lexicográfica, por abranger, acumular e organizar sistematicamente elementos constitutivos do discurso – as palavras – e seus respectivos sentidos, atua como uma espécie de espelho que reflete o falar de uma sociedade num determinado recorte de tempo ou no decorrer de um fato histórico, à medida que registra significações concernentes a essa época ou a esse fato.

Socialmente, a obra lexicográfica é considerada como um instrumento de consulta – legitimado pelo saber de um especialista – de grande valia no esclarecimento de dúvidas e na busca do conhecimento, havendo, atualmente, inúmeros tipos de dicionários disponíveis no mercado, diferenciando-se, sobretudo, pelo formato de publicação. Welker (2004, p. 43) propõe uma classificação tripartida para as obras lexicográficas, segundo a qual a primeira distinção entre elas “deveria ser aquela entre obras de consulta em formato de livro e as computadorizadas”; a segunda distinção deveria levar em conta a condição de monolinguismo, bilinguismo ou de plurilinguismo dessas obras, e a terceira deveria distinguir os dicionários entre gerais e especiais, configurando-se como dicionário geral somente aquele que se caracteriza como “alfabético [semasiológico], sincrônico, da língua contemporânea, arrolando, sobretudo os lexemas da língua comum”; já os dicionários especiais abrangem várias classes como os de fraseologismos, modismos e de áreas específicas como a do direito, da medicina, dentre outras.

Considerando que o produto final deste trabalho, o *Vocabulário do português no século XIX: um legado de relatos de viagens na Província de Mato Grosso* configura-se como uma obra lexicográfica, julgamos pertinente, além da discussão acerca de tipologias das obras lexicográficas, distinguir qual o caráter tipológico do

Vocabulário a partir do conceito de tipologia dos dicionários segundo critérios práticos propostos por Haensch (1982, p. 126-188) e estipulado por ele como o mais indicado para a classificação de obras dessa natureza:

a) Formato e extensão:

Haensch (1982, p. 127) não é preciso quanto às características de formato e de extensão que definem um dicionário, no entanto, menciona que há dicionários de formato grande, porém com poucas páginas, enquanto outros possuem um formato reduzido, mas contendo 600 páginas ou mais.

Entendemos que esses traços são insuficientes para classificar uma obra lexicográfica por pautar-se na maioria das vezes em critérios subjetivos, ou seja, mais com base em pontos de vista do que em dados empíricos ou objetivos. Dentre os aspectos que devem ser levados em conta para a classificação de uma obra lexicográfica segundo o formato e a extensão, citamos a quantidade de volumes, o número de entradas e de subentradas que compõe a nomenclatura etc.

Tendo em conta que o *Vocabulário* aqui apresentado constitui parte de um trabalho que teve como objetivo analisar e catalogar o léxico substantivo veiculado na província de Mato Grosso (período entre e pós-Guerra do Paraguai) a partir de um *corpus* composto por relatos de viagens publicados nesse período, sua extensão submete-se a tal recorte e contém um volume com 278 páginas e 316 entradas.

No que se refere ao formato, este segue princípios normativos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) estabelecidos para a publicação de dissertações e teses, de modo que seu formato atual é de 210 cm X 217 cm²⁷.

b) Caráter linguístico, enciclopédico ou misto

Dentro desse critério Haensch (1982) classifica os dicionários em duas categorias: os que tratam exclusivamente das palavras e que, portanto, são denominados linguísticos e os que se ocupam de referentes extralinguísticos, denominados enciclopédicos. Já os de caráter misto, assim se classificam por

²⁷ Dizemos atual, pois, dada a natureza do trabalho e por recomendação da Banca Examinadora e de pesquisadores da História de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, pretendemos publicá-lo por meio de livro impresso ou digital, de modo que esse formato poderá ser alterado futuramente.

possuírem uma parte dedicada aos referentes linguísticos e outra aos extralinguísticos (HAENSCH, 1982, p. 128-133).

Por esse ponto de vista compreendemos que o *Vocabulário* caracteriza-se como linguístico, pois define palavras designativa (voltada a referentes extralinguísticos) mais precisamente substantivos, além de registrar a classe gramatical e o gênero das unidades lexicais lematizadas e de organizar-se em ordem alfabética.

Mediante o exposto, concordamos com Haensch (1982, p. 130) que “[...] um dicionário enciclopédico encerra em si também um dicionário linguístico²⁸”.

c) Sistema linguístico em que se pauta;

Esse critério diz respeito ao sistema linguístico no qual se embasa o dicionário e que pode ser individual, de equipe ou baseado em um *corpus*, critério no qual se enquadra o *Vocabulário*, que cita inclusive a bibliografia que compõe o *corpus* de estudo. Dentro desse critério ainda, faz-se necessário observar, segundo Haensch (1982, p. 134), se os exemplos são citações ou se são criados pelo autor. No caso do *Vocabulário*, todos os exemplos são extraídos dos textos-fonte do estudo e, configuram-se, portanto, como abonações.

d) Número de línguas;

Refere-se esse critério ao número de línguas contempladas por determinada obra lexicográfica, classificando-se como monolíngue a obra que apresenta apenas uma língua e bilíngue que abarque mais de uma. Por esse critério é possível classificar o *Vocabulário* como obra de constituição monolíngue por contemplar apenas unidades léxicas da língua portuguesa – embora se dedicando, no entanto, a verificar a origem linguística das unidades lexicais que compõem a nomenclatura, classificando-as como de origem vernácula (portuguesa), tupi ou africana, todos os itens lexicais que compõem a nomenclatura já estão incorporados ao léxico do português do Brasil.

e) Seleção do léxico:

i) vocabulário geral ou parcial;

²⁸ “[...] un diccionario enciclopédico encierra en sí también un diccionario lingüístico” (HAENSCH, 1982, p. 130).

- ii) codificação exaustiva ou seletiva;
- iii) caráter prescritivo ou descritivo.

De acordo com esse critério, um dicionário pode ser classificado como de caráter geral se buscar o léxico da língua como um todo.

Com referência a esse critério, entendemos que o *Vocabulário* registra uma parcela do léxico da língua portuguesa, mais precisamente, o léxico veiculado na Província de Mato Grosso no século XIX, no período entre e pós-Guerra do Paraguai, compondo assim, um recorte lexical, que se caracteriza como seletivo e com cronologicamente com fim específico, podendo evidenciar fatos linguísticos diatópicos, diastráticos presentes no *corpus* de estudo. Já com relação à prescrição ou descrição, entendemos que o *Vocabulário* constitui uma obra descritiva, uma vez que visa descrever língua utilizada por determinados usuários (os autores dos textos-fonte), expressa por um gênero textual determinado (relatos de viagens), num recorte espaço-temporal específico: o Mato Grosso do século XIX. Entretanto, como salienta Haensch (1982, p. 164), “devemos advertir que, até certo ponto, todos os dicionários (também os descritivos) produzem um efeito normativo, pelo simples fato da codificação de um determinado vocabulário e sua difusão de forma impressa²⁹”.

f) Ordenação do material léxico

Segundo esse critério, os dicionários classificam-se como semasiológicos, quando partem do significante para o significado, ou como onomasiológicos, quando, inversamente, sua ordenação parte do significado ou conceito para o significante.

Partindo desse raciocínio, considera-se que o *Vocabulário* constitui-se como uma obra lexicográfica de caráter semasiológico, por organizar as entradas partindo dos significantes para os significados, organizando-as em ordem alfabética.

g) Finalidades específicas de dicionários;

Refere-se ao fim a que o dicionário se destina, ou seja, se está voltado à aprendizagem, à etimologia, às definições etc.

De acordo com esse critério o *Vocabulário* classifica-se como definitório.

²⁹ “Hemos de advertir que, hasta cierto punto, todos los diccionarios (también los descriptivos) producen un efecto normativo, por el mero hecho de la codificación de un determinado vocabulario y su difusión en forma impresa” (HAENSCH, 1982, p. 164).

h) Dicionário tradicional ou dicionário eletrônico.

Este último critério se refere ao meio de publicação da obra, se impresso ou digital.

O *Vocabulário* aqui apresentado tem formato impresso e é produto de dissertação. Todavia, posteriormente, conforme já mencionado, tem-se a perspectiva de convertê-lo para o formato eletrônico, para fim de publicação.

Expostas as tipologias das obras lexicográficas e as características tipológicas de ordem prática do *Vocabulário* produto desta dissertação, dentre as quais se situa a sistematização dos dados segundo o critério semasiológico, no próximo tópico distinguiremos as características das obras lexicográficas semasiológicas e onomasiológicas.

2.7 – Da palavra ao conceito: a obra lexicográfica de caráter semasiológico

Conforme discutido em tópico anterior, o constante desenvolvimento tecnológico e científico da sociedade globalizada leva uma gama de conhecimentos a um número crescente de pessoas, o que implica um número cada vez maior de palavras e de conceitos a serem apreendidos, compreendidos e utilizados, uma vez que o léxico é um sistema aberto e sujeito a constante expansão. Todas essas informações necessitam ser sistematizadas em obras lexicográficas ou em bases de dados eletrônicas, podendo essa sistematização ocorrer por meio da onomasiologia (do grego *onomasía* – ‘termo’) ou da semasiologia (do grego *semasía* – significado). Baldinger (1966, p. 7) esclarece que a semasiologia considera a “palavra isolada no desenvolvimento de sua significação”, ao passo que a onomasiologia analisa “as designações de um conceito particular”.

Essa abordagem opositiva da conceituação entre a semasiologia e a onomasiologia acabou por gerar diferentes correntes interpretativas. Fomentadas pela visão estruturalista da língua no início do século XX, algumas concepções contrapuseram-se à orientação semasiológica, como fica evidente no excerto a seguir, de autoria de Vossler (*apud* BALDINGER, 1966, p. 9):

[...] está definitivamente excluída a possibilidade de apreender o sentido das expressões, a mudança, a transformação e a evolução do conteúdo linguístico através da semasiologia. Muito ao contrário,

a semasiologia, que se apresenta como uma disciplina científica, não é senão um obstáculo. Com efeito, ela é um erro, o último resíduo duma concepção linguística ultrapassada. Carece de qualquer postulado científico.

Faz-se pertinente, no entanto, destacar que “malgrado este ataque – e outros ainda – a semasiologia não morreu, longe disso” (BALDINGER, 1966 p. 9). Embora nos anos de 1920 se tenha começado a lutar sistematicamente contra o dicionário semasiológico, é ele ainda o mais comum na tradição lexicográfica brasileira, levando-se em conta que, “como o hábito das pessoas é saber qual o significado de uma palavra, a prática comum é consultar os dicionários alfabéticos”, ou seja, partindo-se do significante, o que nos torna possível inferir que a semasiologia possui um longo percurso pela frente, pelo menos no que tange à contextualização e à compreensão do significado de palavras inseridas em textos históricos, pois, conforme ressalta Baldinger (1966, p. 14), somente o aprofundamento da estrutura semasiológica permite uma interpretação textual segura, pois esse é o único “meio de desmascarar os ‘amigos falsos’”, ou seja, identificar-se as palavras em uso em uma dada sincronia que foram acolhidas no passado em textos históricos, mas que podem ser mal interpretadas devido ao fato de haverem mudado de sentido no correr do tempo. É válido salientar que a elaboração de obras lexicográficas tanto semasiológicas quanto onomasiológicas mantêm interface com recursos da linguística de *Corpus* (sobre a qual trataremos no próximo capítulo) para seleção da nomenclatura da obra e definição da macro e microestrutura, tema esse discutido na sequência.

Levando em consideração que tanto a semasiologia quanto a onomasiologia embasam-se em relações entre “signos” e “referentes”, resgatamos o triângulo de Ogden e Richards (1972), que “permite compreender a interdependência entre essas duas abordagens: a primeira realiza um percurso que principia no símbolo (significante) e alcança o pensamento (significado), já a segunda, parte do pensamento (significado) para chegar ao símbolo (significante)” (ZAVAGLIA; ORSI, 2010, p. 32):

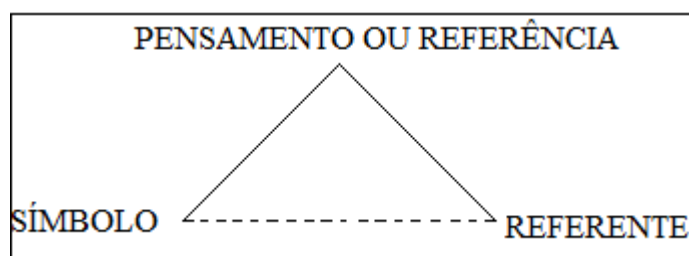


Fig. 2 – Triângulo de Ogden e Richards (1972, *apud* ZAVAGLIA; ORSI, 2010, p. 32).

A esse respeito, Babini (2006, p. 39) salienta que a questão a ser resolvida por um dicionário onomasiológico é inversa à do dicionário semasiológico, haja vista que o primeiro parte do significado (ideia ou conceito) para o significante (unidade léxica ou termo) enquanto o segundo, opostamente, parte do significante para o significado.

Riva (2009, p. 62), por seu turno, defende que a teoria dos triângulos demonstra a interdependência existente entre a semasiologia e a onomasiologia, uma vez que a primeira está voltada à significação, ou seja, “parte da ‘forma’ (‘nome’) para chegar ao ‘conceito’”, enquanto a segunda, voltada para a designação, “parte do ‘conceito’ para chegar ‘à forma’ (‘nome’)”.

Além disso, conforme apontam ainda Zavaglia e Orsi (2010, p. 32), a estrutura onomasiológica baseia-se predominantemente nas relações sinonímicas, pois assume o ponto de vista de quem fala, enquanto a semasiologia, em contrapartida, prioriza a perspectiva do ouvinte, do interlocutor, que ante a totalidade das possíveis significações que se apresentam de uma unidade lexical deve selecionar aquela que responda à sua dúvida.

Partindo desse pressuposto, e considerando que o *Vocabulário* aqui apresentado não se volta ao léxico de especialidade, mas sim ao léxico comum veiculado por relatos de viagens acerca da Província de Mato Grosso, optou-se pelo tipo semasiológico, empregado principalmente no esclarecimento de dúvidas quanto à significação da palavra, tipo de consulta comumente praticada pelo público a que o *Vocabulário* pretende atingir: o usuário não especializado.

2.8 – A macroestrutura e a microestrutura das obras lexicográficas

A composição de uma obra lexicográfica abrange duas unidades estruturais, denominadas macroestrutura e microestrutura, a primeira diz respeito à organização das entradas e é definida por Rey-Debove (1971 *apud* MIRANDA, 2007, p. 261), como “o conjunto de entradas de acordo com uma leitura vertical”. Já Béjoint (2000, *apud* WELKER, 2004, p. 81) pondera que “alguns usam macroestrutura como sinônimo de nomenclatura, mas é preferível usar este último termo como equivalente a word-list, ao passo que o primeiro pode ser empregado para referir-se à maneira como o conjunto de entradas é organizado nos diversos dicionários”.

Já a microestrutura diz respeito à organização do verbete e refere-se a todas as informações subsequentes à palavra entrada, incluindo, segundo Welker (2004, p. 108): cabeça do verbete, variantes ortográficas e de pronúncia, classe e informações gramaticais, etimologia, marcas de uso, informações sintáticas, notas, colocações, exemplos (abonações), fraseologismos, expressões idiomáticas, remissões, a par da definição que é a essência do verbete.

As informações sobre a composição da microestrutura do *Vocabulário do português no século XIX: um legado de relatos de viagens na Província de Mato Grosso* estão detalhadas no capítulo VI, item 6.1.3. No capítulo seguinte abordaremos a Linguística de *Corpus*.

CAPÍTULO III – A linguística de *corpus*

3.1 – Linguística de *Corpus* – Breve histórico

A linguística de *corpus* (LC) se ocupa de diversas áreas investigativas, com especial destaque para o léxico, nível linguístico de maior projeção mundial, embora na atualidade não apenas estudos lexicais, mas também morfológicos, fonológicos, gramaticais, de tradução e de ensino de línguas estrangeiras estejam tomando como base *corpora* linguísticos. A LC dedica-se à organização de trabalhos elaborados a partir de *corpora* eletrônicos representativos de linguagem natural.

Suas fontes são diversificadas e

por isso, podemos encontrar os mais variados bancos de corpora eletrônicos: há corpora de linguagem falada, corpora de linguagem escrita literária, corpora com textos de jornal, corpora compostos exclusivamente por falas de crianças em estágio de desenvolvimento linguístico etc. Os trabalhos envolvendo corpora linguísticos normalmente estão voltados para o estudo de determinados fenômenos linguísticos e sua ocorrência em grandes amostras de uma determinada língua (ou de uma variedade, dialeto ou modalidade dela) (OTHERO, 2004, n.p.).

Apesar de a LC ter adquirido caráter de disciplina científica num período relativamente recente, é provável que os primeiros trabalhos baseados em *corpora* de que se tem conhecimento remontem à Grécia Antiga (Alexandre, o grande definiu o *Corpus* Helenístico) e a estudos relativos à Bíblia, mais precisamente a compilações de citações bíblicas efetuadas por monges da Idade Média. (SARDINHA, 2004b, p.1). Embora esses trabalhos não possam ser definidos como estudos tal como são concebidos hoje, configuram “concordâncias extraídas de um grande *corpus*” constituindo-se como precursora do que na atualidade se entende como LC, a obra *American English Grammar*, de autoria de Charles C. Fries (1940). Já Béjoint (2010, p. 349) argumenta que “os estudos linguísticos com a ajuda de um *corpus*, uma coletânea de textos reunidos para fins específicos, teve início no final do século XVIII”³⁰. De acordo com esse autor,

³⁰ “The study of linguistic questions with the help of a corpus, a collection of texts assembled for given purposes, began in the late nineteenth century” (BEJÓINT, H., 2010, p. 349). [TN]

no final do século XIX grandes corpora foram utilizados para desenvolver as primeiras listas de frequência. O estudo de F. W. Kaeding por exemplo, intitulado *der deutschen Sprache Haufigkeitswörterbuch* (publicado em 1898) foi baseado em um corpus de onze milhões de palavras analisadas manualmente para estabelecer as frequências de grafemas, sílabas e palavras. [...] Nos EUA, o primeiro corpus surgiu na década de 1920 (BEJÓINT, 2010, p. 349-350)³¹.

Sardinha (2004a, p. 323-324), por sua vez, ressalta que o Brown University Standard *Corpus* of Present-Day American English (*corpus* Brown), datado de 1964 constituiu o primeiro *corpus* eletrônico de que se tem conhecimento e continha um milhão de palavras, “uma invejável quantidade de dados para a época” (SARDINHA, 2000, p. 323-324) e desde então as capacidades de armazenamento de dados têm-se ampliado graças à constante evolução da ciência no âmbito computacional, tornando a compilação de *corpora* cada vez mais ampla e estes, por sua vez, mais representativos. Esses fatos têm sido determinantes para o desenvolvimento dos estudos linguísticos “dando origem àquilo que hoje alguns defendem ser uma disciplina específica – a linguística de *corpus*” (CORREIA, 2008, p. 5-6), que exerce grande influência em diversos âmbitos da pesquisa linguística – dentre os quais a Lexicografia – e que paralelamente à Linguística Computacional está em constante expansão.

Em se tratando de Língua Portuguesa, Correia (2008, p. 6) destaca três *corpora* com impactos na Lexicografia:

- a) *Corpus* de referência do Português Contemporâneo, desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), sob a coordenação de Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, do qual dados foram utilizados na confecção do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*;
- b) *Corpus* do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP), sob a coordenação de Francisco da Silva Borba, estudo que serviu de base para a elaboração do *Dicionário de Usos do Português do Brasil*;

³¹ Even as early as the end of the nineteenth century large corpora were used to develop the first frequency lists. F.W. Kaeding's study, for instance, entitled *Haufigkeitswörterbuch der deutschen Sprache* (published in 1898) was based on a corpus of eleven million words manually analysed to establish the frequencies of graphemes, syllables, and words. [...] In the USA, the first corpora appeared in the 1920s. (BEJÓINT, 2010, p. 349-350)(T.N.).

c) *Corpus* do projeto *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI a XIX*, inicialmente coordenado por Maria Teresa de Camargo Biderman e concluído sob a coordenação de Clotilde Azevedo de Almeida Murakawa.

Complementando a exposição de Correia (2006) com relação à LC e à Linguística Computacional, não poderíamos deixar de mencionar o trabalho pioneiro da professora Biderman, que, conforme salientam Isquerdo & Finatto (2010, p. 34-35),

[...] dá mostras da visão *avant garde* tão peculiar a Maria Tereza – numa época em que os computadores ainda eram objetos desconhecidos na grande maioria das universidades brasileiras ela, antecipando-se ao seu tempo, publicou um livro voltado para a Linguística Computacional.

De fato, escrito em meados do século XX, o livro *Teoria Linguística (linguística quantitativa e computacional)*, de autoria de Biderman por sua configura-se ainda hoje como obra de referência a estudiosos de diversas áreas linguísticas.

Ressalta-se ainda que grande parte da atual lexicografia de nível internacional “é uma lexicografia baseada em *corpus*, o que tem permitido uma descrição mais pormenorizada e próxima do uso efectivo das unidades lexicais em situações concretas de uso” (CORREIA, 2008, p. 6), o que provavelmente se deva ao fato de a LC ser uma área de caráter interdisciplinar cujos estudos aplicam-se, entre outros ramos do saber à Lexicografia, aos estudos sistemáticos da língua (gramática), à Fraseologia, à Filologia e à Linguística Aplicada tendo como ponto de partida o levantamento de uma significativa quantidade de ocorrências de determinado fato linguístico. Sobressai-se nos estudos de *corpora* o empirismo e, portanto, os exemplos reais de uso que são analisados levando-se em conta fenômenos que envolvam questões de frequência, de estatística e de probabilidade.

Esse caráter empírico da LC a torna opositiva à visão racionalista da linguagem, que concebe o conhecimento como resultado de princípios estabelecidos *a priori*. A essa contraposição subjaz uma oposição de correntes filosóficas (empirista X racionalista) representada pelos programas de pesquisa de Chomsky (1972) e de Halliday (1976) uma vez que o primeiro vê a linguagem como possibilidade, enquanto o segundo a concebe como probabilidade (SARDINHA, 2004a, p. 30) e, por isso mesmo, a ênfase das investigações baseadas em *corpus*

recai sobre a descrição linguística, ao invés de sobre a busca de universais linguísticos (ROCHA, 2000, p. 239)

O número de pesquisas realizadas com base em *corpora* tem crescido significativamente e “atualmente a LC exerce grande influência na pesquisa linguística” (SARDINHA, 2004a, p. 5) e, como mencionamos anteriormente, a metodologia da LC, embora não constitua um recurso novo, não é demais ressaltar que

o advento do computador digital alterou radicalmente as possibilidades deste tipo de abordagem, uma vez que o armazenamento de enormes quantidades de dados, sob a forma de corpora de grande porte, tornou-se relativamente fácil, particularmente com o barateamento do custo das máquinas nos últimos anos. A eficiência com que os computadores realizam operações de busca e recuperação permite que uma grande quantidade de ocorrências de um dado fenômeno seja analisada com rapidez e precisão (ROCHA, 2000, p. 232)

Em verdade, como já explicitava Biderman (1984a, p.17), “o advento do computador constituiu verdadeira revolução dentro da ciência da informática” e também da Linguística, sendo seus benefícios particularmente sentidos em algumas áreas, dentre as quais a Lexicografia e a LC. Reconhecendo a importância do computador para os estudos linguísticos, sobretudo os lexicais e de *corpora*, Bejóint (2010, p. 348-370) pondera que a “invenção do computador é comparável à invenção de um sistema de escrita: multiplica as possibilidades de armazenar e de tratar informações, aliviando-nos assim do esforço da memorização”³².

Realmente, o esforço de compilação e de memorização necessários para o desenvolvimento de obras lexicográficas de *corpora* de um modo geral não é pequeno, sendo que, conforme Sanromán (2001, p. 108), segundo os cálculos do INFOTERM estima-se que haja no mundo mais de trinta milhões de objetos, tanto de categoria física quanto conceitual, o que leva à impossibilidade de uma pessoa conhecer a totalidade de palavras a eles correspondentes, o que faz supor qual seria o grau de dificuldade que tradutores, lexicógrafos ou terminólogos [acrescemos à

³² The invention of the computer is comparable in magnitude to the invention of a writing system: it multiplies the possibilities of storing and treating information, thus relieving us of the effort of memorizing (BEJÓINT, H. Computer and Corpora In: Bejóint H. *Lexicography of English*, 2010, p. 348).

lista os linguistas de *corpora*] enfrentariam em seus trabalhos não fosse o auxílio dos computadores para o acesso a grandes bases de dados.

Mediante o exposto, torna-se clara a compreensão de que nos dias atuais a utilização da informática é praticamente imprescindível para a realização de atividades em determinados ramos da Linguística, dentre os quais voltamos a frisar a Lexicografia e a LC devido à quantidade de dados que os estudiosos dessas áreas necessitam manipular.

Percebe-se, portanto, que a LC liga-se intimamente à linguística computacional, “um termo genérico utilizado para abranger praticamente qualquer uso de computadores para a análise e geração de línguas humanas” (ROCHA, 2000, p. 32).

Na verdade, a LC surge a partir de uma intersecção entre um ramo das Ciências Humanas e um das Ciências Exatas, mais precisamente, da intersecção entre a Linguística e a Computação, mas há que se ressaltar, no entanto, a existência de um debate acerca da definição de seu *status*, no sentido de classificá-la como disciplina ou como metodologia. De acordo com Sardinha (2004a p. 35-36), essa área do saber não se constitui como disciplina tal qual a psicolinguística ou a sociolinguística por não possuir objeto de estudo delimitado nem dedicar-se a um assunto definido, mas ocupa-se de diversos fenômenos enfocados em outras áreas, tais como o léxico e a sintaxe dentre outros. Esse autor cita as posições teóricas de McEnery e Wilson (1996) que concebem a LC como metodologia e de Leech (1992), para quem a LC é uma base metodológica.

Por ser extremamente abrangente, a LC acaba por permitir possibilidades amplas de pesquisa e de organização de bases de dados, o que faz com que seu *status* pareça indefinido, ora sendo compreendido como disciplina, ora como área de apoio a outros ramos do saber. Para Granger (2002, *apud* FERREIRA, 2006, p. 12), a Linguística de *Corpus* pode ser mais bem definida como uma metodologia fundada no uso de coletâneas de textos naturais, os *corpora*. Não se trata de um novo ramo da linguística nem de uma nova teoria de linguagem, mas a própria natureza da evidência que utiliza a torna uma metodologia particularmente poderosa, com potencial para mudar as perspectivas sobre a linguagem.

Essa argumentação é contraposta por Sardinha (2004a, p. 36): entendendo-se a metodologia como “um modo típico de aplicar um conjunto de pressupostos de

caráter teórico”, a LC não pode ser definida como metodologia por não resumir-se a um conjunto de ferramentas, mas por trazer consigo algo além do instrumental computacional, como investigações de comportamento e de colocações lexicais, por exemplo. Além disso, esse pesquisador explicita que há uma segunda razão pela qual a LC não se caracteriza como metodologia: o fato de seus praticantes produzirem conhecimento novo.

Uma terceira possibilidade é apresentada por Hoey (1997, *apud* SARDINHA, 2004a, p. 37): a de que a Linguística de *Corpus* não é nem metodologia, nem disciplina, mas sim “uma rota para a linguística”, uma perspectiva de se chegar à linguagem, perspectiva essa que atua como “uma janela que molda como enxergamos a linguagem” e que pode ser definida como abordagem. Sardinha (2004b, 37) esclarece ainda que alguns linguistas de *corpus* – dentre eles Douglas Biber, autor de *Corpus Linguistic* – preferem adotar o termo *abordagem baseada em corpus*, definição essa adotada para este trabalho.

3.2 – *Corpus* – Conceituação

A Linguística de *Corpus* é uma área que estuda a língua mediante a observação de grandes quantidades de dados linguísticos reais – textos falados ou escritos oriundos da comunicação no mundo real – da língua em uso – com o auxílio de ferramentas computacionais. Dentre essas definições apresentadas Sardinha (2004) destaca como mais completa a elaborada por Sanchez-Cantos (1996, *apud* Sardinha, 2004a, p. 18) que define *corpus* como

[...] um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em quantidade e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

Já Lenci *et al.* (2005, p. 26) define *corpus* como “uma coleção de textos selecionados e organizados de modo a cumprir critérios específicos que os tornam funcional para análise linguística” e salienta que os *corpora* textuais representam a

principal fonte de dados em LC ³³. Essa análise linguística pode referir-se tanto a uma determinada língua quanto a uma variedade linguística mediante evidências empíricas extraídas por computador. No entanto, faz-se mister destacar que, conforme assevera Sardinha (2004a, p. 3), “*havia corpora* antes do computador, já que o sentido original da palavra *corpus* é corpo, conjunto de documentos”.

Durante o século XX diversos pesquisadores dedicaram-se à descrição linguística por meio de *corpora*, dentre os quais Thorndike, Boas e Fries; diferenciando-se os estudos dessa época dos atuais por pelo menos dois pontos fundamentais: o primeiro é que “os dados eram coletados, mantidos e analisados manualmente” e o segundo é que de um modo geral esses trabalhos voltavam-se ao ensino de línguas (SARDINHA, 2004a, p. 3). Na atualidade, segundo Lenci *et al.* (2005, p. 27), “o termo *corpus* tornou-se de fato sinônimo de *corpus* eletrônico, ou de *corpus* de texto em formato digital”³⁴. De acordo com Sardinha (2004a, p. 19) a formação desse *corpus* eletrônico, a que esse autor denomina *corpus* computadorizado, deve preencher quatro pré-requisitos, a saber: o *corpus* deve ser composto por textos autênticos e em língua natural e deve ser escrito por falantes nativos; o conteúdo do *corpus* deve ser escolhido criteriosamente e ser representativo.

O cumprimento dos pré-requisitos permitem que ao invés de intuir respostas, o pesquisador analise criteriosa e sistematicamente uma grande coletânea de material produzido por nativos da língua tanto no âmbito da fala quanto da escrita e observe fenômenos reais de comportamentos linguísticos, o que segundo Trask (1999, p. 40) transformam os *corpora* em fontes de informações altamente confiáveis, livres de julgamentos e opiniões.

3.2.1 – Tipologia de *corpus*

Cada *corpus* é resultado de um trabalho de seleção, cujos critérios de escolha determinam não apenas a natureza desse *corpus*, mas também suas possibilidades

³³ “Una collezione di testi selezionati e organizzati in maniera tale da soddisfare specifici criteri che li rendono funzionali per le analisi linguistiche. I corpora testuali rappresentano la principale (anche se non esclusiva) fonte di dati in LC” (LENCI *et al.*, 2005, p. 26).

³⁴ Il ruolo dei computer nell'uso dei corpora è così cruciale che ormai il termine stesso di corpus è diventato di fatto sinonimo di corpus elettronico, ovvero corpus di testi in formato digitale (LENCI *et al.*, 2005, p. 27).

de uso, portanto, ao selecionar um *corpus* como fonte de dados linguísticos para análise computacional, devemos, antes de tudo, avaliar cuidadosamente se seu conteúdo e organização correspondem ao nosso propósito e se esse *corpus* é capaz de fornecer o tipo e a quantidade de informações em que estamos interessados (LENCI *et al.*, 2005, p. 27).

A elaboração de um *corpus* requer a observação de alguns critérios fundamentais dentre os quais situamos a representatividade, a extensão e a tipologia. Com referência à tipologia, Zavaglia e Orsi (2010, p. 14-15) asseveram que um *corpus* pode ser falado ou escrito e quanto à temporalidade, os classifica como: sincrônico, diacrônico, contemporâneo, histórico, de amostragem, dinâmico, estático e equilibrado, e, quanto ao conteúdo, classifica os *corpora* como *corpus* em potencial, especializado e regional ou dialetal.

Para Zavaglia (2010, p. 15-16), podemos ainda distinguir os *corpora* quanto à origem de sua autoria, dividindo-os em duas categorias; *corpus* proveniente de falantes nativos de determinada língua e *corpus* provenientes de falantes não nativos dessa língua e que a autora classifica como *corpus* de aprendiz.

Em se tratando de finalidade Zavaglia (2010, 16) classifica os *corpora* como de estudo, de referência e de treinamento ou teste.

- a) *corpus* de estudo: usado para descrição dos textos selecionados;
- b) *corpus* de referência: utilizado como contraste com o *corpus* de estudo;
- c) *corpus* de treinamento ou teste: criado para desenvolver aplicações e/ou ferramentas de análise.

No tocante à disposição interna, Zavaglia (2010, p. 16), esclarece que um *corpus* pode ser paralelo, quando possui textos comparáveis; e alinhado, quando as traduções aparecem abaixo de cada linha do original. Destaca ainda a estudiosa que “a nomenclatura empregada na Linguística de *Corpus* para definir o conteúdo e o propósito dos *corpora* é muito extensa” e apresenta critérios de classificação tipológica em consonância com Sardinha (2004).

Em resumo pode-se deduzir que o tipo de *corpus* depende do recorte linguístico que se deseja estudar. Tomando como base a caracterização estabelecida por Zavaglia (2010, p. 14-15), é possível classificar o *corpus* selecionado para este trabalho como escrito, sincrônico, histórico, de amostragem, potencial e regional.

3.2.2 – A representatividade do *corpus*

Todo *corpus* é essencialmente representativo, quer seja de uma língua ou de uma variedade dela. De acordo com Sardinha (2004a, p. 23), não há critérios objetivos para a determinação da representatividade e, “quando se diz que um *corpus* deve ser representativo, entende-se representatividade em termos da extensão do *corpus*, isto é, de um número determinado de palavras e de textos”. Esse autor (2004a, p. 23) destaca ainda que o *corpus* constitui uma amostra de uma população dimensionalmente desconhecida (a linguagem com um todo), de modo que não é possível exatificar o tamanho ideal de uma amostra representativa dessa população. Ressalta, porém, que “uma salvaguarda é tornar a amostra maior possível, a fim de que ela se aproxime ao máximo da população da qual deriva, sendo portanto mais representativa” (SARDINHA, 2004, p. 23). Mediante essa exposição depreende-se que quanto maior a extensão do *corpus*, maior a sua representatividade. Mas a extensão não pode ser tomada como único e exclusivo parâmetro de representatividade. Sánches (1995, *apud* ZAVAGLIA 2010, p. 17) afirma que “para ter um *corpus* representativo, não importa somente o tamanho dele; além disso, ele deve estar adequadamente sistematizado e ordenado. Sem esses requisitos não é possível alcançar um mínimo de representatividade”.

Em se tratando da representatividade de uma língua – aqui considerada em seu todo - é consenso entre os linguistas de *corpus* que a organização de um *corpus* deve abranger amostras de vários gêneros discursivos, tanto de modalidade oral quanto escrita. Concernente a isso Biderman (2001, p. 79) argumenta que

[...] no desenho do corpus é necessário que haja uma proporção equilibrada dos diferentes tipos de texto e/ou temas nele incluídos. É também importante que o corpus seja representativo dos diferentes gêneros e variedades dos usos linguísticos, ou seja, impõe-se a representatividade dos diferentes níveis de linguagem para assegurar a inclusão de todos os aspectos do idioma. Só assim o corpus pode representar, em miniatura, o universo multifacetado da língua. Quando se projeta um corpus visa-se extrair de sua observação generalizações sobre a língua. Portanto, não se pode atribuir um peso excessivo a um gênero ou a outro.

Ao analisar-se um recorte linguístico temporal, no entanto, faz-se necessário considerar o objetivo da compilação, a adequação aos interesses do pesquisador,

[...] se a análise for feita sobre determinada característica de um autor, por exemplo, o corpus deve ter, no máximo, o tamanho que

comporte os textos daquele autor (pode ser composto por um único texto ou por vários, dependendo do autor). Se a análise for sobre a língua no geral, o corpus pode ser bem extenso, composto por vários textos de diversos autores para que contenha características diversas, aproximando-se ao máximo de todas as características que uma língua possui. Como não existem critérios universais para determinação de uma representatividade que atenda as noções gerais de corpus, a questão da representatividade continua com suas controvérsias (ZAVAGLIA, 2010, p. 17).

De acordo com Sardinha (2004a, p. 17), a representatividade de um *corpus* tem como base as questões “representativo de quê?” e ‘representativo para quem?’. Segundo ele, para se responder à primeira questão, deve-se considerar a amostragem, pois “para que qualquer amostra seja representativa, é necessário conhecer a população da qual ela provém”. De acordo com os prescritos de Sardinha (2004a, p. 23-24), a representatividade diz respeito à probabilidade, que proporciona a possibilidade de se estabelecer uma relação entre traços mais ou menos comuns em determinado contexto, sendo que em qualquer *corpus* as formas de frequência única, denominadas *hapax legomena* constituem maioria.

Sardinha (2004a, p. 24) argumenta ainda que o sentido das palavras também exerce peso na representatividade do *corpus* e que a frequência e a forma são insuficientes como parâmetros, uma vez que “mesmo palavras de alta frequência possuem vários sentidos”, de modo que uma frequência alta pode ocultar diversos sentidos, que separados teriam baixa frequência. Então, para que seja representativo, deve conter o maior número possível de sentidos de cada forma.

A outra perspectiva apresentada pelo autor para enfocar a questão da representatividade parte da pergunta “representativo para quem?” que segundo ele “tem validade porque [...] não se pode demonstrar, nesse estágio do conhecimento dos fenômenos de larga escala da linguagem, qual seria uma amostra representativa” e, por essa razão, compara a representatividade a um ato de fé, o que equivale a dizer que “os usuários de um *corpus* atribuem a ele a função de ser representativo de uma variedade”. Desse modo, “o ônus” de demonstrar a representatividade da amostra em questão e de “ser cuidadoso” com relação a seus achados para uma população inteira (a língua considerada em sua totalidade) ou parte dela (um gênero, uma variável) é dos usuários (SARDINHA, 2004a, p. 25). Partindo desse pressuposto e considerando que o gênero textual relato de viagem sugere “um registro menos formal da língua, menos planejado, e, portanto,

possivelmente mais permeável aos usos (variáveis) correntes na linguagem da época” (BERLINCK, 2007, p. 16), selecionamos esse gênero textual como base para a organização do nosso *corpus* de pesquisa.

Isso posto, compreende-se que o estudo do léxico a partir de relatos de viagens se mostra relevante para a compreensão da norma da vertente brasileira do português no recorte temporal selecionado, haja vista que esse gênero textual “sugere um registro menos formal da língua, menos planejado, e, portanto, possivelmente mais permeável aos usos (variáveis) correntes na linguagem da época.” (BERLINCK, 2007, p. 16).

Considerando que, no século XIX, a Região Centro-Oeste foi marcada por inúmeras viagens e expedições de caráter científico, exploratório e econômico, e somando-se a isso o fato de a colonização do Brasil – e da América como um todo – ter inicialmente privilegiado as áreas litorâneas, os relatos de viajantes que adentraram os sertões brasileiros constituem importantes documentos de registro de aspectos da realidade nacional que proporcionam o conhecimento e a pesquisa de riquezas de ordem natural e linguística de determinada região. No caso deste trabalho, as obras *Viagens ao redor do Brasil*, de João Severiano da Fonseca, e *Notícias sobre a Província de Mato Grosso Seguida d'um roteiro da viagem de sua capital à São Paulo*, de Joaquim Ferreira Moutinho, foram selecionadas como textos base pelo fato de se enquadrarem na delimitação espaço-temporal estabelecida para a pesquisa e por situarem-se num período peculiar da História do Brasil: o período entre e pós a Guerra do Paraguai, que perdurou pelo período de 1864 a 1870.

Entendemos ainda que os textos selecionados são representativos pelo fato de serem redigidos em língua natural e de seus autores serem falantes nativos da língua portuguesa, critérios estabelecidos como fundamentais por Sardinha (2004a, p. 23) para a representatividade de um *corpus*. Os campos semânticos presentes nas obras selecionadas estão ligados a fatos sócio-históricos tanto da Capitania de Mato Grosso quanto da Província e são registrados em obras de distintos autores, não contemplados neste estudo ou por não se enquadrarem no recorte temporal selecionado ou por tratarem de episódios específicos, como é o caso *A retirada da Laguna*, de Alfredo d'Escragno Taunay (1874), obra que descreve episódio homônimo ocorrido durante a Guerra do Paraguai e que é repleta de lexis

pertencentes aos campos semânticos *guerra, armas e militarismo*, lexias estas, presentes nas obras *Notícias sobre a Província de Mato Grosso Seguida d'um roteiro da viagem de sua capital à São Paulo* (1869) e *Viagem ao Redor do Brasil* (1880-1881), tomadas como fonte para esta pesquisa. Dentre as lexias comuns às obras mencionadas, citamos como ilustrativas: *canhão, capitão, comandante, espada, expedição, forte, guerra, inimigo tenente*, dentre inúmeras outras.

O mesmo se dá ao compararmos o vocabulário de doenças e de plantas presentes nos textos-fonte com o veiculado na obra *Enfermidades Endêmicas da Capitania de Mato Grosso*, de Alexandre Rodrigues Ferreira (1791), do qual citamos a título de exemplos as lexias designativas de plantas medicinais *arruda, ipecacuanha, jaborandi, poaia, quina, salsaparrilha* etc e como designativas de enfermidades as lexias *diarreia, febre, corrupção, peste*, dentre outras. Seriam inúmeros os exemplos de obras produzidas durante os Períodos Colonial e Imperial que poderíamos citar a fim de traçar um paralelo entre seu vocabulário e o presente nos textos tomados como fontes para este trabalho, nosso intuito, no entanto, não é esgotar o assunto, mas sim reiterar a representatividade do *corpus* de estudo desta pesquisa.

Julgamos importante salientar também o fato de que os perfis sócio-econômico-culturais dos autores das obras selecionadas são distintos, o que se reflete em sua linguagem e em seu vocabulário, resultando, portanto, em diferentes estilos de escrita que abrangem dois polos do falar da época: o de um erudito (Fonseca), que era militar, médico, político etc., praticamente um diplomata e o de um homem comum (Moutinho), que era comerciante, um homem do povo. Cremos que isso concede mais credibilidade ao trabalho por não priorizar-se apenas um âmbito vocabular.

3.2.3 – A extensão do *corpus*

Conforme salientamos anteriormente, a extensão do *corpus* está estritamente vinculada à representatividade, servindo muitas vezes, como parâmetro para esta última, em virtude da inexistência de medidas ou de regras que exatifiquem essas questões e, embora a extensão seja considerada um critério fundamental para a representatividade, “pouco se tem pesquisado a definição de critérios mínimos de

extensão para a constituição de um *corpus* representativo” (SARDINHA, 2004a, p. 25).

Para esse mesmo autor, (2000, p. 344) a extensão do *corpus* comporta três dimensões: a primeira diz respeito ao número de palavras, que é uma medida da representatividade do *corpus* “no sentido de que quanto maior o número de palavras maior será a chance de o *corpus* conter palavras de baixa frequência, as quais formam a maioria das palavras de uma língua”. A segunda refere-se ao número de textos e se aplica a *corpora* de textos específicos. Um número de textos maior proporciona maior representatividade ao tipo textual, gênero, ou registro em questão. A terceira relaciona-se ao número de gêneros, registros ou tipos textuais. “Esta dimensão se aplica a *corpora* variados, criados para representar uma língua como um todo. Aqui, um número maior de textos de vários tipos permite uma maior abrangência do espectro genérico da língua”.

Para se detectar a extensão de um *corpus*, existem atualmente, segundo Zavaglia (2010, p. 14), diversas abordagens, dentre elas:

(i) Abordagem impressionística: baseia-se em constatações advindas da criação ou exploração dos *corpora* para determinar a sua extensão;

(ii) Abordagem histórica: é a que parte da monitoração dos *corpora* usados pela comunidade;

(iii) Abordagem estatística: utiliza a estatística para determinar a extensão do *corpus*.

Como exemplo de classificação de *corpora* com base em observação Sardinha (2004a, p. 26) apresenta o seguinte quadro com base em observações de *corpora* submetidos a quatro anos de conferências:

Tamanho em palavras	Classificação
Menos de 80 mil	Pequeno
80 a 250 mil	Pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	Médio
1 milhão a 10 milhões	Médio-grande
10 milhões ou mais	Grande

Fig. 1 – Classificação de *corpora* por extensão (Sardinha, 2004a)

Em se tratando de população inteira (a língua considerada em sua totalidade, Sardinha (2004a, p. 98) compreende que “o tamanho mínimo necessário para um *corpus* de estudo depende (a) do que se pretende estudar e (b) da especialização do *corpus*’. Em categoria morfossintáticas, Sardinha (2004a, p.98) aplicou a metodologia de amostras linguísticas significativa, que, segundo ele foi sugerida por Biber (1990-1993) e encontrou os seguintes valores, em quantidade de palavras, como amostras mínimas para o inglês escrito:

Categoria	Corpus geral	Corpus especializado
Verbo	67.187	13.848
Substantivo	74.551	8.555
Adjetivo	149.694	21.234
Advérbio	205.206	68.953
Pronome	913.256	40.945
Numeral	1.180.815	91.161

Fig. 2 – Classificação de *corpora* por classe gramatical (Sardinha, 2004a)

Sardinha (2004a, p. 100) esclarece ainda que “os tamanhos críticos de *corpora* de referência são 2,3,5 vezes o tamanho do *corpus* de estudo” e salienta que “o tamanho recomendado de um *corpus* de referência é cinco vezes o tamanho do *corpus* de estudo”. Segundo ele, um pesquisador não necessita de um *corpus* de referência maior, pois a quantidade de palavras-chave obtida seria equivalente à obtida com *corpora* maiores, além de enfatizar que “a composição do *corpus* de referência influencia os tipos de palavra que podem se tornar chave”.

Abordaremos na sequência o conceito de palavra, distinguindo-a de vocábulo e de lexias.

CAPÍTULO IV – O ESTATUTO DA PALAVRA

4.1 – Palavra e vocábulo

Desde a antiguidade, mais precisamente desde a época dos antigos gregos, paira sobre os estudos linguísticos o dilema da compreensão do conceito de palavra, que já nessa época era concebida como unidade articuladora do discurso. Biderman (2001, p. 99) esclarece que, para Dionísio da Trácia, a sentença compunha-se de um conjunto de palavras gramaticais, conceito que foi veementemente contestado por diversos linguistas no decorrer do último século, época em que, de acordo com essa autora, o conceito de palavra foi considerado pré-científico.

As palavras constituem elementos utilizados cotidianamente pelo homem na composição de enunciados e que funcionam como a base da comunicação, no entanto, definir o que seja palavra é uma tarefa complexa: Saussure (1998, p. 128) asseverava que “a palavra, malgrado a dificuldade que se tem para defini-la, é uma unidade que se impõe ao espírito, algo central no mecanismo da linguagem”; já Basilio (2000, p. 11) concebe a “palavra” como “uma dessas unidades linguísticas que são muito fáceis de reconhecer, mas bastante difíceis de definir”. Biderman (2001, p. 100), por sua vez, entende que a noção de é relativa, pois varia de acordo com o nível de consciência do falante, que segundo a autora, se surpreenderia ao saber que os linguistas não encontram um consenso para definir a “palavra”. Nesse sentido, Castilho (2010, p. 54) vai um pouco além ao afirmar que a palavra “pode ser considerada a ‘unidade linguística maldita’, tais são as dificuldades em conceituá-la”.

No decorrer de sua história, as ciências da linguagem têm procurado coerente e satisfatoriamente definir essa tão controversa unidade linguística e, como resultado, alguns critérios puderam ser estabelecidos. Tendo como ponto de partida a premissa de Saussure (1998, p. 15) de que “é o ponto de vista que cria o objeto”, compreendemos que essas ciências analisaram a ‘palavra’ sob diversos aspectos. Segundo Biderman (2001, p. 137), dentre os diversos critérios utilizados para a delimitação e definição da *palavra*, é possível isolar-se três: (i) o fonológico, (ii) o gramatical ou morfossintático e (iii) o semântico. Para Bizzocchi (2010, p. 52-53)

essa unidade da língua pode ser considerada como: (i) elemento gráfico, (ii) unidade de fonema, (iii) unidade morfossintática, (iv) unidade indivisível.

Enquanto elemento gráfico, a palavra não apresenta maiores dificuldades de definição, como é atestado por Basilio (2000, p. 11): “na língua escrita, não temos problemas de definição neste eixo, e podemos definir a palavra como qualquer sequência que consta entre espaços em branco e/ou sinais de pontuação”.

Nesse ponto, retomamos as ideias de Chomsky sobre gramaticalidade e agramaticalidade e tomamos a liberdade de acrescentar à definição de Basilio (2000, p. 11) o fato de que essa sequência deve, antes de tudo, ser aceitável pela norma de determinada língua para ser validada. Consideramos aqui a concepção coseriana de *norma* como “um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente” (COSERIU, 1980, p. 50). Esse critério incorre ainda no agravante de depender das regras ortográficas, que são prescritivas.

Há que se considerar ainda outra questão: a de que a definição da palavra enquanto elemento gráfico não contempla as línguas ágrafas, que são maioria no mundo, segundo Biderman (2001, p. 99), o que não isenta seus falantes de um conhecimento intuitivo do que seja a palavra, o que atesta parte das ponderações de Sapir (1921, n.p.) com relação à sua experiência com falantes de línguas indígenas ágrafas da América do Norte:

[...] nenhum teste é mais convincente do que aquele no qual o índio simplório, totalmente desconhecedor do conceito de palavra escrita, não tem, porém, séria dificuldade em ditar um texto a um linguista, palavra por palavra; naturalmente, ele é conduzido a pronunciar as palavras juntas como na fala real, mas se o interrompermos, fazendo-o compreender aquilo que se deseja, ele pode isolar as palavras como tal prontamente, repetindo-as como unidades.

Quanto ao caráter morfossintático da palavra, Biderman (2001, p. 107) retoma as ideias de Bloomfield (1933), segundo o qual formas livres são ‘palavras’, são unidades mínimas discursivas, ou seja, mesmo que pronunciadas isoladamente, acarretam sentido. Essa conceituação se opõe à de formas presas, que se constituem como unidades significantes que atribuem valor (ou significado), uma unidade livre ou a outra unidade presa. Como exemplo de formas livres Biderman (2001, p. 107) cita ‘o homem’, e explica que tanto ‘o’ quanto ‘homem’ constituem formas livres, já como exemplos de formas presas a autora cita diversas terminações, tais como ‘ando’, ‘endo’ e ‘edor’, formativas de trabalhANDO, vendENDO e

vendEDOR. A respeito da palavra enquanto unidade de som, Biderman (2001, p. 137) explica que “a palavra pode ser imperfeitamente caracterizada como uma sequência fonológica que recorre sempre com o mesmo significado” e afirma que é possível isolarem-se as palavras na cadeia da fala pausando as fronteiras entre cada vocábulo, de modo que “uma palavra seria, pois, uma sequência fônica que constituísse uma emissão completa, após a qual a pausa é possível”. No entanto, essa autora não descarta a possibilidade de uma exceção à regra em casos particulares como, por exemplo, o caso em que o falante, em virtude de uma necessidade isole parte de uma palavra ou expressão e enfatize esse segmento para obter melhor compreensão por parte de um interlocutor. A estudiosa destaca ainda que “quase todos os linguistas concordam com a fragilidade do critério fonológico na delimitação das palavras” (BIDERMAN, 2001, p. 138) e exemplifica esse fato com a dissonância entre a quantidade de segmentos fônicos (três) e a de número de palavras (seis) na sequência ‘as armas e os barões assinalados’, pois, nesse caso, o falante “tem consciência das unidades silábicas da fala, mas reúne essas sílabas em palavras na sua mente, através de processos gramaticais e semânticos, mas não fonéticos”.

Quanto ao terceiro critério, que diz respeito à palavra enquanto unidade morfossintática, Biderman (2001, p. 143) já dissertava que:

[...] uma vez reconhecidas as unidades léxicas em potencial no interior do enunciado, através da análise fonológica (potencialidade de pausa, acento da palavra, outras regras fonológicas), devemos submeter os segmentos assim isolados às regras morfossintáticas que atuam no sistema linguístico em consideração. Isso porque, embora haja correspondência entre um vocábulo fonológico e um vocábulo mórfico, nem sempre existe entre ambos coincidência rigorosa. Nessa segunda etapa da análise haveria dois critérios atuando simultaneamente: a) a classificação gramatical da palavra, em função dos marcadores morfossintáticos que ela apresenta e, portanto, filiação a determinados paradigmas; b) a função exercida pela palavra na sentença. Por conseguinte, estaremos superpondo um critério formal a um critério funcional.

Já com relação ao critério semântico, Biderman (2001, p. 149-151), postula que este se relaciona ao significado, ressalta que, de acordo com Martinet (1963), “não se deve recomendar um método que abstraia totalmente do sentido das unidades significativas” e alerta-nos sobre os riscos a que se expõe o sujeito que se aproxima sem precauções do domínio semântico, uma vez que cada diferença de sentido corresponde a uma diferença de forma “num ponto qualquer da mensagem”.

A definição de palavra pelo critério semântico é tão complexa que Benveniste (1974, p. 126 *apud* BIDERMAN, 2001, p. 151) chega a comparar a questão do sentido com a cabeça de Medusa:

Na relação da forma com o sentido surge o problema que atormenta toda a Linguística moderna... e que muitos linguistas gostariam de reduzir apenas à noção da forma, mas sem conseguir se livrar do seu correlato, o sentido. O que não se tentou para evitar, ignorar, ou expulsar o sentido? Inutilmente: essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando aqueles que a contemplam.

Enfim, como se pode notar mediante o exposto, a questão dos critérios para a definição de palavra tem se revelado como um dos maiores problemas para os linguistas, pois a todas as questões anteriormente mencionadas soma-se o fato de cada idioma possuir peculiaridades que, por sua vez, ocasionam diferentes problemas de estruturação e de configuração da palavra.

Essa compreensão do que seja a palavra é fundamental para o trabalho de análise lexical, que inclui a adoção de alguns termos como, por exemplo, o de “vocábulo”, considerado sinônimo de “palavra”, que é um “termo operacional como elemento da linguagem comum. Num uso não específico é a designação pertinente, já que qualquer falante do idioma identifica o seu *designatum* sem problemas” (BIDERMAN, 1996, p. 32).

A autora salienta ainda que “vocábulo” “é uma unidade paradigmática que, no caso de ser flexionável pode revestir o discurso de várias formas”, já “no caso da unidade lexical abstrata, será melhor utilizar o termo *lexema* e chamar de “lema” sua representação canônica no dicionário” (BIDERMAN, 1996, p. 33). A autora ressalta que a utilização desses termos técnicos elimina ambiguidades e apresenta definições esclarecedoras expondo inclusive que:

[...] o *léxico* é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; *vocabulário* é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades. No plano das realizações discursivas qualquer sequência significativa será chamada indiferente e imprecisamente de *palavra* ou *vocábulo*. A unidade denominativa para um conjunto de formas flexionadas que compõem um paradigma será denominada *lexema/lema*. [...] O uso desses termos técnicos eliminaria as ambiguidades, indesejáveis em ciência. [...] O termo *palavra* é inadequado, porém, quando se trata de identificar as *unidades léxicas* da língua (nível do sistema), sobretudo numa práxis contábil como a da *Estatística Léxica*, em que é necessário distinguir bem aquilo que se conta (BIDERMAN, 1996, p. 32-33).

A essa oposição entre “palavra” e “vocábulo”, Borba (2003, p. 19-20) associa a de significado/significação e esclarece que “o termo significado indica o valor individual e paradigmático do item léxico”, por isso “toda unidade tem potencialmente um ou mais significados disponíveis para o falante” (BORBA, 2003, p. 19-20). Pontua ainda que todo significado possui lugar definido no sistema a que pertence. Já os termos significação ou sentido, segundo o mesmo autor, representam “o valor semântico resultante da combinatória de unidades de sequência”, de modo que o sentido não constitui meramente uma soma de significados porque abrange “todos os elementos significativos necessários à comunicação”, inclusive o contexto, a situação e as atitudes e disposições dos interlocutores (BORBA, 2003, p. 20).

Biderman (2001, p. 111-123) considera ainda que o conceito de palavra não possui valor absoluto, mas é relativo e varia de língua para língua, o que significa que só é possível identificar ou delimitar uma unidade léxica no interior da língua.

De acordo com Borba (2003, p. 19), “o termo palavra tem sido evitado em descrição linguística por se prestar a equívocos, principalmente quando se aplica à análise de línguas não indo-europeias. Em seu lugar tem-se proposto *lexia*³⁵, *lexema*”, concepção já acordada por Dubois (1973, p. 360) com o intuito de evitar uma ambiguidade do termo “palavra”.

Percebe-se, pelo exposto, que a questão da conceituação e da delimitação da *palavra* é, de fato, bastante complexa, tanto que Casares (1992, *apud* Sanromán, 2001, p. 129) assevera que “basta recordar que os mais insígnies gramáticos jamais chegaram a um acordo acerca de uma definição do conceito de palavra”³⁶ e até a atualidade há, ainda, inúmeras discussões sobre a distinção e o uso dos termos “palavra”, “vocábulo” e “lexia”. Nesse sentido, Hausmann (*apud* SANROMÁN, 2001, p. 129-130) argumenta que “para o lexicógrafo a palavra é antes de tudo uma unidade gráfica no marco da convenção ortográfica”, ou seja, para esse estudioso a palavra se caracteriza como o “conjunto delimitado por dois espaços em branco, aspas, espaço e sinal de pontuação ou espaço e hífen” (SANROMÁN, 2001, p. 130). Com base no ponto de vista de Sapir (1921), apresentada anteriormente neste mesmo tópico, acrescentamos à explicação de Sanromán a observação de que para

³⁵ De acordo com Pottier (1975, p. 236-43), a *lexia* constitui a unidade de comportamento léxico, opondo-se ao morfema, concebido por ele como o menor signo linguístico.

³⁶ “[...]basta recordar que los más insígnies gramáticos no acertaron jamás a ponerse de acuerdo acerca de una definición del concepto palabra” [TN]

que ocorra a existência de uma palavra não basta haver um conjunto gráfico delimitado por espaços em branco ou sinais de pontuação, mas é preciso que esse conjunto gráfico produza sentido dentro da norma linguística na qual está inserido.

Não é demais destacar que ainda que não haja um consenso, uma unanimidade quanto ao conceito de *palavra*, *vocábulo* e *lexia*, as obras lexicográficas continuam a ser produzidas com o intuito de auxiliar o consulente a compreender o significado das unidades lexicais de sua língua.

4.2 – Lexema e lexia – lexias simples, complexas e compostas

Não há como discutir o conceito de palavra sem considerar o conceito de lexema, termo que, segundo Biderman (2001, p. 169), foi cunhado pelos linguistas para evitar os equívocos e as imprecisões causadas pelas designações *palavra* e *vocábulo*. De acordo com essa estudiosa, o termo *lexema* designa a unidade léxica abstrata na língua e se manifesta no discurso por meio de formas fixas ou variáveis, sendo a segunda alternativa mais frequente nas línguas flexivas e aglutinantes, de modo que, em português, o lexema *cantar*, por exemplo, pode manifestar-se no discurso como *cantei*, *cantavam*, *cantas*, *cantando* etc. Às formas que aparecem no discurso, Biderman (2001, p. 99) denomina *lexia*, termo proposto pelos linguistas Pottier; Audubert & Pais (1975) para substituir o termo *palavra*. Para esses autores (1975, p. 10), “*lexia* é a unidade memorizada”, o que equivale dizer que *lexias* são sequências linguísticas armazenadas em nossa memória, ou seja, de acordo com Pottier; Audubert & Pais (1975, p. 26-27), quando o falante utiliza determinadas construções como, por exemplo, ‘quebrar o galho’, ele não constrói essa combinação no momento em que fala, mas a retira de sua memória lexical.

Os mesmos autores (1975, p. 10) esclarecem ainda que há uma hierarquia articulatória nas relações dos signos linguísticos dentre os quais o morfema é a forma significativa mínima que, por sua vez, comporá o lexema, que comporá a *lexia*, que comporá o sintagma que, por sua vez, dará origem ao enunciado, que tanto pode ser simples, como composto. Para ilustrar melhor essa relação, Pottier; Audubert & Pais (1975, p. 10) recorrem a uma reta na qual posicionam os níveis dos signos:

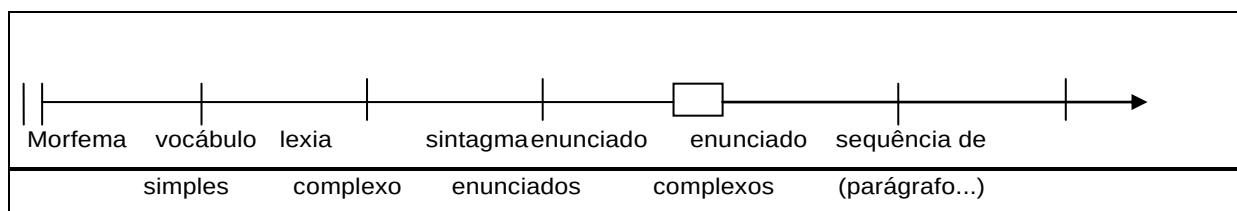


Fig. 3 – Hierarquia dos níveis linguísticos segundo Pottier *et. al.* (1975).

As lexias podem ser de caráter simples, complexo ou composto. A lexia simples é considerada monolexemática por possuir apenas um radical, de um único lexema, que pode ser ou não acrescido de afixos, por essa razão, a lexia simples coincide com o que a gramática normativa denomina palavra simples e palavra derivada, ou seja, com uma palavra primitiva, como *pedra*, por exemplo, ou com uma palavra acrescida de um afixo, como *pedreiro*.

Mediante o exposto, infere-se que a lexia composta é polilexemática, ou seja, possui mais de um radical, sendo, portanto, uma combinação de lexias simples. Constituem exemplos de lexias compostas: *aguardente*, *fura-bolo*, *erva-doce*, *saca-rolhas*, dentre outros. Note-se que tais lexias podem ser justapostas ou aglutinadas.

As lexias complexas também são consideradas polilexemáticas por serem constituídas por dois ou mais lexemas que passam por processos de lexicalizações, formando, desse modo, “uma combinação frequentemente realizada no discurso” (POTTIER; AUDUBERT; PAIS, 1975, p. 6-31), atingindo, desse modo, determinados graus de fixidez no uso da língua, ou melhor dizendo, nas construções discursivas. Grosso modo, é como se as lexias complexas assumissem o significado de uma palavra simples. Pottier *et. al.* (1975, p. 27) exemplifica as lexias complexas com as seguintes unidades: *a punhaladas*, *ponte levadiça*, *estado de sítio*, *mesa-redonda* etc. e ressalta que há duas classes de lexias: i) as que possuem um ou mais morfemas lexicais e que são acompanhados de morfemas gramaticais, como *peles-vermelhas* e ii) as que possuem apenas morfemas gramaticais, tais como *aqueles*, *agora*, *mas*. Os substantivos, objetos de estudo deste trabalho, situam-se na primeira classe, ou seja, possuem morfema lexical e caracterizam-se “por marcas de determinação (artigo), número e, às vezes, sexo” (POTTIER; AUDUBERT; PAIS, 1975, p. 28).

Ponderamos que, embora essa proposta de Pottier (1975) tenha trazido uma grande contribuição para a elucidação do conceito de palavra, não consegue

resolver o problema por completo, já que o termo *lexia*, sobretudo as complexas e compostas, tem sido objeto de discussão.

Esclarecemos ainda que não nos aprofundamos nessa discussão, pois o nosso propósito é somente abordar historicamente alguns aspectos dessa polêmica discussão acerca do conceito de palavra.

Na sequência, trataremos dos procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa.

CAPÍTULO V – PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este capítulo apresenta e discute a metodologia adotada para a realização deste trabalho, desde a seleção dos textos-fonte até a elaboração do *Vocabulário do português na Província de Mato Grosso no século XIX: um legado de relatos de viagens*. Primeiramente tratamos dos objetivos do estudo e dos questionamentos que nortearam a pesquisa, para os quais são apresentadas algumas respostas no final do trabalho. Na sequência, relatamos como se deu a escolha do tema e do *corpus* por nós analisado, bem como sua coleta e construção e, em seguida, apresentamos uma breve exposição sobre os *softwares* utilizados para a pesquisa, descrevendo suas interfaces, ferramentas e recursos. Para finalizar, abordamos o *corpus* de referência e apresentaremos os procedimentos adotados para a análise dos dados.

5.1 – Objetivos e questionamentos

Conforme destacamos na introdução, o objeto deste trabalho foi o estudo do léxico relacionado a aspectos da realidade da Província de Mato Grosso no período entre e pós-Guerra do Paraguai, para elaborar um *corpus* de referência deste estudo foi extraído das obras *Notícias sobre a Província de Mato Grosso seguida d'um roteiro da viagem de sua capital à São Paulo*, de Joaquim Ferreira Moutinho (1869) e *Viagem ao redor do Brasil*, de João Severiano da Fonseca volume I (1880) e volume II (1881) e o estudo se deu a partir de duas principais perspectivas: i) levantamento e organização do *corpus estudado* – o léxico da Capitania de Mato Grosso no período entre e pós-Guerra do Paraguai – e, ii) tratamento lexicográfico dos dados – elaboração do *Vocabulário*.

É sabido que os substantivos constituem a principal classe de palavra por meio da qual o homem constrói e expressa sua visão de mundo. Partindo de tal premissa, este estudo busca analisar a representatividade dos substantivos presentes nas obras citadas, verificando em que medida refletem a visão de mundo veiculada na Região Centro-Oeste no período

abrangido pelo recorte temporal proposto, sendo que, para tanto, além de elaborar o *Vocabulário*, nos propusemos a responder aos seguintes questionamentos:

1) qual a produtividade das entradas segundo a origem linguística e os campos selecionados?

2) que relações podem ser estabelecidas entre as unidades lexicais mais produtivas e a realidade da Província de Mato Grosso?

3) quais campos lexicais se sobressaem em relação às bases linguísticas?

Expostos os objetivos e questionamentos, esclarecemos que a seleção do gênero textual “relato de viagem” deveu-se ao fato de conforme salientamos anteriormente, esse tipo de obra não se constitui texto de cunho científico e, portanto, prioriza um registro menos formal da língua, aproximando-se, portanto, do real uso da linguagem da época a que se refere (BERLINCK, 2007, p. 16).

Além disso, há que se observar o fato de os viajantes que adentraram e percorreram o território brasileiro, durante os séculos XVI a XIX, terem desempenhado papel de destaque quanto ao registro do falar de sua época ao narrarem em suas correspondências, crônicas, relatos, memórias, diários, álbuns e desenhos dentre outros meios de registro, aspectos da vida social, política e econômica dos habitantes do Brasil da época, bem como características da fauna, e da flora brasileiras e das etnias que aqui habitavam. Conforme salienta Correa (2008, p. 12),

como testemunha ocular de realidades pretéritas, o viajante tem uma posição privilegiada enquanto informante. Além do que seu olhar registra, há também no relato dos viajantes compilações de outras fontes (primárias e secundárias). Material linguístico, iconográfico, cartográfico e elementos da tradição oral pululam nos relatos de viagem.

Considerando ainda que a escolha adequada do *corpus* é fator primordial para o sucesso de um trabalho do tipo a que nos dispusemos a realizar e que este estudo, por meio de um recorte sincrônico, busca dar

mostras das relações entre o recorte vocabular selecionado, o ambiente e aspectos da história do Brasil Colônia, recorremos à orientação dos historiadores da UFMS, Valmir Batista Corrêa e Lúcia Salsa Corrêa, para fundamentar a seleção de textos realmente representativos da realidade da referida capitania, uma vez que, de acordo com Sardinha (2004a, p. 24), “o sentido das palavras também entra na discussão da representatividade”, de modo que, além da extensão do *corpus*, pesou na escolha o fato de que o *corpus* do *Vocabulário* deve retratar essa realidade, o que nos motivou a analisar somente palavras plenas (lexicais) da classe dos substantivos comuns, por ser essa a utilizada pelo homem para nomear sua realidade, razão pela qual constitui, como já asseverado, uma testemunha da interação entre o homem e seu ambiente.

As obras que serviram de base para a pesquisa foram obtidas via on-line³⁷, em formato PDF, dos quais providenciamos a impressão e a conversão para o formato Word. Essa conversão se deu inicialmente pelo aplicativo *on-line* NewOCR³⁸ do livro *Notícia sobre a Província de Matto Grosso*, porém, por incompatibilidade de formatação não foi possível converter os demais. Além disso, considerando que cada volume utilizado para a pesquisa possui mais de 400 páginas, a maior dificuldade em utilizar esse programa consistiu no fato de que ele converte apenas uma página de cada vez, tornando o processo de conversão demasiadamente lento. Vários outros aplicativos foram testados sem que se conseguisse a conversão dos volumes restantes até que tivemos acesso e adquirimos o programa AbbyFineReader³⁹ 11, um software de conversão de arquivos de imagens para formato *word*, desenvolvido especialmente para uso no Brasil e que faz reconhecimento de caracteres de diversas línguas ocidentais, inclusive do Guaraní, reduzindo, assim, a margem de erros da conversão e facilitando a conferência, que são fartos no caso de textos antigos, devido à grafia diferente de muitas palavras, às manchas, às falhas de impressão e

³⁷ i) Fonseca (1880 e 1881)³⁷: <http://biblio.etnolinguistica.org/fonseca_1880_viagem>; ii) Moutinho (1869): <http://books.google.com.br/books?Id=8yAQAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>

³⁸ Disponível em <<http://www.newocr.com/>>

³⁹ Disponível em: <http://www.abbyy.com.br/finereader_brasil/>

aos borrões, que o programa lê como caracteres e inclui (ou exclui do texto), deturpando-o. Por esses e outros motivos, a correção exige muito tempo e atenção do corretor, que deve preocupar-se em realizar um trabalho com margem de erro zero a fim de que os dados finais não apresentem distorções estatísticas e ortográficas, por exemplo, que podem gerar falseamento dos resultados.

A inclusão dos substantivos de origem tupi no *corpus* de estudo deve-se, conforme exposto na introdução deste trabalho, ao fato da significativa influência que essa língua exerceu para a fixação da norma da língua portuguesa no Brasil.

A importância do estudo das línguas indígenas era já reiterada por Ayron Rodrigues que ressaltou que “as línguas indígenas constituem [...] um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil” (MONSERRAT, 1986, p. 5).

Na atualidade, são abundantes os exemplos de unidades lexicais de origem tupi que nomeiam topônimos bem como elementos da fauna e da flora brasileiras. Rodrigues (1986, p. 21) considera que

[...] a língua indígena tradicionalmente mais conhecida dos brasileiros – conquanto esse conhecimento se limite em regra só a um de seus nomes, Tupi – é justamente o Tupinambá. [...] Numa amostra de pouco mais de mil nomes brasileiros populares de aves, um terço, cerca de 350 nomes, são oriundos do Tupinambá. [...] numa amostra de 550 nomes populares de peixes, quase a metade (225 ou 46%) veio da língua indígena. É notável a quantidade de lugares com nomes de origem Tupinambá, quase sem alteração de pronúncia, muitos deles dados pelos luso-brasileiros dos séculos passados a localidades onde nunca viveram índios Tupinambá.

É fato que as línguas são classificadas em grupos ou famílias de acordo com o critério genético, e que o conhecimento dessas línguas se dá por meio de estudos histórico-comparativos. No caso do Tupinambá, tanto este quanto o Guaraní antigo

[...] são conhecidos por documentos dos séculos XVI e XVII [sendo] as correspondências regulares entre essas duas línguas [...] tantas e tais, que sugerem a hipótese de que as duas tenham a mesma origem, como formas alteradas de uma só língua anterior (RODRIGUES, 1986, p. 30).

Desse modo, descendendo de um tronco comum, essas línguas apresentam semelhanças e em alguns casos identidade tanto em se tratando de unidades lexicais quanto de expressões. Como exemplos de palavras e de expressões idênticas em ambas línguas, Rodrigues (1986, p. 30) cita: *itá* (pedra), *tatú i* (tatu), *ipó* (mão dele), *opý* (pé dele mesmo), *apytá* (eu fiquei), dentre outros. Esclarecemos, no entanto, que não faz parte dos objetivos deste trabalho a análise histórico-comparativa de palavras indígenas, e que, portanto, não nos voltamos a questões dessa natureza, mas sim ao registro, definição e abonação das mesmas no *Vocabulário* aqui proposto. Para fundamentar a classificação das palavras selecionadas como tupinismos, nos reportamos, conforme já mencionado, ao *Dicionário Tupi Português – Com esboço de gramática de Tupi Antigo* (1981), de autoria de Luiz Caldas Tibiriçá e ao *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi* (2001), de Antônio Geraldo da Cunha.

Já a opção de verificar-se no *corpus* ocorrências de substantivos de origem africana pauta-se no parecer de Volpato (1996, p. 219), ao expor que

anteriormente os historiadores, cronistas e viajantes que escreveram sobre Mato Grosso não privilegiaram as questões relativas à escravidão e informações sobre ela aparecem tangencialmente no relato de outros aspectos da realidade regional.

A análise das lexias de base linguística africana tem como fonte as obras *Falares Africanos na Bahia* (2005), de autoria de Yeda Pessoa de Castro e o *Novo Dicionário Banto do Brasil* (2003), de autoria de Nei Lopes, que esclarece ser o Banto “o termo português que designa um grande grupo de línguas e dialetos negros-africanos”. (LOPES, 2003, p. 17).

Considerando que a participação do negro para o desenvolvimento de Mato Grosso foi significativa, buscamos, dentro das orientações metodológicas estabelecidas, verificar a ocorrência de africanismos nos textos dos relatos de viagens que embasam esta pesquisa.

Lembrando-nos sempre das palavras da nossa orientadora no início de nossa jornada como pesquisadora (ainda na Iniciação Científica) – “o pesquisador deve sempre pensar adiante e ter em mente que seu objeto de pesquisa poderá ser reutilizado por si ou por outros pesquisadores para fundamentar outros estudos” –, procuramos realizar a correção dos textos

com o máximo de cuidado, não pensando apenas na questão da autoria ou da semântica das palavras, quesito para este estudo, mas também em outras questões, de modo que mantivemos a exata grafia produzida pelos autores bem como respeitamos a prosódia apresentada pelos textos, com o intuito de possibilitar que os mesmos adequem-se a futuros trabalhos não apenas no âmbito da Lexicografia e da Semântica, bem como de outros ramos da Linguística, como por exemplo, da Filologia.

Julgamos pertinente ainda, ressaltar alguns dados sobre o *corpus* de referência deste estudo, bem como sobre as obras que subsidiaram nossa pesquisa. Estas informações foram dispostas no tópico a seguir.

5.1.2 – *Corpus de referência e obras consultadas*

O *corpus* de referência deste estudo constitui-se de 23.837 palavras, sendo que destas catalogamos 315 substantivos considerados representativos do cotidiano do homem da Província de Mato Grosso.

Essa diferença numérica se deve principalmente ao fato de que não foram consideradas para a composição do *corpus* as palavras gramaticais, que geralmente predominam em qualquer *corpus* de base textual.

Conforme já mencionado, esse *corpus* foi extraído das obras *Notícias sobre a Província de Mato Grosso Seguida d'um roteiro da viagem de sua capital à São Paulo* (1869), de autoria de Joaquim Ferreira Moutinho e *Viagem ao Redor do Brasil*, vol. 1 (1880) e vol. 2 (1881), de João Severiano da Fonseca.

Joaquim Ferreira Moutinho, comerciante, nasceu na cidade do Porto, em Portugal, e chegou a Mato Grosso por volta de 1850, fixando residência em Cuiabá. Sua obra compõe-se de duas partes distintas, sendo a primeira estruturada em dezesseis capítulos nos quais o autor descreve tanto os aspectos físicos da região, sua infraestrutura, seus habitantes e hábitos, algumas tribos e seus dialetos, aspectos econômicos, os governadores e seus atos, as fundações de algumas localidades. Disserta sobre a vegetação da região, as plantas medicinais e as enfermidades que atingiam a Província e sobre o surto de varíola que a assolou. Trata ainda da Guerra do Paraguai

e suas consequências e narra alguns episódios do cotidiano dos habitantes, alguns pitorescos, outros nem tanto, alguns trágicos, como o falecimento de sua filha de dois anos e a dor de retornar a Portugal, deixando-a sepultada tão distante.

A segunda parte da obra de Moutinho (1869) organiza-se em quatro partes e compreende um diário no qual o autor registra fatos e detalhes de sua viagem de Mato Grosso a São Paulo, tais como aspecto físico das regiões pelas quais passou – incluindo parte do território hoje ocupado pelo Rio Grande do Sul – algumas tribos indígenas e seus hábitos, a flora, o relevo, a hidrografia e aspectos político-administrativos.

Sua linguagem acessível, e sua narrativa ‘leve’, torna agradável a leitura desse texto que mais parece uma pintura composta por palavras e que ao mesmo tempo constitui um importante documento para a compreensão da trajetória histórica e sociopolítica de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul.

João Severiano da Fonseca (Alagoas, 1836 – Rio de Janeiro – 1897), membro de uma família de tradição militar, foi considerado um

Homem de inteligência privilegiada e vasta cultura, Severiano da Fonseca desempenhou as mais diversas funções como médico e militar. Atuou na Campanha do Uruguai, na Guerra da Tríplice Aliança e em Canudos; foi cirurgião em hospitais militares; membro da Academia Imperial de Medicina e Inspetor-geral do Serviço Sanitário do Exército (PORTAL ESCOLA DE SAÚDE DO EXÉRCITO BRASILEIRO, n.d.)⁴⁰.

Quanto à obra *Viagem ao Redor do Brasil*, trata-se de um diário estruturado em três partes: a primeira intitulada *Esboço Chorographico da Provincia de Matto-Grosso* divide-se em quatro capítulos e possui um apêndice denominado *Itinerario da Côrte á cidade de Matto-Grosso*; a segunda parte intitula-se *Villa Bella, cidade de Matto-Grosso* e estrutura-se em seis capítulos; e a terceira, *Itinerario da cidade de Matto-Grosso ao Rio de Janeiro*. Essa obra configura-se como “o primeiro trabalho sobre geopolítica escrito no Brasil. Nele, João Severiano retrata o Brasil com sua

⁴⁰ Disponível em < http://www.essex.ensino.eb.br/html/a_essex/patrono/patrono_sau.htm >

geografia detalhada, o que foi de fundamental importância para posteriores estudos sobre o tema” (SILVA, *apud* CROCCO, 2008, n.p.)

Em sua obra, Fonseca, descreve aspectos físicos da Província de Mato Grosso, tais como clima, solo e relevo, descreve a ação de diversas doenças, algumas práticas de cura e diversas plantas medicinais, os costumes dos habitantes e de várias etnias indígenas e organiza um glossário do vocabulário dessas etnias, realiza uma descrição potamográfica da região e disserta sobre atividades políticas e econômicas, tais como a devastação das madeiras-de-lei na Província, produtos e relações comerciais e questões militares. Narra com detalhes as dificuldades que os membros das expedições enfrentavam devido à ingremidade da região e destaca a participação dos índios na exploração e na colonização da região da Província e adjacências.

Reiteramos que, a partir da descrição da realidade da Província, descrita nos textos-fonte mencionados, selecionamos para compor a nomenclatura do *Vocabulário*, substantivos cujos sentidos foram confrontados com os constantes nos seguintes dicionários de língua geral de Moraes (1813), de Silva Pinto (1832), de Cândido de Figueiredo (1913), de Houaiss (2009) e Ferreira (2010) com vistas a verificar informações acerca do significado, da morfologia e da etimologia do item lexical em causa, além disso foram consultados os dicionários de língua tupi: de Tibiriçá (1984), de Cunha (2001) e o de língua africana de Lopes (2003).

Além das obras lexicográficas consultadas, também subsidiaram este estudo as seguintes obras: *Materia Medica ou Pathogenesis Homeopatica* (MELLO MORAES, 1857)⁴¹; *Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessorias* (Chernoviz, 1890); *As plantas curam* (BALBACH, 1926); *Dicionário das plantas úteis do Brasil* (CRUZ, 1979); *Dicionário de termos militares* (ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO, 1980); *Plantas Medicinais no ano 2000 – dicionário de plantas medicinais* (CONCEIÇÃO, 1984); *Dicionário de termos náuticos, marítimos e portuários* (LEAL, 1991);

⁴¹ Disponível em http://books.google.com.br/books?id=EBKB8_z0CrM8C&pg=PA296&lpg=PA296&dq=materiaa+medica+ou+pathogenesis&source=bl&ots=eniNKBRsVb&sig=TOXXukmz5EA6TwbxN_QHqF7VO2s&hl=pt-BR&sa=X&ei=4LHdUN6FLYbq8wSinIGwDQ&ved=0CDIQ6AEwAA#v=onepage&q=mat%20eriaa%20medica%20ou%20pathogenesis&f=false Acesso em 28 dez 2012

Alimentos regionais brasileiros (Ministério da Saúde, 2002⁴²) e *Novo Dicionário Banto do Brasil* (Lopes, 2003).

A seguir detalhamos a etapa de preparação do *corpus* por meio dos aplicativos de software mencionados.

5.2 – O programa NewOCR

Em nossa busca pela internet por editores de texto que se enquadrassem à nossa proposta de trabalho, tivemos acesso ao aplicativo *on-line NewOCR*: de interface simples (apresentada pela figura 6, a seguir), esse aplicativo de tecnologia OCR⁴³ é um serviço *on-line* gratuito que reconhece 58 idiomas e que possibilita a conversão de uma imagem em texto editável. A interface do *NewOCR* pode ser vista na figura 4:

The image shows the 'Free Online OCR' web interface. At the top, it says 'Convert JPEG, PNG, GIF, BMP, TIFF, PDF, DjVu to Text'. Below this, there's an 'About' section explaining the service. The main area has two options: 'Select your file' with a button 'Escolher arquivo' and 'File URL' with a text input field containing 'http://'. There's also a 'Recognition language' section with a dropdown menu showing a list of languages: Portuguese (selected), Portuguese, English, English, Afrikaans, Albanian, Arabic, and Azerbaijani. At the bottom, it mentions '[T] Tesseract OCR, [C] Cuneiform OCR'.

Figura 4 – Interface do aplicativo *on-line* NewOCR

Para iniciar o procedimento de conversão do arquivo, clica-se no campo *escolher arquivo*, para que o aplicativo tenha acesso às pastas de arquivos do usuário. O arquivo desejado deve ser selecionado e inserido para leitura e conversão, e em seguida, deve-se especificar no campo

⁴² Disponível em < http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/alimentos_regionais_brasileiros.pdf> Acesso em 27 dez 2012.

⁴³ Optical Character Recognition, tecnologia que permite extrair-se o texto de uma imagem e armazená-lo em arquivo de formato editável, como o Word, por exemplo.

Recognition Language, o idioma desejado para a leitura a conversão do arquivo, clicando-se a seguir na opção *Preview*. O detalhamento desses procedimentos é ilustrado pela figura 5 a seguir:

The screenshot shows the 'Free Online OCR' website interface. At the top, it says 'Convert JPEG, PNG, GIF, BMP, TIFF, PDF, DjVu to Text'. Below this is an 'About' section. The main area is titled 'Select your file' and contains a button labeled 'Escolher arquivo' (highlighted with a red circle) next to the text 'Notici...df.pdf'. Below this is a 'File URL' input field with 'http://' entered. Underneath is the 'Recognition language' section, which has a dropdown menu showing 'Portuguese' (highlighted with a red circle) and a 'Search language' button. A list of languages is visible below the dropdown, including '[T] Portuguese' and '[C] Portuguese'. At the bottom of the interface is a blue button labeled 'Preview' (highlighted with a red circle). Social media sharing icons for Facebook, Twitter, and others are also present.

Fig. 5 – NewOCR – Seleção de arquivo para conversão

Na sequência, conforme ilustra a figura 6, seleciona-se (se necessário) rotação da imagem no campo *Rotate Image*, e nos três quadros seguintes, as opções de layout do texto (se organizado em colunas), a limpeza do texto para a normalização do contraste entre as cores e a eliminação de manchas geralmente originadas no ato do escaneamento. A seguir, no último quadro disponível, seleciona-se a página a ser clicando-se na opção *Preview*.

Free Online OCR Convert JPEG, PNG, GIF, BMP, TIFF, PDF, DjVu to Text

Select pages from 1 to 480

Recognition language

Search language

- [T] Portuguese
- [C] Portuguese
- [T] English
- [C] English
- [T] Afrikaans
- [T] Albanian
- [T] Arabic
- [T] Azerbaijani

[T] Tesseract OCR [C] Cuneiform OCR

Rotate image ☒ 0° ☐ CCW 90° ☐ 180° ☐ CW 90°

☐ Page layout analysis - split multi-column text into columns

☒ Normalize the contrast in image

☒ Remove gray shadows from an image. This is useful for a scanned book pages, where a shadow typically appears near the book crease or near one side of the image.

Page 20 of 480

Figura 6 – NewOCR – Seleção e layout de página

Após esses procedimentos, o aplicativo abrirá a página a ser digitalizada e deve-se clicar na opção OCR, conforme demonstra a figura 7, a seguir:

Select pages from 1 to 480

Recognition language

Search language

☒ Portuguese
☐ Portuguese
☐ English
☐ English
☐ Afrikaans
☐ Albanian
☐ Arabic
☐ Azerbaijani

☐ Tesseract OCR, ☐ Cuneiform OCR
 Rotate image: ☒ 0° ☐ CCW 90° ☐ 180°
☐ CW 90°

☐ Page layout analysis - split multi-column text into columns
☒ Normalize the contrast in image
☒ Remove gray shadows from an image. This is useful for a scanned book pages, where a shadow typically appears near the book crease or near one side of the image.

Page of 480

Upload New File

Like 2k | Tweet 162 | +1 230 | Share 898

Warning! Click and drag on the image to select an area

Figura 7 – NewOCR – Visualização da página selecionada

Na sequência, o aplicativo gera a visualização da página gerada em formato de texto, para completar o procedimento, deve-se, na opção download, selecionar-se o formato desejado para a conversão do arquivo. A figura 8, a seguir, ilustra esse processo:

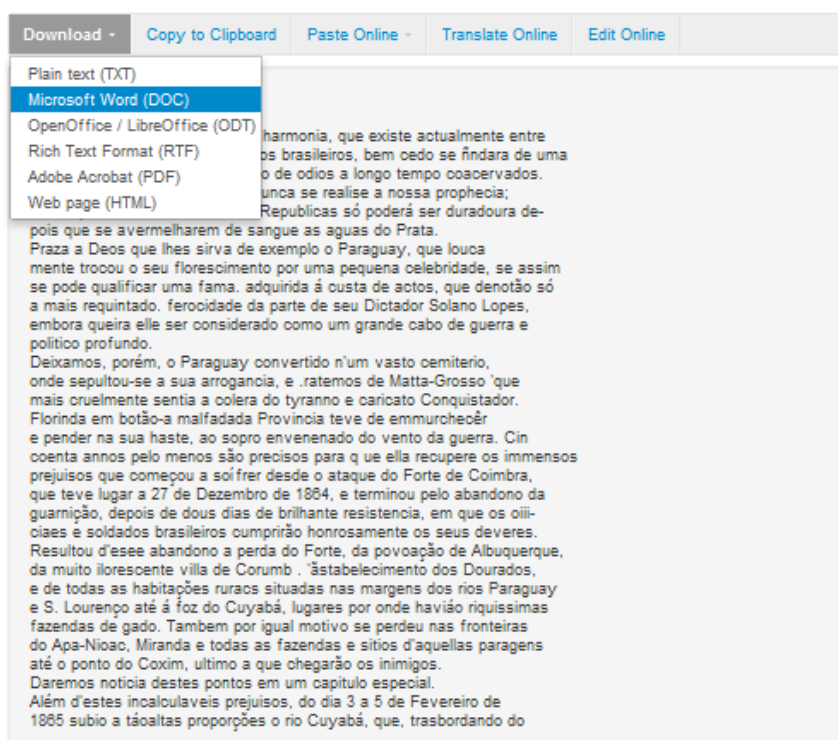


Fig. 8 – NewOCR – visualização de página em formato de texto

O aplicativo abrirá a opção para salvamento do arquivo, conforme exposto na figura 9:

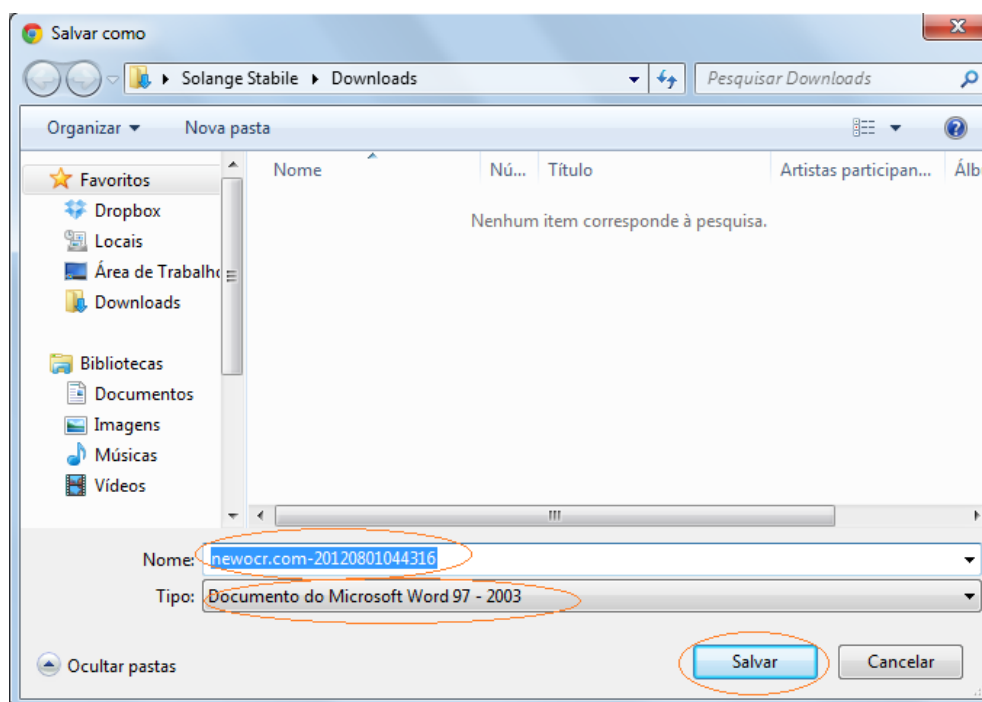


Fig. 9 – NewOCR – Opção para armazenamento de arquivo

Para concluir o processo, deve-se então selecionar a pasta desejada para o armazenamento do arquivo, alterar-lhe o nome, confirmar o tipo de documento desejado e clicar em salvar, conforme se observa na figura 10:

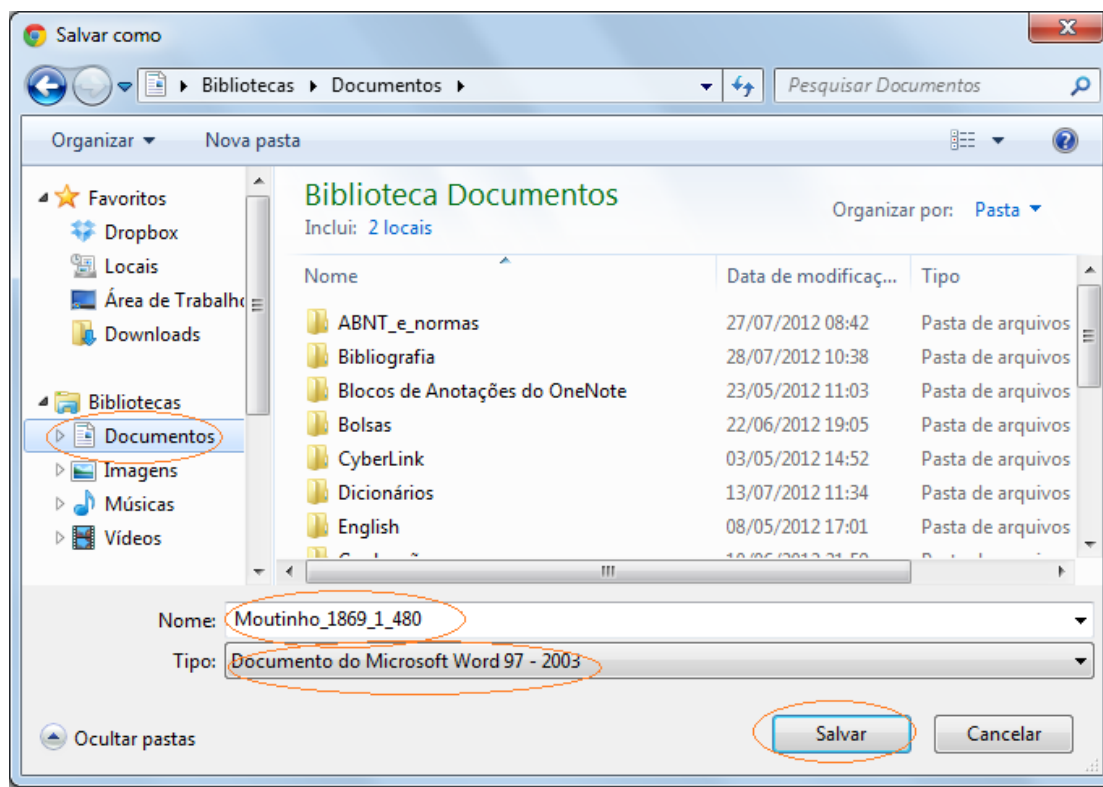


Fig. 10 – Definições de arquivo para armazenamento

É importante ressaltar que, para arquivos que possuam mais de uma página, é necessário repetir-se o processo para cada uma, procedimento que adotamos para a conversão de documento de formato PDF para Word do arquivo livro *Notícias sobre a Província de Mato Grosso Seguida d'um roteiro da viagem de sua capital à São Paulo*, de Joaquim Ferreira Moutinho (1869). Para inserir novos documentos para conversão, deve-se clicar na opção *Update New File*.

5.3 – O programa Abby FineReader 11

Por prováveis questões de formatação e/ou de segurança, os dois outros arquivos de livro de que dispúnhamos em formato PDF – Os volumes I e II da obra *Viagem ao redor do Brasil*, de João Severiano da Fonseca

(1880-1881, respectivamente) não foram convertidos pelo aplicativo anterior, de modo que tivemos que empreender nova busca por um software que realizasse a tarefa. O fato de o *NewOCR* converter apenas uma página de cada vez também nos motivou a buscar um *software* que convertesse um arquivo completo em uma única etapa. Após várias pesquisas e tentativas infrutíferas, por meio de um fórum virtual de informática, tivemos acesso ao *O ABBYY FineReader 11 Edição Brasil*,⁴⁴ edição especial do software *ABBYY FineReader*, aplicativo de tecnologia OCR de nova geração, que reconhece e converte documentos impressos, em PDF e arquivos de imagens para arquivos editáveis. A ADRTTM (Tecnologia Adaptável de Reconhecimento de Documento) reconhece e analisa o documento de maneira contextualizada, ou seja, em sua totalidade, compreendendo e convertendo todos os elementos de sua estrutura, inclusive tabelas, colunas, números de página, cabeçalhos, rodapés e notas de referências. Essa edição para usuários brasileiros suporta como idioma de interface de usuários apenas o português do Brasil, mas reconhece e converte documentos de 114 línguas naturais, dentre elas o Guaraní, além de reconhecer alguns idiomas artificiais⁴⁵.

Adquirida a licença de uso, instalamos por meio de CD, o software, que de modo semelhante ao aplicativo anterior, possui interface simples e intuitiva – conforme ilustra a figura 11:

⁴⁴ O software ABBYY Finereader pode ser adquirido por meio do endereço <http://www.abbyy.com.br/fine reader_brasil/>.

⁴⁵ Fórmulas química simples e linguagem computacional.

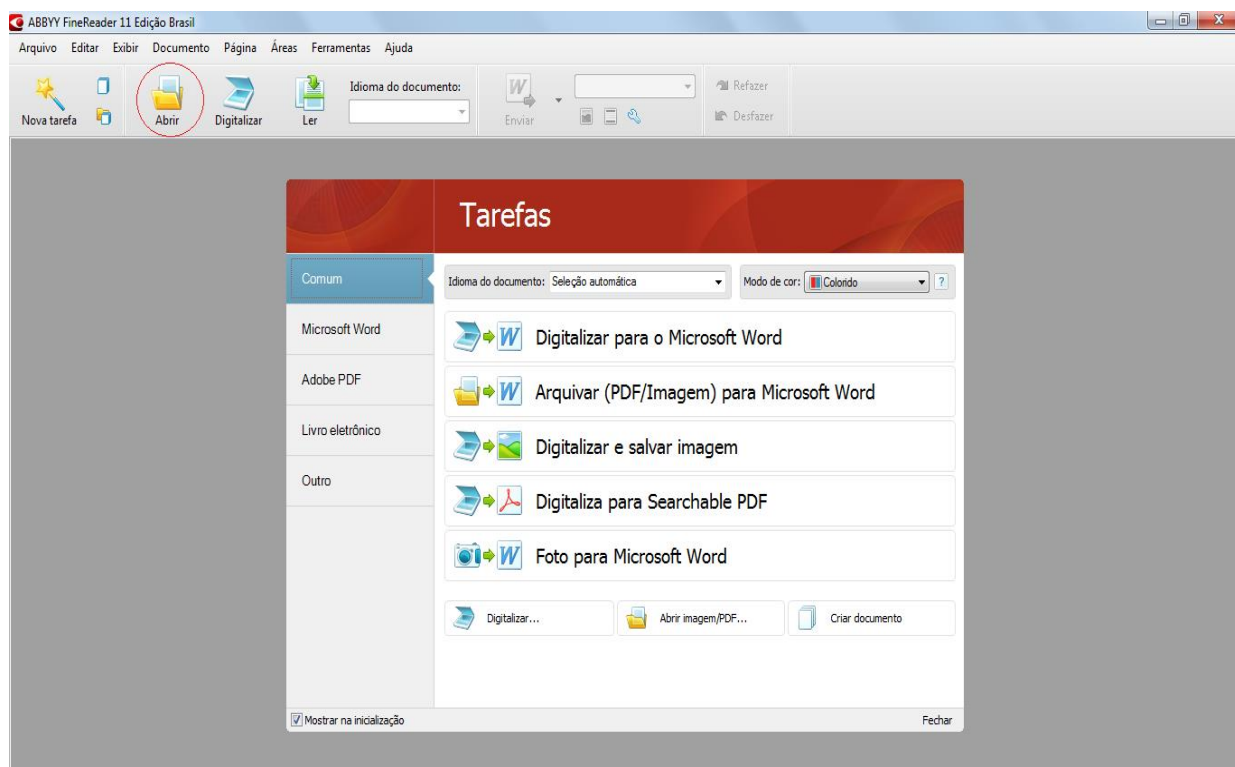


Fig. 11 – ABBYY FineReader 11– Tela inicial

Clicando-se na opção *abrir*, o software realiza o reconhecimento do arquivo, conforme ilustra a figura 12:

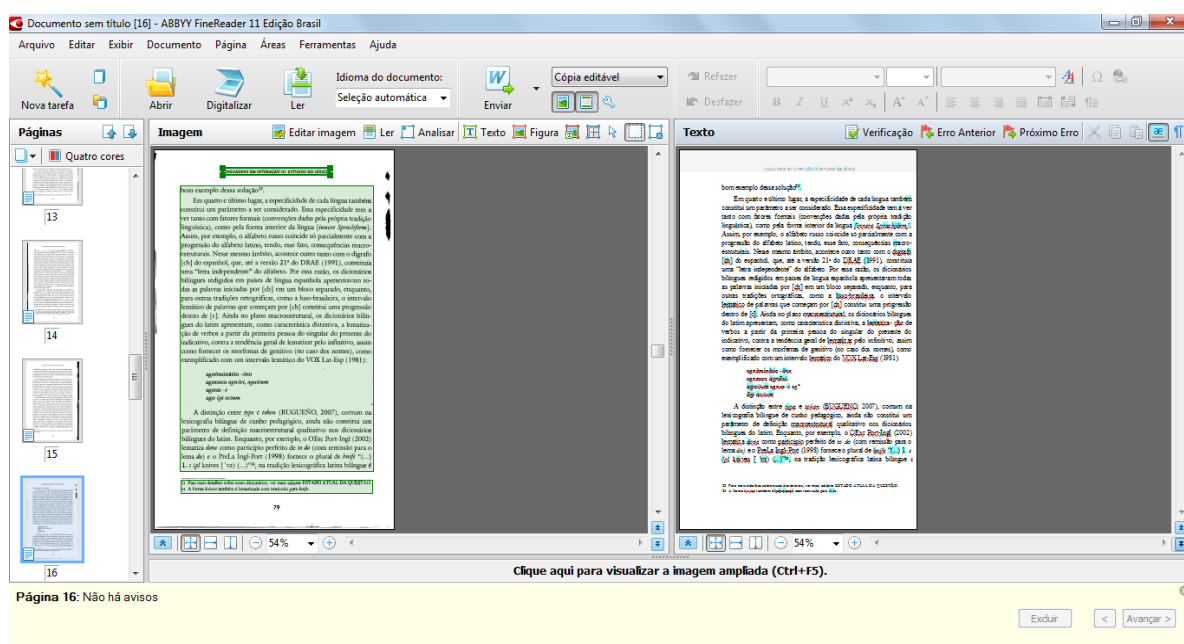


Fig. 12 – ABBYY FineReader11 – Reconhecimento de arquivo

Após o reconhecimento, clicando-se na opção *enviar*, seleciona-se a opção de formato desejada para o armazenamento do arquivo, conforme se pode observar pela figura 13, a seguir, para que o *software* abra automaticamente o arquivo em formato editável.

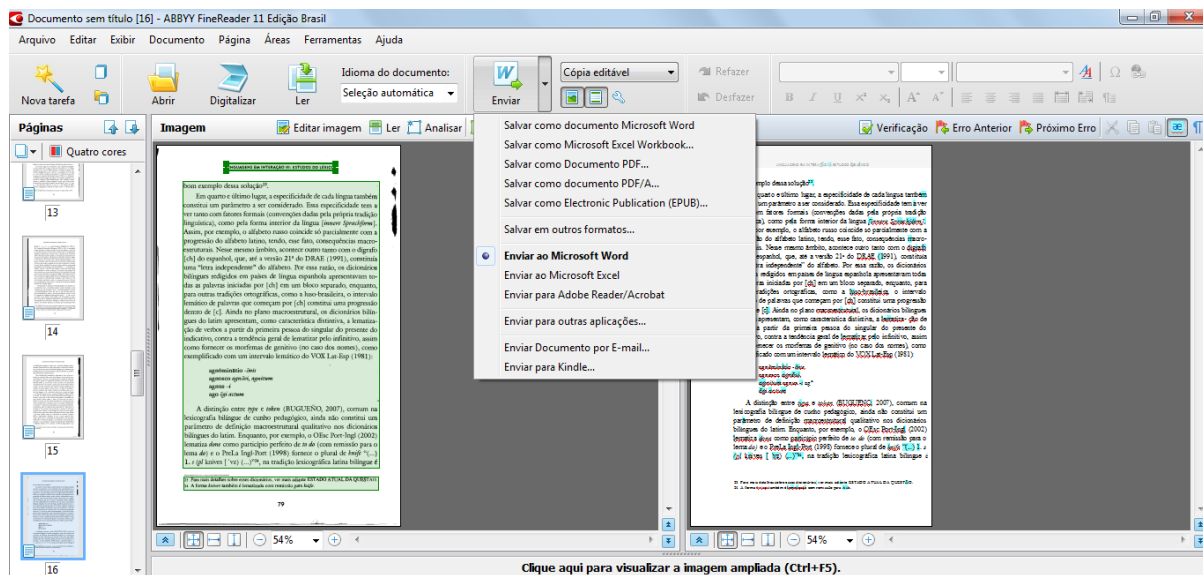


Fig. 13 – Armazenamento de arquivo.

Os procedimentos acima expostos foram os utilizados para as conversões dos textos de imagens para arquivos de textos editáveis, e como etapa seguinte prosseguiu-se à leitura e à correção dos mesmos, uma vez que ao realizar a conversão, houve muitas distorções devidas ao fato de que, os textos são escaneados, retirados de obras antigas, e, portanto, com algumas manchas e falhas na escrita, além de possuírem grafia e prosódia diferentes das atuais, o que em muitos casos originou erro de leitura de caracter. Dois dos casos que mais acarretaram erros foram o de vogal dupla e o de *m* seguido de *n* na mesma palavra. Para respeitar a grafia e a prosódia dos autores foi preciso muita atenção e cuidado, pois determinadas regras, em vigor atualmente, não existiam na época, como, por exemplo, a da acentuação da palavras proparoxítonas.

Há que se ressaltar, ainda, que o processo de impressão dos originais das obras tomadas por nós como base – a tipografia – era muito suscetível à irregularidade dos caracteres e da quantidade de tintas, devido à sua metodologia, o que provocou muitos borrões que os editores de textos atuais lêem como caracter; em muitos casos, borrões foram inseridos como pontos

nos textos e os sinais de ponto e vírgula foram reconhecidos como asterisco e vírgula. Incontáveis também foram os números 3 reconhecidos como 8 e vice-versa, a letra *s* reconhecida como 8, a letra *f* reconhecida como letra *t* e assim por diante.

Quanto à limpeza dos textos, esta exigiu muito critério, uma vez que os programas de estatística léxicas (para realizar este estudo, utilizamos o *AntConc* de que trataremos no tópico a seguinte) não reconhecem os caracteres não alfabéticos, o que gerou uma série de distorções não apenas de grafia, mas também estatística, uma vez que, por se tratarem de obras do século XIX, os textos apresentam muitas contrações com a utilização de apóstrofo, que o programa reconhece como espaço, de modo que as primeiras letras de palavras contratas como *d'um*, *d'uma*, *n'um*, *n'uma*, *d'aquela*, *d'aquela*, por exemplo, foram consideradas como palavras; gerando a princípio, distorções no *ranking* das mesmas.

5.4 – *AntConc*: software para análise de *corpus*

Conforme citamos anteriormente, utilizamos para análise do *corpus*, o software *AntConc*, um aplicativo gratuito para análise de *Corpus*, concebida e desenvolvida pelo pesquisador inglês Laurence Anthony⁴⁶ para a Faculdade de Ciências e Engenharia da Universidade de Waseda, no Japão. Por ser multiplataforma, possui compatibilidade com os sistemas Windows, Linux e Macintocsh. Sua praticidade de uso possibilita a extração de listas de palavras (Word List), listas de concordâncias (Concordance) e de palavras-chaves (KeyWord).

Como o *AntConc* foi de fundamental importância para este trabalho, a seguir, além de uma breve exposição sobre as características da ferramenta, detalhamos os procedimentos para a extração e utilização dos dados da pesquisa, tanto para a contagem das palavras e respectiva verificação da frequência, quanto os mecanismos da concordância e dos usos dessas palavras no *corpus*.

⁴⁶ anthony@waseda.jp

O programa pode ser acessado e instalado por meio do endereço <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>, como ilustra a figura 14, a seguir:

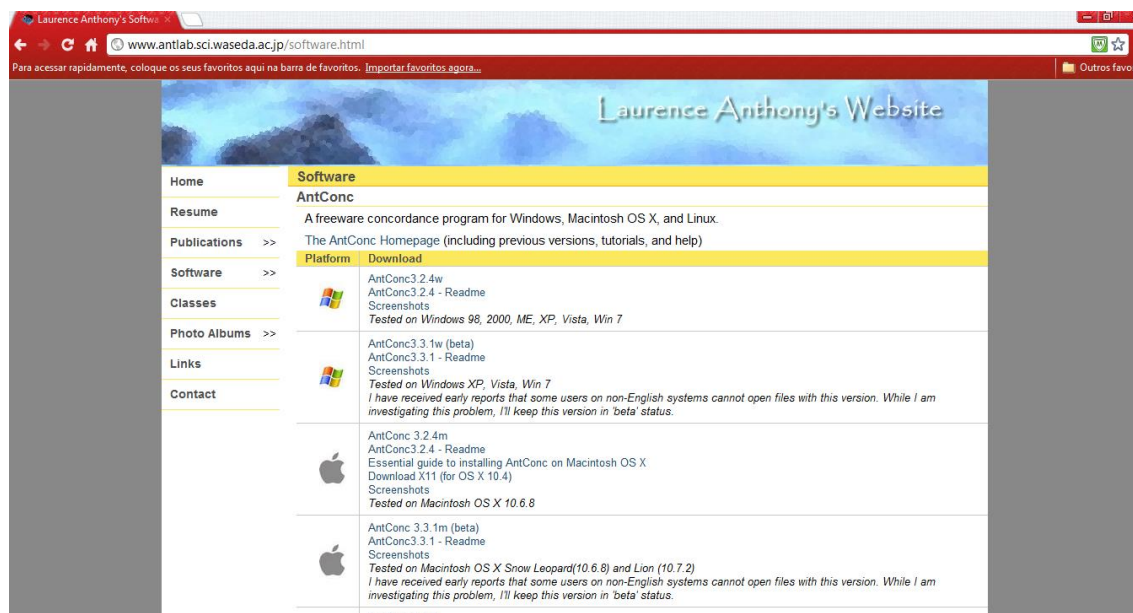


Fig. 14 – Endereço do site *AntConc* para download do aplicativo

Finalizada a instalação do *software*, para utilizá-lo, basta clicar no arquivo executável **antconc3.2.3w.exe** na opção *file* para adicionar os arquivos desejados, a figura 15 mostra a janela inicial do programa:

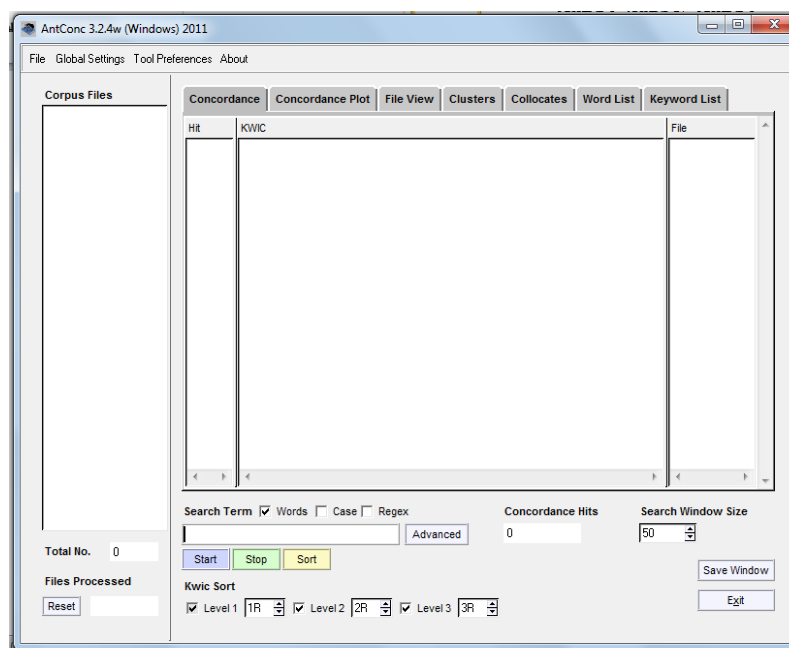


Fig. 15 – Janela inicial do programa *AntConc* 3.2.3 para sistema Windows

Para inserir e utilizar um texto no *AntConc* é necessário que ele esteja salvo em formato *txt* (somente texto). Com o *corpus* já nesse formato, deve-se clicar na opção *file* e, em seguida, na opção *open files* para que o arquivo seja aberto e adicionado. A figura 16 ilustra esse procedimento:

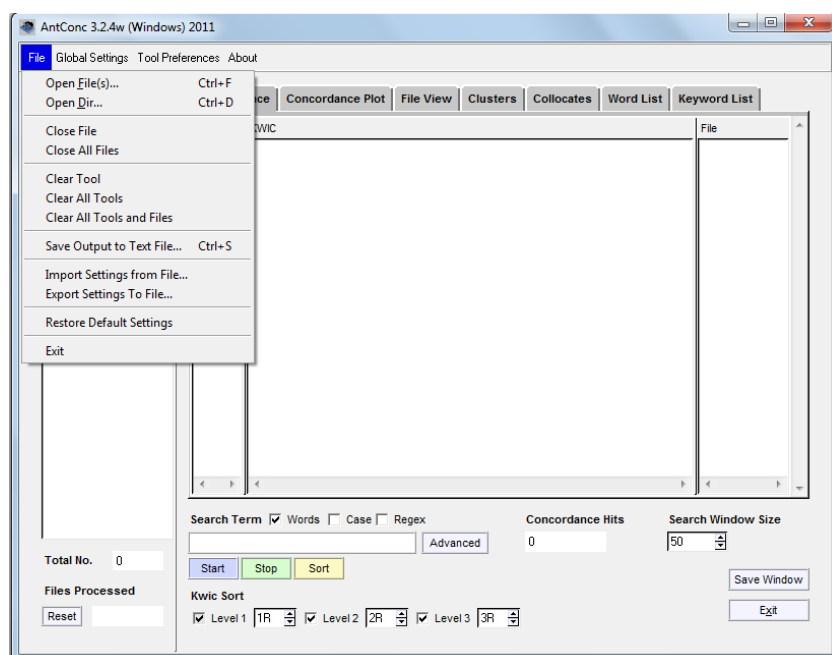


Fig. 16 – Abrindo arquivos para gerar listas de palavras

Após selecionar e abrir os arquivos desejados, a relação destes será organizada na coluna *Corpus files*, localizada à esquerda da tela, conforme ilustrado na figura 17:

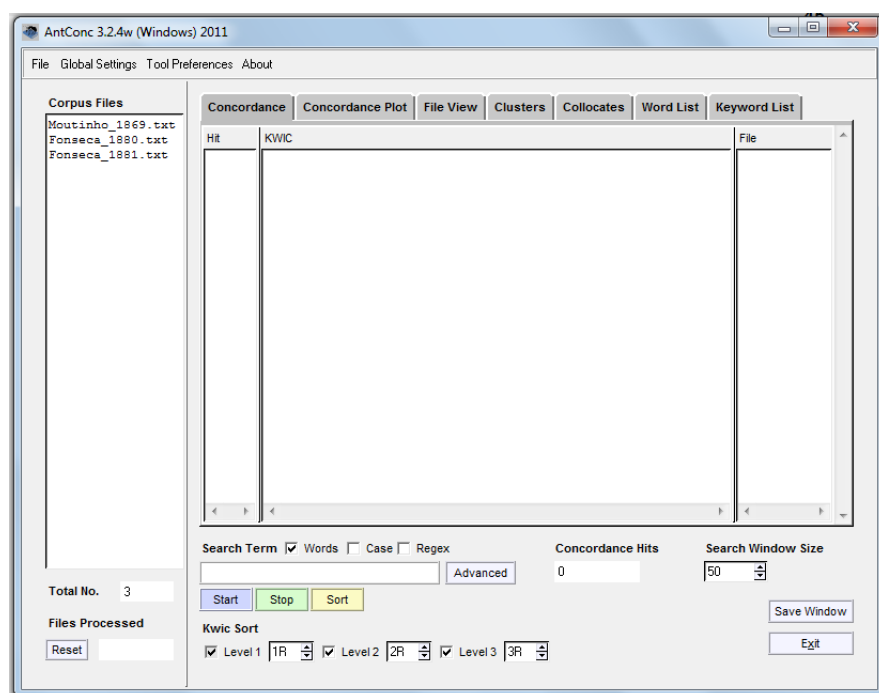


Fig. 17 – AntConc – arquivos abertos

Na sequência, clica-se na opção *Word List* e, em seguida, na opção *Sort by Freq* para escolher um critério de organização de listas palavras dentre os três disponíveis: i) *Sort by Freq* – gera uma lista de palavras por critério de frequência; ii) *Sort by Word* – organiza as palavras por ordem alfabética e iii) *Sort by Word End* que ordena as palavras segundo suas terminações (sílabas finais). Após selecionar a opção, clica-se em *Start* para gerar a lista de palavras, conforme demonstra a figura 18:

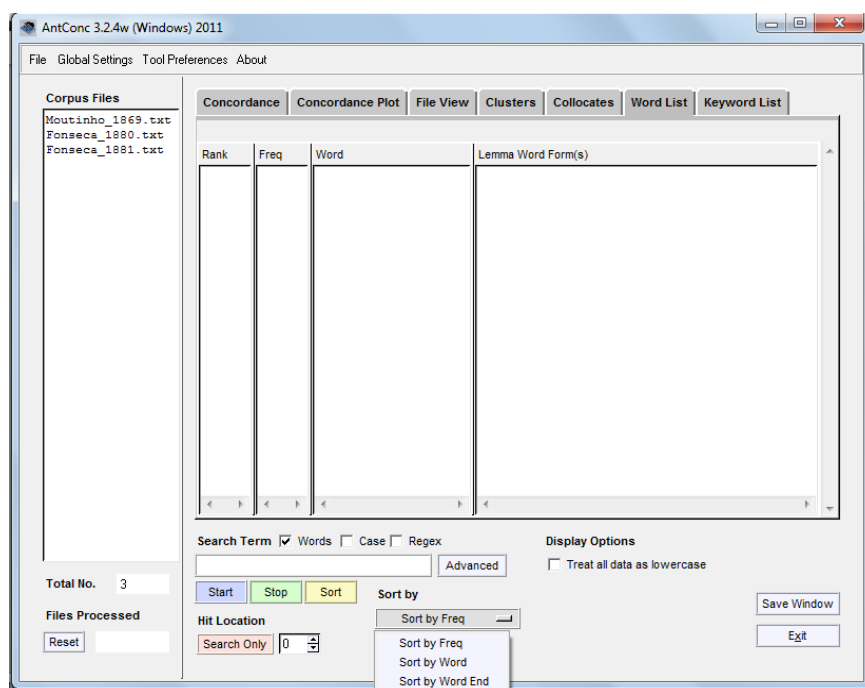


Fig. 18 – *AntConc* – opções para gerar *Word list*

A lista de palavras é então gerada, de acordo com as opções selecionadas, conforme exemplifica a figura 19:

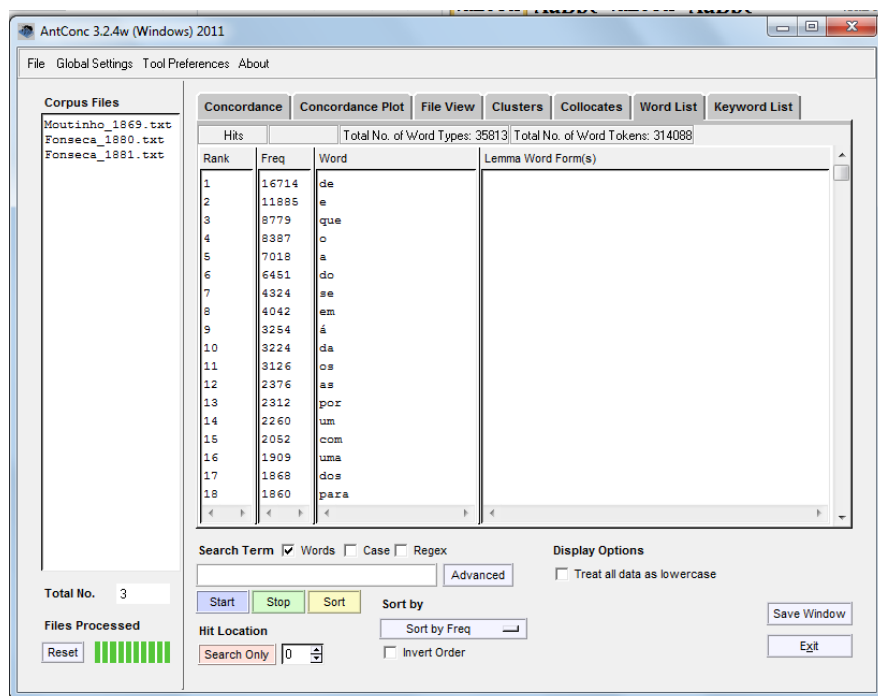


Fig. 19 – *Word List* gerada pelo *AntConc*

A lista de palavras gerada pelo *AntConc* possui três colunas a saber:

- i) a coluna *Rank* que indica a classificação das palavras do *corpus* por ordem de frequência; ii) a coluna *Freq* que, como o próprio nome indica,

mostra a frequência com que cada palavra ocorre no *corpus* e iii) a coluna *Word*, que mostra cada palavra referente aos itens das duas colunas anteriores, sendo possível notar pelo exemplo da figura 19, que a palavra *de* ocupa a posição 1 no rank, ou seja, foi a palavra mais produtiva no *corpus*, com 16.714 ocorrências, indicadas pela coluna *Freq*.

Outro utilíssimo recurso oferecido pelo software *AntConc* é a possibilidade de armazenamento da lista de palavras, que pode ser feito clicando-se na opção *File* e selecionando e confirmando a opção *Save Output to Text File*, que possibilitará o armazenamento da lista em arquivo de extensão *txt*. As opções para armazenamento e o modelo de lista armazenada estão exemplificados nas figuras 20 e 21, a seguir:

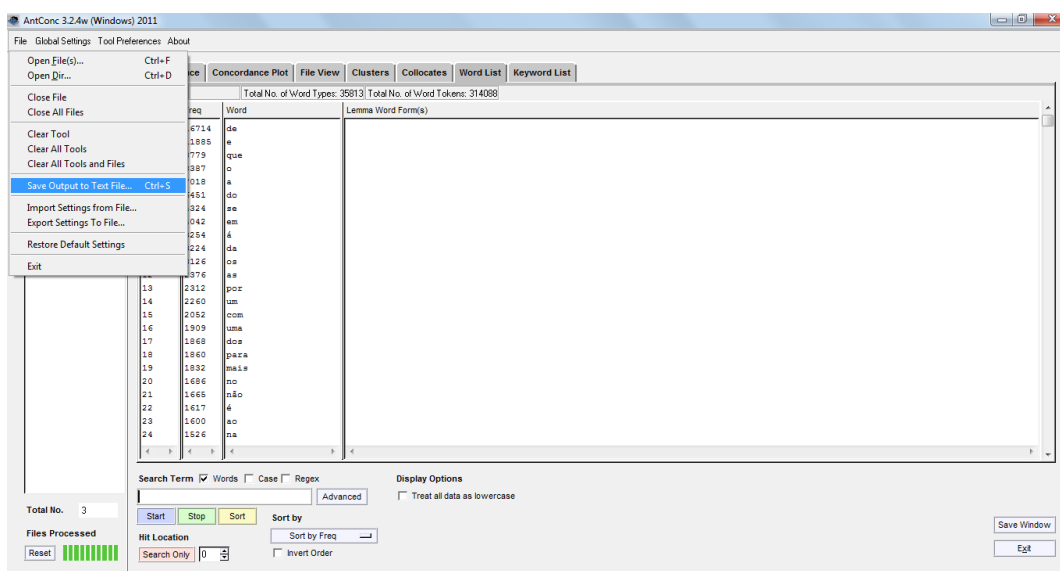


Fig. 20 – *AntConc* – Opção de armazenamento da *Word List*

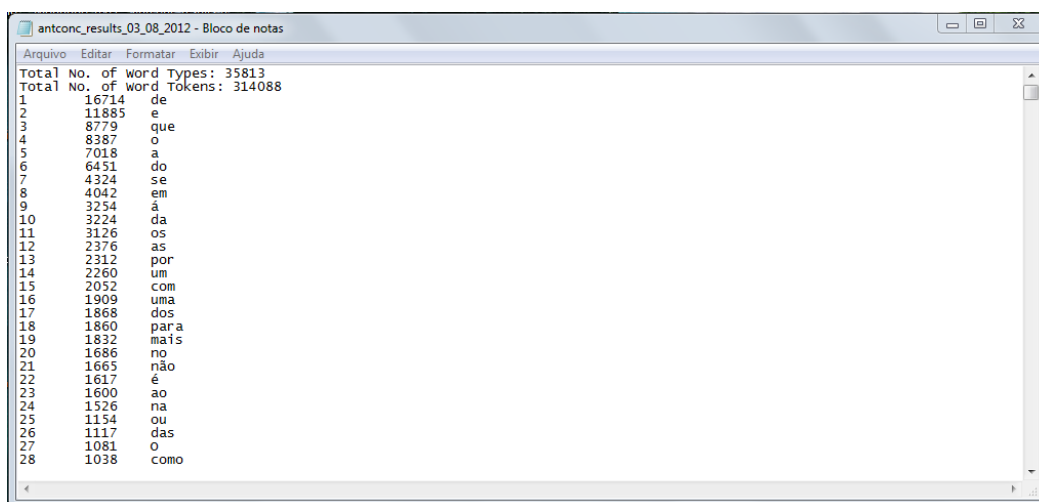


Fig. 21 – *AntConc* – *Word List* armazenada no sistema

Gerada a lista de palavras, o *software* possibilita ainda a utilização de algumas ferramentas úteis para trabalhos lexicais de diferentes naturezas, tais como da Lexicografia, da Lexicologia, da Fraseologia, dentre outros. A ferramenta *Concordance*, por exemplo, possibilita a visualização de contextos em que cada palavra ocorre. Como exemplo de uso dessa ferramenta, selecionamos e demonstramos na figura 22, a contextualização da palavra *rio*, que se configura como o substantivo mais produtivo do *corpus*.

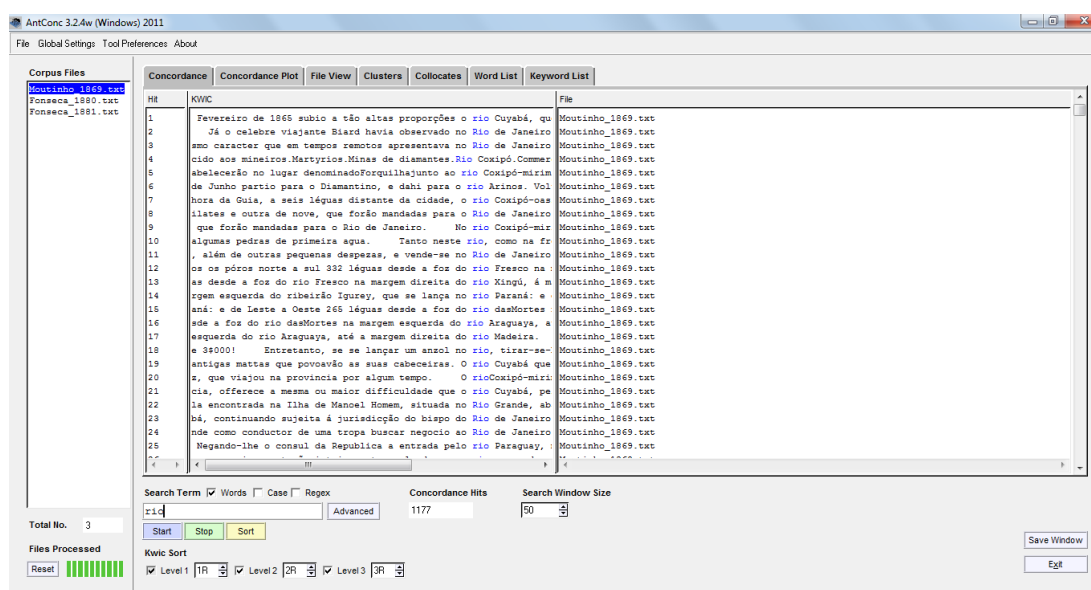


Fig. 22 – *Concordance* – contextualização de palavras no *AntConc*

A seleção da palavra para contextualização com a ferramenta *Concordance* pode ser feita de duas maneiras: i) clicando-se sobre a palavra desejada ou redigindo-a na barra situada no canto inferior esquerdo da tela, ao lado do campo *Advanced*, e em seguida, clicando-se em *Start*, podendo o contexto ser ampliado de dois modos, no primeiro, selecionando-se e arrastando-se para a direita a barra que divide as colunas 2 (*Kwic*) e 3 (*File*) – sobre as quais tratamos a seguir, conforme ilustra a figura 23:



Fig. 23 – Contextualização de palavra na ferramenta *Concordance*

Pode-se ainda realizar a seleção digitando-se a palavra desejada no campo situado na parte inferior esquerda da tela (à esquerda da opção *advanced*) e clicando-se em *Start*.

Quanto às colunas disponíveis na opção *Concordance*, a primeira, intitulada *Hit*, mostra a posição da palavra dentro de determinado texto do *corpus*; a coluna *kwic* (*Key word in context*) destaca em azul a palavra pesquisada; já a terceira coluna, denominada *File*, mostra em que texto do *corpus* ocorre o contexto em questão.

A ampliação total do contexto e o acesso ao texto completo podem ser feitos clicando-se sobre a palavra-chave desejada ou acionando-se o recurso *File View*, conforme ilustra a figura 24:

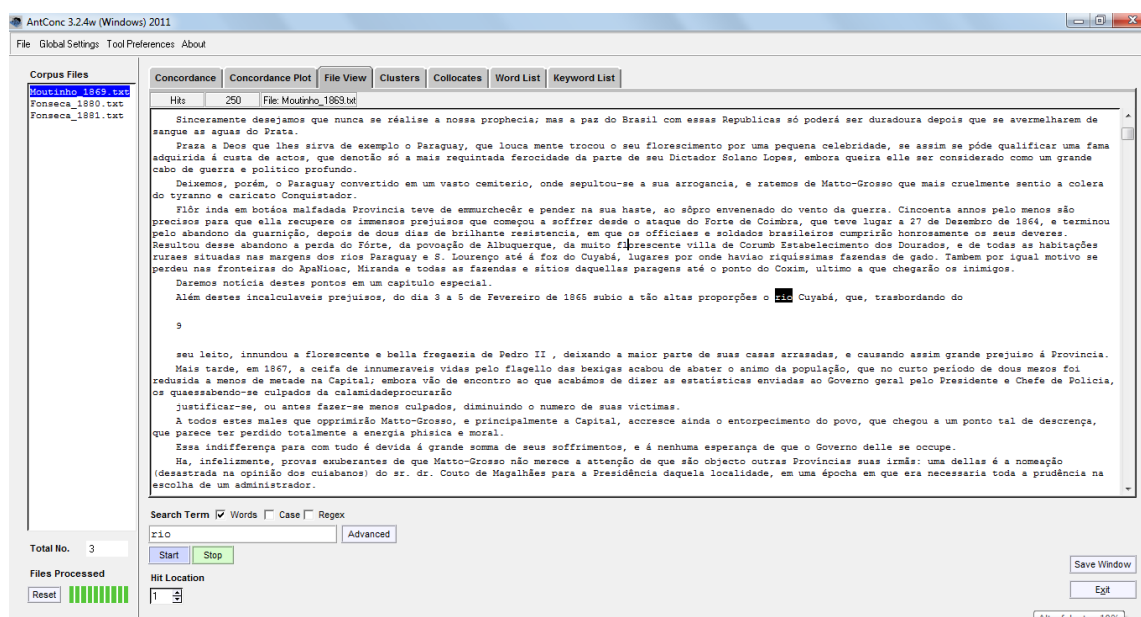


Fig. 24 - Contextualização máxima e acesso a textos na ferramenta *Concordance*

O software *AntConc* registra ainda a quantidade total de palavras do *corpus*, denominado *Tokens*, e também o total de palavras distintas, ou seja, desconsiderando-se as repetidas ocorrências do mesmo vocábulo (em variadas formas, diminutivos, aumentativos etc) no texto ao qual denominamos *Types*. Conforme se pode observar pela figura 25, a seguir, o *corpus* deste estudo possui 314,082 *tokens* e 35.803 *types*, sendo que as palavras do primeiro grupo compõem o *corpus* de referência e as do segundo, o *corpus* de estudo.

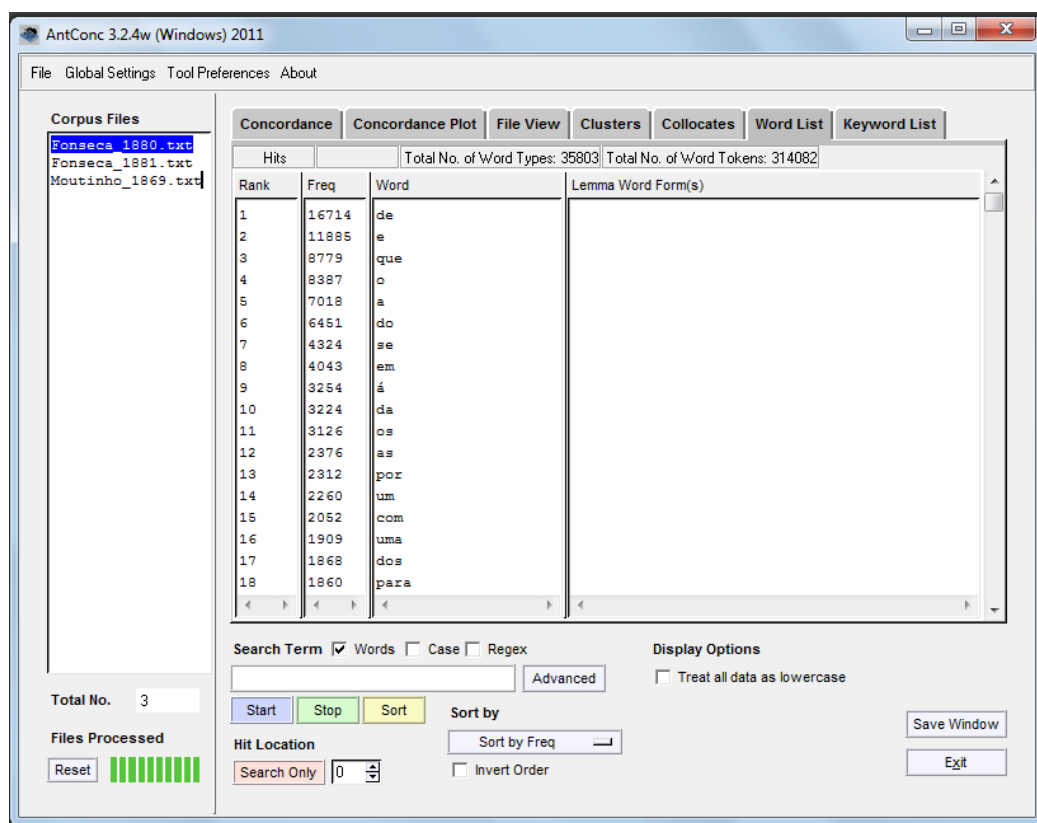


Figura 25 – AntConc – Estatística de *tokens* e de *types*

Outra ferramenta prática e fundamental para questões estatísticas apresentada pelo *AntConc* é a denominada *Concordância Plot*, que apresenta um gráfico de ocorrências de determinada palavra pesquisada em cada um dos arquivos que compõem o *corpus*. Na sequência, a figura 26, apresenta o gráfico elaborado por essa ferramenta para as ocorrências da palavra *rio*:

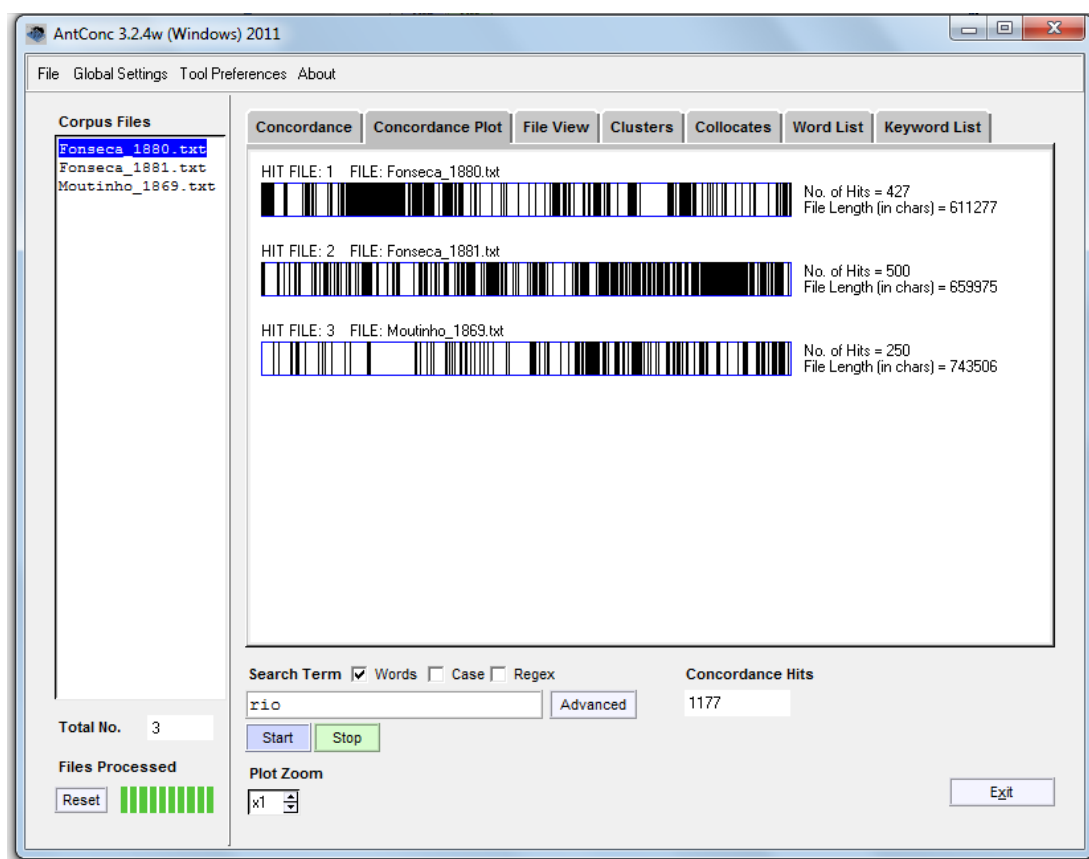


Fig. 26 - *AntConc* – Gráfico elaborado pela ferramenta *Concordance Plot*

Expostas as interfaces, ferramentas e recursos dos *softwares* utilizados para este estudo, ressaltamos que, para a utilização do texto sem formatação, no programa *AntConc*, foram necessárias algumas adaptações a fim de evitar distorções nos resultados, essas adaptações, no entanto, não interferem no significado das palavras nem no conjunto da obra. Dentre as modificações realizadas, citamos a título de exemplo, a eliminação de contrações como as ocorridas nas palavras *n'um*, *n'uma*, *d'um*, *d'uma*, *d'aquela*, *d'aquela* devido ao fato de o aplicativo considerar a primeira letra, isolada pelo apóstrofo como uma palavra, o que geraria uma considerável distorção de resultados.

5.5 – *Lexique Pro*

O *Lexique Pro* é um *software* disponibilizado na *internet* pela instituição europeia – não-governamental e sem fins lucrativos – *Summer*

Institute of Linguistic – SIL, INC.,⁴⁷ que desenvolve programas de processamento de linguagens gratuitos. Esse programa permite a criação e o gerenciamento de uma base de dados em formato *web* ou *word*, possibilitando a elaboração de obras lexicográficas digitais, que podem ser geradas e exportadas para formatos editáveis. Além disso, é possível reproduzir e incluir imagens (em formato jpg) e som (nos formatos mp3 e avi).

A base de dados é gerada a partir de um arquivo sem formatação, gerando a tela inicial, em formato de ficha lexicográfica ou terminológica, na qual serão inseridas as informações desejadas. A figura 27 ilustra a página inicial do *Lexique Pro*:

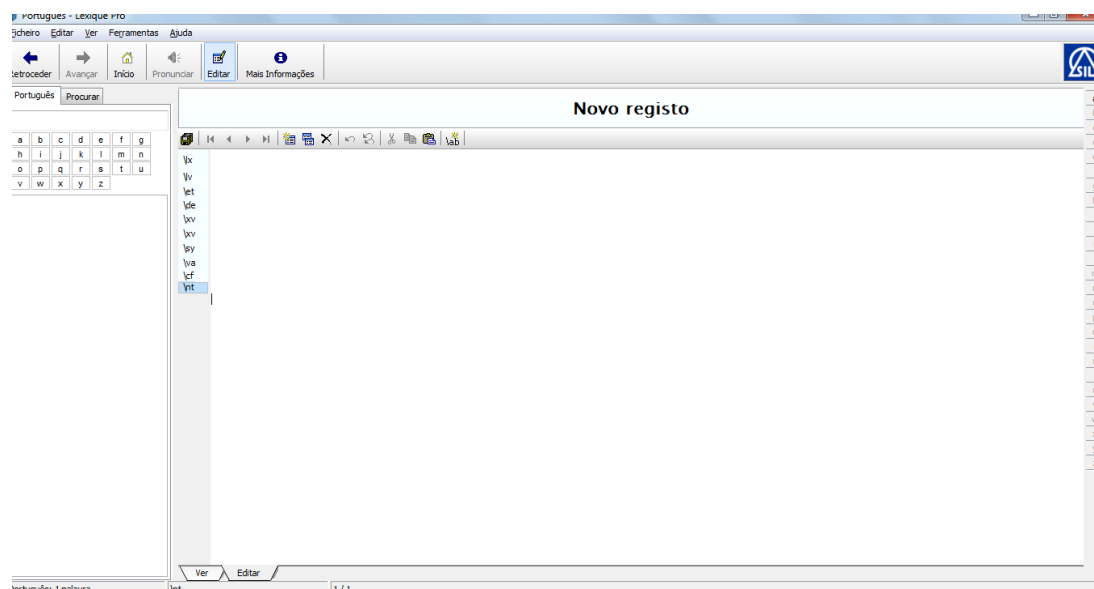


Fig. 27 - *Lexique Pro* – Tela inicial

Após gerar a tela inicial, nas opções ferramentas > configurar > *data source*, na aba etiquetas, selecionam-se as etiquetas, códigos específicos que criarão as janelas necessárias para as informações a serem lançadas. A etiqueta *lx*, por exemplo, gera o campo de entrada do verbete, a etiqueta *lv* gera o campo da definição. Os códigos são pré-determinados e disponibilizados em uma caixa de diálogo que permite a inserção ou exclusão dos mesmos, de acordo com a necessidade.

⁴⁷ Disponível gratuitamente em <http://www.lexiquepro.com/download.htm> Acesso em 01 dez 2012

Na sequência, a figura 28 mostra a caixa de diálogo para a seleção das etiquetas:

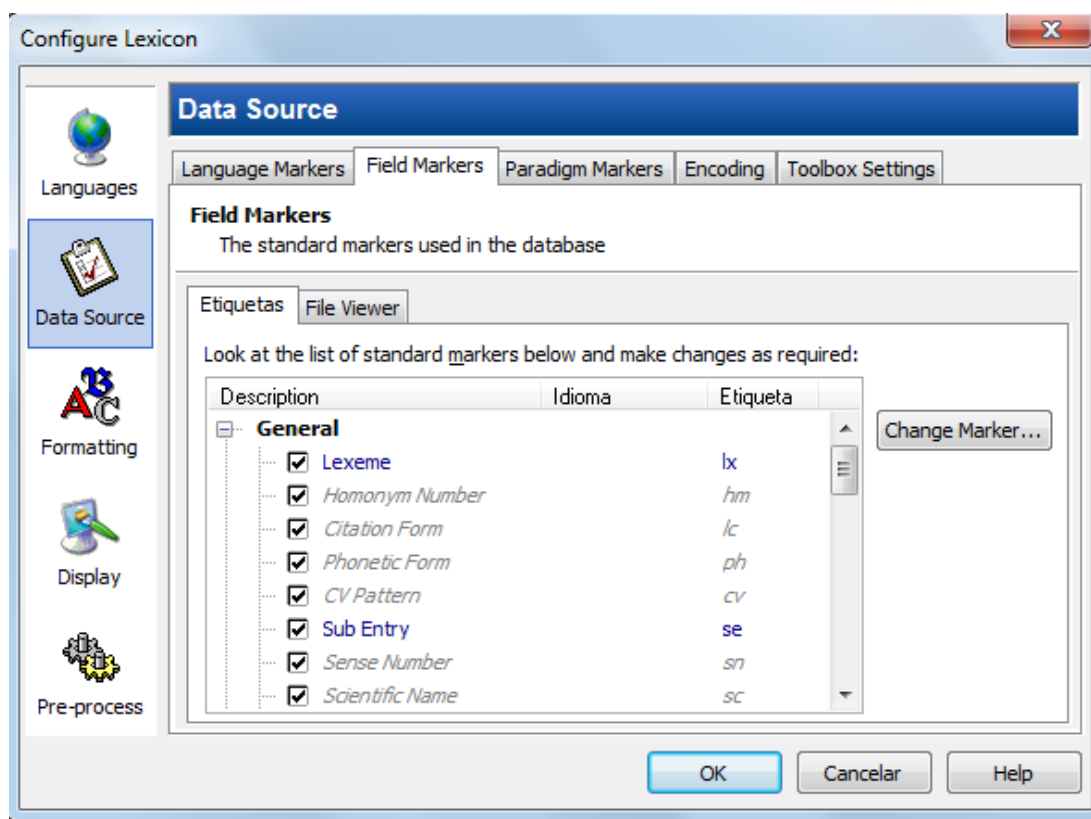


Fig. 28 – Lexique Pro – Caixa de diálogo para seleção de etiquetas

Após essa etapa, os códigos poderão ser inseridos ou excluídos na própria ficha lexicográfica, clicando-se o botão direito do mouse em um dos itens da barra de etiquetas situada à esquerda da página e selecionando-se a opção editar etiqueta de campo, na caixa de diálogo que se abrirá mediante o clique. A figura 29 ilustra esse processo:

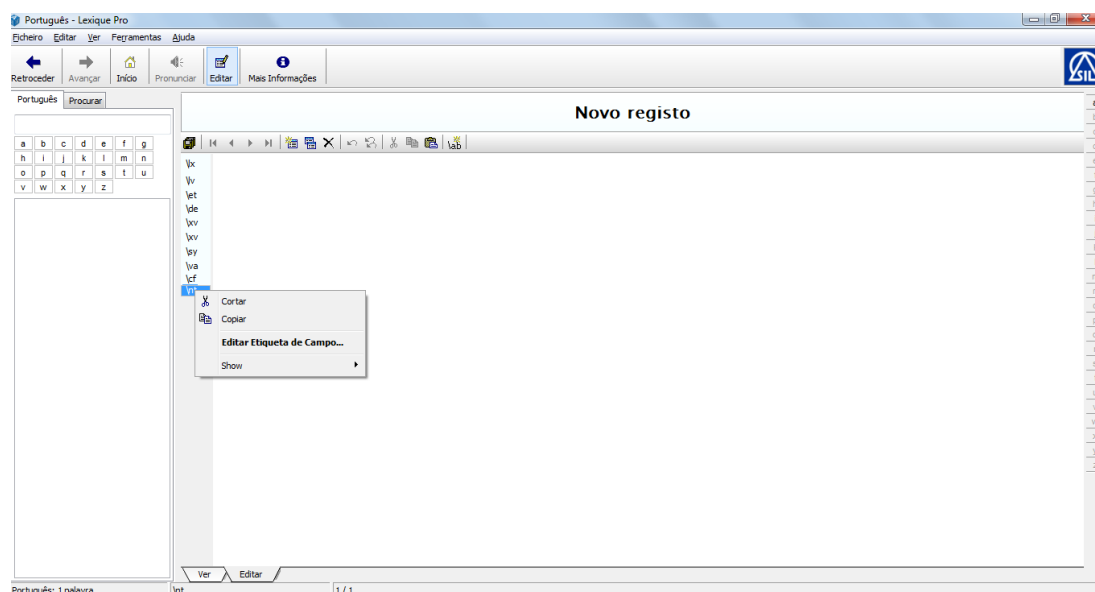


Fig. 29 – Lexique Pro – Edição de etiquetas de campo

Após a seleção de etiquetas, as informações que comporão o verbete poderão ser inseridas na ficha na ordem estipulada pelo lexicógrafo, de acordo com suas necessidades e objetivos. A figura 30, apresenta um exemplo de redação de verbete, segundo as etiquetas selecionadas:

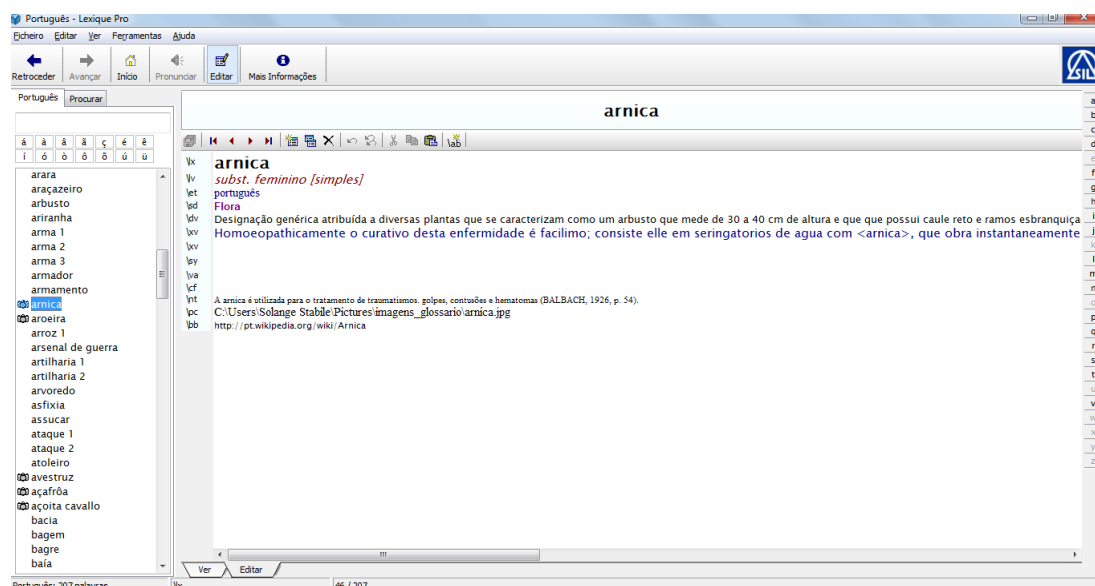


Fig. 30 – Lexique Pro – Redação de verbete

É válido ressaltar que nem todas as etiquetas serão preenchidas, pois isso dependerá da constituição do signo entrada, se este possui sinônimos ou não, por exemplo; ou ainda se há ou não necessidade de remissiva ou de notas e assim por diante.

Para a redação dos verbetes do *Vocabulário* editamos as seguintes etiquetas:

\lx – entrada

\liv. – classe gramatical

\let – etimologia ou origem linguística

\sd – campo semântico ou campo léxico

\dv – Definição

\xv – Exemplo ou abonação

\sy – Sinônimos

\va – Variantes

\cf – Remissiva

\pc – figura

\bb – Fonte de dados (nesse caso, da figura)

Observe-se que as siglas das etiquetas são geradas a partir de suas nomeações em inglês e não podem ser alteradas na página lexicográfica, todavia, o lexicógrafo pode, após gerar o vocabulário em texto de formato editável, efetuar alterações necessárias.

A visualização do verbete pode ser feita clicando-se na opção *ver*, situada no canto inferior esquerdo da ficha lexicográfica. Na figura 31 a seguir, ilustramos a visualização do verbete selecionado:



Fig. 31 – *Lexique Pro* – Visualização de verbete (versão digital)

É possível ainda configurar alterar o formato, o tamanho e a cor das palavras que nomeiam os campos do verbete, clicando-se nas opções ferramentas > configurar tipos de letra e selecionando-se as alterações desejadas na caixa de diálogo que se abrirá na sequência.

O *Lexique Pro* também é uma ferramenta utilíssima e agiliza a produção de obras lexicográficas à medida que organiza automaticamente os dados em ordem alfabética e evita falhas ou esquecimento de informações importantes por meio da previa etiquetagem dos campos. Além disso, os recursos imagéticos contribuem para a compreensão do texto e os sonoros (disponibilizados para o formato digital) enriquecem o conteúdo de trabalhos que se voltem a línguas estrangeiras.

A exportação do arquivo para formato editável é rápida, bastando para tanto, utilizar a ferramenta *exportar para documento*, disponível no menu *Ficheiro*, localizado no canto superior esquerdo da barra de menus da plataforma do programa. Na sequência, a figura 32 mostra uma página do *Vocabulário* já exportado e salvo para o editor de texto *Microsoft Word*:

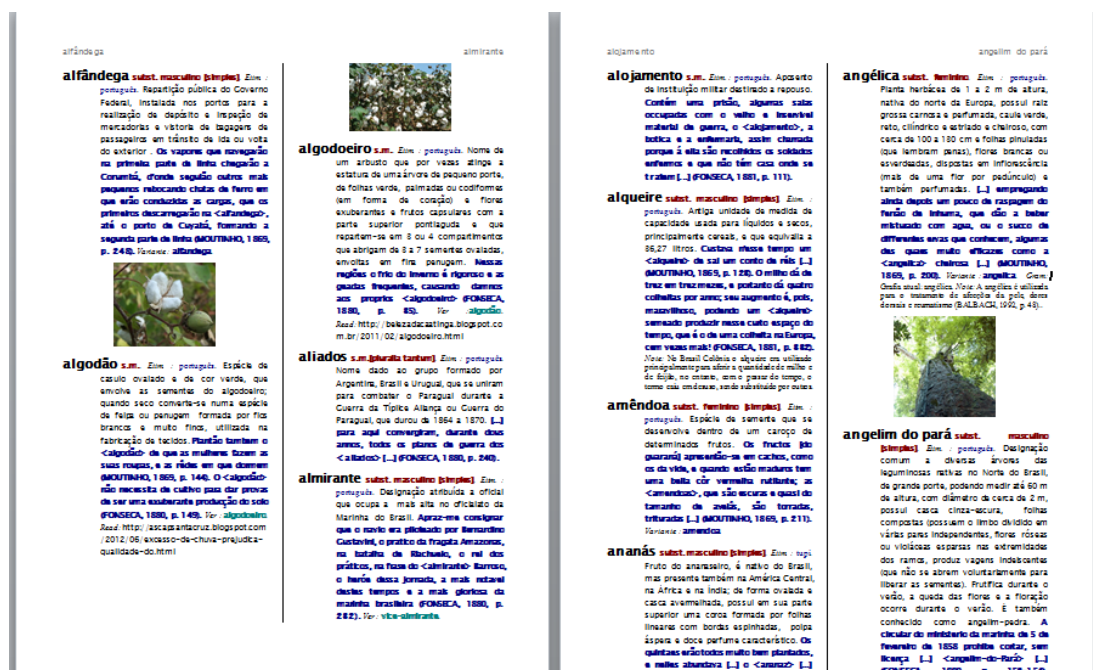


Fig. 32 – *Lexique Pro* – Visualização de verbete (texto editável)

Inicialmente, o software *Lexique Pro* era compatível apenas com a versão do *Microsoft Word* de 2007, mas com as recentes atualizações,

funciona com versões mais modernas; o *Br Office* e o *Rich Text* são outros aplicativos de edição de textos compatíveis com o *Lexique Pro*.

Apesar de as informações serem organizadas automaticamente pelo programa, na versão de texto editável, é interessante que o autor do glossário formate o texto de sua obra lexicográfica privilegiando a objetividade e a clareza, quesitos que valorizam a obra e facilitam a leitura e a compreensão dos dados.

A figura 33, a seguir, mostra uma das possibilidades de formatação de texto lexicográfico gerado por meio do *Lexique Pro* e editada pelo aplicativo *Microsoft Word 2010*:

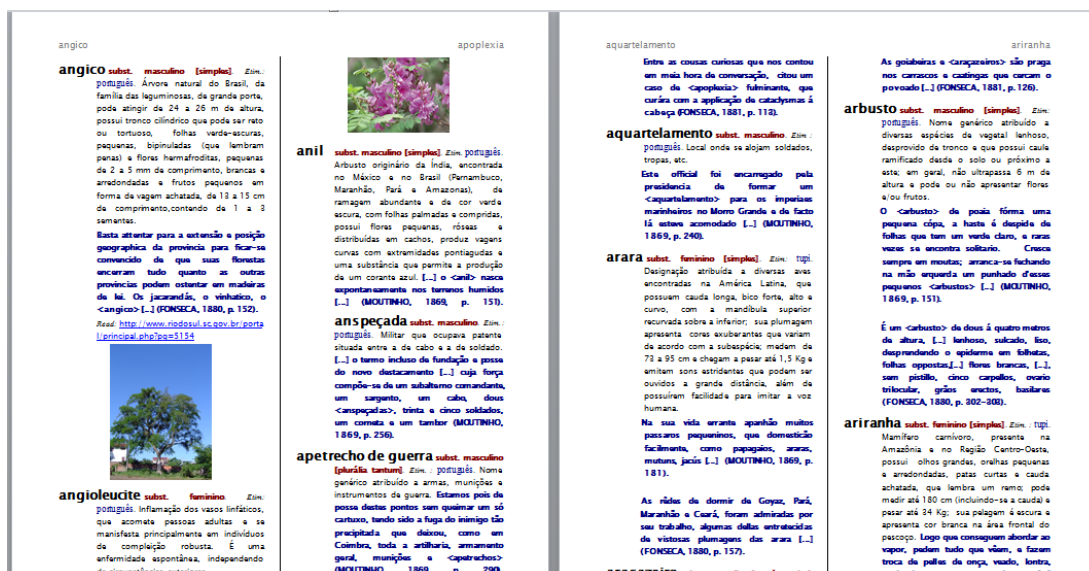


Fig. 33 – Lexique Pro – Modelo de formatação de verbete

Como se pode observar, este *software* é rico em recursos que proporcionam e facilitam a elaboração de obras lexicográficas, citamos, no entanto, apenas as principais ferramentas e procedimentos que embasaram a elaboração do *Vocabulário*, sendo possível obter informações detalhadas programa no Guia do Usuário, disponibilizado em inglês no site do *Lexique Pro*, cujo endereço citamos em nota de rodapé no início deste tópico.

Exposta a metodologia que orientou a pesquisa e a organização do *corpus*, no capítulo seguinte apresenta-se o *Vocabulário da do Português na Província de Mato Grosso no século XIX: um legado de relatos de viagens*, com o devido detalhamento de seus elementos constitutivos.

CAPÍTULO VI - VOCABULÁRIO DO PORTUGUÊS NA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO NO SÉCULO XIX: UM LEGADO DE RELATOS DE VIAGENS

6.1 – Apresentação

Conforme esclarecido anteriormente, o *Vocabulário do português na Província de Mato Grosso no século XIX: um legado de relatos de viagens* tem como fonte de dados as obras *Viagem ao redor do Brasil*, de João Severiano da Fonseca volume I (1880) e volume II (1881) e *Notícias sobre a Província de Mato Grosso seguida d'um roteiro da viagem de sua capital à São Paulo*, de Joaquim Ferreira Moutinho (1869).

Considerando que o produto final desta pesquisa contempla um recorte do *corpus* de referência – de acordo com os campos léxicos já apresentados – a opção pela tipologia vocabulário pauta-se na proposição de Barbosa (1995, *n.p.*), para quem “o vocabulário busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, *n* discursos manifestados – , pelo menos [...]” e para quem

O vocabulário fundamental deve recuperar vocábulos de alta frequência e distribuição regular entre os falantes-ouvintes, comuns a vários *topo*, a vários *trata*, a várias *phasei* (quando se trata do vocabulário fundamental de uma língua, ou, então, restritos a um *topos*, ou a um *stratum*, ou a uma *phasis* (quando se trata do vocabulário fundamental de uma região, de uma classe social ou de um universo de discurso), sempre definido como elementos pertencentes ao conjunto-intersecção de subconjuntos de um universo léxico (BARBOSA, 1995, *n.p.*).

6.1.2 – A macroestrutura do Vocabulário

De acordo com Haensch (1997, p. 39), a macroestrutura pode ser definida como:

[...] a ordenação dos conjuntos dos materiais que formam o corpo do dicionário (por ex. ordem alfabética ou ordem sistemática), conjuntamente com o prólogo o prefácio, às vezes uma introdução fonética e gramatical, as instruções para o usuário e os possíveis

anexos (glossários de nomes geográficos, listas de abreviaturas e siglas, glossários de nomes de batismo), etc.).⁴⁸

No caso deste *Vocabulário*, a macroestrutura (nomenclatura) é formada por unidades lexicais extraídas das obras selecionadas como fontes, tendo sido priorizados os nomes e substantivos comuns. A organização dos verbetes se dá por ordem alfabética⁴⁹. A opção por esse sistema de organização deve-se ao fato de que o *Vocabulário* prevê atingir um público consulente não especializado, o que leva a supor que o dicionário geral da língua seja o tipo de mais consultado por esse tipo de público. Considerando que “nos dicionários gerais (monolíngues e bilíngues), e em muitos outros, predomina a ordem alfabética como princípio de classificação” (HAENSCH, 1982, p. 452), o modo de organização aqui adotado visa a facilitar a busca do consulente, adotando um sistema ao qual ele está habituado.

A nomenclatura do *Vocabulário* reúne 315 verbetes representados por palavras cujos sentidos são representativos do universo linguístico da Província do Mato Grosso, no período entre e pós-Guerra do Paraguai, sendo a microestrutura detalhada nos tópicos a seguir e exemplificada por modelo de verbete constante em tópico apropriado.

Partindo da concepção de Haensch (1997, p. 38) de que os dicionários não representam apenas palavras isoladas, mas também unidades léxicas mais amplas, as denominadas macrounidades ou unidades pluriverbais⁵⁰, foram inventariadas e incluídas na nomenclatura do *Vocabulário* tanto lexias simples, quanto compostas e complexas pertencentes à Língua Portuguesa e ao idioma Tupi, incluindo-se também palavras de frequência única (*hapax legómenon*) presentes no *corpus* de estudo.

⁴⁸ “[...] la ordenación del conjunto de los materiales que forman el *cuero* de um diccionario (por ej. orden alfabético u orden sistemático), conjuntamente con el *prólogo* o *prefácio*, a veces una *introducción fonética y gramatical*, las instrucciones para el usuario y los posibles *anexos* (glosarios de nombres geográficos, listas de abreviaturas y siglas, glosarios de nombres de pila, etc.). [TN]

⁴⁹ A organização alfabética dos verbetes do *Vocabulário* segue o critério do *software* utilizado (*Lexique Pro*), que agrupa as palavras cuja segunda letra seja “ç” ao final de cada lista.

⁵⁰ “En los diccionários no se registran solo *palabras aisladas* (voces, vocablos) como *ojo*, *televisión*, *para*, sino también *unidades léxicas* más amplias *omacrounidades*. (HAENSCH, 1997, p. 38). [TN].

6.1.3– A microestrutura do *Vocabulário*

A microestrutura do *Vocabulário* pauta-se no modelo proposto por Barbosa (1995, p. 25), que organiza o enunciado lexicográfico em três microparadigmas: i) Paradigma Informacional; ii) Paradigma Definicional e; iii) Paradigma Pragmático, a partir dos quais tem-se a seguinte estrutura:

Artigo = [+ Entrada (vocábulo) + Enunciado lexicográfico (+ Par. Inform. 1 (pronúncia, abreviatura, categoria, gênero, número, etimologia, área, domínio, subdomínio, etc). + par. Definicional (acepção específica da área científica/tecnológica ou e um falar especializado). +/- Par. Pragmático (exemplo de emprego específico daquela área), +/- Par. Inform. 2 (frequência, normalização, banalização /vulgarização /popularização, etc) ... +/- Par. Inform. N), + Remissivas (relativo ao universo de discurso em questão)] (BARBOSA, 1995, p.25).

Borba (2003, p. 311-322) também hierarquiza os paradigmas ou, segundo ele, os níveis informacionais acolhidos pelas obras lexicográficas e destaca que “a primeira informação é taxionômica; a classe a que pertence a palavra entrada, depois a informação sintática, depois a semântica e pragmática”; além disso, ressalta que o grau de complexidade de um verbete deriva da combinatória textual e que por mais simples que seja a constituição de um verbete, este apresentará no mínimo três níveis de informação: a classe à qual a palavra pertence, a definição ou equivalência sinonímica e a abonação; sendo porém mais comum que o verbete apresente quatro ou cinco níveis de informação: a classe, a subclasse, a complementação, a definição e a abonação. Borba (2003, p. 322) adverte, porém, que “uma estrutura completa terá seis níveis de informação: a classe, a subclasse, a complementação, o registro de uso, a definição e a abonação”.

Partindo dos paradigmas apresentados por ambos os autores (Barbosa 1995 e Borba, 2003), selecionamos os seguintes itens para compor a microestrutura dos verbetes: (i) entrada; (ii) referência gramatical⁵¹; (iii) base linguística; (iv) definição; (v) abonação; (vi) sinônimo (s); (vii) variante; (viii) remissivas e (ix) notas, que serão detalhados nos tópicos subsequentes.

⁵¹ Os verbetes do *Vocabulário* comportam apenas substantivos e foram especificados por gênero (s.f. e s.m.) e destacados os *pluralia tantum* (substantivos empregados apenas no plural).

6.1.3.1 – Entrada (lematização)

Conforme pontuado anteriormente, foram contempladas como lemas no *Vocabulário*, tanto lexias simples quanto compostas e complexas. Para tanto, toma como referência, além de outras, a ponderação de Dapena (2002, p. 82), para quem

[...] llamamos **entrada** del diccionario a todo vocablo que en él es objeto de artículo Independiente. Esta definición [...] no es, sin embargo de todo exacta [...] porque [...] uma entrada no tiene por qué estar constituída por un vocablo, sino más bien por uma unidad léxica o lexia, la cual puede ser **simple** (palabra o morfema) y **compleja** (vários vocablos)⁵².

Tem como base a forma canônica, apresentando os nomes na forma masculino-singular (excetuando-se a ocorrência das *pluralia tantum*, e as palavra que possuam exclusivamente o gênero feminino) com a primeira letra em minúscula, na cor preta, fonte *Lucida Sans Unicode*, destacada em negrito e em tamanho 16, sendo a grafia dos lemas atualizada quando necessário, a fim de adequar-se às normas da NGB e do último Acordo Ortográfico de 1990.

6.1.3. 2 – Referência gramatical

Os substantivos foram classificados quanto ao gênero, sendo identificados com as seguintes abreviações: *s.m.*: substantivo masculino; *s.f.*: substantivo feminino; *s.d.g.*: substantivos de dois gêneros; estando todas as representações grafadas em fonte *Lucida Sans Unicode*, destacada em negrito, tamanho 9 e cor vermelho-escuro.

6.1.3.3 – Origem linguística

A língua de origem⁵³ da palavra lematizada aparece grafada em cor azul, em fonte *Lucida Sans Unicode*, tamanho 9 e imediatamente após a entrada e a classificação gramatical, distinguindo-se em: português, tupi e africano. O campo da

⁵² “[...] denominamos **entrada** do dicionário a todo vocábulo que nele é objeto de artigo independente. Esta definição [...] não é, contudo, exata [...] porque [...] uma entrada não tem porque estar constituída por um vocábulo, mas sim por uma unidade léxica ou lexia, que pode ser **simples** (palavra ou morfema) e **complexa** (vários vocábulos) (Dapena (2002, p. 82) [TN].

⁵³ Este trabalho não teve como objetivo realizar um estudo etimológico.

origem linguística foi marcado pela abreviatura *Orig.*, grafada em cor preta, em fonte *Lucida Sans Unicode*, tamanho 10.

A opção pelas línguas portuguesa, tupi e africana se justifica pelo fato de que o português é a língua oficial dos textos-fonte deste trabalho, e também pelo consenso que, dentre as línguas indígenas, a tupi foi a que mais contribuições forneceu para a consolidação da norma lexical do português brasileiro. Somos cientes do fato de que outras línguas autóctones são citadas nos textos-fonte e que diversas delas tiveram parte nessa consolidação, porém nem todas possuem estudos e obras suficientes para embasar pesquisas científicas, caso análogo ao das línguas africanas que, embora disponham de diversos estudos e trabalhos publicados, ainda não são tão facilmente acessíveis. Ressaltamos ainda que foram consideradas como do português todas as palavras já incorporadas ao léxico da língua portuguesa, independente da origem.

6.1.3.4 – Definição

Considerando que a nomenclatura do *Vocabulário* é composta apenas por substantivos, optamos, em geral, pela definição substancial hiperonímica, seguida pela sinonímica quando plausível.

Embora constitua apenas parte do conteúdo de um dicionário, a definição configura-se como o cerne de qualquer obra lexicográfica e, portanto, “é uma das questões mais desafiadoras do trabalho lexicográfico” (DURAN; XATARA, 2006, p. 145), tendo sido por isso amplamente debatida por diversos autores em inúmeras obras (meta) lexicográficas. Dapena (2002, p. 266), por exemplo, postula que “de todas as atividades do lexicógrafo a mais difícil mais comprometida é sem dúvida a definição, que [...] continua a ser o principal obstáculo no âmbito da redação lexicográfica [...]”⁵⁴. Esse autor esclarece ainda que “todo tipo de equivalência estabelecida entre a entrada e qualquer expressão explicativa da mesma em um dicionário monolíngue”⁵⁵ (DAPENA, 2002, p. 269). Essa equivalência constitui-se pela relação de dois núcleos, sendo o primeiro composto pelo *definido* e pelo *definiendum*, ou a

⁵⁴ De todas las actividades del lexicógrafo la más difícil y a la vez más comprometida es sin duda la definición la cual [...] sigue constituyendo el principal escollo dentro de la redacción lexicográfica [...] (DAPENA, 2002, p. 1266). [TN]

⁵⁵ “[...] todo tipo de equivalencia establecida entre la entrada y cualquier expresión explicativa de la misma en un diccionario monolíngue” (DAPENA, 2002, p. 269). [TN].

entrada propriamente dita, enquanto o segundo, formado pelo *definidor* ou *definiens*, reporta à expressão explicativa, à qual correntemente denominamos definição (DAPENA, 2002, p. 269).

Um dos pontos destacados por Dapena (2002, p. 272-277) é o que diz respeito aos princípios que regem a definição, a saber, o da equivalência; o da comutabilidade ou da substituição, o da identidade categorial ou funcional, o da transparência e o da autossuficiência. O autor explicita ainda que o princípio da comutabilidade é considerado um recurso para a identificação da idoneidade de uma definição, uma espécie de ‘prova real’ da equação entrada/definição, por meio da qual é possível realizar num contexto, a substituição da palavra que se constitui como lema pela palavra ou sintagma que constitui a definição, sem prejuízo de coesão e de coerência. Assim sendo, tanto a entrada quanto a definição deveriam pertencer à mesma categoria gramatical, de modo que a definição de um adjetivo corresponda a outro adjetivo ou a um sintagma adjetivo, a definição de um substantivo corresponda a um substantivo ou a um sintagma substantivo e assim sucessivamente. O autor alerta, no entanto, que esse intercâmbio é perfeitamente possível quando se trata de definição por metalíngua de conteúdo, como se dá nos exemplos por ele fornecidos: “enlouquecer – tornar-se louco; embaixada – residência do embaixador e marroquino – natural do Marrocos”⁵⁶ (DAPENA, 2002, p. 272)

O mesmo pesquisador espanhol ressalta, no entanto, que essa correspondência biunívoca não é possível em se tratando da definição por metalíngua de signo, uma vez que, nesse caso, “a equivalência entre definido e definidor não se produz no nível semântico, senão no meramente semiológico”⁵⁷ (DAPENA, 2002, p. 273), o que faz com que alguns estudiosos não as tomem como verdadeiras definições. Dapena, adverte, todavia, que ainda que uma definição por conteúdo não possibilite o princípio da comutabilidade, esta não deve ser tomada como incorreta, uma vez que:

[...] este princípio está longe de constituir um teste indispensável para determinar a idoneidade de uma definição lexicográfica, dado que la sinonímia ou equivalência semântica entre definiendum e definiens

⁵⁶ “**Enloquecer**. Volverse loco. **Embjada**. Residencia del embajador. **Marroquí**. Natural de Marruecos

⁵⁷ “[...] la equivalencia entre definido e definidor no se produce en el nivel semántico, sino en el meramente semiológico [...]” (DAPENA, 2002, p. 273). [TN].

não tem porque estar indefectivelmente associada à possibilidade de comutação⁵⁸ (DAPENA, 2002, p. 273).

Já no tocante ao princípio da identidade gramatical, como a nomenclatura do *Vocabulário* reúne apenas substantivos, devem suas respectivas definições constituir-se por substantivos ou sintagmas substantivais. Julgamos importante, porém, destacar que o próprio Dapena (2002, p. 298) sublinha que, em se tratando de substantivos, são a estes aplicáveis praticamente todos os tipos de definições, sendo, entretanto, mais comum à perifrástica.

Em sentido geral, pode-se concluir que definir uma palavra consiste em explicar-lhe semanticamente por meio de uma paráfrase que, segundo Biderman (1984a, p. 10) é o melhor modo de definição. A mesma autora (1984c, p. 32) ressalta ainda que a definição:

[...] deve ser redigida em linguagem simples, escoreita e ter sido formulada utilizando palavras muito frequentes na língua, preferencialmente lexemas que façam parte do vocabulário básico. Tal preocupação garantiria, em princípio, a compreensão fácil do termo cujo significado o consulente desconhece.

Dubois (1973, p. 167), por sua vez, acentua que há dois tipos de definição: a referencial ou ostensiva, que se refere à coisa que o signo denota e a semântica ou lógica, que se faz por meio de signos que pertencem a um sistema construído, a uma língua artificial ou metalíngua.

De um lado, se a análise semântica se confunde com a análise do objeto ao qual a palavra se refere, a definição é uma descrição desse objeto, tal como este é seccionado no mundo pelo léxico de uma língua. Por outro lado, se a análise semântica se confunde com uma análise sintática, a paráfrase sinonímica que constitui a definição pode ser uma frase da mesma estrutura profunda; assim, quando se define *verificação* por *ação de verificar*, implica-se que ‘ação de verificar’ é a estrutura profunda do derivado *verificação*, constituída de *verificar* + *ação* [...] (1973, p. 167).

De acordo com Werner (1982, p. 259), é comum supor-se que a definição semântica cumpre por si só a “função de uma explicação do significado”⁵⁹, no entanto, o

⁵⁸ “este principio no constituye ni mucho menos una prueba indispensable para determinar la idoneidad de una definición lexicográfica, dado que la sinonimia o equivalencia semantica entre definiendum e definiens no tiene por qué ir indefectiblemente asociada a la posibilidad de conmutación (DAPENA, 2002, p. 273). [TN].

objetivo do enunciado definatório é que determinará a adequação do tipo de definição a se empregar. Dapena (2002, p. 277-296) propõe quatro tipos de definições lexicográficas: a enciclopédica, a linguística, a sinonímica e a perifrástica, sendo a enciclopédica “a definição das coisas” (DAPENA, 2002, p. 277).

O texto da definição foi grafado em cor preta, fonte *Lucida Sans Unicode*, em tamanho 9.

6.1.3.5 – Abonação

De acordo com Rey-Debove (1984, p. 66), “o dicionário de língua dá também exemplos; o exemplo destina-se a mostrar a palavra definida em funcionamento e, em suma, a ministrar provas do que se acaba de afirmar”. Em se tratando do *Vocabulário*, a exemplificação se dá por meio de abonações extraídas dos textos tomados como *corpus* da pesquisa: *Viagem ao redor do Brasil, de João Severiano da Fonseca volume I* (1880) e *volume II* (1881) e *Notícias sobre a Província de Mato Grosso seguida d’um roteiro da viagem de sua capital à São Paulo*, de Joaquim Ferreira Moutinho (1869), sendo o apêndice referente à viagem de Cuiabá a São Paulo, referenciado como (MOUTINHO, 1869b)⁶⁰.

O número de abonações para cada entrada e/ou acepções será equivalente ao número de obras em que a unidade lexical ocorreu e às acepções registradas e também equivalente ao número de variantes, o que explica o fato de os verbetes terem números de abonações distintos. Nos casos de apenas um trecho para abonação de diferentes entradas, ele foi repetido em todos os verbetes que se fizeram necessários, visando à autenticidade e à representatividade da palavra ilustrada, respeitando-se, para tanto, a grafia original das obras. Ressaltamos que a seleção das abonações pauta-se na advertência de Biderman (1984c, p. 40-41) de que

⁵⁹ Um elemento esencial de esta última, llamada con frecuencia simplemente ‘parte definitoria’, es la definición semántica propiamente dicha, de la que se supone, a menudo, que ella sola ya cumple la función de una explicación del significado (WERNER, 1982, p. 259).

⁶⁰ A abonação constitui-se de “frase ou enunciado, extraído de um bom autor da língua, onde ocorre a palavra que está sendo definida e/ou explicada no dicionário. Ilustra a palavra no contexto” (BIDERMAN, 1984b).

Quando o lexicógrafo dispuser de um banco de dados já elaborado em forma de concordância de textos [...] deverá extrair da sua concordância os melhores exemplos. De forma que o contexto citado explicita bem o significado, uso ou construção em epígrafe e também registre o nível de linguagem descrito quando necessário. [...] um contexto pouco original mas que ilustre bem a norma linguística pode ser o mais indicado. [...] Na verdade, a definição, a explicação, a descrição de um conceito só se completam quando postas no contexto do discurso. E assim o dicionário finaliza sua tarefa de esclarecer, na sua totalidade, um lexema para um falante que o desconhece, ou o conhece imperfeitamente.

O texto da abonação do *Vocabulário* foi escrito com a fonte Lucida Sans Unicode, cor azul, tamanho 9, estilo itálico, sendo a lexia abonada destacada em negrito e inserida entre os sinais < >. Ao final de cada trecho de abonação, constam entre parênteses informações sobre a referência da qual o trecho foi extraído: o nome do autor da obra, o ano de publicação e a página. No caso das ocorrências de múltiplas acepções, estas foram apresentadas com abonações específicas. Com base no posicionamento de Murakawa (2009, p. 28) de que

[...] além dos aspectos teórico-lexicográficos que devem orientar a redação da definição, seguindo uma tipologia definicional, há que salientar que todas as acepções, ou seja, todos os valores polissêmicos que o lema apresente nos diversos contextos, devem vir acompanhados dos referidos contextos e da abonação completa.

Esclarecemos ainda que nas abonações constantes no *Vocabulário* as referências aos textos-fonte serão identificadas por meio de números a saber: (1) Moutinho (1869), (2) Fonseca (1880) e (3) Fonseca (1881).

6.1.3.6 – Sinônimos

Ferreira (2010) define sinônimo como “palavra ou locução que tem a mesma ou quase a mesma significação que outra”. Já Mattoso Câmara (1977, p. 222) define a relação de sinonímia como “a propriedade de dois ou mais termos poderem ser empregados um pelo outro sem prejuízo do que se pretende comunicar”. Ullmann (1961, p. 298), por seu turno, considera que “as distinções entre sinônimos são um grande desafio ao engenho do lexicógrafo”.

Dessarte, registramos como sinônimas as unidades lexicais que nomeiam um mesmo referente, sendo estas indicadas pela abreviação *Sin.*, grafada em fonte *Lucida Sans Unicode*, em tamanho, em cor preta e destacada em itálico.

6.1.3.7 – Variantes

Nos casos de ocorrências de variações ortográficas, como, por exemplo, caxoeira/cachoeira, considerou-se a grafia atualizada das unidades lexicais para a redação dos lemas, sendo as demais formas registradas no item variante, identificado pela palavra *Variante*, grafada em fonte *Lucida Sans Unicode*, em tamanho 9, em cor preta e destacada em itálico. Ressaltamos que foram consideradas variantes as unidades lexicais presentes no *corpus*.

6.1.3.8 – Remissiva

As remissivas do *Vocabulário* são identificadas por meio da expressão *Ver.* grafada em fonte *Lucida Sans Unicode*, em tamanho 9, em cor preta e destacada em itálico; e relacionam apenas verbetes que integram a nomenclatura do *Vocabulário*, contemplando casos de verbetes complementares (ex. febre amarela/tifo amarelo) ou que acarretem relações de hiperonímia (capitão/patente militar).

6.1.3.9 – Nota

Esse campo contém, quando existentes, informações linguísticas, extralinguísticas ou enciclopédicas, que objetivam complementar o caráter definitório do verbete e são identificadas pela palavra *nota*, grafada em fonte *Lucida Sans Unicode*, em tamanho 9, em cor preta e destacada em itálico.

6.1.3.10 – Ilustração

Partindo do conceito de Pontes, (2010, p. 364), de que o texto do dicionário é multimodal, uma vez que compreende elementos verbais e não verbais, tais como “a cor, o tamanho e o tipo da letra, a diagramação da página, a formatação do texto, a

presença de ilustrações, etc”, acrescentamos às definições de substantivos concretos uma ou mais ilustrações do referente designado pelo lema, a fim de complementar a compreensão do consulente, principalmente com relação a referentes da fauna e da flora, que requerem ampla descrição de características físicas na definição.

6.1.3.11 – Modelo de verbete

Apresentamos, a seguir, o modelo de verbete adotado no *Vocabulário do português na Província de Mato Grosso no século XIX: um legado de relatos de viagens*:

entrada **ref. gram.** origem: **língua**. Definição. **Abonação**. Sin. **palavra**. Var. **palavra** Ver **palavra**. Nota.: explicação.

Na estruturação do verbete, recorreu-se às seguintes abreviações:

ref. gram.: referência gramatical

sin.: sinônimo

var.: variante

Nos casos de substantivos concretos, acrescem-se ao modelo uma ilustração e sua respectiva fonte.

Quanto aos recursos multiformes utilizados, tais como cores, tipo, destaque em itálico, bem como tipo e tamanho das fontes, além da questão estética, visam facilitar a leitura e a identificação das informações registradas no texto do verbete.

Vocabulário

A – a

aba **s.f.** *Origem: português.* Parte inferior de morro, monte, montanha ou serra. **A' nossa, que tão mal vae de saude, causa nos sérias apreensões, por essa nova viagem por terra. Descarregou se a n'uma grande e mais ou menos lisa lage, de uns oitenta metros de largura, que prolonga se da base do morrote; e sobre rolêtes foi conduzida n'uma distancia de trinta e poucos metros, de onde fez se a sahir um pouco para galgar a <aba> direita do monte, subindo por elle uns cem metros.** (FONSECA, 1881, p. 283).



<http://www.meumauhumor.com.br/material/04/02/0000000001_28.jpg>

abacaxi **s.m.** *Origem : tupi.* Fruto de forma oval, tamanho aproximado de 15 cm e folhas lineares com bordas espinhadas que formam uma coroa na parte superior da fruta. Possui aroma característico e, quando maduro, apresenta cor amarelada e sabor agri-doce. **Os quintaes erão todos muito bem plantados, e nelles abundava muito a uva, o figo, a atta, a fructa do conde, o côco de Bahia, o melão, a melancia, o cajú, a laranja, o ananaz, o <abacaxi>, a jaboticaba, a mangaba, etc.** (MOUTINHO, 1869, P. 152). *Sin. ananás.*



<<http://dicionariotupiguara.blogspot.com.br/2012/08/abacaxi.html>>

abafamento **s.f.** *Origem: português.*

Ocorrência (em florestas ou ambientes fechados) de alta temperatura e pouca ventilação. **Nas mattas dos terrenos umidos, mais do que nos campos e corixas, é insalubre o ar que se respira. Facilmente isso se explica pelo <abafamento> e pouca exposição das substancias putresciveis á acção immediata do sol. Sob a floresta estão como n'um imenso caixão, onde, si o sol não devassa a espessura, nem por isso o calor é menor. Ahi a decomposição tem processos mais lentos, mas também a putrefacção é mais duradoura. As aguas que cobrem o solo são uma verdadeira lexivia, tanto mais terrivel na infecção e seus effeitos toxicos quanto mais abafada. O menor movimento nellas faz desprender ondas de gases morbificos, provindos de tal macerado.** (FONSECA, 1880, p, 179).

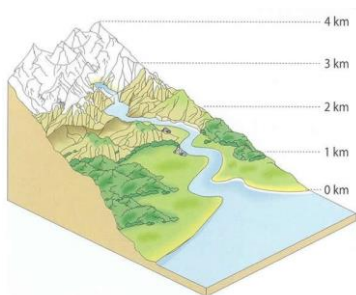


<http://www.piripirireporter.com/?lerno ticia_id=2704&horto-florestal-de-piripiri-e m -chamas&assunto= Geral&coluna=>>

abaixamento **s.m.** *Origem : português.*

Depressão ou inclinação de terreno; redução de nível ou de altitude, lugar baixo. **Ao occidente de Santarém, apparecem os mesmos gneiss sedimentarios; áquem da cachoeira de Tocantins bancos horisontaes de schisto**

argiloso e jaspe, como os do Ererê, sobre massiços de grês. As rochas calcareas aparecem mais frequentes no Solimões e seus afluentes. A tabatinga e as argillas marnosas formam grande parte das suas barrancas. Nos arredores do Gurupy, proximo á Macapá, as collinas são de grês — com bancos de schisto argiloso e jaspe; e lá já no oceano, a ilha de Sant'Anna, e uma collina arenosa pertencente á formação amasonense, e que ahi está indicando ou o <abaixamento> da costa, ou a invasão do oceano. (2).



<<http://www.aesap.edu.pt/Geografia/hotpotatoes/clima%201/variaterp.htm>>

abandono *s.m. Origem : português.* Ato de tropa militar, em situação de combate, retirar-se estrategicamente de um local ou uma de posição. **Flôr inda em botão—**a malfadada Província teve de emmurhecêr e pender na sua haste, ao sôpro envenenado do vento da guerra. Cincoenta annos pelo menos são precisos para que ella recupere os immensos prejuisos que começou a soffrer desde o ataque do Forte de Coimbra, que teve lugar a 27 de Dezembro de 1864, e terminou pelo <abandono> da guarnição, depois de dous dias de brilhante resistencia, em que os officiaes e soldados brasileiros cumprirão honrosamen os seus deveres. (MOUTINHO, 1869, p. 8).



<http://efeito-colateral.blogspot.com.br/2008_08_01_archive.html>

abarracamento *s.m. Origem : português.*

Local onde os militares armam temporariamente tendas e/ou barracas. **Percorri com o respectivo commandante o general Augusto Leverger os trabalhos de fortificação e <abarracamento>, os quaes achei assaz adiantados apesar das contrariedades a superar, sobresahindo entre ellas as chuvas, que tem sido copiosissimas e destruidoras (MOUTINHO, 1869, p. 282).** *Sin. acampamento.*



<<http://industriamello.com.br/Barra cas.php>>

abarrancado *s.m. Origem : português.*

Margem elevada de um rio. **A villa era defendida por duas baterias á barbeta: uma de seis canhões, á esquerda do porto de desembarque, e no <abarrancado> por traz da capella de Santo Antonio, lugar talvez conveniente naquelles tempos, mas que posteriormente perdeu qualquer importancia que podesse ter, com a mudança de direcção do rio, que formou canal em um sangradouro que segue em rumo de ONO. , á uma distancia de poucos centos de metros ao**

N., e em tal direcção que, quem sobe o rio só é visto da cidade quando prestes á abicar no porto [FONSECA, 1881, p. 124]. *Sin. ribanceira.*



<http://www.amazoniadagente.com.br/?p=11213>>

abasto **s.m.** *Origem : português.* Provisão de gêneros de primeira necessidade. **Pouco depois, em 5 de junho, chegavam á nova villa frota do Pará com generos de <abasto>, e voltavam, do mesmo modo que outras por terra, conduzindo ouro em granetes, unico genero de exportação do paiz (FONSECA, 1881, p. 61).**



<<http://tribunadonorte.com.br/news.php?notid=>>

abricó **s.m.** *Origem : português.* Fruto brasileiro comestível, carnoso, arredondado, de cor pardacenta, que mede de 15 a 22 cm de diâmetro, possui casca grossa e massa amarelada que envolve uma única semente de aproximadamente 7 cm de diâmetro. [...] **<abricós> do Rio de Janeiro : differindo em serem um pouco maiores e mais achatadas, e não amarellecerem quando maduras, desbotando, apenas, a sua côr verde clara. Dessas nunca logrei encontrar uma perfeita, tal a guerra que lhe fazem os pássaros (FONSECA, 1881, p. 127).** *Nota:* O abricó é empregado no tratamento de picadas de insetos, feridas e úlceras, (CRUZ, 1979, p. 22).

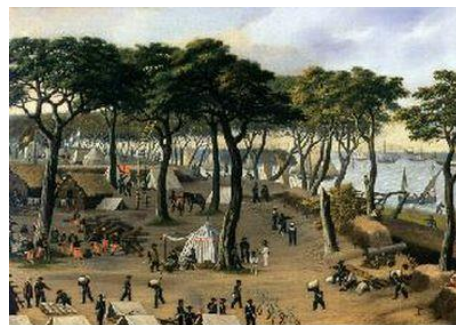


<http://ervasmedicinais-rosyluzes.blogspot.com.br/2009/10/frutas-medicinais-abricodo-para.html>

acampamento **s.m.** *Origem : português.* Local em que tropas militares armam temporariamente tendas ou barracas. **Nos nossos <acampamentos> demorados, e onde o solo das barracas ficava, ao cabo de dias, completamente sêcco, aservas e pequenos arbustos que germinavam debaixo dos leitos, ou, ainda, os amarellados pelo estiolamento, que brotavam em baixo de qualquer caixa ou objecto semelhante, voltado de boca para o chão e que assim os isolava completamente do ar externo,— amanheciam litteralmente cobertos de orvalho, isto quando a atmospha parecia sêcca e a tolda do abarracamento apenas de leve humedecida (FONSECA, 1880, p. 172). Sin. **abarracamento.****



<http://pt.lostpedia.wikia.com/wiki/Acampa> mpamento dos Hostis



<<http://imagenshistoricas.blogspot.com.br/2010/01/guerra-do-paraguai.html>>

adobe **s.m.** *Origem : português.* Tijolo de argila, seco ao sol e que pode ser misturado com palha ou capim para tornar-se mais resistente. **As casas são construídas de taipa e de <adobes> [...] (MOUTINHO, 1869, p. 172).**

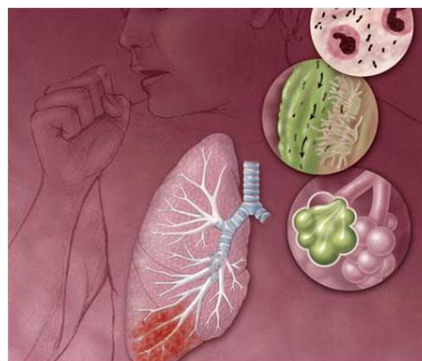


<<http://pt.dreamstime.com/foto-de-estock-parede-de-tijolo-de-adobe-imag-e16404670>>

afecção **s.f.** *Origem : português.* Designação para o conjunto de fenômenos mórbidos provenientes de uma mesma causa e que atuam sobre um órgão ou tecido, lesando-o ou provocando-lhe alteração nas funções. Ex. afecção respiratória, afecção pulmonar, afecção reumática.

Corria o anno de 1864, sem que cousa alguma alterasse a salubridade publica d'esta provincia, porém a findar-se o mez de Agosto e principiari-se o de Setembro, casos apparecerão de <afecções> de vias respiratorias [...] (MOUTINHO, 1869, p. 33-332). Das phlegmasias eleiopathicas ou de typo palustre, podem considerar-se como predominantes nas baixas e alagadiças regiões da provincia as molestias das vísceras abdominaes e vasos lymphaticos, que soem apparecer em qualquer estação; as do aparelho respiratorio e as <afecções> rheumaticas, mais communs no verão. Destas são causas mui frequentes as mudanças bruscas de temperatura [...]. Naquellas é o miasma do pantano que, absorvido e levado na circulação, vae damnificar osapparelhos eliminadores do organismo (FONSECA, 1880, p. 181-182).

Variante : affecção.



<<http://www.sistemanervoso.com/pagina.php?secao=8&materia id= 492 &ma te riaver=1>>

afluente **s.m.** *Origem : português.* Curso de água que desemboca em um lago ou em um curso de água maior. **Existem no paiz immensas nitreiras, e no Jaurú riquissimas minas de cobre e ferro que não forão ainda exploradas, apesar do decreto de 18 de Dezembro de 1861 que concedeu a uma companhia (que até hoje não foi organizada) o direito de explorar essas minas, além de diferentes mineraes no Araguaya e em seus <affluentes>, tanto em Goyaz como em Matto Grosso (MOUTINHO, 1869, p. 30-31). Tem por principal <affluente> o Branco, de quasi igual cabedal de aguas, o qual lhe entra pela esquerda (FONSECA, 1880, p. 109). Sin. tributário.**



Font

<<http://omelhordageografiaa.blogspot.com.br/2012/10/dinamica-aguas-ondas-oscilatorias-sao.html>>

aguapé **s.m.** *Origem : tupi.* Nome atribuído a diversas plantas aquáticas flutuantes, que crescem na superfície das águas de rios, lagos e pantanais. [...] **unico linitivo que encontravamos á monotonia do ermo, era passear á margem do Guaporé, sobre o lindo caes de Santo Antonio, a contemplar os jacarés de papo amarello, que ali existem em grande numero, ora sobre os <aguapés> do rio, ora na praia (MOUTINHO, 869, p. 154).**



<http://www.riosvivos.org.br/Noticia/Aguape++Uma+nova+possibilidade+para+a+geracao+de+energia/15265>

aguardente *s.f.* *Origem : português.* Bebida de alto teor alcoólico, obtida por meio da destilação do caldo da cana-de-açúcar. Foi nas orlas deste rio que em 1730 Antonio de Almeida achou como planta silvestre a canna de assucar de que tanto proveito tirou com seus companheiros, porque, conhecendo lhe o fabrico, tratou de fazer <aguardente>, cujos primeiros frascos vendeu a 10 oitavas de ouro [...] (MOUTINHO, 869, p. 259). [...] á sua custa os enviou á procurar as canas, com que fez o brigadeiro um bom quartel: no anno seguinte logo todos as tiveram e logo começaram á moer nas moendinhas á que nós chamamos escaroçadores e á estilar em lambiques que formavam de tachos: appareceram logo <aguardentes> de canas que vendiam o frasco a dez oitavas de ouro e as frasqueiras a quarenta e cinco oitavas (FONSECA, 1881, p. 150).



<http://forum-numismatica.com/viewtopic.php?f=17&t=80649>

alagadiço *s.m.* *Origem : português.* Lagoa temporária, formada por acúmulo de água proveniente de um rio. É notável que os miasmas palustres não exerçam influencia alguma no habitat dos planaltos, tão grande é a sua densidade e peso relativamente ao ar respirável. Corumbá, situada em uma altitude de 30 á 35 metros, no meio dos vastos <alagadiços> do rio Paraguay, o lago periodico dos Xarayés dos antigos, é altamente salubre e sóe passar incolume das febres epidemicas de mau caracter.



<<http://www.portalbrasil.net/brasil/fotos/mguardamor.htm>>

alagado *s.m.* *Origem : português.* Terreno úmido, cheio de água; encharcado; pantanoso. Desses [canaes], muitos transbordam e se espalham pela planície, outros fenecem em lagôas, e todos servem para entreter o vasto <alagado> dessa região (FONSECA, 1880, p. 116). (FONSECA, 1880, p. 116). *Sin.:* alagadiço.



<http://olhares.uol.com.br/terreno-alagado-foto3383740.html>

alambique *s.m.* *Origem: português.* Aparelho composto por uma caldeira, tubo e condensador para resfriamento e que é empregado na destilação de diversas bebidas alcoólicas, tais como aguardente de vinho e cachaça. [...] á sua custa os

enviou á procurar as canas, com que fez o brigadeiro um bom quartel: no anno seguinte logo todos as tiveram e logo começaram á moer nas moendinhas á que nós chamamos escaroçadores e á estilar em <lambiques> que formavam de tachos: appareceram logo <aguardentes> de canas que vendiam o frasco a dez oitavas de ouro e as frasqueiras a quarenta e cinco oitavas. (2).

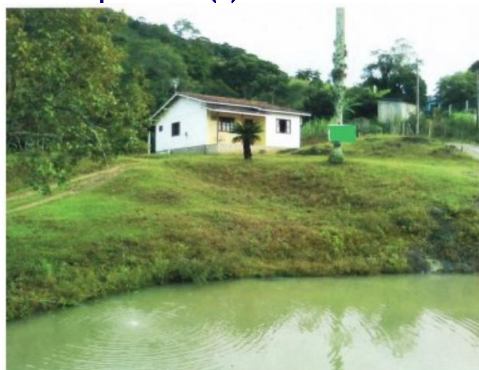


Marcelo Parise Petazoni <http://www.noramio.com/photo/6227215?tag=Conchas> pa



<http://www.pr.com/press-release/90310>

albardão **s.f.** *Origem:* português. Terreno elevado situado à margem de rios ou lagoas. Os poucos moradores que vivem nos <albardões>, de longe em longe, ás margens dos rios, apresentam na maior parte vestígios, sinão claros indícios, do vicio palustre. (2).



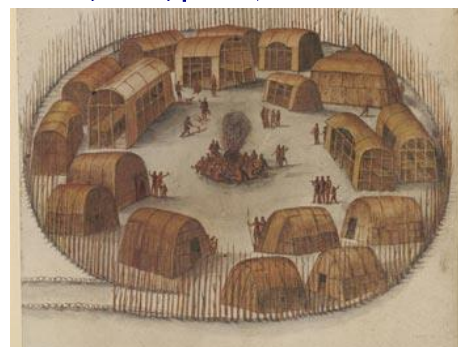
<<http://www.sorriaimoveis.com.br/lmoveilSelecionado.aspx?cod=311&fin=1>>

alcantil **s.m.** *Origem :* português. Rocha alta e íngreme; precipício; despenhadeiro. O <alcantil> que forma a parede de que fallamos, tem talvez meio quarto de legua de extensão [...] (MOUTINHO, 1869B, p. 28). Tornam-se notáveis certos contrafortes dessas soterradas cordilheiras, pela maneira extranha porque terminam seus espigões, em <alcantis> altíssimos e ás vezes cortados completamente à prumo [...] (FONSECA, 1880, p. 27).



<<http://gigantesdomundo.blogspot.com.br/2013/03/penhascomais-alto-do-mundo.html>>

aldeia **s.f.** *Origem :* português. Povoação habitada exclusivamente por índios. Nas margens dos rios S. Lourenço e Paraguay, continuão a habitar os indios guatós, na sua vida nomade, sem que se queirão sujeitar a formar uma <aldeia> (MOUTINHO, 1869, p. 177). A tres quartos de hora de viagem vae-se do Uauassú ao sitio de José Felix, em cujas proximidades existe ainda uma <aldeia> de bororós [...] (FONSECA, 1880, p. 368). *Sin. taba.*



<<http://culturasindigenas09.blogspot.com.br/2009/03/aldeias-ndigenas.html>>

alfafa **s.f.** *Origem* : português. Erva leguminosa de origem europeia, africana e asiática, de raízes longas, que atinge cerca de 5 a 15 m de comprimento; possui flores azuis ou violetas, dispostas em cachos e fruto espiralado, que contém sementes pequenas e compridas; é muito cultivada como forragem. **Vastas sementeiras de <alfafa> estavam feitas do mesmo modo que campos imensos plantados com gramíneas de pasto** (FONSECA, 1880, p. 162).



<<http://www.portalsaorancisco.com.br/alfa/alfafa/index.php>>

alfândega **s.m.** *Origem* : português. Repartição pública do Governo Federal, instalada nos portos para a realização de depósito e inspeção de mercadorias e vistoria de bagagens de passageiros em trânsito de ida ou volta do exterior. **Os vapores que navegavam na primeira parte de linha chegavam a Corumbá, d'onde seguiam outros mais pequenos rebocando chatas de ferro em que eram conduzidas as cargas, que os primeiros descarregavam na <alfandega>, até o porto de Cuyabá, formando a segunda parte de linha** (MOUTINHO, 1869, p. 248).

Variante : **alfandega**.



<http://www.navioseportos.com.br/cms/index.php?option=comcontent&view=article&id=58%3Aconsideracoes-gerais&catid=35%3Ahistoria-mm-brasileira&Itemid=82&showall=1>

alferes **s.m.** *Origem* : português. Durante os Períodos Colonial e Imperial, militar que ocupava patente hierarquicamente anterior à de tenente. **O <alferes> Hortencio Augusto de Seixas Coutinho, que tinha n'esse tempo sido enviado do Corumbá com officios ao presidente, ambicionando o prazer de ser o primeiro a communicar á capital o exito feliz de expedição, procurou desencontrar se daquelle a quem havia sido mandado, e, redobrando de esforços, chegou com effeito a Cuyabá no dia 29 de Junho, primeiro que o sr. dr. Couto de Magalhães. (1).Durante nossa permanencia na cidade, servia de facultativo á enfermaria um cidadão alferes da guarda nacional [...]. (3). Nota:** Atualmente a patente de alferes foi substituída pela de aspirante.



<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/inconfidencia-mineira/inconfidencia-mineira-1.php>>

algodão **s.m.** *Origem* : português. Espécie de casulo ovalado e de cor verde, que envolve as sementes do algodoeiro; quando seco converte-se numa espécie de felpa ou penugem formada por fios brancos e muito finos, utilizada na fabricação de tecidos. **Plantão também o <algodão> de que as mulheres fazem as suas roupas, e as rêdes em que dormem** (MOUTINHO, 1869, p. 144). **O <algodão> não necessita de cultivo para dar provas de ser uma exuberante produção do solo** (FONSECA, 1880, p. 149). *Ver*: algodoeiro.



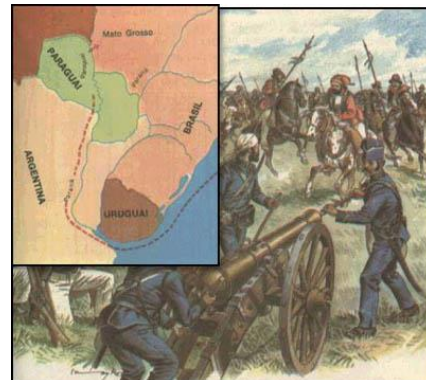
<http://ascapsantacruz.blogspot.com/2012/06/excesso-de-chuva-prejudica-qualidade-do.html>

algodoeiro **s.m.** *Origem* : português. Nome de um arbusto que por vezes atinge a estatura de uma árvore de pequeno porte, de folhas verde, palmadas ou codiformes (em forma de coração) e flores exuberantes e frutos capsulares com a parte superior pontiaguda e que repartem-se em 3 ou 4 compartimentos que abrigam de 3 a 7 sementes ovaladas, envoltas em fina penugem. **Nessas regiões o frio do inverno é rigoroso e as geadas frequentes, causando danos aos próprios <algodoeiro>** (FONSECA, 1880, p. 35). *Ver* : algodão.



<http://belezadacaatinga.blogspot.com.br/2011/02/algodoeiro.html>

aliados **s.m.** *Origem*: português. Nome dado ao grupo formado por Argentina, Brasil e Uruguai, que se uniram para combater o Paraguai durante a Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai, que durou de 1864 a 1870. [...] **para aqui convergiram, durante dois anos, todos os planos de guerra dos <aliados>** [...] (FONSECA, 1880, p. 240).



<http://www.escolainterativa.com.br/canais/18vestibular/estude/historia/his041.asp>

alma **s.f.** *Origem*: português. Ser humano; pessoa. **O que é certo é que de uma população de 12,000 <almas> mais da metade succumbio, e parte levantou-se disforme.** (MOUTINHO, 1869, p. 104). Não pôde ascender á mais de e cinquenta mil <almas> a população civilizada, a qual quasi que totalmente se concentra nas povoações; sendo mui diminuto o numero dos habitantes espalhados longe desses centros [...]. (FONSECA, 1880, p. 17).



Henry Chamberlain, *Uma Família Brasileira*

<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/brasil-colonia/sociedade-acucareira-no-brasil-colonial.php>>

almirante **s.m.** *Origem :* português. **esignação** atribuída a oficial que ocupa a mais alta no oficialato da Marinha do Brasil. O 13º presidente foi o Sr. capitão de mar e guerra Joaquim Raymundo de Lamare, hoje <almirante>, nomeado por C. I. de 5 de setembro de 1857 e empossado em 28 de fevereiro seguinte. (3). *Ver :* vice-almirante.



<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MB.png>

Almirante



<<http://www.defesanet.com.br/naval/noticia/10391/Celso-Amorim-participa-de-posse-no-Comando-de-Operacoes-Navais>>

alojamento **s.m.** *Origem :* português.

Aposento de instituição militar destinado a repouso. **Contém uma prisão, algumas salas ocupadas com o velho e inservível material de guerra, o <alojamento>, a botica e a enfermaria, assim chamada porque á ella são recolhidos os soldados enfermos e que não têm casa onde se tratem [...]** (FONSECA, 1881, p. 111).



<<http://www.flogao.com.br/alegue/r/20553135>>

alqueire **s.m.** *Origem :* português. Antiga unidade de medida de capacidade usada para líquidos e secos, principalmente cereais, e que equivalia a 36,27 litros. **Custava n'esse tempo um <alqueire> de sal um conto de réis [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 123). O milho dá de trez em trez mezes, e portanto dá quatro colheitas por anno; seu augmento é, pois, maravilhoso, podendo um <alqueire> semeado produzir nesse curto espaço do tempo, que é o de uma colheita na Europa, cem vezes mais! (FONSECA, 1881, p. 332).



<http://www.salves.com.br/dicsimb/dicsimbolon/alqueire.htm>

amêndoa **s.f.** *Origem : português.* Espécie de semente que se desenvolve dentro de um caroço de determinados frutos. **Os frutos [do guaraná] apresentam-se em cachos, como os da vide, e quando estão maduros tem uma bella côr vermelha rutilante; as <amendoas>, que são escuras e quasi do tamanho de avelãs, são torradas, trituradas [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 211). *Variante : amendoa.*



<http://www.nutricaoemfoco.com.br/pt-br/site.php?secao=alimentos-B&pub=497>

ananás **s.m.** *Origem : tupi.* Fruto do ananaseiro, é nativo do Brasil, mas presente também na América Central, na África e na Índia; de forma ovalada e casca avermelhada, possui em sua parte superior uma coroa formada por folhas lineares com bordas espinhadas, polpa áspera e doce perfume característico. **Os quintaes erão todos muito bem plantados, e nelles abundava [...] o <ananaz> [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 152). *Variante : ananaz. Ver : abacaxi.*



<http://www.frutaviva.net/porta/index.php?id=&layout=showoto&foto=12314683dac343a51.BMP> ananas1

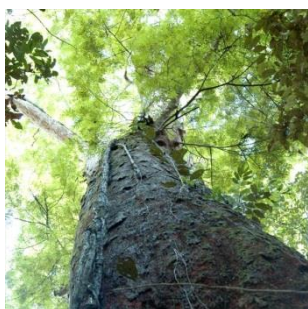
angélica **s.f.** *Origem : português.* Planta herbácea de 1 a 2 m de altura, nativa do norte da Europa, possui raiz grossa carnosa e perfumada, caule verde, reto, cilíndrico e estriado e cheiroso, com cerca de 100 a 130 cm e folhas pinuladas (que lembram penas), flores brancas ou esverdeadas, dispostas em inflorescência (mais de uma flor por pedúnculo) e também perfumadas. **[...] empregando ainda depois um pouco de raspagem do ferrão de inhuma, que dão a beber misturado com agua, ou o succo de diferentes ervas que conhecem, algumas des quaes muito efficazes como a <angelica> cheirosa [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 200). *Variante : angelica. Nota: A angélica é utilizada para o tratamento de afecções da pele, dores dorsais e reumatismo (BALBACH, 1992, p. 48).*



<<http://remediosdedeus.blogspot.com.br/2012/04/angelica.html>>

angelim do pará s.m. Origem : português.

Designação comum a diversas árvores das leguminosas nativas no Norte do Brasil, de grande porte, podendo medir até 60 m de altura, com diâmetro de cerca de 2 m, possui casca cinza-escura, folhas compostas (possuem o limbo dividido em várias pares independentes, flores róseas ou violáceas esparsas nas extremidades dos ramos, produz vagens indeiscentes (que não se abrem voluntariamente para liberar as sementes). Frutifica durante o verão, a queda das flores e a floração ocorre durante o verão.   também conhecido como angelim-pedra. **A circular do ministerio da marinha de 5 de fevereiro de 1858 proibe cortar, sem licença [...] <angelim-do-Pará> [...]** (FONSECA, 1880, p. 153-154).



<<http://www.terradagente.com.br/flora/0,0,4,163;7,angelim-pedra.aspx>>

angico s.m. Origem : africano.  rvores natural do Brasil, da família das leguminosas, de grande porte, pode atingir de 24 a 26 m de altura, possui tronco cilíndrico que pode ser reto ou tortuoso, folhas verde-escuras, pequenas, bipinuladas (que lembram penas) e flores hermafroditas, pequenas de 2 a 5 mm de comprimento, brancas e arredondadas e frutos pequenos em forma de vagem achatada, de 13 a 15 cm de comprimento, contendo de 1 a 3 sementes. **Basta attentar para a extensão e posição geographica da provincia para ficar-se convencido de que suas florestas encerram tudo quanto as outras provincias podem ostentar em madeiras de lei. Os jacarandás, o vinhatico, o <angico> [...]** (FONSECA, 1880, p. 152).



<http://www.riodosul.sc.gov.br/portal/principal.php?pg=5154>

angioleucite s.f. Origem : português.

Inflamação dos vasos linfáticos, que acomete pessoas adultas e se manifesta principalmente em indivíduos de compleição robusta.   uma enfermidade espontânea, independentemente de circunstâncias exteriores. **As hepatites, as congestões hepaticas, as nephrites, splenites, cystites e enterites; as diarrh as, dysenterias e lienterias; as <angioleucites> e a syphilis nas suas varias manifestações, são as molestias, que mais se apresentam ao estudo clinico em qualquer época do anno** (FONSECA, 1880, 182).



<<http://www.my-personaltrainer.it/benessere/img/linfangite.jpg>>

anil

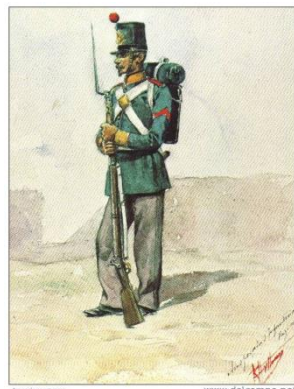
s.m. *Origem* : português. Arbusto originário da Índia, encontrada no México e no Brasil (Pernambuco, Maranhão, Pará e Amazonas), de ramagem abundante e de cor verde escura, com folhas palmadas e compridas, possui flores pequenas, róseas e distribuídas em cachos, produz vagens curvas com extremidades pontiagudas e uma substância que permite a produção de um corante azul. [...] o <anil> nasce espontaneamente nos terrenos húmidos [...] (MOUTINHO, 1869, p.151).



http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/tudo-azul-laboratorio-47721_1.shtml

anspeçada

s.m. *Origem* : português. Militar que ocupava patente situada entre a de cabo e a de soldado. [...] o termo incluso de fundação e posse do novo destacamento [...] cuja força compõe-se de um subalterno comandante, um sargento, um cabo, dous <anspeçadas>, trinta e cinco soldados, um corneta e um tambor (MOUTINHO, 1869, p. 256).



<<http://postcards.delcampe.co.uk/page/item/id,194682560,var,POSTCARD--CARTES-POSTALES--PORTUGAL--ANSPE-CADA-INFANTRY--RULES-12--1856--AN-SPECADA-INFANTERIE--REGLES-12--1856>,language,E.html>

apetrecho de guerra **s.m.** [plurália

tantum]. *Origem* : português. Nome genérico atribuído a armas, munições e instrumentos de guerra. Estamos pois de posse destes pontos sem queimar um só cartuxo, tendo sido a fuga do inimigo tão precipitada que deixou, como em Coimbra, toda a artilharia, armamento geral, munições e <apetrechos> (MOUTINHO, 1869, p. 290).

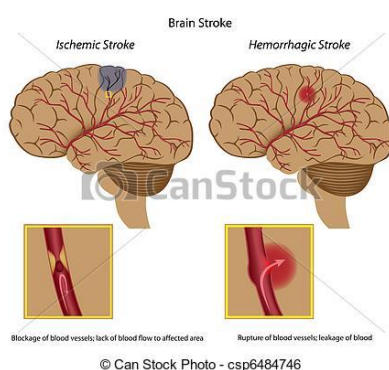
Ver : petrechos.



<<http://soldadoglaucia.files.wordpress.com/2010/05/295armas.jpg>>

apoplexia *s.f.* Origem : português.

Derramamento sanguíneo que provoca lesão vascular cerebral súbita e que pode provocar desmaio, privação dos sentidos e dos movimentos; acidente vascular cerebral (AVC)". **Entre as cousas curiosas que nos contou em meia hora de conversação, citou um caso de <apoplexia> fulminante, que curára com a aplicação de cataclysmas á cabeça (FONSECA, 1881, p. 113).**



<<http://www.canstockphoto.com.br/c%C3%A9rebro-apoplexia-6484746.html>>

aquartelamento *s.m.* Origem : português.

Local onde se alojam soldados, tropas, etc. **Este oficial foi encarregado pela presidência de formar um <aquartelamento> para os imperiaes marinheiros no Morro Grande e de facto lá esteve acomodado [...] (MOUTINHO, 1869, p. 240).**



<<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/fotos/soldados-do-exercito-ficam-em-alojamento-precario-no-alemao-201012-02-4.html>>

arara *s.f.* Origem : tupi. Designação atribuída a diversas aves encontradas na América Latina, que possuem cauda longa, bico forte, alto e curvo, com a mandíbula superior recurvada sobre a inferior; sua plumagem apresenta cores exuberantes que variam de acordo com a subespécie; medem de 73 a 95 cm e chegam a pesar até 1,5 Kg e emitem sons estridentes que podem ser ouvidos a grande distância, além de possuírem facilidade para imitar a voz humana. **Na sua vida errante apanhão muitos passaros pequeninos, que domesticão facilmente, como papagaios, araras, mutuns, jacús [...] (MOUTINHO, 1869, p. 181). As rêdes de dormir de Goyaz, Pará, Maranhão e Ceará, foram admiradas por seu trabalho, algumas dellas entretecidas de vistosas plumagens das arara [...] (FONSECA, 1880, p. 157).**



<<http://dicionariotupiguarani.blogspot.com.br/2012/08/arara.html>>

araçazeiro *s.m.* Origem : tupi. Árvore nativa da Amazônia, de pequeno porte, podendo atingir até 8 m de altura; possui tronco de casca lisa e de cor acinzentada, folhas simples e pequenas, com até 10 cm de comprimento e 6 cm de largura, flores branco-esverdeadas e frutos pequenos, tipo baga, com polpa suculenta e sabor adocicado. **As goiabeiras e <araçazeiros> são praga nos carrascos e caatingas que cercam o povoado [...] (FONSECA, 1881, p. 126).**



<<http://www.frutas.radar-rs.com.br/frutas/araca/araca.htm>>

arbusto **s.m.** *Origem* : português. Nome genérico atribuído a diversas espécies de vegetal lenhoso, desprovido de tronco e que possui caule ramificado desde o solo ou próximo a este; em geral, não ultrapassa 6 m de altura e pode ou não apresentar flores e/ou frutos.v O <arbusto> de poaia forma uma pequena cópa, a haste é despidida de folhas que tem um verde claro, e raras vezes se encontra solitário. Cresce sempre em moutas; arranca-se fechando na mão esquerda um punhado d'esses pequenos <arbustos> [...] (MOUTINHO, 1869, p. 151). É um <arbusto> de dous á quatro metros de altura, [...] lenhoso, sulcado, liso, desprendendo o epiderme em folhetas, folhas oppostas,[...] flores brancas, [...], sem pistillo, cinco carpellos, ovario trilocular, grãos erectos, basilares (FONSECA, 1880, p. 302–303).



<<http://ovelhasagarradas.blogspot.com.br/2011/05/sai-do-arbusto-e-dei-xa-deus-te-tratar.html>>

ariranha **s.f.** *Origem* : tupi. Mamífero carnívoro, presente na Amazônia e no Região Centro-Oeste, possui olhos grandes, orelhas pequenas e arredondadas, patas curtas e cauda achatada, que lembra um remo; pode medir até 180 cm (incluindo-se a cauda) e pesar até 34 Kg; sua pelagem é escura e apresenta cor branca na área frontal do pescoço. **Logo que conseguem abordar ao vapor, pedem tudo que vêem, e fazem troca de peles de onça, veado, lontra, <ariranha> e outros animais [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 180).



<<http://andreferreiramodelo.blogspot.com.br/2010/10/ariranha-e-o-maior-mustelideo-conhecido.html>>

arma **1** **s.f.** *Origem* : português. Qualquer objeto ou instrumento elaborado ou adaptado para ataque ou defesa em caso de luta ou guerra. **Nas suas caçadas servem-se de arco e frêcha, <armas> com que também pescão, e na guerra empregão com summa destreza a lança, a maça e o laço com bóias** (MOUTINHO, 1869, p. 201). Em 1 de dezembro vieram os hespanhoes acampar em frente ao destacamento com uma força de cerca de oito mil homens, dos quaes quatro mil e duzentos bem armados e equipados, e mais outros tantos indios com as <armas> do seu uso, e oito peças de artilharia (FONSECA, 1881, p. 72). Ver : **arma₂**; **arma₃**.



<http://cfpaula.files.wordpress.com/2012/11/dsc 1088.jpg>



<<http://sindireceitaamazonas.blogspot.com.br/2011/04/entenda-como-ocorre-o-controle-de-armas.html>>

arma 2 *s.f.* *Origem : português.* Cada uma das subdivisões ou especialidades de tropas do Exército, tais como cavalaria, artilharia, infantaria etc. O pequeno corpo de cavalaria foi destroçado em Nioac desaparecendo o seu commandante, segundo notícias aqui chegadas; o casco do batalhão de caçadores foi disperso e prisioneiro em Miranda; o corpo de artilharia e o 2º batalhão de mesma <arma> forão inutilizados pelo desastroso a bandono que fez o commandante das <armas> florescente povoação de Corumbá [...] (MOUTINHO, 1869, p. 273). No dia seguinte era nomeado presidente e commandante das <armas> o chefe de esquadra Augusto Leverger (FONSECA, 1881, p. 95). Ver : [arma₁](#); [arma₂](#).



<<http://www.sangueverdeoliva.com.br/novo/index.php?option=comcontent&view=article&id=156:cpor&catid=1:noticias&Itemid=2>>

arma 3 *s.f.* *Origem : português.* Sinal distintivo representado por uma insígnia, emblema ou um brasão cuja função é identificar uma corporação militar, uma capitania etc. Matto Grosso por provisão regia do anno de 1746, foi solemnemente elevada á cathegoria de Villa Bella de Santissima Trindade a 19 de Março de 1752, considerada desde então capital de capitania, tendo por <Armas> uma águia ou pelicano (MOUTINHO, 1869, p. 147). Eram <armas> das novas cidades, as de Cuyabá um monte verde com uma arvore de flôres de ouro, tendo por timbre uma phenix, e as de Matto Grosso um triângulo, emblema da Trindade, com um pelicano por timbre, <armas> concedidas em tempo de Rolim de Moura, por provisão real de fevereiro de 1753 (FONSECA, 1881, p. 87). Ver : [arma₁](#); [arma₂](#).



<<http://exercitoimperial01.blogspot.com.br/>>

armamento *s.m.* *Origem : português.* Conjunto de armas de que dispõe um navio, uma tropa ou um país. Estamos pois de posse destes pontos sem queimar um só cartuxo, tendo sido a fuga do inimigo tão precipitada que deixou, como em Coimbra, toda a artilharia, <armamento> geral, munições e apetrechos de guerra (MOUTINHO, 1869, p. 290).



<<http://noticiasdeitabuna.blogspot.com.br/2010/10/policia-de-itabuna-recebe-armamento.html>>

arnica **s.f.** *Origem* : português. Designação genérica atribuída a diversas plantas que se caracterizam como um arbusto que mede de 30 a 40 cm de altura e que possui caule reto e ramos esbranquiçados, possui folhas ovais, lanceoladas e pontiagudas, com nervuras verde-claras e salientes e inflorescência (mais de uma flor por pedúnculo), composta por flores sésseis (inseridas diretamente na haste da planta) amarelas, com pétalas alongadas, fixadas a um único receptáculo (miolo). **Homoeopaticamente o curativo desta enfermidade é facilimo; consiste elle em seringatorios de agua com <arnica>, que obra instantaneamente com muito proveito [...]** (MOUTINHO, 1869, P. 168).



< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arnica> >

aroeira **s.f.** *Origem*: português. Árvore alta, de 10 a 35 m altura, nativa dos Andes peruanos e presente na Europa e em todo o território brasileiro, de caule tortuoso que quando novos podem apresentar pelos; possui casca

acinzentada e folhas penadas de aproximadamente 15 a 23 cm de comprimento, flores pequenas, de cor verde ou branca, dispostas em cachos; produz frutos carnosos com núcleo duro, inicialmente verde-claros e cor de vinho quando maduros e que possui odor característico. **As suas mattas são povoadas de uma infinidade de excelentes madeiras, que disputão entre si o primor e a riqueza. O cedro, o oleo, o jacarandá, o Gonçalo Alves, o vinhatico, a piuva, o jequitibá, o conderú, o coração de negro, o louro, a <aroeira> e o carvão, e tantas outras que fôra longo enumerar (MOUTINHO, 1869, p. 152). [...] suas florestas encerram tudo quanto as outras provincias podem ostentar em madeiras de lei. Os jacarandás, o vinhatico, e guatambú, o guarabú, o pau-santo (guayaco), as varias especies de canelleiras e de perobas, o pequiá, as <aroeiras>, cedros, o angico [...]** (FONSECA, 1880, p. 152).



<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Schinus molle fruits.JPG>

arroba **s.f.** *Origem* : português. Unidade de medida brasileira equivalente a 15 Kg. **Um homem pratico deste serviço póde em um dia arrancar até uma <arroba> [de poaia], que depois de sêcca fica reduzide a menos de metade. É sabido o facto de Miguel Subtil, que é o da origem da cidade de Cuyabá: no primeiro dia colheu mais de meia <arroba> de ouro e seu camarada quatrocentas oitavas [...]. (2). Nota: A antiga equivalência da arroba era de 14,7 Kg (Ferreira, 2010).**



arroz 1 **s.m.** *Origem : português.* Planta asiática, de caule ereto, revestido de folhas alongadas e de cor verde e que pode atingir de 40 cm a 1 m de altura; em época determinada, produz um cacho na extremidade do ramo que, florido, possui aparência de sementes e que dá origem a frutos que contêm uma semente branca, que contém amido e que é universalmente consumida como alimento. **Se planta um alqueire de <arroz> colhe o mesmo resultado que na plantação do milho** (MOUTINHO, 1869, p. 31). Os mesmos pantanaes do valle paraguay seriam fontes de opulencia si se cultivasse o <arroz> que ahi pullula e fructifica expontaneamente [...] (FONSECA, 1880, p. 149).



< <http://agenda2020.com.br/2011/10/pi-para-a-cadeia-produtiva-do-arroz/> >

arroz 2 **s.m.** *Origem : português.* Semente branca, e que contém amido, produzido por planta de mesmo nome, de origem asiática e que é universalmente cultivada como alimento. **Este folguedo é sempre acompanhado da apreciada cachaça que não dispensão, e de uma outra bebida conhecida sob o nome de “aluá” feita de <arroz> ou de milho em fermentação** MOUTINHO, 1869, p. 18–19). A alimentação do povo tem simplesmente por base <arroz>, feijão e fructos (FONSECA, 1881, p. 134).



<<http://cozinheirosdeprimeiraviagem.files.wordpress.com/2011/06/arroz.jpg>>

arsenal de guerra **s.m.** *Origem : português.* Estabelecimento oficial no qual se fabricam e/ou armazenam armas, munições e demais apetrechos de guerra. **Quando concluiu a sua pena, sendo lhe dada a liberdade, não quiz sahir do arsenal de guerra, onde continuou a prestar seus serviços á Nação, até que chegou lhe a vez de acompanhar á eternidade aquelles que havião morrido nas suas mãos** (MOUTINHO, 1869, p. 39).



<http://veja.abril.com.br/231002/p082.html>

artilharia 1 *s.f.* *Origem : português.* Conjunto de armas e outros materiais de guerra, tais como canhões, projéteis, morteiros e os veículos que os transportam. Foi n'essa mesma ocasião que ele ordenou o transporte para Coimbra de quatro peças de <artilharia> de calibre 24, com o peso de 100 arrobas cada uma [...] (MOUTINHO, 1869, p. 68). Em 1º de dezembro vieram os hespanhoes acampar em frente ao destacamento com uma força de cêrca de oito mil homens, dos quaes quatro mil e duzentos bem armados e equipados, e mais outros tantos indios com as armas do seu uso, e oito peças de <artilharia> (FONSECA, 1881, p. 72). *Ver : artilharia₂; artilheria.*



http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Horse_artillery_rear.jpg



<<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/cidade-chilena-destruida-por-terremoto-lembra-zona-de-guerra-20100302.html>>

artilharia 2 *subst.* *Origem : português.* Especialidade de tropa combatente do Exército ou da Marinha. . [...] e assim, quando a 27 de Dezembro de 1864 foi o

Forte de Coimbra intimado a render-se no prazo de uma hora, tinha apenas por guarnição o 5º batalhão de <artilharia>, commandado pelo tenente coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, não excedendo a 120 o numero de praças, e estas mal municidas [...] (MOUTINHO, 1869, p. 240). [...] Seus pagamentos em dia e o das tropas de Corumbá, que eram um regimento e um batalhão de <artilharia>, e outro de infantaria, faziam por sua vez florescer o commercio e contribuíam para o progresso do povoado 9FONSECA, 1880, p. 21). *Variante : artilheria. Ver : artilharia*



<http://combatentebrazil.blogspot.com.br/p/eventos.html>

arvoredo *s.m.* *Origem : português.* Conjunto, plantação ou aglomeração de árvores em determinado espaço. Ali se ostentão gameleiras immensas que vão profundendo seus galhos na terra, até enraizarem-se de novo e formarem um outro <arvoredo>, bonito, copado, immensamente grande e curioso (MOUTINHO, 1869, p. 163). [...] taes os campos dos Parecis transitados por João Leme do Prado, em 1772, e pelos aventureiros que buscavam o ouro, desde Cuyabá até os Arayés, desde Villa Bella até Urucumacum; taes as reconhecidas pelo illustrado Sr. Dr. Taunay, na memoravel campanha de 1865 (*); terras balôfas, onde os animaes se enterram á cada passada que fazem; que não lhes dá o pasto, tão estereis são; onde o arvoredo rareia e os mattos são carrascos e cerradões; e onde, por conseguinte, tão difficil é a vida do

homem como o seu transitar por ahi. (FONSECA, 1880, p. 24–25). Sin. **mataria**.



<<http://timblindim.wordpress.com/category/cenario-urbano/page/9/>>

asfixia s.f. Origem : português. Estado mórbido provocado pela ausência de oxigênio no sangue e caracterizado pela dificuldade ou impossibilidade de respirar causada por infecção das vias aéreas superiores, afogamento, estrangulamento, inalação de gás etc. Para que o plantio das arvores seja de necessidade á purificação do ambiente de um povoado, para que dez, cem, mil, um milhão de arvores, mesmo, obrem beneficemente no elemento respiratorio, forçoso fôra que o homem não encontrasse nas florestas esse ar respiravel; fôra preciso que se observasse a <asphyxia> como resultado desse affastamento da sociedade [...] (FONSECA, 1880, p. 176–177). Variante : asphixia.



<http://www.rena.edu.ve/SegundaEtapa/ciudadania/ASFIXIAS.html>

ata s.f. Origem : português. Fruto tipo baga, de forma arredondada ou alongada, com polpa doce, mole e aquosa, de cor branca e que contém as sementes; apresenta

casca de cor amarelada ou esverdeada, lisa ou coberta por uma espécie de escama. Os quintaes erão todos muito bem plantados, e nelles abundava muito a uva, o figo, a atta, a fructa do conde [...] (1). Sin.: **fruta-do-conde**



<<http://www.flickr.com/photos/30697319@N04/3315565209/>>

ataque 1 s.m. Origem : português. Investida, assalto de tropa militar sobre outra inimiga. Flôr inda em botáo a malfadada Provincia teve de emmurhecêr e pender na sua haste, ao sôpro envenenado do vento da guerra. Cincoenta annos pelo menos são precisos para que ella recupere os immensos prejuisos que começou a soffrer desde o <ataque> do Forte de Coimbra, que teve lugar a 27 de Dezembro de 1864 (MOUTINHO, 1869, p. 8). Conforme declararam passados, o <ataque> devia effectuar se na antevespera de Natal. Novas ordens, porém, vindas com o governador de Santa Cruz de La Sierra, nas quaes o governo de Madrid desapprovava tão aggressivo movimento, fizeram levantar acampamento e retirarem se antes que houvessem realizado o <ataque> do ponto militar portuguez (FONSECA, 1881, p. 72). Ver : **ataque₂**

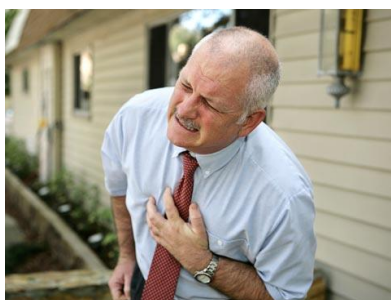


<http://depositomaia.blogspot.com.br/2009/01/preciso-tomar-posio-nos-conflitos-do.html>

ataque 2 *s.m.* *Origem* : português.

Manifestação súbita ou periódica de doenças físicas ou psíquicas. **José Manoel, português de nascimento, vítima de um <ataque> de catalepsia, foi durante ele julgado morto (MOUTINHO, 1869, p. 56).**

Ver : **ataque**₁.



<http://www.mundodastribos.com/diabeticos-sao-mais-propensos-a-sofrer-ataque-cardiaco.html>

atoleiro *s.m.* *Origem* : português. Terreno de solo mole, inundado por águas estagnadas. [...] si o trilho é frequentado quando o terreno ainda está encharcado e embebido de água, facilmente se vão formando <atoleiros> e maus passos, que dificultam o transito e fazem o desespero dos viajores. (FONSECA, 1880, p. 46). *Sin.* **alagado**.



http://www.agrodebate.com.br/_conteudo/2013/02/noticias/6796-defesa-ci vil-r ec onhece-situacao-de-emergenci a-em-mt-e-outros-6-estados.html

avestruz *s.m.* *Origem* : português. Grande ave pernalta, originária da África, com aproximadamente 2,5 m de altura; possui

asas atrofiadas, pernas longas e rosadas e dois dedos em cada pé; sua cabeça e pescoço (também rosados) são quase implumes. Macho e fêmea possuem plumagem negra, porém, no espécime macho, as pontas das asas são brancas. O peso desta ave oscila entre 90 e 130 kg. **A fauna de Matto-Grosso por si só basta para prover opulentemente todos os gabinetes do mundo. Entretanto, ao passo que ali a zoologia está representada com magnificencia verdadeiramente soberana: collecções entomologicas superiores à tudo o que de melhor e de mais rico possui a Europa nesse genero; mil diversos animaes preparados, desde o tigre e o tamanduá, a sucury e o jacaré, até a tocandira e a jequiranamboya; desde o tuyuyú e a <avestruz> até os formosissimos e mimosos beija-flôres; [...]** (FONSECA, 1880, p. 158). *Variante* : **abestruz**.



ZachiEvenor<<http://en.wikipedia.org/wiki/File:Yaen002.jpg>>

açafroa *s.f.* *Origem* : português. Erva nativa da Índia, de caule esbranquiçado, pode atingir até 60 cm de altura; possui folhas longas, ovais e espinhosas, produz flores pequenas, alaranjadas, dispostas em espigas e que contêm corante. [...] e o açoita cavallo [...], com suas pequenas flores brancas semelhantes na fórmula às de morangueiro e às de <açafrão> no cheiro (FONSECA, 1880, p. 380).



<http://farmaciaviva-ufc.blogspot.com.br/2012/03/acafroa.html>

açoita cavalo *s.m.* *Origem* : português.

Árvore de grande porte, nativa do Centro-Oeste, do Sudeste e do Paraná, pode atingir até 16 m de altura, que pode atingir de 16 a 25 m de altura, possui folhas serotenas e caducas (caem em determinado período), de cor verde-escura de um lado e verde esbranquiçado esbranquiçado de outro; produz flores brancas ou rosas e frutos capsulares que envolvem várias sementes de tamanho máximo de 1,5 cm. **Vêm-se também bastantes indivíduos da caryocar brasiliensis (piqui) e do <açoita-cavalo> [...] (FONSECA, 1880, p. 371).**

açúcar *s.f.* *Origem* : português. Designação genérica para substância geralmente solúvel, de sabor adocicado, extraída principalmente da cana-de-açúcar ou da beterraba; em geral, apresenta-se em pó ou em forma de pequenos cubos. **O guaraná [...] E' uma bebida tonica e saborosa. Depende porém, para se poder apreciar o seu bom gosto, de ser temperada por pessoa que esteja acostumada a preparal-a, com agua muito pura, chrystalina e fresca, e <assucar> bem refinado (MOUTINHO, 1869, p. 210). [...] teve Ricardo Franco uma situação e engenho de assucar, de que ainda guardam memória os velhos da cidade (FONSECA, 1881, p. 102). Variante : assucar.**



<http://bambuchuveroso.wordpress.com/2009/12/01/421/>

B – b

bacia **s.f.** *Origem* : português. Depressão ou conjunto de terras inclinadas e drenadas por um rio principal ou por seus afluentes. É, pois, mais que provável que essa enorme <bacia> entre os Andes e o araxá matto-grossense seja um valle de denudação, formado pelas aguas que ahi existiram; e que, abrindo vasantes ao N. e á S., nos locais mais declives, escoaram-se, levando as terras em dissolução, e assignalando pouco á pouco os leitos por onde, um dia, se derivassem as correntes, que, de futuro, viriam substituir esses mediterraneos,—cujos sangradouros encontraram d'Orbigny e Weddell (FONSECA, 1880, p. 55).



<http://meioambiente.culturamix.com/projetos/bacia-hidrografica-amazonica>

bagatela **s.m.** *Origem* : português. Ato ou incidente irrelevante, sem importância, de valor insignificante; frivolidade; futilidade. Enganou-se, aumentou uma cifra.... <bagatela>. (1). *Nota: Consideramos para a definição o sentido literal, no entanto, no texto em questão, a palavra bagatela, registrada em nota de rodapé, refere-se a um equívoco de Vicente de Barrios, ao atribuir a quantidade de 3000 homens a determinada tropa ao invés de 300, o que resulta na diferença nada irrisória de 2700 homens, de modo que é possível inferir-se que Moutinho empregou a palavra bagatela com sentido irônico.*



<http://tiilautneer.blogspot.com.br/2011/02/eu-nao-quero-nem-sabe-deixa-pra-la.html>

bagem **s.f.** *Origem* : português.. Invólucro, envoltório em que nascem alguns legumes, tais como o feijão, a soja, ervilha, etc. No meio das grandes mattas, e quasi que geralmente em todo o paiz de que tratamos, produz a terra abundantemente a baunilha, planta de que os habitantes não sabem tirar vantagem, e que ali é melhor que a do Mexico. A unica serventia que n'ella encontram são as sementes de suas <bagens>, que tem um perfume muito agradável; estas sementes depois de seccas, dão um pequeno estalo, logo que são comprimidas; deitão-nas entre os cabellos, e mandão a uma pessoa (ordinariamente mulher) catál-as uma por uma, ou por outra, arrebutál-as entre as unhas dos dedos pollegares—o que lhes produz immediatamente o somno. (MOUTINHO, 1869, p. 29–30).



<http://www.hortifrutifartura.com.br/hortifruti/legumes/ervilha.php>

bagre **s.m.** *Origem: português.* Peixe pequeno e de cor prateada que possui corpo couraçado e um par de barbilhões, ferrões desenvolvidos no maxilar inferior. **Para provarmos finalmente que a carestia de todos os generos mais indispensáveis á existencia só é devida aos motivos que levamos dito, basta fazer ver que um peixe que ha pouco tempo custava 100 réis, custa hoje 3\$000! Entretanto, se se lançar um anzol no rio, tirar-se-ha necessariamente um pacú, um dourado, um pintado ou um jahú; se se lançar uma rêde ou uma tarrafa, sahirá ella prenhe de centos de <bagres>, pacupevas, jeripócas, piraputangas, jurupensens, matrínchans, fidalgos, curimbatás, saúás, palmitos, além de uma quantidade extraordinaria de piquiras, trahiras, lambaris, etc....** (MOUTINHO, 1869, p. 32-33).



<http://www.efecade.com.br/cabeca-de-bagre/>

baía **s.f.** *Origem : português.* No pantanal, lagoa subcircular, de duração permanente ou temporária. **A' esquerda, a <bahia> do Tamengo, lisa e unida como um espelho, reflecte em suas aguas a magestosa inhúma, e os passaros gigantes e de côres variegadas que sobre ella esvoação, e que em quantidade admiravel povoão as suas margens, onde já existem algumas habitações.** (MOUTINHO, 1869, p. 246). [...] Subindo mais para cima, vem um rio dar neste do Cuyabá, que lhe chamam Cuyabá-merim, que nasce de uma bahia na qual habitava um lote de gentio chamado Cuyabás *Variante : bahia.*



<http://haroldopaljr.files.wordpress.com/2008/05/baia-pantanal-43275-peq.jpg>

baileado **s.m.** *Origem: português.* Dança, coreografia ou sequência de movimentos corporais geralmente ritmados por música. **Nessas festividades [...] tudo entremeiado de cantos e dansados que se succedem com poucos intervallos, durante dias e ás vezes semanas; percorrendo os festeiros as ruas desde antes do amanhecer até á noite, sempre cantando e dansando, indo buscar ás casas,—um por um, todos os principaes da festa, juizes e juizas, mordomos e aias, etc.; descansando ás noites em folias e <bailados>, em casa, até o romper da alva, em que novamente sahem á repetir o mesmo ceremonial da vespera; em tudo isso frequentes libações de restillo, e, de vez em quando imersões no Guaporé, quando o demasiado calor ou a fadiga os apoquent.** (3). *Sinón: baile, dançado*



http://ale-gremista.blogspot.com.br/2009/02/01_archive.html

baile **s.m.** *Origem : português.* Dança, coreografia ou sequência de movimentos corporais geralmente ritmados por música. **Nessas festividades [...] tudo entremeiado de cantos e dansados que se succedem com poucos intervallos, durante dias e ás**

vezes semanas; percorrendo os festeiros as ruas desde antes do amanhecer até á noite, sempre cantando e dansando, indo buscar ás casas,—um por um, todos os principaes da festa, juizes e juizas, mordomos e aias, etc.; descançando ás noites em folias e <bailados>, em casa, até o romper da alva, em que novamente sahem á repetir o mesmo ceremonial da vespera; em tudo isso frequentes libações de restillo, e, de vez em quando imersões no Guaporé, quando o demasiado calor ou a fadiga os apoquentá.

(3). *Sinón* : **bailado, dançado**



<http://buracosupernegro.blogspot.com.br/2012/09/lado-lado-classe-c-leva-globo-epoca-de.html>

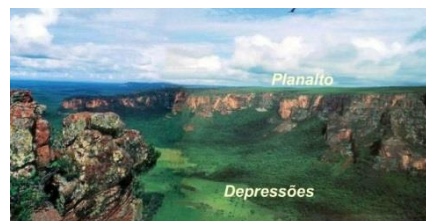
baioneta *s.f.* *Origem* : português. Arma banca e pontiaguda que se adapta á extremidade do cano do fuzil ou da espingarda e que é utilizada pelos militares de infantaria para combate corpo a corpo. **Muitos conseguirão assim trepar as altas muralhas do forte, sendo quasi invariavelmente rechaçados á ponta de <bayoneta>, ou victimas das granadas que cahão ao pé de muralha** (MOUTINHO, 1869, p. 285). Material de serviço : 38 armões, 5 carros manchegos sem armões, 5 especiaes para transporte de munição, 7 reparos de falcas, 1 sem rodados, 11 de flecha, 3 de campanha, 2 sem rodados, 15 de marinha, 163 peças de palamenta, usadas, 176 espingardas, 408 <bayonettas>, 5 lanças, 4 estativas de foguetes de guerra, systema inglez, 90 carretas, a maior parte em mau estado, 1 zorra com oito grandes rodas, destinada

ao transporte da artilharia pesada, e enorme quantidade de munição de artilharia e infantaria (FONSECA, 1880, p. 240). *Variante* : bayoneta; bayonetta.



<http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-476680466-baioneta-britnica-enfield-no-9-JM?redirectedFromParent=MLB464389834>

baixa 1 *s.f.* *Origem* : português. Depressão ou inclinação de terreno. **A <baixa> do terreno é por sua extensão um obstáculo insuperável nas condições actuaes desses paizes; e todo o esforço, em tal empresa, será nullificado ante tamanha dificuldade** (FONSECA, 1880, p. 46).



<http://auladegeografia.webnode.com.br/as%20for%C3%A7as%20da%20natureza/o-relevo/>

baixa 2 *s.f.* *Origem* : português. Dispensa do serviço militar. **Para não ficar em peiores condições a respeito de força numerica de linha, fiz sustar as <baixas> ás praças, que ião têl-as em cumprimento das ordens do governo, por serem do numero das que concluirão o tempo de serviço até 1861** (MOUTINHO, 1869, p. 272).



<http://www.seupost.net/certificado-de-reservista-como-tirar-documentos-necessarios-892778.html>

baixada *s.f.* *Origem : português.* Depressão de terreno situado próximo a montanhas. *As descargas electricas são amiudadas e quasi tão geraes no planalto como na <baixada> (FONSECA, 1880, p. 197).*



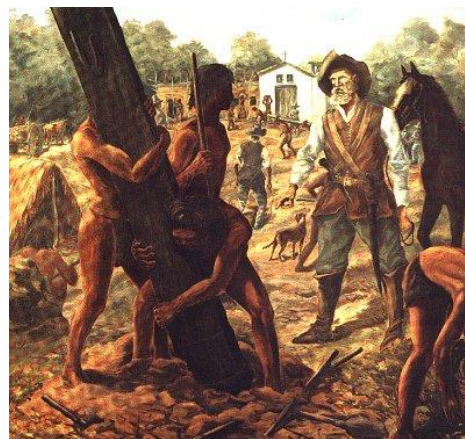
<http://simplesmenteser-simplesassim.blogspot.com.br/p/vale-do-aco-atividades-de-historia-e.html>

banana *s.f.* *Origem : português.* Fruto do tipo baga, alongado, com polpa branca e carnosa e casca verde a princípio, após o amadurecimento do fruto pode tornar-se amarela, parda ou avermelhada, dependendo da espécie. [...] *não tem ali medico que os assista, nem medicamentos que tomem, e por dieta apenas o rancho regimental, miserável e altamente reduzido pela força das circumstancias, e que elles buscam augmentar com o que pódem encontrar comivel, caça ou peixe, ahi rarissimos, laranjas, goiabas, bananas e fructos silvestres. (3).*



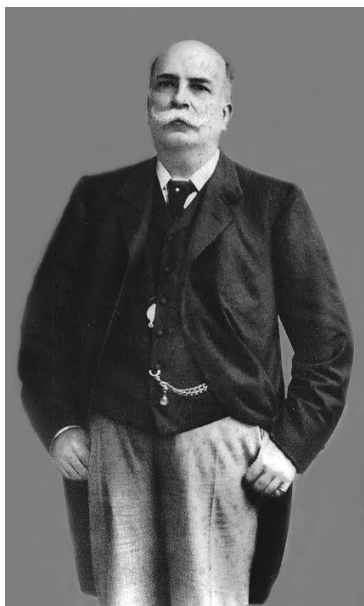
<http://sosfeminino.blogspot.com.br/2009/03/dicas-de-como-comer-certos-alimentos.html>

bandeira *s.f.* *Origem : português.* Expedição armada que partia geralmente da Capitania de São Vicente e adentrava o sertão brasileiro a fim de combater ou aprisionar índios e/ou explorar riquezas naturais e minerais. *Este meio porém não aproveita, e nem d'elle se colhe o desejado resultado, porquanto a experiencia tem mostrado que só servem as <bandeiras> para exacerbal-os, e voltarem mais rancorosos ainda a exercer suas vinganças (MOUTINHO, 1869, p. 190).* Somente em 1752 é que começou o governo a providenciar contra estas entradas ou <bandeiras>, para escravizar os índios, cujo captivo proibiu e aboliu completamente em carta régia de 6 de junho de 1755. E as idéas do governo portuguez eram tão liberaes, que já em 4 de abril desse anno tinha baixado um decreto, no qual declarava que os que se casassem com índios não só não seriam considerados infames, mas antes tornar-se-iam dignos da Real atenção para honras e empregos (FONSECA, 1881, p.9).



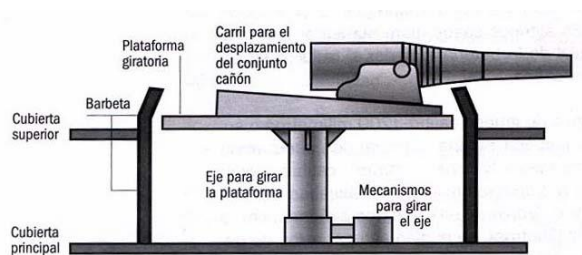
<http://www.grupoescolar.com/pesquisa/entradas-e-bandeiras.html>

barão *s.m.* *Origem : português.* Título de nobreza de baixa graduação adotado por diversas monarquias. *Por elle recebi porém do nosso vice almirante no Rio de Prata, <barão>, hoje visconde de Taé, (MOUTINHO, 1869, p. 270).*

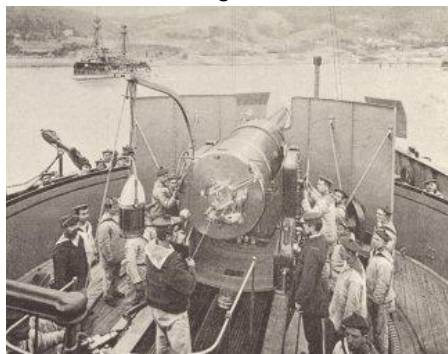


<http://diretoriomonarquicodobrasil.blogspot.com.br/2011/10/barao-do-rio-branco-heroi-da-patria-ate.html>

barbeta **s.f.** *Origem: português.* Placa ou plataforma metálica utilizada para proteger um reparo de boca de fogo de navio de combate ou de fortificação. **A villa era defendida por duas baterias á <barbeta>: uma de seis canhões, á esquerda do porto de desembarque [...]. (3).**



http://www.geocities.ws/modelistasbrowniano_s_archivo02/tecnologia58/index.html



<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Redoutable-barbette.jpg>

barco de vela **s.m.** *Origem: português.*

Embarcação de material e dimensão variáveis, impulsionada pela ação do vento em uma peça de tecido ou nylon, presa a um mastro e à qual se denomina vela. **Algumas vezes que subimos esses rios em barcos de vélla apesar de havermos sido feliz, tivemos sempre de aborrecer-nos [...]. (MOUTINHO, 1869, p. 248). Variante: barco de vella.**



[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:America Pinnacle Virginia 1584 artist.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:America_Pinnacle_Virginia_1584_artist.jpg)

barranca **s.f.** *Origem: português.* Margem de rio declivada, alta e íngreme. **A maior parte ficou morta e insepulta pelas <barrancas> dos rios, e alguns presa dos índios Jahuaritis ou Morcêgos que habitão nas imediações do Salto Augusto, bravios e ferozes, atacando de noute as monções que sobem ou descem esse rio (MOUTINHO, 1869, p. 216). Mais adiante teve Lopes mais outra prova de quão insondáveis são os designios de Deus e que imenso o seu poder. Atracadas á uma <barranca>, lá estavam as canoas do seu ex patrão, e alguns escravos vivos: aquelle e o resto da gente, apesar dos recursos que ainda tinham, mortos na <barranca> enquanto que elle, o enfermo e faminto, o moribundo abandonado para morrer, ahi chegava saciado, vivo, são e forte. (FONSECA, 1881, p. 18-19). Ver: barranco.**



<http://www.baeturismo.net/papel%20de%20pared/barranca%20de%20rio.htm>

barranco **s.m.** *Origem : português.* Margem de rio alta e íngreme e em declive. **A guarnição brasileira de Corumbá tinha feito preparativos de defesa, colocando baterias no <barranco> de frente de cidade, e a três léguas abaixo, estendendo cadeias através do rio para impedir o passo de nossos vapores (MOUTINHO, 1869, p. 295). Ver : barranca.**



<http://www.regiaodosvales.com.br/noticia/noticia.php?id=7812&destaque=1>

barreta **s.f.** *Origem : português.* Pequeno banco ou coroa formado pelo acúmulo de areia, pedra ou de outros sedimentos depositados na foz de um rio. **No dia 29 e 30 muitas ilhas e correntes e o rio cheio de pedras. No primeiro passou uma <barreta> pequena, e no segundo uma grande caxoeira (FONSECA, 1880, p. 70).**



<http://www.panoramio.com/photo/13498088>

batalha **s.f.** *Origem : português.* Confronto ou combate armado relativamente extenso entre forças militares inimigas. (MOUTINHO, 1869, p. 251).



<http://www.historiabrasileira.com/guerra-do-paraguai/batalha-do-riachuelo/>

batalhão **s.m.** *Origem : português.* Unidade militar de infantaria ou de cavalaria, constituída por um certo número de companhias (de 3 a 5), pertencentes a um mesmo regimento (tropas sob o comando de um coronel). [...] **quando a 27 de Dezembro de 1864 foi o Forte de Coimbra intimado a render-se no prazo de uma hora, tinha apenas por guarnição o 5º <batalhão> de artilharia [...] (MOUTINHO, 1869, p. 240). Ha no ponto um destacamento, presentemente de quinze praças, do 3º <batalhão> de artilharia, commandado por um subalerno [...] 9FONSECA, 1881, p. 309).**



<http://www.operacional.pt/1%C2%BA-e-2%C2%BA-batalhoes-de-para-quedistas-condecorados/>

batata doce **s.f.** *Origem : português.* Planta nativa das Américas, com raízes em forma de tubérculos, que são amplamente empregados como alimento em diversos

países, possui folhas que lembram uma ponta de lança, flores róseas, vermelhas, roxas ou brancas e fruto capsular que contém poucas sementes, cobertas de penugens. Os guarayos [...] completamente mansos, entregues á lavoura, tendo já muitas casas bem edificadas, boas plantações de milho, mandioca, amendoim, feijão, arroz, canna, bananeiras, carás, batatas doces, etc (MOUTINHO, 1869, p. 144).



<http://vipaerobic.com.br/site/2013/03/batata-doce-e-o-ganho-de-massa-muscular/>

batel **s.m.** Origem : português. Barco pequeno, geralmente utilizado para navegação fluvial para transporte de passageiros ou de pescados. **A força dos barqueiros era impotente contra o poder dos elementos revoltos, e ele sereno e risonho prestes a ser tragado pelo abysmo, submergido pelas montanhas de agua que espumosas se erguião aos Céus, abrindo a seus pés cavas profundas, horríveis parais, onde batia o frágil <batel> sem norte e sem rumo, lançando mão de um remo, aportou com grande espanto dos navegantes experimentados, á bellissima ponte onde em ancias cuidadoso o aguardávamos** (MOUTINHO, 1869, p. 43).



<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/foto-grafias/CEBIS%20-%20RJ/AM7417.jpg>

batuque **s.m.** Origem : português. Designação comum a algumas danças de origem

africana, executadas ao som de instrumentos de percussão, geralmente tambores, e acompanhadas de cantigas. **Ha também uma outra dança popular conhecida sob o nome de <batuque> que differe muito da que acabámos de descrever, e que tem tanto de alegre quanto a primeira tem de insipida. No batuque o velho remoça, e o rapaz excede se a si mesmo no delirio do prazer. (1).**



<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/ret-rato/batuques-em-lisboa>

baunilha **s.f.** Origem : português. Plantas da família das orquidáceas, nativa das americanas tropicais, possui folhas de formato pontiagudo, flores verde-amareladas, grandes e produz frutos longos, dos quais se extrai uma essência aromática, utilizada na culinária e na perfumaria. **No meio das grandes mattas, e quasi que geralmente em todo o paiz de que tratamos, produz a terra abundantemente a <baunilha>, planta de que os habitantes não sabem tirar vantagem, e que ali é melhor que a do Mexico** (MOUTINHO, 1869, p. 29). **A <baunilha> enreda-se ás grossas arvores e particularmente ás palmeiras, nas ribeiras de quasi todos os seus rios e corixas, e com preferencia nos terrenos do Alto-Paraguay** (FONSECA, 1880, p. 151).



<http://diariodebiologia.com/2009/09/a-baunilha-e-uma-planta/>

beberagem *s.f.* *Origem:* português. Preparo medicinal caseiro ou elaborado por um curandeiro, geralmente contendo chás, ervas e/ ou outras substâncias naturais e que por ser geralmente servido ou vendido em garrafas é muito conhecido como garrafada. **Em suas doenças recorrem a essa entidade phantastica que lhes prescreve ridículos preceitos e <beberagens> estupidas, com as quaes serão naturalmente, porque as enfermidades que os atacão, a não ser na velhice, são quasi sempre leves e de pouca duração (MOUTINHO, 1869, p. 200).**



<http://www.drbyma.com/anvisa-poe-mais-9-fitoterapicos-na-lista-negra/garrafada/>

bebida *s.f.* *Origem :* português. Qualquer líquido próprio para ser ingerido, que contenha ou não álcool (refresco, vinho, cachaça etc.) **É notável que, enquanto a transpiração cutânea e a exalação pulmonar se exageram por efeito da temperatura, e que por isso as <bebidas> aquosas, e especialmente o guaraná nas classes abastadas (FONSECA, 1880, p. 182). Ver : bebida alcoólica; bebida espirituosa.**



<http://barmetrosexual.com/receita-coquetel-com-vodka/>

bebida espirituosa *s.f.* *Origem :* português. Qualquer líquido próprio para consumo e que contenha álcool em sua composição (vinho, cachaça etc.). **Como na maior parte dos logarejos, póde se dizer que ahi são tantas as tendas de negocio quantas as casas de habitação; todas magramente sortidas, mas, assim mesmo, basares em ponto mesquinho, onde poucos generos se encontram, mas muito sortidos de mercaria, drogas, fazendas, calçado, fogos artificiaes, e mais que tudo <bebidas-espirituosas>, que são o grande fundo do commercio (FONSECA, 1881, p. 137). Ver : bebida; bebida alcoólica.**



<http://www.fotolog.com/paulomomento/69706065/>

berne *s.m.* *Origem:* português. Larva depositada por mosca sob a pele de mamíferos, inclusive do homem. **Era tal a miséria que os bichos consumiam esse resto de índios que tem desaparecido em poucos anos de uma maneira inconcebível. As úlceras do corpo chamavam a essas habitações as varejas que, pousando nas feridas, deixavam os bichos a que chamam <bernes> que produzem dores horríveis, colocando-se dentro das carnes onde crescem até crearem pêlo.**



<http://www.infoescola.com/doencas/berne/>

bexiga *s.f.* *Origem:* português. Designação popular pela qual é conhecida a enfermidade da varíola. **Ahi foram enterrados, ou antes queimados e expostos aos vermes e animais carnívoros, no curto espaço de sessenta dias, os cadáveres de mais de 4,000 pessoas, vítimas das bexigas, que em Cuyabá aparecerão pela primeira vez em 1867. (1). "Melhor fôra que asolára a nova capitania um bando de corvos ou uma epidemia de bexigas" [...]. (3).**



http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Childwith_Smallpox_Bangladesh.jpg

bicuiba *s.f.* *Origem:* tupi. Designação comum a diversas árvores nativas do sudeste brasileiro, que atinge até 25 m de altura, caule fornecedor de seiva, folhas estreitas e em forma de ponta de lança e fruto duro, arredondado, com cerca de 4 cm e de cor verde a princípio, de cor castanha quando maduro e que contém uma única semente de cor amarronzada. Produz óleo com propriedades medicinais e que também é utilizado como combustível e na produção de velas e de sabão. **Como a poaya, a baunilha, a quina, a japecanga, a salsaparrilha, a jalapa, o jaborandy, o sangue de drago, a copahiba, a <bicuiba> e muitas outras espécies [...] são tesouros da matéria médica muito comuns na região (FONSECA, 1880, p. 151).**



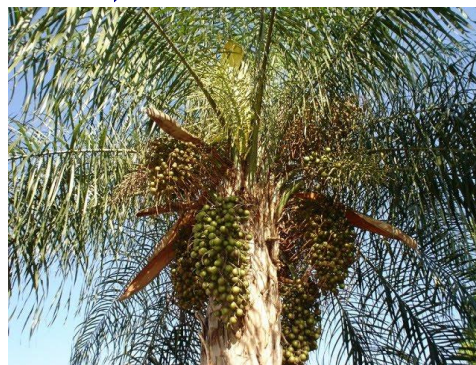
<http://www.arvores.brasil.nom.br/new/bicuiba/index.htm>

bicuibeira **s.f.** *Origem* : tupi. Nome comum a várias árvores oriundas do Sudeste brasileiro, com até 25 m de altura, caule fornecedor de seiva, folhas estreitas, com formato de ponta de lança, fruto duro, arredondado, com cerca de 4 cm e de cor verde a princípio, e castanho quando maduro, envolvendo uma única semente de cor marrom. Produz óleo que além de empregado na medicina, é utilizado como combustível e na produção de velas e de sabão. [...] nas mattas onde também descobre se copia de copahibeiras, <bicuibeiras>, a nozmoscada do Brasil [...] (FONSECA, 1881, p. 184).



http://www.cubataojoinville.org.br/imgs_flora/arvore.php?arv=bicuiba

bocaiuva **s.f.** *Origem* : tupi. Nome comum a algumas árvores do gênero palmeira, nativas do Brasil e do Paraguai, encontradas nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que atingem até 20 m de altura, dependendo da espécie; apresentam caule fino, liso e cilíndrico, de cor acinzentada, com espinhos que podem atingir de 3 a 12 cm de comprimento e possuem folhas verdes, de até 5 m de comprimento, flores amarelas e frutos que medem de 2 a 5 cm de comprimento, polpa comestível e amarelada de sabor doce e cor verde a princípio e amarelada quando maduros. **Usão apenas comer feijão mal temperado e farinha sêcca, quando não passam só com a farinha do côco de <bocayuva>, que é demasiadamente indigesta e prejudicial á saúde (MOUTINHO, 1869, p. 166–167).**



<http://www.cachacataboa.blogspot.com.br/>

botica 1 **s.f.** *Origem : português.* No século XIX, designação para caixa, baú ou outro recipiente no qual se guardava medicamentos. **Viajamos sempre com uma <botica> de homeopathia sciencia falsa medecina espectante mas unica, possivel de ser conduzide nestas grandes viagens [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 64).



<http://boticasefarmacias.blogspot.com.br/2011/01/historia-da-farmacia-no-brasil-parte-i.html>

botica 2 **s.f.** *Origem : português.* Designação para antigo estabelecimento no qual se comercializava medicamentos. **Ordenado dos empregados e de um servente de <botica>.....1:120\$844 OUTINHO, 1869, p. 81).** Como a <botica> nem sempre tem as drogas que lhes são necessárias, esses militares obtêm as por si, comprando as às vezes á sua custa, e muitas por preços fabulosos (FONSECA, 1881, p. 111). *Nota: Nos séculos XVIII e XIX, as boticas equivaliam às atuais farmácias.*



<http://olhares.uol.com.br/botica-foto2416594.html>

braça **s.f.** *Origem : português.* Antiga medida de comprimento variável de país para país e no Brasil equivalia a cerca de 2,2 m lineares ou a dez palmos. **Em todo o sertão não existe uma <braça> ao menos de caminho que se possa dizer estrada; é apenas uma simples vereda que não admite outro vehiculo de conducção a não ser o de animaes de carga** (MOUTINHO, 1869, p. 24). **Grandes penedos, uns prismaticos, outros arredondados, ora dykes de diorito e de elvan, ora blocos soltos; uns partidos á meio por uma só fenda, ás vezes de mais de <braça> de largura, apparecem aqui e ali [...]** (FONSECA, 1881, p. 280). *Nota: Na atualidade, a braça é uma unidade do sistema de medidas inglês, equivalente a cerca de 1,8 m e que é utilizada pela marinha para aferir profundidades* (LEAL, 1991, p. 23).



http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/tv/multimedia/imagens/4matematica/6_braça.jpg

braço **s.m.** *Origem: português.* Ramificação lateral de um rio. **Adiante separam-se as fontes do Guyabá das do Paranatinga; e na serra de S. Lourenço as do rio deste nome, pelo Tiquinito, das do Manso, subsidiário sinão principal curso do Rio das Mortes, rico tributário do Araguaya; e as outras origens deste grande rio das do Taquary, <braço> do Paraguay, que apparecem já no paralelo 19. (1).** Tinha partido de Cuyabá á 14 de maio, no intento de não só verificarem si o rio era navegavel, como tambem de saberem si era o principal tronco do rio das Mortes; em 21 de setembro estavam de volta, tendo averiguado que esse, e não o braço que se entronca junto á aquelle porto, é o verdadeiro rio das Mortes. (2).



<http://iguape.olx.com.br/terreno-praia-da-jureia-barra-da-ribeira-iguape-sp-iid-268877056>

brejo **s.m.** *Origem* : português. terreno encharcado; alagadiço. [...] reunido á esses já por si vastos lenções de agua, muitissimo accrescentados pelas torrentes de alluvião, espraia-se, cobrindo enorme territorio, onde as estreitas depressões do terreno, já aproveitadas pelas primeiras escoantes das chuvas, têm-se convertido em rios; onde os brejos e almargeaes hão se mudado em lagos [...] (FONSECA, 1880, p. 48).



http://www.fotolog.com/somos_sms/

C – c

caapiranga **s.f.** *Origem : tupi*. Planta da qual os índios produziam tinta roxa para suas festividades. [...] **na barranca, entre quantidade de vistosas maranthas e canaceas, entre ellas o cosius paco <caapiranga>, o caeté merim de folhas verdes e vermelhas, assoberbavam se as duas mais formosas especies de straelitzias que conheço, a regina, e outra de flôres ainda mais bellas, violaceas da côr do lilaz.** (FONSECA, 1881, p. 152).

Nota: Há um município do Estado do Amazonas denominado Caapiranga, devido à grande quantidade dessa planta na época do surgimento da cidade.

caapuã **s.m.** *Origem : tupi*. Árvore nativa de Minas Gerais e do Centro Oeste brasileiro, possui flores brancas e frutos drupáceos (carnosos e com núcleo duro, à semelhança do pêssego e da manga). Pode atingir até 6 m de altura. **Somente á borda dos rios a vegetação é pujante e magnifica ; nos campos os mattos são ralos e de caapuans isolados. São estes muito frequentados pelas onças e os lobos guarás [...]** (FONSECA, 1880, p. 388).



<http://www.ufjf.br/floraserranegra/herbario-virtual/giospermas/symplocaceae/symplocos-celastrina-mart/>

caatinga **s.f.** *Origem : tupi*. Formação vegetal rarefeita, pouco densa e composta por árvores de pequeno porte e por vegetação rasteira. **Dos arredores da cidade de Matto Grosso só visitei a margem fronteira do rio, nas faldas da serra de Ricardo Franco, seguindo a estrada que vae ao porto do Bastos. O solo é ubérrimo, coberto, de robusta, virgem e frondosa mattaria, bem diferente, no typo, dos matagaes que circumdam a cidade, <caatingas> que hoje substituem as florestas derrubadas.** (FONSECA, 1881, p. 126).



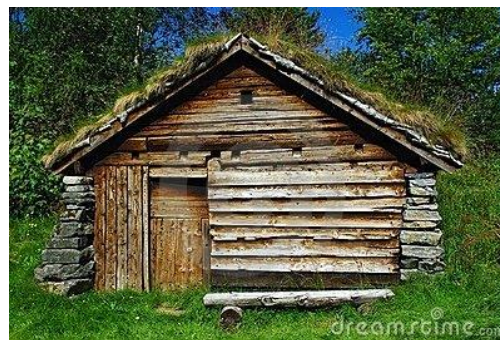
<<http://trilheirosdacaatinga.blogspot.com.br/2012/05/plantas-da-caatinga-aroeira.html>>

cabaceiro *s.m.* *Origem : português.* Árvore natural do Brasil, frondosa e de tronco tortuoso, que produz flores brancas ou amarelas, aromáticas e cujas cascas dos frutos conhecidos como cabaças, que após maduras, por serem duras podem ser empregadas na fabricação de instrumentos musicais e de objetos para ornamento e de uso doméstico. **'Destes o primeiro que subiu o rio Cuiabá, assim chamado por encontrarem uma cuia grande sobre as águas, que ia rodando, por onde inferiram que por aquele rio havia gente (sic); dizem que o nome de Cuiabá procedeu de haverem <cabaceiros> plantados pelas margens daquele rio [...]** (JOSÉ BARBOSA DE SÁ *apud* FONSECA, 1880, p. 37). *Ver : cabaça; cabaço.*



<http://bissau-lisboa-bissau.blogspot.com.br/2009/03/pe-de-cabaca.html>

cabana *s.f.* *Origem : português.* Habitação precária, geralmente de tamanho pequeno, construída com madeira ou outro material rústico e comumente coberta de palha ou de sapé. **Quando ali estivemos, o aspecto d'esta aldeia era o mais tristonho e desolador que se possa imaginar—a hediondez de miséria em toda a sua plenitude. A morte tinha seus agentes na fome, e na podridão que empestava essas <cabanas> (MOUTINHO, 1869, p. 169). Havia na ilha oito <cabanas> de palha, com paredes de troncos de carandá tão afastados uns dos outros, que cães e porcos passavam entre eles muito á commodo (FONSECA, 1880, p. 260).**



<http://pt.dreamstime.com/imagens-de-stock-cabana-de-madeira-antiga-image16612824>

cabaça *s.f. simples.* *Origem : português.* Fruto formado por dois bojos, um superior menor e um inferior, maior, unidos por uma seção estreita; quando maduro torna-se duro e pode ser empregado na fabricação de diversos objetos, tanto de utilidade doméstica quanto de ornamento e instrumentos musicais. **Os povoadores primeiros do distrito deram-lhe o nome por acharem plantado em suas margens certo fructo conhecido com o apellido de cabaço ou <cabaça>, especie de abobora de miolo amargo, o qual se separa e deixa um casco rijo, de que fazem cuia, seccando-o, para guardar farinha, liquidos, etc.” (FONSECA, 1880, p. 37). Cf. cabaceiro** *Ver : cabaço; cabaceiro.*



<http://cabacasemicangas.files.wordpress.com/2011/11/tam-anhos-modelos.jpg>

cabaço **s.m.** *Origem : português.* Fruto formado por dois bojos de tamanho diferentes e unidos por uma seção estreita e que, devido ao grau de dureza que atinge quando maduro, é empregado no fabrico de utensílios domésticos, instrumentos musicais ou objetos de arte. **A opinião dos cabaceiros é a seguida por monsenhor Pizarro, que diz: « Os povoadores primeiros do distrito deram-lhe o nome por acharem plantado em suas margens certo fructo conhecido com o apellido de <cabaço> ou cabaça, especie de abobora de miolo amargo, o qual se separa e deixa um casco rijo, de que fazem cuia, seccando-o, para guardar farinha, liquidos, etc (FONSECA, 1880, p. 37). Ver : cabaça; cabaceiro.**



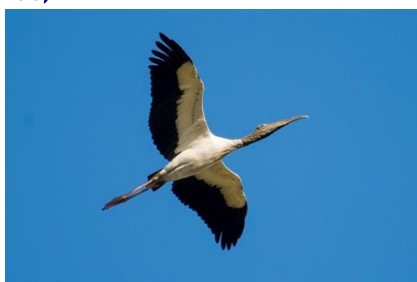
<http://mimoscomcaprichos.blogspot.com.br/2011/06/cabaca-com-arte.html>

cabeceira **s.f.** *Origem : português.* Local onde nasce um rio ou riacho, nascente. **Passamos pelas 3 Barras, sitio pertencente á família do finado Vieira; por alguns pequenos correjos, e pelo Santo Antonio, ribeirão formidavel que corre por entre a matta do mesmo nome, e que offerece um linitivo ao viajante pela frescura que ali se gosa. Fizemos 5 leguas até chegarmos á primeira <cabeceira> denominada Pindehyval, onde pousamos para enchugar as roupas que se tinham molhado pela quéda que déra dentro do ribeirão de Santo Antonino o animal que carregava nossos bahús (MOUTINHO, 1869, p. 61). Talvez que primitivamente esses rios accidentaes ou escoantes, e hoje perennes, derivaram seus cabedaes em regiões bem altas [...] Outros têm as origens no interior de cavernas, nas fraldas de montes: taes, entre muitos, a famosa <cabeceira> do Guaporé, nascida no ôco de uma rocha [...] (FONSECA, 1880, p. 30).**



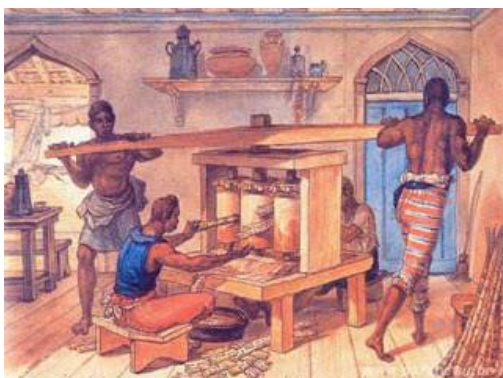
<http://www.agenciasucuribonito.com.br/Passeios-Bonito-Pantanal/nascente-azul-flutuacao-bonito-ms>

cabeça seca **s.m.** *Origem* : português. Ave da família das cegonhas; mede de 86 a 100 cm de comprimento, pesa aproximadamente 3 Kg; possui cabeça e pescoço negros, nus, bico longo (com cerca de 30 cm) e escuro e plumagem branca, sendo as penas mais longas das asas e as da cauda de cor negra. **Encontra-se nuvens de colhereiros, de garças, marrécas, patos, <cabeças-sêccas>, tuyuyus, e alfim uma infinidade de passaros aquaticos [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 260).



<http://www.flickr.com/groups/neobirds/pool/cdtimm/?view=lg>

cachaça **s.f.** *Origem*: português. Bebida alcoólica obtida mediante a destilação da espuma e do melão da cana. **Algumas vezes as mulheres fazem parte do cururú, mas cedem logo aos efeitos da <cachaça> e ficam prostradas mesmo no lugar da festa, até que se dissipe a bebedeira.(1).** *Sinón* : **aguardente**
Variante : **caxaça**



<http://arturricardo-historiador.blogspot.com.br/2010/01/moeda-do-brasil-colonial-era-cachaca.html>

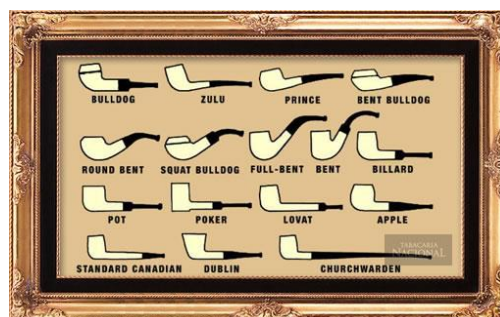


<http://www.barril514.com.br/cachacas/cachaca-prazer-de-minas-vidro-700-lux-com-box.html>

cachimbo **s.m.** *Origem* : português. Utensílio para fumar, geralmente feito de barro ou de madeira, composto por um pequeno tubo cilíndrico denominado forninho, no qual se coloca o tabaco e de um tubo, chamado piteira, por meio do qual se aspira o fumo. **A noiva [...] sentou-se muito a gosto, alçou a perna direita, depoz o pésunho sobre a cadeira, trançou os braços sobre o joelho e aceitou um <cachimbo> que lhe ofereceu o noivo. (1).**



<http://www.naosoudaqui.blogspot.com.br/2003-09-01/archive.html>



<http://www.tabacarianacional.com.br/como-cachimbo.html>

fumar

cachoeira **s.f.** *Origem: português.* Salto ocasionado pela existência de degraus no leito de um rio. **A aresta conhecida pelo nome de Serra dos Parecis, vem desde as <cachoeiras> do Madeira. Seu primeiro contraforte aparece no paralelo 10° 20', junto á primeira cachoeira desse rio [...].**
(2). *Variante : caxoeira*



<http://municipiosturisticosmatogrosso.blogspot.com.br/2013/03/cachoeira-do-prata-e-tombada-como.html>



<http://www.santanaoxente.net/site/a-saude/1736-situacao-critica-falta-de-chuva-esta-secando-as-cacimbas-dos-arapiraquenses>

cadete **s.m.** *Origem : português.* Aluno de escola de formação de oficiais militares.

Em 1783 subiu o Dr. Antonio José da Silva Pontes, astrônomo e <cadete> de dragões (*), á reconhecer o Alto Guaporé, mas não pôde vencer as cabeceiras por causa das cachoeiras que encontrou, em numero de dez, além da ponte. Mas, seis annos mais tarde, offereceu-se para terminar esse serviço e o fez partindo da villa á 9 de dezembro de 1789 (FONSECA 1880, p. 133).



<http://galinharoxa.wordpress.com/category/500-de-cadete-vagas-para-agulhas-negras/>

cafuné **s.m.** *Origem : português.* Estalido feito com as unhas (geralmente dos polegares) na cabeça de outrem. **A unica serventia que nella [baunilha] encontrão são as sementes de suas bagens, que tem um perfume muito agradável; estas sementes depois de seccas, dão um pequeno estalo, logo que são comprimidas; deitão nas entre os cabellos, e mandão a uma pessoa (ordinariamente mulher) catál-as uma por uma, ou por outra, arreventál-as entre as unhas dos dedos pollegares o que lhes produz immediatamente o somno. Dão a este passatempo o nome de fazer <cafuné>; é elle porém proprio dos homens preguiçosos e amigos da volupia. (1).**



http://www.fotolog.com/luks_lpb/53151938/

cajueiro **s.m.** *Origem : português* *Origem : português* Árvore originária do Nordeste brasileiro, produz folhas verdes e ovaladas e pequenas flores vermelhas dispostas em cachos; seus são constituídos por duas partes, um pedúnculo carnoso, o caju, do qual pende uma castanha oleaginosa, que é o fruto propriamente dito. [...] **taes os typos principaes desse tapete floral, onde as maiores arvores, quasi sempre jaboticabeiras e sapótas, não attingem á altura de quatro metros, e onde a**

mangabeira e o <cajueiro>, arvores de seis e mais metros, nas regiões felizes, conservam, entretanto, todo o vigor de fructificação dessas regiões: aquella, cobrindo-se de formosos fructos, mas não elevando as grimpas á mais de metro do solo; e este, sendo ás vezes de tal altura, que as folhas e o fructo são maiores do que o tronco. (2).



<http://www.afloresta.com.br/cajueiro/>

cana **s.f.** *Origem: português.* Designação comum a diversas plantas tropicais dotadas de um caule (colmo) ereto, de 3 a 6 m de altura, com aproximadamente 2 a 5 cm de diâmetro, constituído por nós e entrenós e (gomos) separados por anéis; raízes subterrâneas; folhas laminadas e inflorescência em forma de plumas e que se desenvolve a partir do último entrenó. Dessa terra de encantos e de maravilhas [...] onde a <cana> procura igualar se a palmeira, e onde o assucar é tão secco e tão solto que seus cristalizados granitos, são como os da areia arrebatados pelo vento, onde por espaço de muitos dias são os rios coalhados pelo peixe que sobe roncando, e que lhes deixa engorduradas as águas? (1). Não é tanto a falta de forças como a do commercio (que torna aquellas inuteis) a causa da mesquinha produção desses feracissimos terrenos, onde, como tive muitas occasiões de vêr, a mandioca e o cará attingem proporções collossaes; onde a <cana> produz exhuberancia de seiva. (3).



<http://www.infoescola.com/plantas/cana-de-acucar/>

canela 1 **s.f.** *Origem: português.*

Árvore de pequeno porte, com cerca de 10 m de altura, cuja casca, odorífera é utilizada como especiaria. As arvores da copaíba e a <canella>, produzem tambem da mesma fórma (1). Ver : canela₂, caneleira. Nota: Essa árvore é originária da Ásia.



IvyRamalho-<http://verderaiz.wordpress.com/> /2010/09/10/canela-caneleira-da-india/

canela 2 **s.f.** *Origem: português.*

Especiaria extraída da casca da árvore de canela. Em 1669 Gonçalo Paes e Manoel Brandão, subiram-o e penetraram no Araguaya, em busca de ouro, trazendo em compensação muito cravo, <canella> e castanha (2). Sinón: canela₁ Ver: caneleira



<http://plantas-medicinais.me/category/canela>

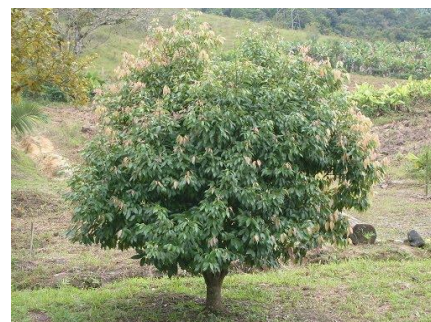
caneleira **s.f.** *Origem:* português. • Árvore de pequeno porte, podendo atingir de 8 a 13 m de altura, com tronco de cerca de 35 cm de diâmetro; produz folhas longas e de formato oval e pequenas flores amareladas ou esverdeadas agrupadas em cachos. Os jacarandás, o vinhático, e guatambú, o guarabú, o pau-santo (guayaco), as várias espécies de caneleiras [...] (2). *Sinón :* canela₁, caneleira da Índia. *Ver :* canela₂



<http://verderaiz.files.wordpress.com/2010/09/a-arvore-da-canela.jpg>

caneleira da Índia **s.f.** *Origem:* português. árvore de pequeno porte que produz folhas verde e longas e flores pequenas, de cor verde-claro, reunidas em hastes. Na cidade ha alguns pés de coqueiro da Bahia, cajueiros, figueiras, castanheiras

do Pará, aqui chamadas tocary, limoeiros, limeiras, fructas do conde, <caneleiras> da Índia etc., arvores quasi todas velhas e sem duvida plantadas pelos antigos, sinão os primeiros moradores. (3). *Sinón :* canela₁, caneleira. *Ver :* canela₂
Nota: É originária Do Ceilão (Antigo Sri-Lanka), país sul-asiático, sua casca, de odor característico, é utilizada como especiaria e muito apreciada na culinária nacional.



<<http://canelasecanelas.blogspot.com.br/2010/04/canela-da-india-canela-de-cheiro.html>>

canoa **s.f.** *Origem :* português. Embarcação pequena e leve, feita de um único tronco (geralmente cipreste), movida a remos, podendo ou não possuir velas; em geral mede 17 m de comprimento e 2 m de largura, sendo utilizada para o transporte de pessoas ou de objetos, chegando a suportar até 60 t de peso, quando bem construídas. Estes índios podem impedir o transito entre Matto Grosso, Pará e o Forte do Principe de Beira, para onde continuamente navegação pequenas canoas mal tripoladas (MOUTINHO, 1869, p. 143). Houve conserva de <canoas> em que morreram todos sem ficar um vivo, achando os que vinham atraz as <canoas> com as fazendas podres, e os corpos mortos [...] (FONSECA, 1881, p. 16). *Ver :* igara.



<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/jangadas-saveiros-e-canoas>

capital **s.f.** *Origem:* português. Cidade onde se concentra a administração de um estado, província, departamento etc e por isso classificada como principal. Os cuyabanos são excessivamente perspicazes, não se notando esta qualidade somente nos que habitam a <capital>, mas geralmente era toda a população (MOUTINHO, 1869, p. 14). Os erros ou caprichos dos primeiros presidentes do Pará, e as intrigas e dissensões, que dividiam os habitantes e perturbavam todos os espíritos, [...] em 7 de janeiro de 1835, continuou em uma série de carnificinas, tanto na <capital>, como em quase todas as províncias do interior, sem exceptuar as do Alto Amasonas (FONSECA 1881, p. 387).



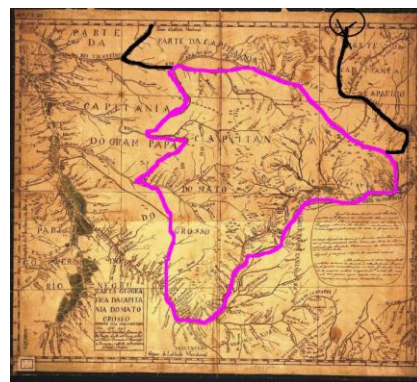
<http://www.achetudoeregiao.com.br/MT/cuiaba/historia.htm>



<http://www.mochileiro.tur.br/cuiaba.htm>

capitania **s.f.** *Origem :* português. Capitánias eram as divisões administrativas do Brasil durante o Período Colonial. **Matto Grosso**

por provisão regia do anno de 1746, foi solemnemente elevada á cathegoria de Villa Bella de Santissima Trindede a 19 de Março de 1752, considerada desde então capital de <apitania> [...]. (1). [...] quando por decreto de 15 de dezembro de 1815 foi o Brasil elevado á cathegoria de reino, e mudada a designação de capitánias para províncias. (2). *Nota: Após a independência do Brasil, as capitánias foram renomeadas pelo Império como províncias, situação que mudou com a proclamação da República, quando as províncias passaram a se chamar Estados.*



<http://eusougarcialreal.files.wordpress.com/2011/01/mt.jpg>

capitão **s.m.** *Origem :* português. Oficial do Exército Brasileiro, de patente superior, situada imediatamente acima do posto de tenente e imediatamente abaixo do posto de major. O governo conserva ali um destacamento de 100 praças de guarda nacional commandado por um official, regularmente capitão, que toma o commando do fronteira. Estas praças se dividem por diversos pontos (MOUTINHO, 1869, p. 160). O capitão Mathias Ribeiro da Costa, mandado á escolher lugar conveniente perto do Fecho de Morros, partiu de Villa Bella á 9 de maio e Cuyabá á 22 de julho, com 15 canôas e cêrca de 200 homens, entre officiaes, soldados e operarios, com as armas e instrumentos necessários (FONSECA. 1880, p. 92).



<http://www.jb.com.br/heloisa-tolipan/noticias/2012/11/05/de-salve-jorge-ao-fashion-rio-rodrigo-lombardi-e-a-estrela-do-desfile-da-tng/>

capitão de engenheiros s.m. *Origem :*

português. No Brasil Colônia, oficial que comandava o corpo de engenheiros, que realizava trabalhos de construção de edificações militares, fortificações, abertura de estradas, construção de pontes, que realizava destruições necessárias, e dedicava-se à cartografia e à astronomia aplicada (Semelhantemente às realizações dos engenheiros militares atuais, diferindo-se nos recursos tecnológicos). [...] **elegeram uma junta governativa, que ficou composta do bispo de Ptolomaida, presidente, e vogaes Jeronymo Joaquim Nunes, João José Guimarães e Silva, o vigario geral Agotinho Luiz Goulart Pereira, Felix Mirme, Antonio Navarro de Abreu, o <capitão-de-engenheiros> Luiz De Alincourt, André Gaudie Ley e o padre José da Silva Guimarães. Servia de secretario o capitão De Alincourt (FONSECA, 1881, p. 88-89).**



<http://www.forte.jor.br/tag/ciavex/>

capitão-de-estado maior s.m.

Origem : *português.* Oficial que ocupa patente de mesmo nome e que exerce funções no estado-maior, que vem a ser um órgão de assessoramento de um comandante, apoiando suas decisões por meio de estudos e ações de combate nas áreas de pessoal, informações, operações e logística. **O Brasil tinha mandado tomar posse definitivamente dessa ilha em 29 de junho desse anno pelo <capitão-de-estado-maior>, hoje brigadeiro, o Sr. José Joaquim de Carvalho (FONSEC, 1880, p. 259).**



http://www.cb.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=946:capitães-bm-finalizam-curso-de-comando-e-estado-maior&catid=76:noticias-cbmsc&Itemid=117

capitão de fragata s.m. *Origem :*

português. Oficial da marinha que ocupa patente de mesmo nome, hierarquicamente posterior à de capitão-de-corveta e anterior à de capitão-de-mar-e-guerra e equivalente à patente de tenente-coronel do Exército Brasileiro, sendo, portanto, uma patente de nível superior. [...] **ali estava a maior parte de força de linha com o coronel comandante das armas Carlos Augusto de Oliveira, e o chefe de estação naval <capitão-de-fragata> Francisco Candido de Castro Menezes, militar muito distinto, cuja força a muito custo pôde salvar-se (MOUTINHO, 1869, p. 245).**



Blackcloud11 <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hierarquia_militar_\(Brasil\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hierarquia_militar_(Brasil))>

capitão de mar e guerra **s.m.** *origem :*

português. Oficial que ocupa a terceira patente do oficialato superior da Marinha do Brasil, situada entre a de capitão de fragata e a de contra-almirante. **O 13 presidente foi o Sr. capitão de mar e guerra Joaquim Raymundo de Lamare, hoje almirante [...]** (FONSECA, 1881, p. 93).



Blackcloud11<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9f/Capit%C3%A3o_de_Mar_e_Guerra_MB.gif>

capitão –general **s.m.** *Origem :* português.

Militar que ocupava o cargo de administrador de uma Capitania, durante o Período Colonial brasileiro ou de uma Província, durante o Período Imperial. **A 1º de Janeiro de 1727, perante o governador e capitão general da capitania de S. Paulo D. Rodrigo Cezar de Menezes, ali chegado a 15 de Novembro de 1726, mandado para erigir a povoação em villa e regular a arrecadação dos direitos para a fazenda real, celebrou se o acto da instalação da villa real do Senhor Bom Jesus, tendo por armas uma montanha com uma arvore florescida de folhetas de ouro, e por timbre uma Phenix.** (MOUTINHO, 1869, p.

23). No forro do salão de jantar ha uma Hebe não mal desenhada, contornos suaves, posição feliz. Em uma portada da ante camara uma dama trajada de amplo vestido escarlata, em gestos de quem vehementemente impreca um gordo e roliço capitão general, que, de fardão igualmente encarnado e á pôpa de um galeão onde fluctuam as quinas,— lá está cercado de seus officiaes de sala, no tamanho e compostura mais assemelhados á meninos de côro (FONSECA, 1881, p. 109).



<http://www.rdnnews.com.br/blog/print/cuiaba-do-passado-e-marcada-por-crise-e-guerra>

capitão-tenente **s.m.** *Origem :* português.

Oficial que ocupa patente de mesmo nome na Marinha do Brasil; durante os Período Colonial e do Imperial, esta patente equivalia à de major do Exército e hierarquicamente situava-se anteriormente posteriormente à de Tenente-do-mar (depois denominada Primeiro-tenente) e anteriormente à de Capitão-de-fragata; posteriormente (e na atualidade) passou a ser equiparada à de capitão, sendo, portanto, um posto intermediário. **Deixando as Torrinhãs passamos o Mutum onde encontramos os srs. dr. Couto de Magalhães, <capitão-tenente> Balduino José Ferreira de Aguiar, commandante do Anhambahy [...]** (MOUTINHO, 1869b, p. 33).



http://reportereduandensilva.blogspot.com.br/2013_01_01_archive.html

capitão-de-infantaria **s.m.** *Origem :*

português. Oficial que ocupa essa patente e que atua na arma de infantaria, a arma do combate aproximado, a pé ou transportada por meios motorizados; sua missão é conquistar e manter o terreno.

No Brasil Colônia e Império, a Infantaria era constituída tropa que se deslocava a pé e que portava armamento leve. **Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres foi o quarto governador [...] A' elle mais do que á nenhum outro deve a capitania benefícios e germens de muitos engrandecimentos, sendo, talvez, o maior delles o ter trazido em sua companhia o engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, então <capitão>; á quem desde o começo da viagem foram commettidos trabalhos da maior importância [...]** (FONSECA, 1881, p. 78).



<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a4/Capit%C3%A3o.gif>

capitão-mor **s.m.** *Origem :*

português. No Brasil-Colônia, comandante militar de uma região ou cidade, comandava uma companhia de ordenanças. **Esta é a primeira igreja da cidade, construída em 1722 pelo <capitão> Jacyntho Barbosa Lopes (MOUTINHO, p. 47). Southey diz que este veio de <capitão> com plenos poderes civis e militares** (FONSECA, 1881, p. 22).



<http://www.fotolog.com/mariae5/97118836/>

caroba **s.m.** *Origem :*

português. Árvore de médio porte, que pode atingir até 12 m de altura, possui tronco ereto, com 20 m 30 cm de diâmetro, folhas longas, com aproximadamente 40 a 50 cm de comprimento e produz flores rosas ou roxas; seu fruto é lenhoso, achatado e de cor escura. **Como a poaya, a baunilha, a quina, a japecanga, a salsaparrilha, a jalapa, o jaborandy, o sangue de drago, a copahiba, a bicuiba e muitas outras especies de oleos, o angico, o páo-santo, a <caroba>, a carobinha, a cainca, o jatobá, etc., são thesouros da materia medica muito communs na região. (2).**

Ver: **carobinha**



<http://www.arvores.brasil.nom.br/florin/carobr.htm>

carobinha **s.f.** *Origem :*

português. Árvore de médio porte, atinge cerca de 12 m de altura, possui tronco reto, com cerca de 30 cm de diâmetro e folhas verdes e alongadas; produz um fruto lenhoso, achatado e de cor escura. **A syphilis com especialidade encontra ali poderosos medicamentos na japecanga, no cipó caninana, na caróba, na <carobinha>**

(planta de que apreciamos curas quasi maravilhosas), e finalmente no jatubà e no cédro. Ver : **caroba**



<http://www.arteblog.net/2008/10/30/carobinha-do-campo/>

carrasco **s.m.** Origem : português. Vegetação densa, de pouca altura, com poucas árvores e de arbustos entrelaçados, de caules duros e esguios e ramos entrelaçados por trepadeiras; geralmete ocorre no alto de chapadas. [...] outras vezes, páramos, também ondulados, mas de terrenos sêccos e arenosos, verdadeiras charnecas, mais ou menos assoalhadas de grés, saibro e piçarra, soltos e fôfos como a areia: taes os campos dos Parecis transitados por João Leme do Prado, em 1772, e pelos aventureiros que buscavam o ouro, desde Cuyabá até os Arayés, desde Villa Bella até Urucumacum; taes as reconhecidas pelo illustrado Sr. Dr. Taunay, na memoravel campanha de 1865; terras balôfas, onde os animaes se enterram á cada passada que fazem; que não lhes dá o pasto, tão estereis são; onde o arvoredore rareia e os mattos são carrascos e cerradões; e onde, por conseguinte, tão difficil é a vida do homem como o seu transitar por ahi. (2).

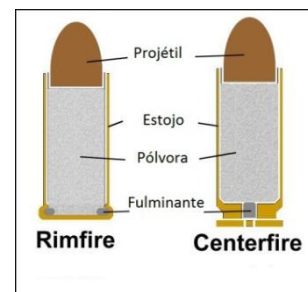


<http://plantasdocarrasco.net/>

cartucho **s.m.** Origem : português. Unidade de munição de armas de fogo, de formato cilíndrico e que contém carga explosiva e que é composto por quatro elementos:

projétil, estojo, pólvora (ou carga propelente), projétil e espoleta (ou fulminante). Estamos pois de posse destes pontos sem queimar um só cartuxo [...]. (1).

Variante : cartuxo



<http://armasonline.org/armas-on-line/cartuchos-polveras-e-projeteis-nocoes-basicas/>

catinga **s.f.** Origem : português.: africana. Cheiro de suor forte e desagradável. Não é a <catinga> dos índios tão repugnante como a dos negros; notando-se que a maior parte d'aquelles são muito amadores dos banhos nos rios (MOUTINHO, 1869, p. 138).



<http://veja.abril.com.br/blog/estetica-saude/doencas/combate-ao-suor-excessivo/>

centímetro **s.m.** Origem : português. Unidade de medida de medida de comprimento do sistema c.g.s., equivalente à centésima parte do metro (0,01m). Deitão os ovos na arêa, em um buraco de 60 <centímetros> de fundo sobre 80 ou 90 de diametro, cobrem-os novamente, e se retirão deixando ao sol que encarregue-se de incubação (MOUTINHO, 1869b, p. 55). Foi no Bastos, junto ao passo, que encontrei uma formosa larva ainda não descripta, que eu saiba. É de um <centímetro> e meio de longo sobre um de largo e tres millimetros de alto (FONSECA, 1880, p. 398).

Nota: O Sistema CGS de unidades constitui um sistema de unidades de

medidas físicas referentes a comprimento, massa e tempo e que tem como unidades básicas o centímetro para o comprimento, o grama para a massa e o segundo para o tempo. Esse sistema foi adotado a partir do 1º Congresso Internacional de Eletricidade, realizado em 1881, no Palais de L'Industrie de Paris.



http://br.freepik.com/fotos-gratis/centimetro_601538.htm

chapada **s.f.** *Origem : português.* Terreno horizontal de grandes dimensões; de altura superior a 600 m e geralmente plano no topo. **Já então ia bastante povoada a <chapada>, que os avidos mineradores escavaram em todos os sentidos em busca do ouro. (3).**



<http://www.mundi.com.br/Fotos-Chapada-dos-Guimaraes-2709798.html>

chapadão **s.m.** *Origem : português.* Sucessão de planaltos extensos; de superfícies horizontais a alturas superiores a 600 m. **Nas regiões sêccas e altas, as do <chapadão>, o clima é são e benéfico; bastante quente no verão, no inverno bastante frio. (2).**



<http://www.mundi.com.br/Fotos-Chapada-dos-Guimaraes-2709798.html>

chata **s.f.** *Origem : português* Embarcação fluvial de ferro, sem propulsão; possui fundo chato e resistente, propício para o ttransporte de cargas. **Os vapores que navegavam na primeira parte de linha chegavam a Corumbá, d`onde seguiam outros mais pequenos rebocando <chatas> de ferro em que eram conduzidas as cargas, que os primeiros descarregavam na alfandega, até o porto de Cuyabá, formando a segunda parte de linha.** *Note:* Durante a Guerra do Paraguai, a Marinha brasileira empregou muitas chatas fabricadas de madeira e equipadas com bocas de fogo.



<http://www.kayamar.com.br/index.php?modelo=CHATA%204,5%20MTS&&idModelo=6&&barco=CHATA>

coco-da-baía **s.m.** *Origem* : **africana**. Fruto de determinadas palmeiras; de forma oval; com casca impermeável e dura, verde a princípio e marrom e fibrosa após o amadurecimento que envolve uma camada dura, oleosa, de cor branca – que constitui a parte comestível do fruto – em cujo interior encontra-se um líquido conhecido como água de coco. **Os quintaes erão todos muito bem lantados e nelles abundava [...] o <côco da Bahia> [...]. (1).**
<http://amigosdoparquebarigui.blogspot.com.br/2010/07/a-gua-de-coco-e-saude.html>



<http://pt.wikipedia.org/wiki/Coco>

comandante **s.m.** *Origem* : **português**. Oficial que chefia uma organização militar das Forças Armadas. **E' esta a triste situação da provincia, e por isso peço e rogo com a maior instancia a v. exc., que mande com toda a brevidade, antes que ella succumba, soccorro de forças das provincias de Goyaz, Minas, S. Paulo e Paraná, um <comandante> de armas resolutu e experimentado, officiaes superiores, dinheiro e armamento. (1). O oitavo presidente foi o Sr. tenente coronel de engenheiros Dr. Ricardo José Gomes Jardim, lente da academia militar e hoje tenente general reformado, nomeado em 9 de maio de 1844, e igualmente <comandante> das armas. Variante : comandante**



<http://www.reclamando.com.br/?system=news&action=read&id=13319&eid=294>

copaíba **s.f.** *Origem*: **português**. • Árvore de grande porte, que pode atingir até 25 m de altura e 4 m de diâmetro; possui copa ampla, folhas longas e flores de cor esverdeadas, que prduzem odor intenso; seu fruto, em forma de vagem possui de 4 a 5 cm de comprimento e coloração vermelha quando novo e marrom quando maduro e abriga sementes que medem de 10 a 19 mm de comprimento, possuem cor marrom e armazenam óleo em abundância. **Cresce em Matto Grosso a jalapa, e a baunilha; a arvore de copahiba é abundante, a de almecega, do manã, e do sangue de drago, são igualmente productivas (MOUTINHO, 1869, p. 151). Cresce em Matto Grosso a jalapa, e a baunilha; a arvore de <copahiba> é abundante, a de almecega, do**

coração-de-negro **s.m.** *Origem* : **português**. Árvore de médio a grande porte, podendo medir até 25 m de altura; possui tronco com cerca de 40 a 60 cm de diâmetro, revestido de casca acinzentada; produz folhas verdes e espiraladas, flores brancas, com cerca de 7 cm de comprimento e fruto em forma de uma vagem achatada, de cor castanha escura e que contém uma única semente. **As suas mattas são povoadas de uma infinidade de excelentes madeiras, que disputão entre si o primor e a riqueza. O cedro, o oleo, o jacarandá, o Gonçalo Alves, o vinhatico, a piuva, o jequitibá, o conderú, o <coração-de-negro>, o louro, a aroeira**

e o carvão, e tantas outras que fôra longo enumerar (MOUTINHO, 1869, p. 152).



http://www.vivaterra.org.br/arvores_nativas_3.htm

cordilheira *s.f.* *Origem : português.* Grande extensão de altas montanhas, quase sempre paralelas; cadeia de montanhas. Na cordilheira do Aguassú existem ainda algumas outras [grutas], mas menos notáveis (MOUTINHO, 1869, p. 237). A? essa cordilheira chamava o povo serra do Matto Grosso, serra da Villa, serra do Verde, por nella ter origem o rio desse nome [...] (FONSECA, 1881, p. 102).



<http://assazatroz.blogspot.com.br/2011/09/comecando-subir-os-andes.html>

corixa *s.f.* *Origem : português.* Designação dada na Região Centro-Oeste para sulco por meio do qual as águas dos lagos, brejos, alagados ou campos baixos escoam para rios vizinhos. Parte dessas baixadas, formada de extensos campos, em fachas mais ou menos estreitas e compridas, abeiradas de mattas ou bosques, cujo solo é um pouco mais elevado, é o que aqui toma o nome de <corixas>, e que differem das escoantes ou vasantes por não servirem somente de passagem às aguas que por ellas descem, e sim conservarem-as ainda além da estação própria (FONSECA, 1880, p. 195).



http://www.pabivoyage.com/2012/05/bolivia-missoes-je-suitas/?lang=pt-br&afg7_page_id=2&afg6_page_id=5

corneta *s.f.* *Origem : português.* • Durante os Períodos Colonial e Imperial, militar (geralmente soldado) que tinha a função de executar com acorneta, toques com função comunicativa para questões administrativas ou de batalha; o mesmo que corneteiro. [...] em o lugar denominado Fecho dos Morros á margem oriental do Paraguay, o proximo á mais alta montanha conhecida pela denominação de Pao de de Assucar cuja força compõe se de um subalterno comandante, um sargento, um cabo, dous anspeçades, trinta e cinco soldados, um <corneta> e um tambor. (1). Ver : tambor *Nota: Atualmente essa função é exercida por cabos e/ou soldados denominados clarins, por tocarem esse instrumento.*



<http://carladeconti.com/blog/?p=595>

coronel **s.m.** *Origem : português.* Oficial militar que ocupa a patente de mesmo nome e que no exército brasileiro representa o posto mais alto dos oficiais superiores. **O sr. dr. Couto de Magalhães, resolve no momento ser elle o proprio commandante ou director dessa desditosa expedição, pondo á margem o coronel Carvalho e outros militares de reconhecida bravura, em cujo numero se contava o distincto tenente coronel Rego Monteiro (MOUTINHO, 1869, p. 315). Já, em 10 de novembro de 1868, tinha recebido uma guarnição, quando em fevereiro de 1870, o príncipe commandante em chefe do exercito em operações no Paraguay, receiando a fuga de Lopes para a Bolivia, mandou o <coronel> Hermes como commandante das forças em operações na fronteira do Baixo Paraguay, em Matto-Grosso, vindo este para Corumbá com uma divisão do exercito (FONSECA, 1880, p. 294). Note: o Brasil, o posto de coronel é adotado tanto pelo exército quanto pela aeronáutica.**

corrente **s.f.** *Origem : português.* Curso das águas de um rio, córrego ou ribeiro. [...] **Cuyabá, que se acha á 720 leguas do oceano, pela estrada fluvial, deveria estar n'uma altitude de cerca de 500 pés ou 152 metros, e isso mesmo si as correntes conservassem a mesma facilidade do curso do Paraguay, e não descessem em degraus, como o rio Cuyabá, que é todo encachoeirado [...]. (2).**



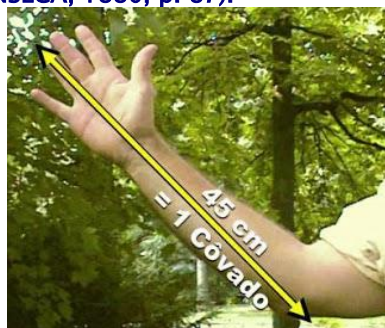
http://fotos.fot.br/page_img/17613/correnteza_na_floresta_verde

corrupção **s.f.** *Origem : português.* Inflamação que acomete o ânus e o intestino reto e que provoca putrefação do local. **A <corrupção> é o—macúlo—molestia oriunda de Costa d'Africa que ataca os negros e principalmente os de Angola e Moçambique; e que reina tambem na Dinamarca. Desenvolve-se esta molestia com facilidade, logo que não haja umaceio e cuidado extraordinario com o doente febricitante. Consiste em uma inflammação seplca do anus, intestino recto, e mesmo do colon, que passa facilmente a um estado gangrenoso. E' acompanhade de febre, desfalecimento, somnolencia, dilatação do anus, a ponto de se poder introduzir a mão cerrade sem diffculdade, paralisia de parte inferior do intestino recto e do sphincter. Ao menor descuido desenvolvem-se no anus, bichos de varejas. O doente soffre em começo uma dôr na região occipital, tonturas, e emfim uma lethargia tal que chega até ao desfalecimento completo, cessando-lhe então os soffrimentos porque nade sente. Neste estado a morte é proxima, se não**

côvado **s.m.** *Origem: português.* Antiga unidade de medida de comprimento, equivalente a três palmos ou a 66 cm. **O commercio do Cuyabá tomou proporções mais vantajosas com a invasão do Paraguay, porque o arsenal de guerra deva consummo a centenares de contos de réis para fardementos, e não havendo fazendas proprias lançava mão de chitas, morins e riscados para esses fardementos, o que elevou instantaneamente os preços des fazendas, que em 1866 forão vendides em receitas a 120 por cento, e**

custando no varejo 20, 30 e 40\$000 cade peça de morim de 24 jardes; a 30\$000 cade peça de chita, a 1\$200 a vara de algodão meia largura e 1\$600 a vara de dito trançado. A 1\$000 o <côvado> de riscado ordinário [...] (MOUTINHO, 1869, p. 122).

cede a molestia ao curativo quasi barbaro que é indispensavel fazer-se de prompto. Consiste elle externamente em clysteres repetidos de poaia, de agua com summo de limão e pimenta de terra, de licôr de Labarraque misturado com agua de emulsão camphorade, de agua creosotade; em suppositorios de limão descascado com polvora, pimenta malagueta e erva do bicho, e applicação no anus de pós de calomelanos ou de rapé. Interiormente no emprego dos tonicos e antisepticos. Muitas pessoas não acreditão n'esta enfermidade, que afinal é tão commum, que em pouco tempo de estade por esses lugares se tem occasião de conhecel-a (MOUTINHO, 167-168). Quasi todos os viajantes de Matto-Grosso fallam n'uma entero-proctite ahi costumeira, notavel por uma discrasia geral, falta de plasticidade do sangue e relachamento extraordinario do sphincter anal e tecidos adjacentes. É conhecida pelo nome de maculo ou <corrupção>, e segundo o Sr. Murinho, que a cita na sua obra, tem o nome de el bicho nas republicas platinas, sendo tambem conhecida na Dinamarca (FONSECA, 1880, p. 87).



<http://mapasbiblicos.blogspot.com.br/2012/07/tabelas-de-pesos-e-medidas.html>

D – d

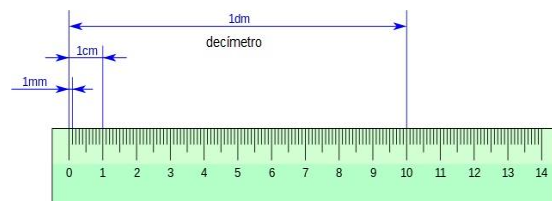
dançado **s.m.** *Origem : português.* Sequência de movimentos corporais, que constituem uma coreografia geralmente ritmadas por música. **Nessas festividades, que ainda hoje ahi se solemnisam conforme as reminiscencias dos tempos coloniaes, a classe abastada e superior da população é que as fomenta e lhes costea as despesas; mas é a inferior quem dá lhes a extraordinaria animação que tomam. São um mixtiforio do ritual dos padres da missão e dos costumes africanos: mascaradas, bandos, simulacros de combates, representações de mysterios, etc., tudo entremeiado de cantos e <dansados> que se succedem com poucos intervallos, durante dias e ás vezes semanas; percorrendo os festeiros as ruas desde antes do amanhecer até á noite, sempre cantando e dansando [...]**

(3). *Sinón :* **bailado, baile**



<http://diariosanacronicos.com/blog/cartoes-de-danca-do-seculo-xix/>

decimetro **s.m.** *Origem : português.* Unidade de medida de comprimento correspondente à décima parte de um metro ou a 10 cm. Abreviatura: dm. **As cortinas que os ligam dous á dous, tem cada uma noventa e dous metros e quatro <decímetros> de extensão, á borda do fosso (FONSECA, 1881, p. 218).**



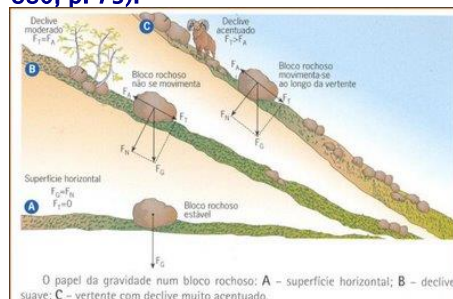
<http://gl.wikipedia.org/wiki/Dec%C3%ADmetro>

declive **s.m.** *Origem : português.* Redução gradual da altura de um terreno ou de uma superfície. **A serra dos Parecis e a do Norte, á O., a dos Apiacás e Bacauhyris, ramos da Azul, ao N., a do Espinhaço, á E. e ao S. a do Tapirapuam e os ramaes que vão entroncar-se na serra das Divisões, são os limites do grande araxá exclusivamente matto-grossense. Na maior parte apresentam o flanco livre, ingreme e alto; outras vezes vão descendo em fortes <declives> (FONSEC, 1880, p. 34). Ver : **abaixamento.****



http://www.ctv.es/clean_world_hispania/

declividade **s.f.** *Origem : português.* Propriedade de terreno ou superfície que apresenta inclinação, redução gradual de altura em relação ao plano horizontal. **Duas leguas mais abaixo, e logo após a sua primeira e maior cachoeira, apresenta-se com uma largura de trinta metros e grande profundidade; correndo com impeto pelas fortes <declividades> do solo (FONSECA, 1880, p. 73).**



<http://professoralexeinowatzki.webnode.com.br/geomorfologia/declividade/>

delta **s.m.** *Origem : português.* Depósito de aluvião, de forma triangular que lembra a quarta letra do alfabeto grego e que se acumula da desembocadura de um rio, formando canais até o mar. No estio, o **deseccamento das águas e a decomposição dos detritos** espalhados na zona extensa do território, determinam aquellas febres, unica molestia epidemica que se conhece no Pará. Das pestes terríveis que sóem originar se e desenvolver se nos <deltas> dos grandes rios apenas o cholera, o typho azul do Ganges, visitou o uma vez, em 1855, importado da Europa, e nunca mais reapareceu (FONSECA, 1881, p. 376).



<http://jp-lugaresfantasticosblogspot.com.Br/2012/10/delta-do-rio-mackenzie-canada.html>

dermatose **s.f.** *Origem : português.* Designação comum a qualquer doença de pele. O **lymphatismo, quer nas manifestações ganglionares e do tecido celular, quer nas <dermatoses> e exsudações mucosas, mostra-se de ordinario n 'um typo asthenico e deprimente. A causa facilmente se percebe** (FONSECA, 1880, p. 182).



<http://psoriase.spaceblog.com.br/104228/O-que-e-Psoriase-E-como-e-isso/>

desaguadouro **s.m.** *Origem : português.* Rio que serve como canal de escoamento para águas de lagos que ficam em nível mais elevado que o seu. **Ao romper do dia 22 entravamos no vasto estuario do Madeira augmentado com a barra do Autazes, <desaguadouro> de grandes lagos ácima desse rio; e em pouco passavamos o logar do Poraquêcoára, celebre por suas pedras ou recifes [...]** (FONSECA, 1881, p. 370).

descarga elétrica **s.f.** *Origem : português*

Fenômeno físico por meio do qual uma nuvem emite eletricidade para outra nuvem, ou para o solo, oceano etc, e que é acompanhado de trovão e relâmpagos. **As descargas electricas são amiudadas e quasi tão geraes no planalto como na baixada. (2).**



<http://ultradownloads.com.br/papel-de-parede/Descarga-Eletrica/>

desembarque **s.m.** *Origem : português.* Operação militar na qual uma tropa militar salta de uma embarcação ou veículo e adentra território inimigo. **Immediatamente tratei do <desembarque> de tropa, e despachei tenente coronel cidadão Francisco Gonçalez a explorar o terreno e a povoação pelo centro e flancos, dando esta operação em resultado a noticia do completo abandono de povoação pelos seus moradores, não encontrando se ali outro habitante senão um negro de 72 annos de idade (MOUTINHO, 1869, p. 291). A's 9 1/2 começou o inimigo o <desembarque> de suas tropas, e pelas 2 da tarde começou o ataque, com uma**

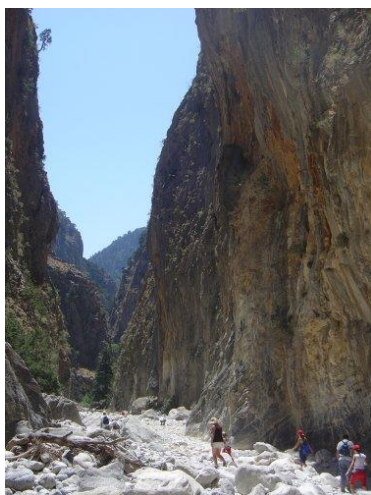
força de 3.000 homens de infantaria, secundada pelo fogo das baterias raiadas e de quatro canhões de 32 nas chatas, que vieram collocar-se em posição favorável á bater o forte (FONSECA, 1880, p. 269).



<http://noticias.r7.com/brasil/fotos/tropa-de-elite-da-marinha-conheca-um-pouco-dos-fuzileiros-navais-07032013?foto=4>

desfiladeiro **s.m.** *Origem : português.*

Passagem estreita e íngreme entre montanhas. Seus únicos empecilhos, e esses mesmos não difíceis de vencer se, são as corredeiras do Gusman e do Achial, em um trajecto de uns trez kilometros, e o pongo de Manseriché, a porta do rio, <desfiladeiro> aberto na cordilheira, pelo qual o rio muito estreito e muito fundo desce precipite em um canal de oito á nove kilometros, entre altas montanhas (FONSECA, 1881, p. 337).



<http://meioambiente.culturamix.com/natureza/vocoroca-e-ravinas-caracteristicas-gerais>

despojo **s.m.** *Origem : português.* Tudo o que tomado de um inimigo após um combate. Nenhum autor, nenhum chronista onsigna que taes barbaros fossem antropophagos, que quizessem as victimas para seus festins de canibae; nem mesmo que levassem os craneos os <despojos> para fazerem tropheos de guerra, e ostentarem sua valentia aos olhos das outras tribos (FONSECA, 1881, p. 77).

destacamento **s.m.** *Origem : português.*

Parte de uma unidade militar que, sob comando único, se separa temporariamente da tropa para a realização de uma missão específica. Na margem esquerda do rio ha um <destacamento> cuyabano, composto de algumas praças commandadas por um cadete (MOUTINHO, 1869, p. 54). Ha no ponto um <destacamento>, presentemente de quinze praças, do 3 batalhão de artilharia, commandado por um subalterno; e ha uma subdelegacia de policia (FONSECA, 1881p. 309).



http://cindacta4.decea.gov.br/porta/images/stories/cindacta4/17-03-2011_recom.jpg

diarreia **s.f.** *Origem : português.* Eliminação frequente de fezes abundantes e pouco consistentes. Dellas são principaes symptomas, segundo informações que tive: congestões venosas e ás vezes transudações sanguineas na mucosa rectal, <diarrhéa>, dôr gravativa na região cervical, febre, anorexia [...] (FONSECA, 1880, p. 187).

Variante : diarrhea; diarrhéa.



<http://www.todamoderna.com/2011/05/remedios-que-parecem-inofensivos-tambem.html>

disenteria *s.f.* *Origem : português.* Inflamação intestinal cujos sintomas são dores abdominais, tenesmo, eliminação frequente de fezes líquidas ou pouco consistentes acompanhada de muco ou sangue. **O paiz porém não era dos mais salubres, por causa das vasantes do rio que formavão diferentes lagôas, onde, uma fermentação má e putrida pela aglomeração de fêzes e animaes mortos por ali espalhados, apresentava exhalações miasmaticas, que causavão as febres, sezões, obstruções, <disenterias>, e outras enfermidades [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 152). *Variante : dysenteria.*



<http://alimentosaudeinfantil.wordpress.com/category/diarréia-3/>

dispepsia *s.f.* *Origem : português* Distúrbio gástrico ocorrido geralmente após as refeições e que se caracteriza por dificuldade e desconforto digestivos aliado à sensação de azia e de peso no

estômago. Os efluvios do solo, combinados com os que emanam da raiz emetica, produzem, naquelles que se entregam pela primeira vez á tal labor [...] <dyspepsia> e, tambem, acessos periodicos de febre e outros incommodos [...] (FONSECA, 1880, p. 180).

Variante : dyspepsia.



<http://assindromeseeu.blogspot.com.br/>

doente *s.d.g..* *Origem : português.* Pessoa ou ser que se encontra com saúde física ou psíquica alterada, em estado de enfermidade. **Fomos tambem dormir, o que não pudémos fazer pensando no meio de continuar esse curativo que Deus abençoara. De madrugada achamos a <doente> queixando se de coceira nos seios e notamos uma leve erupção. Applicamos sulphur 1 colher de hora em hora** (MOUTINHO, 1869b, p. 65). Foi o primeiro doente uma menina de treze annos, que pedia-me para livral-a de tão feia enfermidade, ja bem aparente (FONSECA, 1880, p. 189).



http://weblog.aventar.eu/xafarica.weblog.com.pt/arquivo/2007_06.html

doença **s.f.** *Origem* : português. Alteração biológica no estado de saúde (considerado normal) físico ou psíquico de um ser e que se manifestam por um conjunto de sintomas que podem ou não ser perceptíveis, pode ser desencadeada por fatores externos ou por disfunções internas. Em suas <doenças> recorrem a essa entidade phantastica que lhes prescreve ridiculos preceitos e beberagens estupidas (MOUTINHO, 1869, p. 200). O que se segue é que já nesses dias começa á apparecer bom numero de <doenças>, quasi todas pneumonias e pleuropneumonias ou febres de caracter mais ou menos grave FONSECA, 1881, p. 136).



http://obviousmag.org/archives/2007/11/doenças_raras.html

E – e

erva-de-bicho s.f. Origem : português.

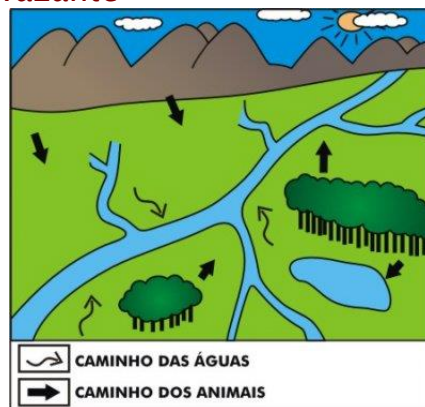
Designação comum a algumas plantas herbáceas, com cerca de 40 a cm a 1 m de altura; seu caule, de cor vermelha, é dotado de rachaduras; possui produz folhas estreitas e longas e flores pequenas, brancas ou rosas, dispostas em espigas situadas nas extremidades dos ramos. O Dr. Alexandre preconiza os clysteres de erva do bicho com tres á quatro limões gallegos, oito á dez pimentas comarís ou malaguetas, uma colher de assucar mascavado ou de rapadura e uma pitada de sal (FONSECA, 1881, p. 38).



http://www.cultivando.com.br/plantas_medicinais_detalhes/erva_de_bicho.html

escoante s.f. Origem português No pantanal, rios, córregos ou grandes lagoas temporárias que unem uma baía a outra e que se formam devido ao acúmulo de águas pluviais; sua duração depende do volume das chuvas; possui medidas variáveis, podendo atingir quilômetros de extensão e até 1 m de profundidade, exigindo travessias por canoas; muito frequentados por jacarés nos períodos de pico, geralmente desaparecem nos períodos de secas. **Mappas do seculo passado traçam as inundações periodicas dos Xarayés desde o Julgado de S. Pedro de El-rey (Poconé), no paralelo do outro lado, o Paraguay, [...] reunido á esses já por si vastos lenções de agua, muitissimo accrescentados pelas torrentes de alluvião, espraia-se, cobrindo enorme territorio, onde as estreitas depressões do terreno, já aproveitadas pelas primeiras**

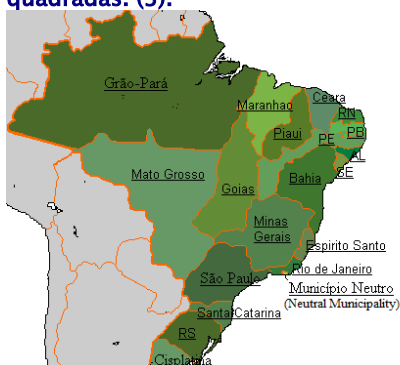
<escoantes> das chuvas, têm-se convertido em rios; onde os brejos e almargeaes hão se mudado em lagos; e agora, reunidos n'um só corpo seus imensos cabedaes, vão se elevando no solo, vão submergindo pouco a pouco os albardões e tezos, vão ilhando as montanhas e cobrindo as florestas [...]. (1). Os outros affluentes dessa margem não pertencem ao Brasil. O Tucubaca, que fenece na Bahia Negra, parece não ser mais do que uma corixa ou <escoante>, no tempo das aguas. (2). *Sinón* :

vazante

http://www.fazendasanfrancisco.tur.br/pantanal/conheca_pantanal.php?pag=2

F – f

faixa **s.f.** *Origem:* português Porção de terra pertencente a um território ou país. **Das duas províncias brasileiras banhadas pelo Amasonas e que ocupam toda a <facha> setentrional do Imperio, a do Pará fica entre os paralelos 4 25' N. no Oyapoc, e 10 S. na divisa com Matto Grosso no Xingú, e 3 e 15' O., da foz do Gurupy á do Paranatinga no Tapajoz. Sua area é avaliada em 1.742.400 kilometros quadrados ou 40 mil leguas quadradas. (3).**



http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/91/Brazil_provinces_1825.PNG

febre **s.f.** *Origem:* português Elevação da temperatura corporal acima de 37° devido a doença e/ou infecção. **O paiz porém não era dos mais salubres, por causa das vasantes do rio que formavão diferentes lagôas, onde, uma fermentação má e putrida pela aglomeração de fêzes e animaes mortos por ali espalhados, apresentava exalações miasmáticas, que causavão as <febres>, sezões,obstruções, disenterias, e outras enfermidades [...] (1). O rio das Mortes lança-se por duas bocas no braço esquerdo do Araguaya, [...]. O triste nome que tem provém-lhe da grande mortandade que uma epidemia de <febres> causou á uma das primeiras bandeiras que por ahi andaram (2)**



<http://www.azdhs.gov/diro/borderhealth/bids/sari.htm>

forte **s.m.** *Origem:* Português. Construção militar, geralmente feita em locais estratégicos, com material resistente e duradouro com o fim de proporcionar defesa de determinado território ou região em casos de guerras ou ataques. Possui paredes altas e espessas e torres de vigia. **Parte de força que ocupava a fralde do serro de Coimbra, sob o commando do sargento mór cidadão Luiz Gonzales, avançou rapidamente até as muralhas do <forte> por sendas diversas abertas debaixo do mais decidido fogo de artilharia do mesmo forte, por todas as peças que batem as fraldes do serro. (1). Serviu isso para mais activar as obras de fortificação; e nesse mesmo anno já o <forte> podia receber artilharia, e assestava a nos pontos mais necessários. (2). Note:** Em tempos de guerra, por vezes são construídos fortes provisórios, denominados fortes de campanha, feitos de madeira, mato ou outro material disponível.



http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=163&mu da_idioma=PT

foz

s.f. Origem : português. Ponto de desagüamento de um rio e que pode ser o mar, um lago ou outro rio. **Ha, porém, á soffrer-se do excesso contrario ao do tempo das aguas, agora completamente absorvidas, e, sómente de longos em longos trechos apparecendo em brejaes ou filetes mais ou menos extensos, de alguns kilometros, mais ou menos largos, de alguns metros, semelhando-se á rios sem nascedouro, sem corrente e sem <foz> (FONSECA, 1880, p. 45).**



<http://ultradownloads.com.br/papel-de-parede/foz-do-lguacu/>

fruta-do-conde

s.f. Origem : português. Fruto do tipo baga, arredondado ou alongado, com polpa doce, mole e aquosa, que abriga as sementes; possui casca lisa ou recoberta por escamas carnosas. **Os quintaes erão todos muito bem plantados, e nelles abundava muito a uva, o figo, a atta, a <fructa-do-conde> [...]. (1).** Sinón : **ata** Note: *"No Brasil, segundo M. Pio Correa, no vol. III do Dicionário das Plantas Úteis do Brasil, foi introduzida na Bahia em 1626 pelo Conde de Miranda (Dom Diogo Luiz de Oliveira), por ocasião da sua vinda de Portugal para assumir o governo da Bahia. Mais tarde foi trazida de Caiena, pela corte de D. João VI, em 1811, e plantada no Rio de Janeiro".*



<<http://www.flickr.com/photos/30697319@N04/3315565209/>>

gafanhoto **s.m.** *Origem : português.* Inseto de cor verde, nativo de regiões tropicais, portador de dois pares de pernas: as anteriores, longas e estreitas, e as posteriores, que partem da metade do comprimento corpo e possuem fêmures longos. Mede cerca de 14 a 20 cm, possui antenas curtas (menores que o corpo) e desloca-se por meio de saltos. Quando em enxames pode devastar plantações. **Ha poucos annos a cidade de Cuyabá foi instantaneamente invadida por uma numerosa porcada do matto. Tempos depois um ouriço cacheiro atravessando a cidade entrou pela porta do palacio, cujas sallas percorreu impunemente. Mais tarde uma—inhúma—esvoaçava sobre a igreja matriz—depois uma praga horriovel de <gafanhotos> devastava todos os campos, e afinal no Corumbá cahia copiosa chuva de sangue. Altos mysterios de Deus! (1). Nem parecem solidos inteiriços. As aves achegam-se dos ninhos, suspendem os vôos e se escondem; algumas, como as <gaivotas>, enchem os ares de sua vozes assustadas e quasi que lamentosas, renunciando a tormenta: mas, logo se calam. (FONSECA, 1880, p. 198). A praga de <gafanhotos>, antiga nestas comarcas, e que já em 1537 perseguira á Juan de Ayolas, começava á devastar os campos, quando por ahi passámos. Vinham de O.,e foram suas nuvens que nesse anno e no seguinte tão cruelmente assolaram as mattas do Paraguay e as pastagens argentinas, montevidéanas e do Rio Grande do Sul. (2).**



<http://www.klickescritores.com.br/dicbichos/dicbichosdisplay/0,6590,POR-19-G,00.html>

gaiola **s.f.** *Origem : português.* Casa ou construção pequena. **Prosigamos agora na visita dos estabelecimentos publicos. Contigua a palacio está uma pequena <gaiola> que serve de secretaria do commando das armas, lugar até hoje occupado pelo sr. Portocarrero. Não merece discripção (MOUTINHO, 1869, p. 71-72).**



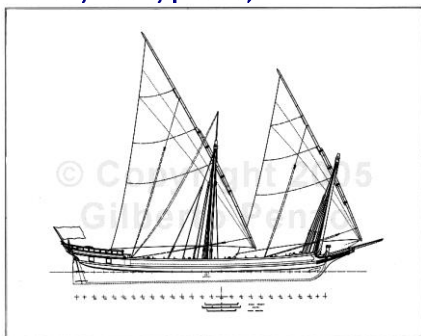
<http://amenidadesdekelly.blogspot.com.br/2012/04/mi-casa-su-casa-casa-brasileiraprograma.html>

gaivota **s.f.** *Origem : português.* Ave aquática presente na améríca do Sul, na África e na Nova Zelândia, com plumagem geralmente branca ou acinzentada, sendo mais escura no dorso, podendo aí apresentar algumas penas negras. Possui tamanho médio, atingindo cerca de 60 cm de altura, bico e pés avermelhados e alimenta-se de peixes e de detritos do mar. **Nem parecem solidos inteiriços. As aves achegam-se dos ninhos, suspendem os vôos e se escondem; algumas, como as <gaivotas>, enchem os ares de sua vozes assustadas e quasi que lamentosas, renunciando a tormenta: mas, logo se calam. (FONSECA, 1880, p. 198).**



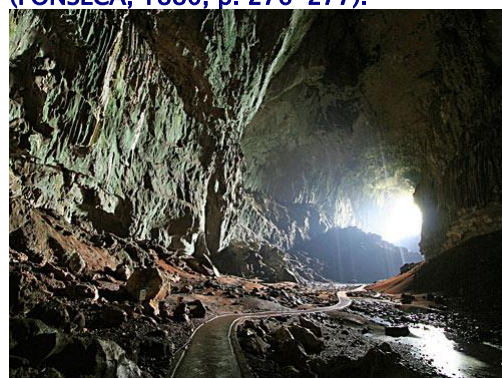
<http://ventor.com.sapo.pt/page27.htm>

galeota *s.f.* *Origem : português.* Canoa longa, com dois mastros e aproximadamente 16 a 20 remos em cada lateral, usada para fins militares, de comércio ou lazer. Um palhabote brasileiro, uma <galeota> e uma chalana, de propriedade estrangeira servirão também para o transporte de pólvora e de mais de 3,000 homens de tropa. (MOUTINHO, 1869, p. 295). “Uma <galeota> de recreio, toda embandeirada, passa pelo Canuman para saudal-o, executando seus tripulantes, fardados como oficial e marinheiros de guerra, dansas e exercicios proprios do mar, ao som dos cantos da velha ballada portugueza da Nau Catherineta” (FONSECA, 1881, p. 393).



<http://www.veniceboats.com/galeotta.htm>

galeria 1 *s.f.* . *Origem : português.* Passagem, túnel ou corredor subterrâneo; muito comum em cavernas. [...] **tém-se animado á maiores commettimentos, como o da passagem de uma estreita e comprida <galeria>, mais soterrada que as outras cavernas, com as quaes estabelece a comunicação, escurissima e completamente alagada e quasi sem ar, o que impede-lhe o uso da luz artificial (FONSECA, 1880, p. 276-277).**



<http://bocaberta.org/2008/09/8-sensacionais-cavernas-com-usos-inusitados.html>

galeria 2 *s.f.* *Origem : português.* Passagem aberta no solo por certos animais, como as toupeiras e os cupins. **A tocanguira habita o tronco das velhas árvores, ou <galerias> subterraneas fechadas por um cône de terra que ella mesmo constrúe. Tem uma força e instincto admiraveis, e offerece combate a outros insectos com os quaes se alimenta (MOUTINHO, 1869b, p. 61-62).**



<http://casadocordaodagranja.blogspot.com.br/2010/03/toupeiras.html>

general *s.m.* *origem: português.* No Exército Brasileiro, oficial que ocupa a patente de general, que pode ser de Brigada, de

Divisão ou de Exército; essa patente situa-se entre a de Coronel e a de Marechal. [...] **tolhendo o passo ao inimigo, velando pela segurança de todos, lá estava o bravo general no seu posto invencível.** (1). Um dos primeiros actos administrativos do <general> Hermes, foi tratar de proibir esse abuso, providenciando para que o arsenal da província fornecesse em tempo o fardamento necessário, deixando de ser pago em dinheiro, aos corpos, a sua importancia. (3).



<http://www.politicaprapoliticos.com.br/interna.php?t=757691>

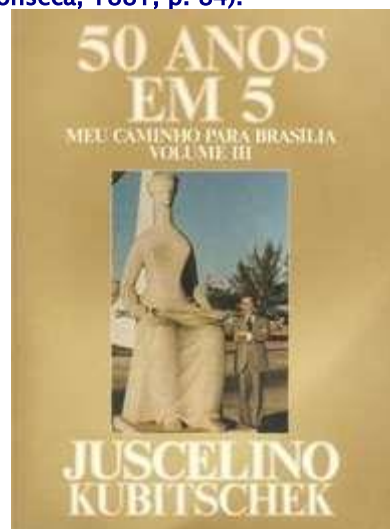
governo 1 s.m. Origem : português.

Conjunto dos órgãos que compõem a administração pública, podendo ser representado por um governador, monarca, etc., dependendo da forma e do regime de governo adotados; Sistema pelo qual se rege um Estado. Ou Província. **Matto Grosso é uma das províncias do Brasil que mais ricamente forão dotadas pela natureza; está, porém, situada tão longe, e tão pouco aquinhoada tem sido pelo <Governo> na distribuição dos seus favores, que tudo ali é difícil, e tudo existe ainda no seu estado embryonario** (MOUTINHO, 1869, np). Essa questão de limites tem trazido conflitos e complicações sem utilidade para o Estado, e só desgosto, prejuízos e vexames para os moradores e atraso para a região: males que o <governo> póde facilmente obviar (FONSECA, 1880, p. 16).



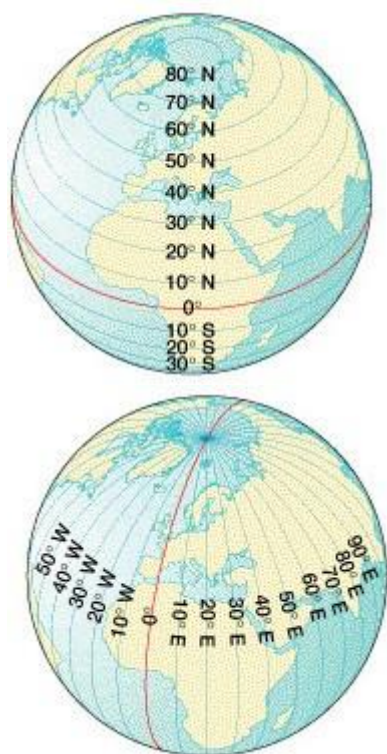
http://www.portalbrasil.net/brasil_cidades_brasilia.htm

governo 2 s.m. Origem : português. Espaço de tempo em que alguém atua como governador ou presidente; mandato. **Durante o seu <governo>, apresentou o príncipe regente por carta de de outubro de 1803 (1), para prelasia da capitania, o cônego Dr. Luiz da Costa Pereira, que foi confirmado por Pio VII e obteve o breve de bispo, in partibus, de Ptolomaida.** (Fonseca, 1881, p. 84).



<http://www.ibiubi.com.br/livros/50-anos-em-5-meu-caminho-para-bras%C3%ADlia-vol-ii-i/IUI%20D3021212/>

grau s.m. Origem : português. Unidade de medida de distância entre os paralelos e meridianos terrestres. **Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1850, vigesimo nono de independencia e do Imperio, aos vinte e um <grãos> e vinte e seis minutos de latitude, quarenta leguas ao sul do forte de Nova Coimbra [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 256).



http://krygier.owu.edu/krygier_html/geog_222/geog_222_lo/geog_222_lo04.html

guaraná *s.m.* *Origem:* português. Fruto em forma de cápsula, de cor vermelho-escuro, com cerca de 35 mm, que quando madura, expõe uma polpa branca, que contém sementes escuras, assemelhando-se ao formato de olhos humanos. O <guaraná> é geralmente usado como limonada em todas as povoações da província. Está tão introduzido o seu uso como o do mate na república do Paraguai e do Prata, como o café nas províncias de Goyaz, Minas e S. Paulo. (1). É notável que, enquanto a transpiração cutânea e a exalação pulmonar se exageram por efeito da temperatura, e que por isso as bebidas aquosas, e especialmente o guaraná nas classes abastadas, são ingeridas amiudadamente, os outros órgãos secretores não ficam em descanso. (2). *Note:* Natural, da Amazônia, o guaraná é utilizado em todo o território nacional e até internacionalmente, por suas propriedades medicinais.



<http://www.plantasquecuram.com.br/ervas/guarana.html#.UWrMbLWG3TA>

guarnição *s.f.* *Origem :* português. Grupo de soldados destacados para defender determinado posto de serviço. **Tropa militar designada para defender determinado local.[...] quando a 27 de Dezembro de 1864 foi o Forte de Coimbra intimado a render-se no prazo de uma hora, tinha apenas por <guarnição> o 5º batalhão de artilharia, commandado pelo tenente coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, não excedendo a 120 o numero de raças [...]** (1). Em 1815 o engenheiro sargento mór José Antonio Teixeira Cabral dá para o districto de Matto Grosso 7.676 habitantes, inclusive 241 praças da <guarnição> [...]. (92).



http://armamentoedefesa.blogspot.com.br/2012/01/01_archive.html

guerra *s.f.* *Origem :* português. Conflito armado entre nações. **Os sucessos de 1856, que por algum tempo abrirão a navegação do Alto Paraguay, fizeram que a estrada do sertão fosse deixada pelos negociantes e tropeiros, que buscavam na**

commodidade da viagem fluvial os recursos que não podião encontrar na de terra; mas a <guerra> de 1864 de novo franqueou o caminho de tropas ao commercio da Província. De umas extrahem-se facilmente riquezas que se escoam com a mesma rapidez das adquiridas na <guerra> paraguaya, deixando o paiz exhausto dellas e de tudo, pobre, fraco, estenuado (FONSECA, 1880, 9.147).



http://www.achetudoeregiao.com.br/atrr/Guerra_do_paraguai.htm

habitação 1 *s.f. Origem : português.* Lugar ou casa onde se reside, onde se mora, vivenda, residência. *Se ouriño junto a uma <habitação>, o morador é forçado a deixá-la por muitos dias, até que se dissipe o cheiro que a infecta (MOUTINHO, 1869, p. 30). Embaixo, junto á margem, agglomera-se um pequeno povoado; ao longe, na alta e extensa lombada, vê-se um umbú, gigantesca urticacea, cuja sombra cobre a antiga morada de Soto, o primeiro proprietario. Na mesma fralda da collina, mas ao longe, avista-se a <habitação> do actual dono (FONSECA, 1880, p. 234).*
Ver : [habitação₂](#).



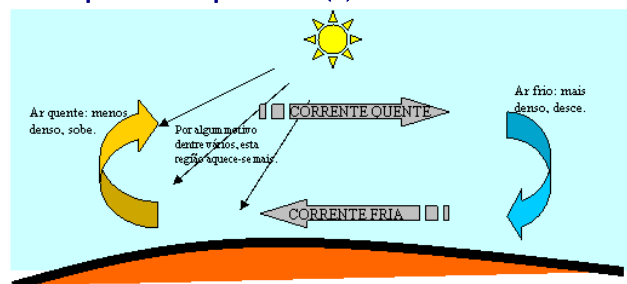
<http://www.channels.nl/41333b-pt.html>

habitação 2 *s.f. Origem : português.* Ato de povoar, de ocupar um local ou uma região. *E' longa a serie de soffrimentos dos primeiros povoadores da provincia; entretanto a ambição pôde mais que o raciocinio, e a <habitação> de Matto-Grosso o prova exuberantemente (MOUTINHO, 1869, p. 326-327).*
Ver : [habitação₁](#).



<http://www.achetudoeregiao.com.br/MT/cuiaba/historia.htm>

hálito *s.m. Origem : português.* Corrente de ar quente. *Os ventos geraes sopram de NO. e SE.; estes frios e fazendo baixar rapidamente a temperatura, aquelles elevando-a e rarefazendo a atmospha; ambos desejados, si vêm mitigar as asperezas da estação, ambos temidos estes, si chegam na força do frio augmentando e trazendo as geadas e friagens, ou si, inopinadamente, na força do verão, determinando grandes perturbações para os órgãos respiratorios e locomotores; e aquelles, os ventos do Norte, si com o seu <hálito> de fogo, vêm ainda mais abraçar a atmospha, augmentando o calor e e mau estar ja produzido por este. (2).*



<http://www.fisicareal.com/raio.html>

igara **s.f.** *Origem : tupi.* Designação em tupi para embarcação de pequeno porte e leve, feita de um único caule de árvore (geralmente cipreste), movida a remos, podendo ou não possuir velas; em geral mede 17 m de comprimento e 2 m de largura e é utilizada para o transporte de pessoas ou de objetos. **O silencio é ahi apenas interrompido pelo rugido do leão d'America, que domina como senhor nas mattas visinhas, ou pelo coachar dos remos dos pescadores indianos, que cortão em rapidas carreiras a superficie des aguas com a quilha de suas leves ygáras** (MOUTINHO, 1869, p. 246). Ver : **canoas**.



http://www.latitude7.com.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=195&Itemid=657&lang=en

igarapé **s.m.** *Origem : tupi.* Canal natural estreito e navegável que nasce na mata e deságua em rio; riacho que corre entre duas ilhas ou entre uma ilha e a terra firme. **Em 1780 o governo do Pará toma á peito o fundar povoados no Baixo Tocantins, onde já os padres missionarios tinham bastantes aldeias de catechumenos; estabelece o logar de S. Bernardo da Pederneira, á margem direita, entre Cachoeirinha e a Tapayuna-coára; o de Alcobaça, uma legua abaixo do <igarapé> Caraipé, o qual dez annos depois foi transferido para a ilha do Ararapá entre as cachoeiras Tapayuna-coára e Guaribas, mudando de denominação para a de Arroios. (2).**



<sekaiscaping<<http://www.sekaiscaping.com/2010/04/sekai-visita-igarape-santa-izabel.html>>

ilha **s.f.** *Origem : português.* Espaço ou porção de terra elevada acima do nível das águas e cercada em todo o seu perímetro por água doce ou salgada. **Ficando essa ilha no caminho dos negociantes que transitavão de S. Paulo para as minas de Matto Grosso, julgou se Manoel Homem pouco seguro [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 48). **Quasi á meio da lagôa e junto á sua margem occidental eleva-se uma ilha, formada por um pequeno monte de grez grosso [...]** (FONSECA, 1880, p. 318).



<http://cybervida.com.br/as-10-ilhas-particulas-mais-caras-do-mundo>

infantaria **s.f.** *Origem : português.* Uma das armas ou subdivisões ou especialidades de tropas do Exército. **Coube a fronteira de Miranda, na destribuição de desventura, o coronel Resquin que, barbaro e deshumano em frente de uma força composta das tres armas, cavallaria, artilharia e <infantaria>, muito superior em numero áquella que existia no lugar, sem respeito ás cousas mais santas e sagradas, foi marchando até o Coxim. (1). Nesse tempo florescia as obras do arsenal do Ladario, onde se empregavam centenas de operários. Seus pagamentos em dia e o das tropas**

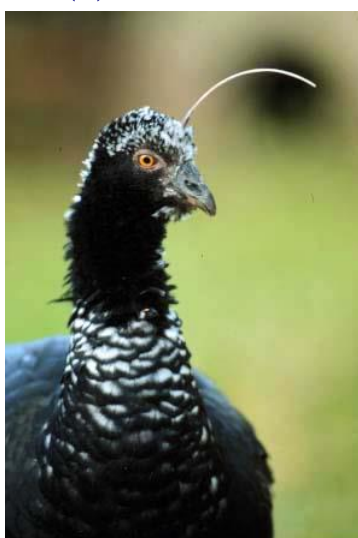
de Corumbá, que eram um regimento e um batalhão de artilharia, e outro de <infantaria>, faziam por sua vez florescer o commercio e contribuíam para o progresso do povoado. (2). Ver :

arma₂ *Note: O fato de deslocar-se somente a pé pelos terrenos de batalhas distingue a infantaria das demais armas.*



<http://maisum-maisumonline.blogspot.com.br/2012/05/dia-24-de-maio-dia-da-infantaria.html>

inhuma **s.f.** *Origem: : tupi* • Ave semelhante à galinha; possui plumagem negra, com algumas penas brancas nas asas e no pescoço e o ventre branco; aproximadamente cerca de 80 cm de comprimento e 60 cm de altura; possui um ferrão com cerca de 12 cm na cabeça. A inhúma é maior que uma galinha, tem um ferrão na cabeça, e um em cada encontro des azas. (1)



<<http://www.inhumas.go.gov.br/cidade/historia.php>>

ipecacuanha **s.f.** *Origem: : tupi* • Arbusto de aproximadamente 35 cm de altura, que produz folhas verdes, em forma de ponta de lança, flores brancas, pequenas; fruto oval, de cor escura, e raiz flexível e retorcida, medindo de 5 a 25 cm de comprimento. A <ipecacuanha> é presentemente o unico ramo de exportação da provincia, além da diminuta quantidade de couros. (1). Quasi que só em Matto-Grosso a <ipecacuanha> tem patria; sendo os terrenos da sua predilecção as ribas occidentaes da provincia, e notavelmente as das cabeceiras do Guaporé e do Paraguay até o Jaurú. É nas margens deste affluente e nas do Cabaçal que se colhe a maior parte da que desce a abastecer os mercados do mundo [...]. (1). *Sinón : poaia*



<http://timcsigyogynoveny.blogspot.com.br/2012/01/ipecacuanha-iringo.html>

jaborandi **s.m.** *Origem : tupi.* Arbusto nativo da região amazônica, possui folhas penadas e flores rosas e amarelas; produz frutos capsulares de cor escura. De suas folhas e frutos extrai-se uma substância denominada pilocarpina, empregada no tratamento do glaucoma. Essa substância provoca a contração da pupila, e proporciona o aumento da produção salival e sudorípara e o peristaltismo intestinal. **Como a poaya, a baunilha, a quina, a japecanga, a salsaparrilha, a jalapa, o <jaborandy>, o sangue de drago, a copahiba, a bicuiba e muitas outras espécies de oleos, o angico, o páo-santo, a caroba, a carobinha, a cainca, o jatobá, etc., são thesouros da materia medica muito comuns na regiãool (FONSECA, 1880, p. 151).**



<http://www.traveljournals.net/pictures/259024.html>

jaburu **s.m.** *Origem : tupi.* Nome comum a diversas aves de grande porte] Ave símbolo do Pantanal e apresenta nas Américas Central e do Sul; de grande porte; corpo robusto; bico negro, forte, longo (com cerca de 30 cm), afilado na ponta e levemente curvado para cima; pescoço preto com a parte do papo

vermelha. Quando adulto, possui penas predominantemente brancas; vive em bandos em rios, lagoas e áreas pantanosas; alimenta-se de peixes, moluscos e anfíbios e constrói seu ninho no alto de árvores. **Nos pantanaes passeiam pausadamente o tabujajá, o gigante tuyuyú, o <jaburu> e o socó-boi, notáveis variedades dos palmipedes longirostros cujos corpos gigantescos não estão em relação, ainda assim, com os seus enormes bicos; e as formosas garças de brancas plumas (FONSECA, 1880, p. 320).** *Ver : tuiuiú.* *Nota:* Fonseca (1880, p. 320) apresenta o tuiuiú e o jaburu como aves distintas.



<http://animais.culturamix.com/informacoes/aves/tuiuiu-ou-jaburu-o-simbolo-do-pantanal>

jabuti **s.m.** *Origem : tupi.* Designação comum a vários répteis herbívoros que possuem cabeça retrátil, coberta por escudos amarelos e negros; uma carapaça alta, de cor amarelo-acinzentada com desenhos em relevo; medem cerca de 35 a 70 cm e seu peso varia de acordo com a espécie; apresentam dedos curtos, dotados de garras e movimentam-se vagarosamente. **Parece que a natureza, vendo essa incuria indizível, quiz castigal a com uma severidade também inaudita: nos seus arredores, isto é, lá até onde se animam á ir os seus habitantes, é raro aparecer um animal de caça, quadrupede ou ave, exceção feita dos jabotis e tatús, esses mesmos escassos[...]** (3). *Variante : jaboti*



<http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/17993-jabuti.htm>

jaboticaba *s.f.* *Origem : tupi.* Fruto comestível natural do Brasil, de cor roxa ou negra, conforme a espécie, arredondado e com cerca de 2,5 cm de diâmetro, polpa branca, adocicada e succulenta. “Os quintaes erão todos muito bem plantados, e nelles abundava muito a uva, o figo, a atta, a fructa do conde, o côco da Bahia, o melão, a melancia, o cajú, a laranja, o ananaz, o abacaxi, a <jaboticaba>, a mangaba, etc”. (MOUTINHO, 1869, p. 152). “Guaporú, termo ehiquitano (?) que significa jaboticaba; é a ibapumi dos guaranys” (FONSECA, 1880, p. 383). Variante : **jaboticaba**. Ver : **jabuticabeira**. Nota: A jaboticaba é utilizada no preparo de vinho, licores ou doces e empregada no tratamento de febres; sua casca, adstringente é utilizada para gargarejo e em forma de clisteres para o tratamento de diarreia .



http://www.correiadoestado.com.br/noticias/jaboticaba-age-contra-cancer-leucemia-e-diabetes-revela-estu_179564/

jabuticabeira *s.f.* *Origem : tupi.* Árvore frutífera de grande porte, natural do Brasil, possui tronco e ramos lisos, folhas alongadas, em formato de lança e com bordas onduladas; flores pequenas, de cor branca, que geram um fruto comestível natural do Brasil, de cor roxa ou negra, conforme a espécie, arredondado e com cerca de 2,5 cm de diâmetro, polpa branca, adocicada e succulenta. [...] **taes os typos principaes desse tapete floral, onde as maiores arvores, quasi sempre <jaboticabeiras> e sapótas, não attingem á altura de quatro metros [...]** (FONSECA, 1880, p. 26). Ver : **jaboticaba**.



<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jabuticabeira.jpg>

jacarandá *s.m.* *Origem : tupi.* Árvore natural do Brasil, com folhas de cor azul, flores pequenas, de cor violeta; atinge de 15 a 25 m de altura e seu tronco mede cerca de 40 a 80 cm de diâmetro. É considerada madeira de lei. **O cedro, o oleo, o <jacarandá>, o Gonçalves, o vinhatico, a piuva, o jequitibá, o conderú, o coração de negro, o louro, a aroeira e o carvão, e tantas outras que fôra longo enumerar.** (MOUTINHO, 1869, p. 152). Á beira Paraguay, apesar da ignára devastação dos lenhadores, á custo se avista um ou outro <jacarandá>, guatambú ou vinhatico, que o mais já tem desaparecido para se converter em combustível dos vapores que sulcam o rio [...] (FONSECA, 1880, p. 152).



<http://www.plantasonya.com.br/arvores-e-palmeiras/jacaranda-de-minas-jacaranda-cuspidifolia.html>

jacaré **s.m.** *Origem : tupi [iaka're].* Réptil crocodiliano, carnívoro, possui focinho largo e chato e cerca de 70 na 80 dentes; mede aproximadamente 30 cm ao nascer, podendo atingir de 1,80 m a 6 m de comprimento, dependendo de sua espécie. Seu peso pode chegar a 3 toneladas e viver de 80 a 100 anos. Alimenta-se de peixes e moluscos ou de aves e mamíferos que se aproximem dos rios, seu habitat natural. **Sobre as lindas praias de Cuyabá vêm-se sempre centos de <jacarés>, que exalão um cheiro muito activo de almiscar, e que nem se movem ao passar o vapor (MOUTINHO, 1869, p. 260). Enormes <jacarés>, semelhando esquadra de monitores, percorrem as aguas em todas as direcções (FONSECA, 1881, p. 180).**



<http://www.cecgodoy.pro.br/bancodeimagem/s/v/reinoanimal/repteis/jacare-06-md-web.jpg.html>

jacaré-do-papo-amarelo **s.m.**

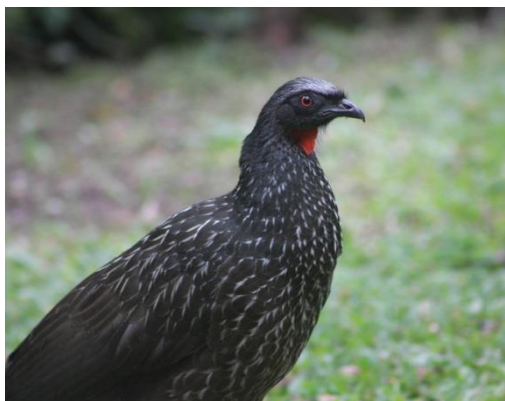
Origem : híbrida. Réptil de cor marrom escura na parte superior e ventre amarelo; possui focinho curto, largo e achatado e pernas curtas, providas de longas unhas;

pode medir até 3 m de comprimento. [...] unico linitivo que encontravamos á monotonia do ermo, era passear á margem do Guaporé, sobre o lindo caes de Santo Antonio, a contemplar os <jacarés de papo amarelo>, que ali existem em grande numero, ora sobre os aguapés do rio, ora na praia. (1).



<http://exitintoselvagem.blogspot.com.br/2011/10/jacares.html>

Jacu **s.m.** *Origem : tupi..* Designação atribuída a diversas aves de grande porte, da família das galinhas, que chegam a medir 85 cm de comprimento; possuem cauda e corpo asas e pescoço alongados, bico curto, cabeça pequena encimada por topete; apresentam plumagem escura salpicada de branco e papo vermelho e saliente. **Encontra se nuvens de colhereiros, de garças, marrécas, patos, cabeças sêccas, tuyuyus, e alfim uma infinidade de passaros aquaticos; e dos bosques como mutuns, inhúmas, <jacús>, tocános, jacotingas, etc. (1). [...] mas agora piscoso de uma maneira extraordinaria, ao mesmo tempo que suas margens são ricas de caça, ostentando se as florestas que o bordam cobertas de aves da maior estimação, como mutuns,<jacús>, arancuans, jacutingas, joós, nhambús, etc.(3).**



<http://blogambere.blogspot.com.br/2010/08/jacu.html>

jacutinga *s.f.* Origem : *tupi*. Ave galiforme (com bico curto, pernas fortes, pés adaptados para ciscar e correr, asas curtas e arredondadas) presente no Centro-Oeste e no Sudeste do Brasil, com cerca de 74 cm de comprimento e 1,5 kg de peso, de plumagem negra, penacho branco no peito e parte nua do pescoço avermelhada. Alimenta-se de minhocas, insetos e frutos diversos. **Encontra-se nuvens de colhereiros, de garças, marrécas, patos, cabeças secas, tuyuyus, e alfim uma infinidade de passaros aquaticos; e dos bosques—como mutuns, inhúmas, jacús, tocános, <jacotingas>, etc.** (MOUTINHO, 1869, p. 260). Variante : *jacotinga*.



<http://animais.culturamix.com/informacoes/aves/jacutinga>

jalapa *s.f.* Origem : *português*. Planta de caule cilíndrico, liso e ramificado; atinge de 60 cm a 1, m de altura e produz folhas lisas, em forma de ponta de lança e com cerca de 10 a 12 cm de comprimento e flores vermelhas, rosas, amarelas, brancas ou mescladas, de acordo com a espécie; seu fruto é rugoso oval e de cor preta e a raiz espessa, suculenta e de cor escura. **Cresce em Matto Grosso a jalapa, e a baunilha (MOUTINHO, 1869, p. 151). Como a poaya, a baunilha, a quina, a japecanga, a salsaparrilha, a <jalapa>, o jaborandy, o sangue de drago, a copahiba, a bicuiba e muitas outras especies de oleos, o angico, o páo-santo, a caroba, a carobinha, a cainca, o jatobá, etc., (FONSECA, 1880, p. 151). Note: A jalapa é um purgante, agindo sobretudo no intestino delgado (CONCEIÇÃO, 1987).**



<http://biologiarosilene.blogspot.com.br/2011/05/ausencia-de-dominancia-3-ano.html>



L - I

labaça **s.f.** *Origem* : português • Planta de raiz grossa, longa e amarga, caule amarelado e folhas ovaladas, de flores pequenas e esverdeadas. Sua raiz é utilizada como tônico e diaforético. **Dos vegetaes que acompanham o homem, ainda ahi vimos todos os commons nessas paragens, beldroegas, caruru de sapo, tanchagem, <labaça>, etc., apesar de decorrerem já talvez mais de cinco lustros do seu completo abandono. (3).**



<http://www.portaldojardim.com/pdj/wp-content/uploads/rumex.jpg>

lacrau **s.m.** *Origem* : português. Inseto da classe do aracnídeos, de hábitos noturnos; possui corpo alongado, de 10 a 12 cm de comprimento, formado por diversos segmentos, dos quais partem quatro pares de patas; possui um par de pinças em seu extremo exterior e um ferrão na ponta da cauda, que utiliza para injetar veneno; adapta-se a ambientes úmidos e escuros e prolifera entre entulhos, sob pedras, barrancos, etc. **Esses cocurutos se podem dizer uma verdadeira arca de Noé; ali se repastão todas as classes de pequenos bichos que abundão nos mattos, e o viajante, entre sapos, cobras, lagartos, e tatouranas, <lacrãos> [...] IMOUTINHO, 1869, p. 163).**



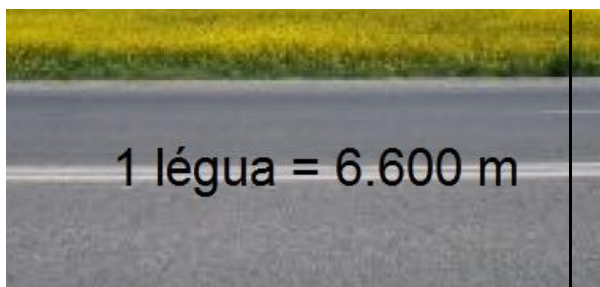
<http://entreasserras.blogspot.com.br/2010/08/lacraus-sinais-dos-tempos.html>

laxante **s.m.** *Origem* : português. Substância purgativa, que induz à evacuação de fezes. **Quinze ou 20 dias depois do uso, torna-se soros de leite cortados com sal de Epson, e mesmo alguns <lachantes> frescos. (MOUTINHO, 1869b, p. 28).**



<http://www.gogpseries.com/2012/11/artiman-has-que-ferrari-pode-usar-porque.html>

légua **s.f.** *Origem* : português. Medida itinerária que vigorou antes da adoção do sistema métrico, no Brasil equivale a 6.600 m. **A' meia <legua> além do pouso ha uma serra de difficil ascenção, e cujo caminho escabroso offerece grande perigo para os animaes de carga (MOUTINHO, 1869b, p. 18).**



Libra **s.f.** *Origem : português.* Unidade de medida utilizada na Inglaterra e que equivale a 0,45359237 kg. **Pessoas que se derão a esse trabalho nos assegurarão que o termo médio de cade camarada é de dez a dezeseis <libras> (MOUTINHO, 1869, p. 151). Em fevereiro seguinte já despachava Antonio Borralho com doze <libras> de ouro dos quintos arrecadados (FONSECA, 1881, p, 38).**



http://es.123rf.com/photo_13998732_una-libra-de-peso-aislados-sobre-fondo-blanco.html

M – m

macaco **s.m.** *Origem:* **africana**. Designação comum às espécies de primatas (exceto o homem) e que se caracterizam pelos olhos dispostos lateralmente e pelas narinas posicionadas na frente da face; possui corpo robusto, braços e cauda longos e pelagem marrom ou negra, com exceção dos pés, mãos e parte das nádegas, que não possuem pelos; seu tamanho é variável de acordo com a espécie. **Fomos fazer, uma tarde, um passeio á roça, e ahi presencamos um roubo feito pelos <macacos> de uma maneira engenhosa. (1).**



http://1.bp.blogspot.com/-JWUL7_JwFKM/T2QpvbjfmQI/AAAAAAAAA6o/iC7PgXr_qMI/s1600/macaco.gif

malária **s.f.** *Origem:* **português**. Doença crônica ou infecciosa, causada pelo protozoário parasita do mosquito do gênero *plamodium* e transmitida pela picada da fêmea do mosquito anófeles quando infectada; provoca acessos periódicos de febres e calafrios e o extermínio das hemácias; além do contágio pela picada do mosquito, adquire-se também a malária por meio de transfusão de sangue contaminado ou pelo uso ou contato com agulhas de injeção utilizadas anteriormente em pessoas infectadas. **A observação aturada sobre estas regiões e seus habitantes, e as condições em que se relacionam, fez-me crente de que nellas o <malária> nem por isso é tão infeccionante como fôra de receiar (FONSECA, 1880, p. 174). Ver febre**

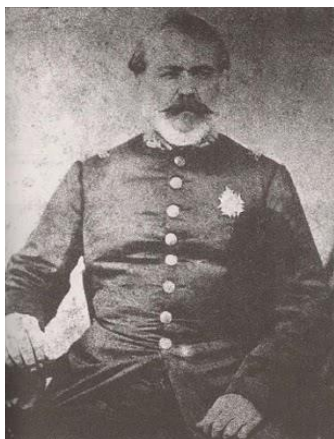


<http://www.fiocruz.br/ccs/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=3346&sid=4>

maquia **s.f.** *Origem:* **português**. Antiga medida de cereais, equivalente a 4,5 litros. **Não careciam de muito esforço nem havia perigo algum em colher diariamente boa <maquia> de ouro (FONSECA, 1881, p. 12).**



marechal **s.m.** *Origem:* **português**. Militar que ocupa a mais alta patente dentro na hierrquia do Exército. **Seu sucessor foi o Sr. coronel de engenheiros Antonio Pedro de Alencastro, hoje marechal de campo, nomeado presidente e commandante das armas em 13 de junho de 1859 [...] (FONSECA, 1881, p. 93). Note: Atualmente, a patente de Marechal só é provida em caso de guerra.**



<http://imagenshistoricas.blogspot.com.br/2010/01/guerra-do-paraguai.html>



<http://bicentenariodomalosorio.blogspot.com.br/2008/06/vida-de-osorio.html>

margem *s.f.* Origem : português. Terreno que ladeia um rio, lago, ou lagoa. Divide as distancias de norte a sul 332 léguas desde a foz do rio Fresco na <margem> direita do rio Xingú, á <margem> esquerda do ribeirão Igurey (MOUTINHO, 1869, p. 31-32). A sudoeste, além do Paraguay, tomaram posse de todo o terreno alto, que se mostrava â sua <margem>. (FONSECA, 1880, p. 40).



http://www.pousadavaleencantado.com/_album/images/margem%20rio%20sana.jpg

marido-é-dia *s.f.* Origem: português. Ave com cerca de 15 cm de comprimento, possui dorso acinzentado, abdome amarelo e penas que formam um topete. Quanto ás aves é ainda grande a variedede, desde o anum, azulão, bemtevi, <marido-é-dia>, bicudo [...] (MOUTINHO, 1869, p. 152). Note: Essa ave é denominada "marido é dia", porque popularmente acredita-se que seu canto assemelha a essa frase



Christian Camargo <<http://christiancamargo.com.br/site/modules/mastoppublish/?tac=Guaracava-de-barriga-amarela>>

mataria *s.f.* Origem : português. Área coberta por mato ou mata. Aqui, imensa e vigorosa mattaria atesta, nos grossos troncos e nas prodigiosas alturas, a exuberancia de seiva que os alimenta (FONSECA, 1880, p. 25). Ver : *arvoredo*.



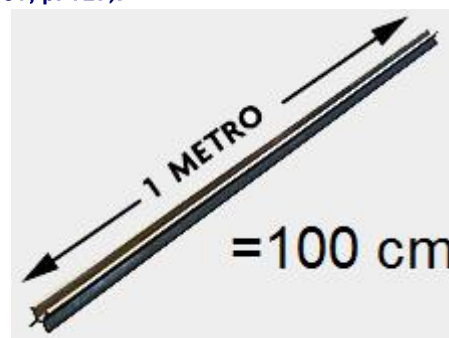
<http://ambientalsustentavel.org/2011/mata-atlantica-tera-320-pontos-estudados-no-proximo-ano/>

mato **s.m.** *Origem : português.* Área coberta por vegetação densa e cerrada. **Ao sahir-se do Barreiro acompanha-se, ainda dentro de mata, o Cotovello, até um rincão onde as tropas magras ou fracas fazem pouso, afim de poderem no dia seguinte atravessar a meia legua de <matto>, onde é pessimo o caminho. (MOUTINHO, 1869, p. 43). O estado thermico variava muito do dia para a noite: estas de ordinário eram frescas; mas, ao meio do dia, o thermometer exposto subia á 42° e 44° . Entre S. João e as Petas, alguns bois ficaram como que damnados de calor e sêde, e fugiram para o < matto>. (FONSECA, 1881, p. 147).**



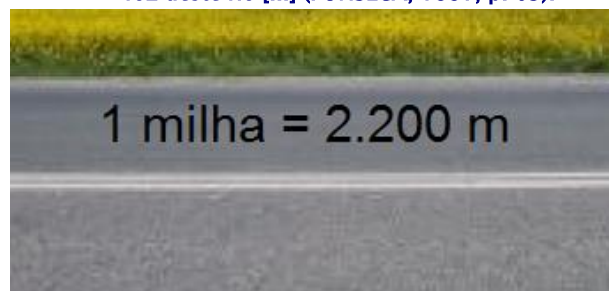
<http://www.portalbaraogeraldo.com.br/site/a-mata-santa-genebra/>

metro **s.m.** *Origem : português.* Unidade de medida de comprimento do Sistema Internacional de unidades (SI), equivalente ao comprimento da distância percorrida pela luz, no vácuo, durante o intervalo de tempo correspondente à fração de 1/299.792.458 do segundo [símbolo: m]. **Achão se em Matto Grosso ricos oratorios particulares, com imagens perfeitissimas vindes de Portugal. No sitio das Lavrinhas, pouco distante de Matto Grosso, vimos um dos melhoes, tendo os santos a altura de um <metro> [MOUTINHO, 1869, p. 158-15]. Foi nessa estrada que, com maxima admiração, encontrei uma palmeira, astrocaryum, ramificada em um galho de mais de <metro> de altura; admiração que dobrou ao verificar um segundo exemplar da mesma monstruosidade e nas mesmas condições, á poucos passos apenas do primeiro, e tambem á orla da estrada (FONSECA, 1881, p. 127).**



http://veja.abril.com.br/090108/p_080.shtml

milha **s.f.** *Origem : português.* Antiga medida itinerária brasileira, equivalente a 1.000 braças ou a 2.200m. **Estes dão Obidos á 451 pés ou 137,4 metros, quando o viajante francez diz, com La Condamine, que essa cidade eleva-se apenas 10 pés sobre a altura de Belém, da qual, entretanto, dista 575 <milhas>! (MOUTINHO, 1869, p. 23). Mandou assaltar a aldeia de S. Miguel do Baures, situada á poucas milhas da foz deste rio [...] (FONSECA, 1881, p. 65).**



minuto **s.m.** *Origem* : português. Unidade de medida de tempo equivalente a 60 segundos ou à sexagésima parte de uma hora. Abreviação: min. **O que é certo, e constantemente observado é que o pulso nas febres sempre excede de setenta e cinco pulsações por <minuto>, quando o thermometro de Fahrenheit e o calor passam de 80, necessarios para a putrefacção (MOUTINHO, 1869, p. 185). Com 35 <minutos> de viagem passa-se o Letreiro e sahe-se no Paraguay. (FONSECA, 1880, p. 333).**



http://br.freepik.com/vetores-gratis/relogio-de-minuto-graduiation_518262.htm

montaria **s.f.** *Origem* : português. Animal, geralmente equino, muar ou asinino, sobre o lombo do qual se pode cavalgar. **Os bois mansos servem em geral de animaes de carga e até de <montaria>. [...]muitas vezes vê se entrar pela cidade tropas de bois arFonteos com cangalhas, e os tocadores de lotes montados em outros que offerecem mais commodo no andar (MOUTINHO, 1869, p. 35).**



<http://www.comitiva.boisoberano.nom.br/tnbqa08-8-08/tnbqa08-8-08-1.htm>

monção **s.f.** *Origem* : português. Nome dado às expedições que, durante meados dos séculos XVIII e XIX deslocavam-se pelos rios das capitanias de São Paulo e de Mato Grosso a fim de estabelecer a comunicação entre elas. **Não obstante o empenho que fizemos para obter a respeito dos índios da provincia noticias mais importantes e remotas, nade pudemos obter, além do conhecimento de suas depredeções continuas contra as <monções> que ião de S. Paulo para aquellas minas, e, ainda depois de estabelecida a povoação, aos sertanejos que povoavão essas regiões. (1). Naquellas <monções> é que vinham os refrescos de todo o genero de abastecimento, fazendas e comestíveis; destruídas, ficavam os povoados entregues à miséria e á fome e à todo o cortejo de calamidades que as acompanham. (3).**



<http://mestresdahistoria.blogspot.com.br/2013/01/saiba-mais-sobre-as-moncoes.html>

N – n

navegação s.f. Origem : português. Viagem ou deslocamento feito com embarcação sobre águas de mar, rio ou lago. O restante de <navegação> é feito em canôas ou igarités, sendo preferíveis estas, porque aquelas nas grandes correntezas se virão com summa facilidade (MOUTINHO, 1869, p. 212). Ahi seguimos o braço direito ou Jaracatià (1), e fomos fundear, á noite, na barra do Mequenes, não tendo havido durante todo o dia duas horas de <navegação>, e essa mesmo dificultosa (FONSECA, 1881, p. 177).



. <http://www.novomilenio.inf.br/festas/america11.htm>

O - o

oficial **s.m.** *Origem : português.* Militar das Forças Armadas ou da polícia que exerce grau de comando de graduação superior ao de aspirante. <Oficiais> e soldados rompem os vivas a S. M. o Imperador ; a victoria é toda desse punhado de bravos, que de prompto são senhores des trincheiras e se cobrem de louros. (1).



<http://imagenshistoricas.blogspot.com.br/2010/01/guer-ra-do-paraguai.html>



<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=5700132230568766187&cmm=56198530&hl=pt-BR>

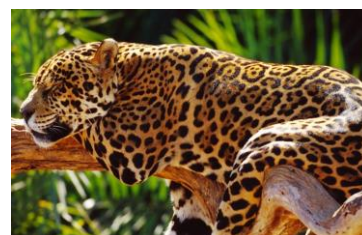
oitava **s.f.** *Origem : português.* Antiga unidade de medida de peso, equivalente a 3,586 g. Mil e quinhentos escravos davão annualmente 600 <oitavas> de diamantes a seus senhores (MOUTINHO, 1869, p. 230). Consta dos Annaes da câmara de Cuyabá que neste anno despo voou se por tal fórmula esta villa, que nella ficaram apenas sete homens brancos, entre seculares e clérigos, sendo o resto da população indios e negros; e estes não em grande numero, visto que tanta era a procura delles para as minas, que dava se até quinhentas <oitavas> de ouro por um escravo (FONSECA, 1881, p. 38).



<http://mnmachadodecastro.imc-ip.pt/pt-PT/coleccoes/outrasseccoes/Metals/ContentDetail.aspx?id=916>

onça 1 **s.f.** *Origem : português.* Felino carnívoro de cor amarela mesclada com branco e com pintas pretas; mede de 1,40 m a 1,80 m de comprimento e 80 cm de altura e pesa aproximadamente 100 Kg. A penultima vez que ali passamos encontramos na entrada de cidade uma onça bem crescida, passeando vagarosamente na rua [...] (MOUTINHO, 1869, p. 2501).

Ver : [onça₂](#)



<http://matheusbomfim.blogspot.com.br/2010/11/01/archive.html>

onça 2 **s.f.** *Origem : português.* Antiga unidade de medida de peso, equivalente a 28,691g. [...] tratou de fazer aguardente, cujos primeiros frascos vendeu a 10 oitavas de ouro, facto este que Ferdinand Diniz descreve por engano como em 1772, a preço de 10 onças de ouro (MOUTINHO, 1869, p. 259). Ver : [onça₁](#)



<http://ferrao.org/labels/informa=C3=A7=C3=A3o.html>
(Adaptado)

P – p

paca **s.f.** *Origem : tupi.* Roedor de hábitos noturnos, presente do Sul do México ao Sul do Brasil, de tamanho que varia entre 60 a 80 cm de comprimento, seu peso pode chegar a 13 Kg quando adulto, possui pelagem castanha com listras brancas nas laterais do corpo; cabeça e olhos grandes, cauda e orelhas curtas e maxilar proeminente e costuma viver próximo a rios. **As <pacas> também habitam n'essa mata em grande quantidade [...] (MOUTINHO, 1869b, p. 37). Rogorgitam as florestas de caça, [...] caça de primeira ordem e sem rival no mundo; além da multidão de corpulentos tucanos, papagaios, araras e mil outros passaros. Dos vertebrados,—queixadas e caitetés, os javalis da America, veados e tatús de varias especies, <pacas>, cotias e a anta, o maior dos quadrupedes do novo mundo [...] (FONSECA, 1881, p. 160–161).**



http://www.agrov.com/animais/peq_ani/paca.htm

pacu **s.m.** *Origem : tupi.* Nome comum a diversos peixes encontrados em grandes rios sul-americanos, que possuem corpo ovalado e achatado, nadadeiras dorsais e anal, podem atingir até 50 cm de comprimento e pesar cerca de 15 Kg, sendo, porém, mais facilmente encontrado em tamanhos menores, com cerca de 2,5 Kg; de acordo com a época do ano, sua cor varia do castanho ao cinza-escuro. **Sahimos do rio das Almas às 11 horas de manhã. Os camaradas do Pinapescarão ali um excelente <pacú> (MOUTINHO, 1869b, p. 59). O rio já tornou se piscoso; sendo digno de reparo a falta, quase absoluta, de peixe que encontrámos nestes dias, [...] Hoje tivemos algumas parahibas (bagrus recticulatus) e jaús, de mais de metro e meio, alguns robafos (trahiras) e batuqueiros, a melhor espécie dos <pacus>, [...] (FONSECA, 1881, p. 265).**



<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/pacu.htm>

paiol **s.m.** *Origem : português.* Depósito militar destinado ao armazenamento de pólvora, munições e outros instrumentos de guerra. **Dous annos depois de fundado, um violento incêndio destruiu todos os seus quarteis e rancharias, salvando-se felizmente o <paiol> da pólvora [...] (FONSECA, 1880, p. 265–266).**



<http://invitaminerva45.blogspot.com.br/2011/07/queijos-da-holanda.html>

palhoça *s.f.* *Origem : português.* Casa rústica, típica de áreas tropicais e que é coberta com palha, folhas de palmeira ou colmo.

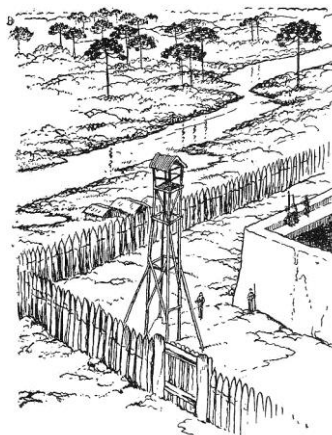
Qual o motivo porque [...] homens robustos que passam a vida em continua

bebedeira, deitados debaixo de miseráveis <palhoças>, acordando somente para comerem um pouco de mandioca, porque recusam 30\$000 por mês para servirem como cFontes ou camaradas? (MOUTINHO, 1869, p. 33). Atravessado o regato ou Corixa, passamos daí a 1 quilômetro pela situação dos brasileiros de que atrás falei. Duas horas depois chegávamos ao sítio do Uauassú, a treze quilômetros daquela outra. Tira seu nome de umas formosas palmeiras que ali abundam, [...] suas folhas têm quatro a seis metros de longas e dizem que mais ainda, pelo que são muito procuradas para a cobertura das <palhoças> (FONSECA, 1880, p. 361).



http://www.panoramio.com/photo_explorer#view=photo&position=18&with_photo_id=67233614&order=date_desc&user=3423648

paliçada *s.f.* *Origem : português.* Obstáculo feito com estacas alinhadas e utilizado para defesa militar. Já em 1754 desceu seu primeiro capitão-general D. Antonio Rolim de Moura Tavares [...] foi até abaixo do Itonamas, onde na margem direita do Guaporé haviam estes estabelecido o seu aldeamento e missão de Santa Rosa, fortificada com <paliçadas> e trincheiras; e daí os expeliu (FONSECA, 1880, p. 137).



<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0380c02.htm>

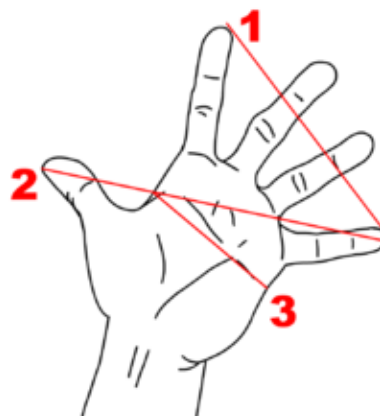
palmeira *s.f.* *Origem* : português. Nome comum a todas as árvores da família das palmáceas e por isso também denominadas palmas; habitam as regiões quentes da África, Ásia, Austrália e sobretudo da América; em geral possuem o tronco reto e cilíndrico e folhas longas e que partem de um mesmo ponto, uma espécie de tufo, abrindo-se em direções diversas ao crescerem, as flores comumente encontram-se dispostas em inflorescências (mais de uma flor em um único pedúnculo) e suas cores variam conforme a espécie, que gira em torno de 1.000.000; do mesmo modo os frutos são também variáveis de acordo com a espécie, podendo apresentar-se como cocos, tâmaras ou drupas. **Esta <palmeira> que na provincia não dá vantagem alguma, porque apenas colhem della um ou outro palmito, que é de delicioso sabor, algumas folhas para desmanchar em chapéus e poucos troncos para cercas de quintaes, ou mesmo para cobrir em formula de telha as casas de campo [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 204). [...] o que imprime um tom novo á região, o que lhe dá um retoque especial, é a variedade de <palmeiras> que elevam seus leques ou os entremeiam ás folhagens das magestosas florestas [...] (FONSECA, 1881, p. 375).



<http://rcfertil.com.br/loja/palmeira-veitia/>

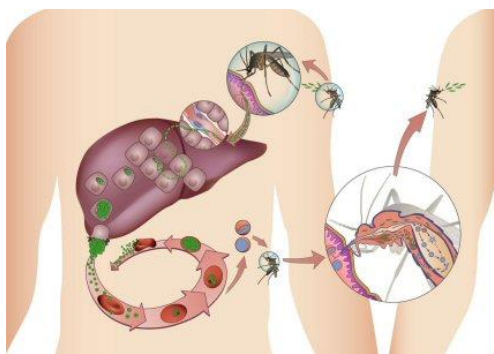
palmo *s.m.* *Origem* : português. Medida de comprimento equivalente a 22 cm ou à distância entre a extremidade do dedo polegar e do mínimo, estando a mão bem aberta. **Uma menina de tres para quatro annos tocava com uma varinha um enorme jararacuú? que ia subindo uma cerca do jardim, enroscando se**

por entre as grades, sem dar mostras de estar em cólera, ou de querer morder a pobre innocentinha. Uma negra, porém, vio o, e veio assustada dar parte ao nosso amigo, que matou o com um tiro de espingarda. Medio sete <palmos> e meio da cabeça á cauda! (MOUTINHO, 1869, p. 43). Mede o templo 36 <palmos> de frente, 80 de fundo e 36 de alto, com capella mór, quatro altares lateraes, côro, baptistério, sachristia, etc.; (FONSECA, 1881, p. 117).



<http://es.wikipedia.org/wiki/Palmo>

paludismo *s.m.* *Origem* : português. Doença infecciosa, provocada pelo protozoário parasita do mosquito do gênero plamodium e transmitida pela picada da fêmea do mosquiquito anófeles (do qual existem 50 espécies) infectada; caracteriza-se por acessos periódicos de febres e calafrios aliados à destruição das hemácias; além da picada do mosquito, transmite-se também pela transfusão de sangue contaminado ou pelo uso ou contato com agulhas de injeção utilizadas anteriormente em pessoas infectadas. **A falta dos principaes elementos azotados da alimentação agrava se ainda com o abuso dos alimentos respiratorios. E' frequente, prin cipalmente na classe baixa da população, o uso das bebidas alcoolicas, reputado o prophylatico mais seguro contra os insultos do <paludismo> [...]** (FONSECA, 1881, p. 134-135). Ver : **malária**.



<http://www.sobiologia.com.br/conteudos/Reinos/malaria.php>

pantanal **s.m.** *Origem : português.* • O pantanal é uma planície inundável com cerca de 230 mil km de área; periodicamente inundada; com vegetação variada e poucas montanhas, o que favorece o alagamento, que se dá devido ao volume de chuvas ocorridas durante o verão e que formam baías (lagos temporários) e fertilizam o solo possibilitando a manutenção do ecossistema. **Mal chegado á Villa Bella foram suas primeiras ordens relativas á agricultura ainda, por demais, descurada nesses povoados, e procurou o cultivo da canna de assucar indigena no paiz e, como já viu se, encontrada nos albardões e reductos do pantanal dos Xarayes, logo depois da fundação de Cuyabá [...]. (3).** *Note: O pantanal abrange parte do território do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, da Bolívia e do Paraguai e é considerado pela UNESCO como Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera.*



<http://www.pantanal-brasil.com/flora.aspx>

papagaio **s.m.** *Origem : tupi.* Designação comum a várias espécies de aves brasileiras,

que possuem plumagem predominantemente verde, com variações de cores nas penas que cobrem a cabeça, a fronte ou as bochechas de algumas espécies; possuem bico curvo, medem cerca de 30 cm e pesam aproximadamente 400 g; alguns são capazes de imitar sons. **Na sua vida errante apanhão muitos passaros pequeninos, que domesticão facilmente, como papagaios, araras, mutuns, jacús, jacotingas, periquitos, caturritas, maracanãus, etc. (1).**



[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Papagaio_\(F%C3%A0mea\)_REFON_010907.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Papagaio_(F%C3%A0mea)_REFON_010907.jpg)

passo **s.m.** *Origem : português.* Espaço compreendido entre cada deslocamento de um pé para outro, por meio de movimentos para a frente, para trás ou para os lados. **Collocou se de novo o mesmo alvo a 15 <passos>, a frêcha partio e veio cahir no mesmo ponto que antes tinha sido atravessado (MOUTINHOI, 1869, p. 221). A? poucos passos de suas nascentes corre já com uma profundidade de uns quatro metros [...] (FONSECA, 1880, p. 72).**



<http://corridasdeorientacao.blogspot.com.br/2012/06/escalas-graficas-de-passo-duplo.html>

pequiá **s.m.** *Origem : tupi.* Árvores natural das Guianas e do Brasil, presente na Amazônia e no Nordeste, mede de 20 a 45 m de altura, possui tronco reto, cilíndrico e fissurado, de cor acinzentada; folhas verdes e longas, flores amareló-claras e frutos drupados (com uma única e dura semente), de polpa comestível após cocção e sementes oleaginosas. **A circular do ministerio da marinha de 5 de fevereiro de 1858 proíbe cortar, sem licença, as perobas, secupiras, <pequiás> [...] (FONSECA, 1880, p. 153-154).**



http://www.vivaterra.org.br/arvores_nativas_3.htm

peroba **s.f.** [*Origem : tupi.* Designação comum a diversas árvores naturais do litoral da Bahia e de Minas Gerais, de madeira de boa qualidade, atinge de 20 a 40 m de altura, possui tronco cilíndrico, fissurado, de cor acinzentada e que pode medir de 40 a 80 cm de diâmetro; suas folhas são elípticas (com pontas pequenas ou inexistentes) e medem cerca de 10 a 20 cm de largura, já as folhas são brancas, tubulares, cobertas de pelos e medem aproximadamente 2,5 cm de largura e os frutos são capsulares, alongados, de cor amarronzada e com manchas escuras. **Não tenho certeza, mas supponho que as madeiras de lei são propriedade a nação; e que, quanto á algumas, nenhum particular, ainda mesmo em terrenos seus, as póde devastar, sem especial concessão, onde lhe seja especificada a qualidade e marcada a quantidade das arvores que propõe-se á derribar. A circular do ministerio da marinha de 5 de fevereiro de 1858 proíbe cortar, sem licença, as perobas, secupiras, pequiás, jaguarés, cedros [...] (FONSECA, 1880, p. 153-154).** *Nota: A madeira da peroba é amplamente utilizada em marcenaria e construções.*



<http://www.uel.br/com/agenciauelnoticias/fotos/22-12-2009-g-peroba.jpg>

pés **s.m.** *Origem : português.* Unidade de medida linear inglesa, correspondente a 12 polegadas ou a 30,487 cm. [...] **Cuyabá, que se acha á 720 leguas do oceano, pela**

estrada fluvial, deveria estar n'uma altitude de cerca de 500 <pés> metros [...]. (2).



http://www.sobiologia.com.br/conteudos/oitava_serie/mecanica.php

petrechos **s.m.** Origem : português.

Designação atribuída para armas, munições e instrumentos de guerra em geral. O governo do Brasil sabedor do acumulado de forças e de <petrechos> de guerra para aquele ponto, deveria ter pensado que algum motivo obrigava o Paraguay a armar se tão forte, e então em tempo prevenir se, ou ao menos conservar em Matto Grosso os vapores que os tratados lhe concedião ter ali, para evitar a perda daquella torção, aliás tão importante (MOUTINHO, 1869, p. 253). Sin. **apetrecho**.



http://www.jornalonoestado.com.br/media/noticia/12-072010_06_28_52_1_jpg_640x480_crop_q85.jpg

poaia **s.f.** Origem: : tupi Espécie de arbusto com aproximadamente 35 cm de altura, com folhas verdes em formato de lança, flores brancas e pequenas, fruto ovalado e de cor escura, raiz flexível e retorcida, que atinge de 5 a 25 cm de comprimento. O arbusto de <poaia> forma uma pequena cópa, a haste é despida de

folhas que tem um verde claro, e raras vezes se encontra solitário. (1). Sinón : **ipecacuanha**. Variante : poaya



http://www.ufrgs.br/fitoecologia/florars/open_sp.php?img=5154

poço **s.m.** Origem : português. Cavidade geralmente de formato arredondado, aberta na terra com o intuito de extrair água do subsolo. Alguns doentes ali tem feito <poços> para tomarem banhos, e ultimamente fizeram um pequeno rancho sobre um desses poços para mais comodidade e resguardo. (1).

Sinón : **cacimba**



<http://desenvolvimentointegralgeral.blogspot.com.br/2011/02/01/archive.html>

praça s.2.gen. Origem : português. • Militar das Forças Armadas ou das Forças Auxiliares, sem posto ou graduação. Não obstante porém estas provas de amizade, em 1850 o Paraguay mandou desalojar do Fecho dos Morros por uma expedição de mais de 400 <praças> o pequeno destacamento brasileiro composto de 25 homens [...]. (1). Fôra extenso e fastidioso relatar todas as aggressões e tropelias commettidas pelos selvagens; citarei apenas as datas das principaes: em 1740 ; 1743 ; duas em 1744, uma em um arraial florescente no

Alto Paraguay, em caminho para os sertões do Matto Grosso, e outra [...] á 6 de janeiro, pelos guaycurús no proprio forte de Coimbra, fundado para reprimir taes atrocidades, e onde trucidaram cinquenta e quatro <praças> da guarnição, que com a maior boa fé praticavam com elles. (3). *Sinón* : **soldado** *Note*: Informalmente as praças são denominadas 'mangas lisas' por não utilizarem divisas na farda ou 'soldado raso', por ocuparem o menor grau da hierarquia militar.



<http://isaacangelo.blogspot.com.br/2012/06/cabos-e-soldados-do-exercito.html>



<http://imagenshistoricas.blogspot.com.br/2010/01/guerra-do-paraguai.html>

presidente **s.m.** *Origem* : português.

Administrador de uma província. Foi nomeado ultimamente <presidente> da provincia o exm. sr. barão de Melgaço, que tem della perfeito conhecimento, e que já a presidio por diversas vezes (MOUTINHO, 1869, p. 66).. O 23º <presidente> foi o Sr. brigadeiro Hermes Ernesto da Fonseca, nomeado por C. I. de 1 de maio de 1875, já tendo anteriormente sido nomeado commandante das armas. Governou desde 5 de julho desse anno até 4 de março de 1878, em que passou a direcção da provincia ao barão de Aguapehy. Em 16 de janeiro de 1878 foi nomeado <presidente> o Sr. bacharel Bento Francisco de Paula e Souza, que não acceitou (FONSECA, 1881, p. 97).



<http://historiografiamatogrossense.blogspot.com.br/2009/09/o-partido-anarquizador-e-o-jogo.html>

província **s.f.** *Origem : português.* Durante o Período Imperial brasileiro, cada uma das regiões administrativas que eram governadas por um presidente. **Ja v. exc. saberá por minha comunicação official que depois de haver empreendido a minha marcha para essa Côrte em obediencia as ordens do vice-presidente da <província>, tomei a deliberação em conformidade do aviso do ministerio da guerra de 16 de Outubro ultimo, de vir-me apresentar ao actual presidente que aqui fez a sua entrada no mesmo dia da minha chegada. (MOUTINHO, 1869). Passou, pois, a capitania do rio Negro á ser considerada, de novo, comarca da <província> do Pará; si bem que reluctasse e por algum tempo teimasse em não deixar perder seus fóros a autonomia, continuando á governar com a junta de 1825 (FONSECA, 1881, p. 364).**

Nota: Após a proclamação da República, passaram a se chamar Estados.



http://historiografiamatogrossense.blogspot.com.br/2009_04_01_archive.html

Q – q

quarta **s.f.** *Origem:* : português Antiga medida de capacidade para secos, correspondente à quarta parte de um alqueire ou a 9 litros. **As chronicas falam de um Joaquim Pinto, que comprou um pacú por uma <quarta> de ouro, para vendê-lo em partes, á mais de meia libra cada (FONSECA, 1881, p. 27).**



<http://terrenho.blogspot.com.br/2011/02/alqueire-quarta-e-selamin.html>

quartilho **s.m.** *Origem:* : português Antiga unidade de medida de capacidade para líquidos, equivalente a 0,665 litros. **Mas, acreditar-se-ha que é por falta de braço [...] Que um quartilho de azeite de mamôna ou de peixe, quando ha mattas de mamôna, se vende por 2\$000 ? (MOUTINHO, 1869, p. 32). Note:** Equivale, atualmente, a meio litro, no Norte de Portugal (HOUAISS, 2009).



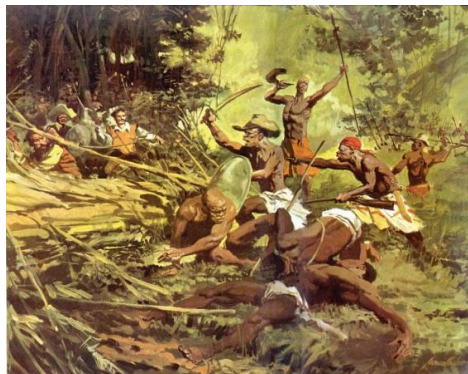
<http://mnmachadodecastro.imc-ip.pt/pt-PT/colecoes/outrassecoes/Metais/ContentDetail.aspx?id=915>

quilate **s.m.** *Origem:* : português. Unidade de medida de peso utilizada para diamantes, equivalente a aproximadamente 200 g. **Vimos algumas pedras tiradas desses lugares, de muito boa qualidade, e entre ellas duas muito bellas, uma de oito <quilates> e outra de nove, que forão mandadas para o Rio de Janeiro (MOUTINHO, 1869, p. 27).**



quilombo **s.m.** *Origem:* : africana . Povoações fortificadas nas quais se refugiavam os escravos fugitivos. **Fez levantar a primeira carta topographica da capitania ahi pelo anno de 1770; no seguinte mandou bater um <quilombo> que se formára no rio Quariteré, de negros foragidos das minas da Serra [...]. (3). [...] ajudou a exploração das do Arayés, cujo ouro esverdeado era de**

dezesete quilates; em 1779 fez explorar as do Garajuz e em 1782 as de Santa Barbara do Aguapehy, nesse mesmo anno descoberta pelo alferes José Pereira (FONSECA , 1881, p, 81).



<http://sitecurupira.blogspot.com.br/2012/02/6-de-fevereiro-415-anos-do-quilombo-dos.html>

quilômetro **s.m.** *Origem :* português. Medida itinerária (de comprimento ou extensão), equivalente a 1000 metros. **Bastante largo no trecho que vamos vencendo, tem mais de quilometro de margem á margem** (FONSECA, 1881,p. 389).



R – r

rapadura *s.f.* *Origem : português.* [...] a cana produz exuberancia de seiva, quasi que só aproveitada em rapaduras ou na aguardente [...] (FONSECA, 1881, p. 126).



<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rapadurabrasileira.jpg>

regimento *s.m.* *Origem : português.* Corpo de tropas ou porção de tropa constituída por dois ou mais batalhões e que é comandada por um coronel ou por oficial de alta patente. *Seus pagamentos em dia e o das tropas de Corumbá, que eram um <regimento> e um batalhão de artilharia, e outro de infantaria, faziam por sua vez florescer o commercio e contribuía para o progresso do povoado* (FONSECA, 1881, p. 21).



<http://www.jornaldocentro.pt/?p=5089>

ribeirão *s.m.* *Origem : português.* • Curso de água de médio porte: maior que um riacho, porém, menor que um rio. *Um <ribeirão> que corre ao Occidente da cidade, á meia legua de distancia, ainda pelo mesmo motivo nada remedia.* (1). Em junho de 1758 descobriu Manoel Dias de Figueiredo as da Boa Vista, na encosta de um espigão da mesma serra; em julho seguinte acharam se as do Ouro fino,

junto ao <ribeirão> que recebeu esse nome e é affluente no Sararé [...] (3).



<http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/36778-ribeirao-quilombo.htm>

rio *s.m.* *Origem : português.* Curso de água natural, permanente ou temporário, navegável ou não, que nasce de uma fonte única ou é formado pela reunião de riachos ou correntes de água e que desemboca em outro curso de água ou no mar. *A seus pés deslisa se serenas as aguas do <rio>, quando não é perturbado o seu socego pelas rodas dos vapores que ahi navegaõ [...]* (MOUTINHO, 1869, p. 255). [...] e todo o curso deste rio de S. Manoel; o Acarahy; o Xingtí; o Fresco; a serra dos Gradahus e o Aquiquy, que separam-a da do Pará (FONSECA, 1880, p. 11).



<http://www.osollo.com.br/online/index.php/cu-riosidades/5444-rio-de-6-mil-km-e-descoberto-embaixo-do-rio-amazonas>

rochedo *s.m.* *Origem : português.* Rocha compacta volumosa e elevada; penhasco. *A seus pés deslisa se serenas as aguas do rio, quando não é perturbado o seu*

socego pelas rodas dos vapores que ahi navegão, e que ao sahirem d`entre os Morros assemelhão se a monstros que deixão o seu covil de <rochedos>. (1). As caxoeiras que passou foram quatorze, e neste numero tres saltos, descarregou-se sete vezes as canoas e quatro vezes foram varadas, não o podendo fazer mais vezes pelos <rochedos> que emparedam o rio o não permittirem [...]. (2). *Sinón* : alcantil



http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cachoeira_V%C3%A9u_de_Noiva.jpg

S – s

salto **s.m.** Origem : português. Massa de água que se despenha de determinada altura, proveniente do curso de um rio situado em terreno acentuado. **Acima do Salto das Sete Quedas tem o Paraná dous mil e duzentos metros de largura, estreitando-se ali em, apenas, setenta. As paredes do <salto> medem vinte e oito metros de altura, e as águas precipitam-se num ângulo de 45 à 50 (FONSECA, 1880, p. 106).**



http://www.copa2014.turismo.gov.br/copa/guia_sedes/Cuiaba/arlivre.html?id_menu=cuiaba_menu

sangue-de-drago **s.m.** Origem : tupi. • Árvore de médio porte, de até 20 m de altura, possui tronco cilíndrico e ereto; de diâmetro; produz folhas verde-acinzentadas em forma de ponta de lança, e flores verde-claras e fruto em forma de baga, com 14 a 17 mm de diâmetro, amarelo quando novo e vermelho após o amadurecimento. **Cresce em Matto Grosso a jalapa, e a baunilha; a árvore de copahiba é abundante, a de almecega, do manã, e do <sangue-de-drago>, são igualmente productivas. Note: "O "sangue de drago" é usado por indígenas das florestas tropicais da América do Sul. Sua seiva vermelha é usada principalmente sobre feridas para estancar sangramentos, acelerar a cura e proteger de infecções. A seiva seca rapidamente e forma uma barreira como uma segunda pele. Outros usos indígenas incluem o tratamento de febres, infecções**

intestinais, sangramentos pós-parto e problemas da pele"



https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/83/Socotra_dragon_tree.JPG

sargento **s.m.** Origem : português Militar que ocupa a patente situada entre a de cabo de subtenente. **Durante a seria ameaça do alferes Rivaz conseguirão escalar e penetrar na praça por um dos flancos o <sargento> Laureano Sanobria e 7 praças de companhia que o batalhão nº 7,[...]. (1).**



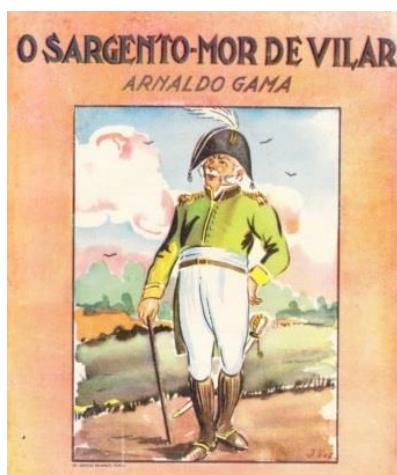
<http://denisemiletto.blogspot.com.br/p/prosa.html>



<http://www.facebook.com.br/>

sargento-mor **s.m.** Etim : português. Oficial que durante os Períodos Colonial e Imperial,

ocupava na hierarquia do Exército Brasileiro patente de mesmo nome, posicionada hierarquicamente imediatamente após a de capitão e imediatamente anterior á de tenente-coronel. **Parte da força que ocupava a fralde do serro de Coimbra, sob o commando do <sargento-mór> cidadão Luiz Gonzales, avançou rapidamente até as muralhas do forte por sendas diversas abertas debaixo do mais decidido fogo de artilharia do mesmo forte [...]** (MOUTINHO, 1869, p. 285). Em 1766 o <sargento-mór> Domingos Franco fundava uma povoação em Tabatinga; e o governador Fernandes da Costa de Athayde e Teive mandava ahi construir um fortim (FONSECA, 1881, p. 361).



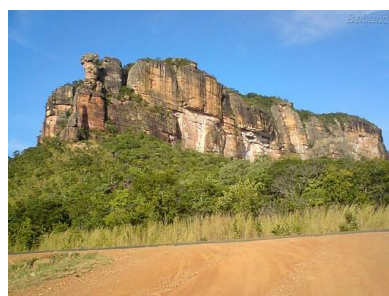
http://livrarialumiere.blogspot.com.br/2010_12_01_archive.html

secupira **s.f.** *Origem* : tupi. Árvore de porte médio, de 8 a 15 m de altura, possui tronco de casca lisa e de cor amarelada, produz flores azuis e fruto com uma única semente, protegida por uma cápsula fibrosa. Os jacarandás, o vinhatico, e guatambú, o guarabú, o pau-santo (guayaco), as varias especies de canelleiras e de perobas, o pequiá, as aroeiras, cedros, o angico, o tapinhoam, a secupira, a parnahyba (FONSECA, 1880, p. 152).



<http://oqueeh.com.br/sucupira>

serra **s.f.** *Origem*: português • Cadeia de montes ou montanhas com picos e quebradas. **O fumo do mesmo modo, e assim o café que é de primeira qualidade sendo plantado em serra acima. (1). Também é somente nas encostas da serra que se encontram os poucos sitios e lavouras dependentes da cidade {...]. (3).**



<http://www.baixaki.com.br/papel-de-parede/25510-serra-do-roncador-barra-do-garcas-mato-grosso.htm>

serrania **s.f.** *Origem*: português • Conjunto de serras, montes ou montanhas. **Extraordinaria como é a diferença de níveis entre o planalto e os terrenos alagadiços que o circumdam, pelo menos na parte de S. e de O., facil é sua verificação por nestes aquelle acabar quasi á pique, ahi apresentando-se sob a forma de alta e escarpada <serrania> [...]** (FONSECA, 1880, p. 23). *Sinón* : cordilheira



<http://nатурlink.sapo.pt/Lazer/Turismo-na-Natureza/content/Por-terras-de-Pitões-a-descoberta-da-Serra-do-Geres/section/2?bl=1>

soldado **s.m.** *Origem* : português. Militar que ocupa a patente de menor grau tanto nas Forças Armadas quanto nas Forças Auxiliares. **Commandantes, officiaes e <soldados>** prestarão sempre relevantíssimos serviços, e os prestão até hoje, distinguindo-se sempre essa nobre corporação pela abnegação de seus commodos e interesses em pró do paiz que reclamava os seus sacrificios (MOUTINHO, 1869, p. 276). Já em 1849, o presidente e commandante das armas coronel Joaquim José de Oliveira, em officio de 13 de janeiro ao ministro do Império, tratando das traficancias de um chefe de partido, diz : « Por desgraça esse espirito de inaudita corrupção se introduziu na classe militar, onde os officiaes consideram como uma prerogativa inherente aos seus postos apropriarem se dos soldos dos miseros <soldados>» (FONSECA, 1881, p. 231).



http://informativoniteroi.blogspot.com.br/2010_08_01_archive.html



<http://imagenshistoricas.blogspot.com.br/2010/01/guerra-do-paraguai.html>

sopé **s.m.** *Origem* : português. Base ou parte inferior de montanha, morro etc. **As plantas que vicejam ao sopé das montanhas, já são raras á dous kilometros de altitude e desconhecidas á tres e vice-versa. (2). Sinón** : **aba**



<http://olhares.uol.com.br/no-sope-da-montanha-foto1421871.html>

sumidouro **s.m.** *Origem* : português. Curso subterrâneo de um rio. **Também escavadas pelas aguas, por um processo analogo ao dos <sumidouros> actuaes, parecem ser certas grutas ou galerias, como em Goyaz o arco de quarenta metros de longo no arraial da Anta [...] (FONSECA, 1880, p. 52).**



<http://jp-lugaresfantasticos.blogspot.com.br/2013/04/rio-subterraneo-porto-princesa-filipinas.html>

T – t

taba **s.f.** *Origem : tupi.* Povoação de indígenas. **Detiveram se os aventureiros no lugar da confluência do Coxipó merim, onde tinham assentadas suas <tabas> os bororós nação a mais guerreira e de mais coragem que os paulistas haviam encontrado nas suas conquistas. (FONSECA, 1881, p. 9). Sin. aldeia.**



<http://www.coladaweb.com/cultura/cultura-indigena>

tabaco **s.m.** *Origem : português.* Nome dado a diversas plantas originárias da América meridional e cultivada em vários países localizados em regiões quentes e temperadas, no Brasil, está presente em alguns Estados das regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste, pode atingir de 1 a 3 m de altura, de acordo com a espécie; apresenta caule reto e pouco ramificado, suas folhas também variam muito de tamanho dependendo da espécie, mas em geral, apresentam forma oblanceolada (formato semelhante a uma ponta de lança), suas flores são hermafroditas e podem ser esverdeadas, verde-amareladas ou esbranquiçadas e são dispostas em inflorescências de 150 a 300 flores por cacho, já o fruto, constitui-se por uma cápsula oval, de 15

a 20 mm de comprimento que se dividem quando maduros e que contém aproximadamente 2.000 a 2.500 sementes, que são muito pequenas, de cor castanha-escura e de forma arredondada. **O <tabaco> está tão na natureza do solo como na Bahia e no Rio de Janeiro ; e em qualidade não é somenos ao de Goyaz e do Amazonas (FONSECA, 18801, p. 150).** *Nota:* Dessecadas, as folhas do tabaco constituem o fumo.



<http://uiipi.com.br/noticias/politica/2012/10/05/vendas-de-tabaco-para-china-podem-ser-autorizadas/>

tamanduá **s.m.** *Origem : tupi.* Designação dada a uma espécie de mamíferos encontrados do México à Argentina e que possui pelagem de cor cinza, com listra branca que abrange o peito, os ombros e as costas; focinho longo e tubular, ausência de dentes, língua longa e pegajosa a qual introduz em formigueiros e cupinzeiros para capturar insetos e garras nas patas anteriores, constituídas de unhas longas e voltadas para dentro.

Causa dôr não pequena a sua mordedura, e por isso faz admirar que os <tamanduás>, que d`ellas se alimentão introduzindo a lingua no formigueiro, possam tolerar milhares de mordeduras ao mesmo tempo (MOUTINHO, 1869, p. 20). A fauna de

Matto-Grosso por si só basta para prover opulentemente todos os gabinetes do mundo. Entretanto, ao passo que ali a zoologia está representada com magnificencia verdadeiramente soberana: collecções entomologicas superiores à tudo o que de melhor e de mais rico possui a Europa nesse genero; mil diversos animaes preparados, desde o tigre e o tamanduá, a sucury e o jacaré, até a tocandira e a jequiranamboya; [...] Matto-Grosso nada apresentou—por falta de iniciativa (FONSECA, 1880, p. 158).



<http://www.infoescola.com/mamiferos/tamandu-a-bandeira/>

tamarineira **s.f.** *Origem : português.* Árvore, nativa das regiões tropicais da África e da Ásia, com até 25 m, tronco que atinge cerca 2,3 m de diâmetro, de casca áspera e de cor cinza-escuro e que se divide em diversos ramos, formando uma copa frondosa; possui folhas penadas, de cor verde-clara; produz flores brancas ou rosadas, agrupadas em cachos situados na extremidade dos ramos da árvore e seu produz como fruto uma vagem achatada e alongada, que pode ser reta ou curva e atingir de 5 a 15 cm de comprimento, com casca rígida, de cor castanha escura e polpa suculenta, amarelo-escuro; possui sementes pequenas, com cerca de 1 a 1,25 cm de diâmetro, envolvida por uma membrana rígida e fina. **Cercam o ainda magestosas e já seculares <tamarineiras> e gamelleira e mui poucas das lorangeiras do formoso**

pomar com que a circumdaram os dous Albuquerque (FONSECA, 1881, p. 118).

Variante : tamarineiro; tamarindeiro.



http://magnomarquesdecarnaubais.blogspot.com.br/2011_03_01_archive.html

tambor **s.m.** *Origem : português.* • Durante os Períodos Colonial e Imperial, militar que executava toques com funções comunicativas para as tropas. [...] **em o lugar denominado Fecho dos Morros á margem oriental do Paraguay, o proximo á mais alta montanha conhecida pela denominação de Pao de de Assucar cuja força compõe se de um subalerno comandante, um sargento, um cabo, dous anspeçades, trinta e cinco soldados, um corneta e um tambor. (1).** *Ver : corneta*



<http://loja.bookpress.com.br/livros-para-criancas/jovem-tambor.html>



<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=5700132230568766187&cmm=56198530&hl=pt-BR>

tangará *s.m.* *Origem : tupi.* Designação comum a diversas espécies de aves encontradas em toda a América do Sul, estando presente no Brasil e no Paraguai; mede cerca de 13 cm e a plumagem da fêmea é de cor verde-escura, e o macho possui penas coloridas, possuindo ambos os gêneros bico pequeno e cônico. **Quanto às aves existem em abundância na matta de que tratamos: mutúns, jacús, inambús, johós, <tangarás>, arazaris, pombas, etc., são as de maior importância (MOUTINHO, 1869b, p. 38).**



<http://www.tangara.sc.gov.br/conteudo/?item=13277&fa=9956>

tapera *s.f.* *Origem : tupi.* Fazenda abandonada, coberta de mato e/ou em ruínas. **A' tarde carregou-se de novo a tropa e o pouso teve lugar na <tapéra> de Joaquim de Silva, depois de uma marcha de mais 3 leguas por meio de vastos chapadões, onde a estrada é larga, plana e em terreno firme (MOUTINHO, 1869b, p. 16). Uns vinte quilômetros ao N. das Salinas encontra-se, á esquerda da estrada, n'uma lombada de uns oito metros de altura, a <tapera> de uma antiga fazenda, grande e importante, á julgar pelas ruínas de uma tal ou qual grandeza para estas paragens, e que ainda mostram o vigor da construção (FONSECA, 1880, p. 388).**



<http://www.flickr.com/photos/bombeador/205370146/>

tapioca *s.f.* [*Origem : tupi.* Farinha extraída de tubérculos e raízes, sendo mais comumente extraída da mandioca. **Os fructos apresentam-se em cachos, como os da vide, e quando estão maduros tem uma bella côr vermelha rutilante; as amendoas, que são escuras e quasi do tamanho de avelãs, são torradas, trituradas, amassadas depois com alguma <tapioca> e agua, e são levadas ao forno a seccar e endurecer (MOUTINHO, 1869, p. 211).**



<http://emporiodafarinha.blogspot.com.br/>

tartaruga **s.f.** Origem : português.

Denominação atribuída a várias espécies de répteis ovíparos, aquáticos, terrestres, de água doce ou salgada e que possuem cauda curta, cabeça grande e quatro membros locomotores adaptados para natação, seu corpo é protegido por uma espécie de escudo ósseo; não possui dentes, porém apresenta uma lâmina córnea com a qual esmaga os alimentos. **E' tão grande a quantidade das <tartarugas>, e tão extraordinario o numero dos ovos que poem, que a não serem os jacarés e outros inimigos que as destroem e á sua prole, quando nova, em breve tempo o rio não teria espaço sufficiente para contel-as (MOUTINHO, 1869b, p. 55). E' somente nesse valle que os rios regorgitam de <tartarugas>, artigo que por si só tanto contribue para a boa alimentação dos povos [...] (FONSECA, 1881, p. 332).**



<http://www.blogdogusmao.com.br/v1/tag/tartaruga/>

tatu **s.m.** Origem : tupi. Nome comum atribuído a diversas espécies de mamíferos terrestres, onívoros, encontrados do Sul dos Estados Unidos à Argentina e que habitam galerias subterrâneas de savanas, florestas úmidas e cerrados; possuem o corpo protegido por uma carapaça. Os tatus não possuem dentes frontais e, dependendo da espécie, suas unhas podem atingir até 15 cm de comprimento, e sua cauda é longa. Alimentam-se de formigas, minhoca, raízes, frutas e até mesmo de carniça e cavar ocas é sua principal defesa contra predadores. **As pacas também habitam n'essa matta em grande quantidade, assim como os coatis ordinario e mondé, as candimbas, cutias, <tatús>, etc (MOUTINHO, 1869b, p. 37). Após oito mezes de misérias e tormentos lograram os dous primeiros escapar-se, contando extraordinarias aventuras e miraculosos episodios, quaes o de onças que lhes mostravam o caminho, e abandonando suas prêas lhes deixavam caça recém morta que lhes matou a fome; ora <tatús>, que, perseguidos, buscavam os buracos, onde encontravam agua para os saciar (FONSECA, 1881, p. 31).**



<http://blogs.band.com.br/animal/2012/09/15/tatu-bola-especie-escolhida-como-mascote-da-copa-2014-corre-risco-de-extincao/>

tenente **s.m.** Origem: português • Militar que ocupa a primeira patente de oficial no Exército ou na Marinha. [...] **depois de arvorado o pavilhão nacional, acompanhado de entusiasticos vivas a sua Magestade Imperial, e á integridade do Imperio, foi empossado o novo destacamento de que é commandante o já referido tenente Francisco Bueno da Silva [...] (MOUTINHO, 1869, p. 256). Iamos nessa ocasião o 1º <tenente> Frederico de Oliveira e eu; á**

princípio supuzemos que teriam novas plantas ahi germinadas de alguma semente que ficasse presa na cicatriz dos leques cahidos, mas bem depressa nos desenganámos (FONSECA, 1881, p. 127).



<http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2011/12/21/25310/lineu-cria-a-medalha-de-honra-ao-merito-militar-saocarlense-tenente-assumpcao/?page=2>



<http://imagenshistoricas.blogspot.com.br/2010/01/guerra-do-paraguai.html>

tenente-coronel s.m. Origem: : português

Durante os séculos XVI a XIX, oficial militar responsável pelo comando de um corpo de tropas. **Seguiu finalmente por ali a grande monção, de que foi encarregado o distinto militar capitão, hoje <tenente-**

coronel>, Luiz Soares Viegas [...] (1). Antonio João, sabendo que as forças se aproximavam, esperou o ataque; e certo de que em taes condições outro recurso não lhe restava sinão o morrer ou capitular, ? o que de modo um faria, ? escreveu á seu chefe, o <tenente-coronel> Dias da Silva, as seguintes memoraveis avras: « Sei que morro; mas o meu sangue e o dos meus companheiros será um protesto solemne contra a invasão do solo da minha pátria ». (2).



http://s433.photobucket.com/user/RICKY_1972/media/DSC02187.jpg.html

terçã s.f. Origem: : português. Febre cujos acessos manifestam-se a cada três dias. **Com a nossa parada, aqui, tem apparecido alguns casos de <febres>, facéis de debellar com pequenas doses de quinina e rações de café e aguardente (FONSECA, 1881, p. 162).**



<http://cdn.mundodastribos.com/wp-admin/uploads/2011/06/febre-2.jpg>

tocandira **s.f.** *Origem* : tupi. Espécie de formiga originária da Amazônia, de grande tamanho (aproximadamente de 20 a 30 mm de comprimento), caracterizada por apresentar um pedúnculo abdominal e que possui picada extremamente dolorosa, que pode provocar vômitos. Entretanto, ao passo que ali a zoologia está representada com magnificência verdadeiramente soberana: colecções entomológicas superiores à tudo o que de melhor e de mais rico possui a Europa nesse genero; mil diversos animaes preparados, desde o tigre e o tamanduá, a sucury e o jacaré, até a <tocandira> [...] (FONSECA, 1880, p. 158).

Variante : **tocanguira**.



<http://animais.culturamix.com/informacoes/insetos-e-aranhas/formiga-tocandira>

tocanguira **s.f.** *Origem* : tupi. Formiga natural da Amazônia, que possui aproximadamente 3 cm de tamanho, possui um pedúnculo abdominal e picada extremamente dolorosa, que pode provocar vômitos e febre. Ahi fomos muito perseguidos pelas <tocanguiras> formigas de 1 polegada de comprimento, negras ou arruivadas. [...] A tocanguira denominada pelos naturalistas formiga leão (mirmeleon) tem a cabeça achatada, e um aspecto desagradavel. Morde com as mandibulas, e infiltra na ferida que faz, um veneno activo, que produz incontinente uma dôr desesperadora, e fébre pelo espaço de 24 horas. [...] A tocanguira habita o tronco das velhas arvores, ou galerias subterraneas fecha des por um cône de terra que ella mesmo constrúe (MOUTINHO, 1869b. p. 61).

Variante : **tocandira**.



<http://animais.culturamix.com/informacoes/insetos-e-aranhas/formiga-tocandira>

tomate **s.m.** *Origem* : português. Fruto o arredondado, comestível, de baga vermelha, carnosa, que contém uma substância aquosa, de sabor agridoce que abriga grande quantidade de sementes pequenas e achatadas. Mas, acreditar se ha que é por falta de braços que ali se vende uma gallinha por 2\$500, [...], seis <tomates> por 40 réis, uma abobora por 500 réis sendo pequena, ou 1\$000 sendo grande ? (MOUTINHO, 1869, p. 32).



<http://www.virusplanetario.net/o-preco-do-tomate-e-o-latifundio/>

tontura **s.f.** *Origem : português.* Designação empregada para nomear as manifestações de desequilíbrio e/ou sensação de rotação em geral. **O doente sofre em começo uma dôr na região occipital, tonturas, e emfim uma lethargia tal que chega até ao desfalecimento completo, [...] (MOUTINHO, 1869, p. 168). Os efluvios do solo, combinados com os que emanam da raiz emetica, produzem, naquelles que se entregam pela primeira vez á tal labor, commodos de estomago semelhantes á esse pequeno envenenamento trazido pela embriaguez do tabaco; um nevrosismo especial, com desordens mais ou menos fortes, e cujos prodornos são <tonturas>, cefalalgias, anorexias, vomituras, dyspepsia e, tambem, acessos periodicos de febre e outros incommodos, [...] (FONSECA, 1880, 180-181).**



<http://www.saudemedicina.com/vertigem/>

toucinho **s.m.** *Origem : português.* Gordura de porco, retirada geralmente da região da barriga deste animal juntamente com o couro. **A grande sala das audiencias está transformada em dispensa dos illustrissimos senhores, lendo-se nas paredes as notas dos cosinheiros, marcando quanto de <toucinho>, quanto de carne sêcca entrava por mez, e a sahida que ião tendo diariamente esses gêneros (MOUTINHO, 1869, p. 156).**



http://www.saudealar.com/edicoes/2008/fevereiro/principal.asp?send=02_informacao.htm

tremor do solo **s.m.** *Origem : português* Fenômeno caracterizado por agitação ou trepidação súbita e passageira da superfície terrestre; origina-se no subsolo devido ao movimento de placas rochosas, atividade vulcânica ou deslocamento de gases e propaga-se em forma de ondas. **Ahi, ás nove horas e dez minutos da noite, estando deitados uns em rêdes, outros em camas da Criméa, o major Lassance, o capitão Costa Guimarães, o 1º tenente Frederico d'Oliveira e eu, sentimos, um pequeno abalo nos leitos, ao mesmo tempo que ouviamos no telhado, por uns dous segundos, um ruido semelhante ao do granizo ou como si se lhe atirasse um punhado de pequenos grãos. Não chovia nem choveu nessa noite; pensámos todos que tratava-se de um ligeiro <tremor>. (2).**

tributário **s.m.** *Origem : português.* Rio que deságua em um lago ou em outro curso de água. [...] **nas frias regiões do S. com o Paraná, que reunido ao Paraguay e mais tarde ao Uruguay, formam o vasto estuário do Rio da Prata; e lá no equador com o Tocantins, de quem é <tributário> o proprio rio-mar, o gigante Amazonas, que por dous de seus braços, o Tajipurú e o Breves, manda-lhe seus caudaes** (FONSECA, 1880, p. 63). *Sin. **afluente**.*

<http://meioambiente.culturamix.com/natureza/afluente>



trigo **s.m.** *Origem : português.* Farinha obtida como produto resultante da moagem do grão de trigo beneficiado. **As autoridades recebem presentes especiaes que se compõe de grandes roscas de trigo enfeitadas de flôres e laços de fitas** (MOUTINHO, 1869, p. 21).



http://www.portalrondonia.com.br/2013/wp-content/uploads/2012/12/imgHandler.ashx_.jpg

trincheira **s.f.** *Origem : português.* Abrigo construído por fosso ou escavação no solo, a fim de possibilitar a organização de uma linha de tiro ou proteção e a locomoção de tropas; podem ser cobertas ou permanecer abertas em trabalhos de minas. **No Corumbá existião então 22 boccas de fogo, sendo 12 raiadas, grandes e formideveis <trincheiras>, que todos a una voce declaravão invencíveis, mantimento empaolado que deva para o sustento de toda a força por mais de um anno, e sobretudo um caminho aberto para uma retirada, quando ella fosse precisa aos 2,000 homens que lá se achavão** (MOUTINHO, 1869, p. 315). A denominação de Miranda foi dada, em lisonja á Caetano Pinto, 6º capitão-general, ao reducto que este ahi mandou erguer em 1797, quadrado com um redente em cada face, fechado por uma trincheira de terra socada entre duas estacadas, com uma pequena banquetta e seu fosso (FONSECA, 1880, p. 289).



http://3.bp.blogspot.com/-RdEZbinzsOQ/UI_XHMyrzi/AAAAAAAAAGIM/qQoQDLtdO1k/s1600/hist%C3%B3ria+da+fotorreportagem+guerra+do+paraguai+aliados+na+trincheira.jpg

tripulação **s.f.** *Origem : português.* Conjunto das pessoas que trabalham numa embarcação. **Os vapores Ipora e Apa que fizeram o reconhecimento do rio S.Lourenço aprezarão o já citado vapor Anhambahy, cuja <tripulação> pereceu**

em parte, escapando se alguns e prisioneiros outros (MOUTINHO, 1869, p. 290). [...] grande parte do serviço da <tripulação> era feito dentro da água para salvar a embarcação dos maus passos [...] (FONSECA, 1880, p. 185).
Ver : tripolante; tripulante.



<http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/51/artigo263555-1.asp>

tropa 1 *s.f.* Origem : português. Unidade militar composta por numeroso grupo de soldados de qualquer arma (Marinha, Exército ou Aeronáutica). A isto respondeu que desejava falar me sobre minha entrada no territorio brasileiro, e communicar me suas instrucções a respeito: a minha resposta foi que a entrevista seria inutil, e que então se entregasse dentro de meia hora prisioneiro de guerra com toda a <tropa> de seu commando, e do contrario seria perseguido com rigor [...] (MOUTINHO, 1869, p. 265). O capitão mór mandou dous officiaes e <tropa> atacar esse navio, o qual, depois de sanguinolento combate, foi envolvido pelas chammas do fogo que lhe atiravam os portuguezes e afundou-se, com todos davguarnição (FONSECA, 1881, p. 384).



<http://imagenshistoricas.blogspot.com.br/2010/01/guerra-do-paraguai.html>

tropa 2 *s.f.* Origem : português. Caravana de animais de carga. E mister gastar-se ainda, além dos inconvenientes apontados, não pequenas sommas de dinheiro em compra de ferramentas proprias, toldas, mantimentos para seis mezes, e uma pequena <tropa> de bestas que carregão todos estes objetos [...] (MOUTINHO, 1869, p. 28).



http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/03/10/interna_gerais,282629/na-rotas-dos-tropeiros-atividade-pode-se-tornar-patrimonio-imaterial-do-brasil.shtml

tuberculose *s.f.* Origem : português. Enfermidade infectocontagiosa provocada por uma bactéria popularmente conhecida como bacilo de Koch e que pode acometer diversos órgãos do corpo, tis como os rins, o intestino, o sistema nervoso, ossos etc, sendo mais comum a tubérculos pulmonar, cujos sintomas são tosse com presença de catarro, muco e sangue. A <tuberculose>, que até 1840 era uma molestia rara na capital, hoje ahi, como em quasi todo o longo da costa maritima, faz grave estrago na população (FONSECA, 1881, p. 376).



<http://osistemarespiratorio.blogspot.com.br/2010/09/tuberculose.html>

tucano s.m. *Origem* : tupi. Ave sul-americana que possui bico longo, forte e curvo, de cor alaranjada e extremidade escura; possui plumagem dorsal negra e penas brancas ou amarelas cobrindo o pescoço; vive em bandos e alimenta-se de pequenos frutos. **As rêdes de dormir de Goyaz, Pará, Maranhão e Ceará, foram admiradas por seu trabalho, algumas dellas entretecidas de vistosas plumagens das araras, <tocanos>, beija-flôres; do mesmo modo leques, ramalhetes e mosaicos de pennas, bordados [...]** (FONSECA, 1880, p. 157).



<http://pief3ciclo.blogspot.com.br/2011/01/animais-em-vias-de-extincao-tucano.html>

tuiuiú s.m. *Origem* : tupi. Nome comum a diversas aves de grande porte] Ave símbolo do Pantanal e apresenta nas Américas Central e do Sul; de grande porte; corpo robusto; bico negro, forte, longo (com cerca de 30 cm), afilado na ponta e levemente curvado para cima; pescoço preto com a parte do papo vermelha. Quando adulto, possui penas predominantemente brancas; vive em bandos em rios, lagoas e áreas pantanosas; alimenta-se de peixes, moluscos e anfíbios e constrói seu ninho no alto de árvores.

Nos pantanaes passeiam pausadamente o tabujajá, o gigante <tuyuyú>, o jaburu e o socó-boi, notáveis variedades dos palmípedes longirostros cujos corpos gigantescos não estão em relação, ainda assim, com os seus enormes bicos; e as formosas garças de brancas plumas (FONSECA, 1880, p. 320). **Nota: Fonseca (1880, p. 320) apresenta o tuiuiú e o jaburu como aves distintas.**



http://www.abenteuer-pantanal.de/pantanal/pantanal_voegel_pt.php

U – u

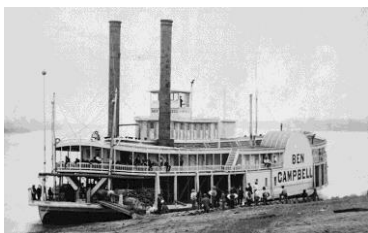
urucum **s.m.** *Origem : tupi.* • Fruto em forma de cápsula, de cor vermelha, coberto de espinhos moles e que contém grande quantidade de sementes. **Pintão a cara e o corpo com <urucúm> e jenipapo, e introduzem estas tintas sob a pelle, formando pinturas burlescas que os tornão curiosos. (1).** *Note:* Os índios utilizavam corante de urucum para "pintar o corpo, para se proteger do sol e para afugentar os mosquitos" (CONCEIÇÃO, 1984, p. 229).



<http://www.espacomulher.org/emagrecer-com-urucum/>

V – v

vapor **s.m.** *Origem : português.* Barco movido por um motor que funciona à base de vapor e que possui grandes chaminés. **Algumas vezes que subimos esses rios em barcos de vélla, apesar dehavermos sido feliz, tivemos sempre de aborrecer-nos, até protestarmos de não viajar mais senão a <vapor> (MOUTINHO, 1869, p. 248).. O benemerito capitão de fragata Balduino de Aguiar tão conhecido por seus heroicos feitos nos combates do forte de Coimbra e outros no rio Paraguay e S. Lourenço, subiu-o em 1868 cerca de cincoenta kilometros, n'um pequeno <vapor>, o Araguaya, que o Sr. Couto de Magalhães fizera transportar de Cuyabá para as explorações do rio, cujo nome tomou (FONSECA, 1880, p. 90). .**
Ver : barco.



<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SteamboatBenCampbellb.jpg>

vara **s.f.** *Origem : português.* • Antiga unidade de medida de comprimento, equivalente a 1,10m. **Um alqueire de milho por 5, 6 até 10\$000; um dito de feijão por 9, 10 até 16\$000; um dito de arroz por 11, 12 até 18\$000; uma arroba de assucar 20\$000 ; uma canada ou 40 garrafas de cachaça 40\$000 ; uma garrafa 1\$500; uma <vara> de fumo 2, 3 e 4 4\$000; uma arroba de café 24,26 e 30\$000? (MOUTINHO, 1869, p. 31). Um casal de gatos, que ali chegou, foi pago por uma libra de ouro, e os filhos, que produziram, á vinte e trinta oitavas cada um! Sal não havia, nem para baptisados; uma <vara> de algodão vendia se por doze oitavas (FONSECA, 1881, p. 28).**



http://www.geira.pt/Massento/Coleccoes/pesos_img.html

vara **2 s.f.** *Origem : português.* Ramo de árvore, fino e flexível. **No dia do Espirito Santo o Imperador vae á igreja dentro de um quadrado formado por quatro <varas> de madeira, cujas extremidades são seguras por quatro homens escolhidos sempre entre pessoas de mais distincção, levando em uma salva a corôa e o sceptro, e precedido da bandeira (MOUTINHO, 1869, p. 21).**



http://www.capasparaface.com/ramo_de_arvore_com_orvalho-capas.html

vazante **s.f.** *Origem : português.* No pantanal, rios ou córregos temporários que unem uma baía a outra e que se formam pelo grande acúmulo de água das chuvas; sua permanência depende dos índices pluviométricos; de largura variável, podem atingir quilômetros de extensão e até 1 m de profundidade, exigindo que se façam travessias por canoas; muito frequentados por jacarés nos períodos de pico, geralmente desaparecem nos períodos de estiagem. **O paiz porém não**

era dos mais salubres, por causa das <vasantes> do rio que formavão diferentes lagôas, onde, uma fermentação má e putrida pela aglomeração de fêzes e animaes mortos por ali espalhados, apresentava exalações miasmáticas, que causavão as febres, sezões,obstruções, disenterias, e outras enfermidades [...]. (1). Ha, porém, á soffrer-se do excesso contrario ao do tempo apparecendo em brejaes ou filetes mais ou menos extensos, de alguns kilometros, mais ou menos largos, de alguns metros, semelhando-se á rios sem nascedouro, sem corrente e sem foz. [...]. Nas regiões montanhosas do Império, e particularmente nos declives dos araxás, encontram-se muitas dessas correntes periodicas, ora volumosas ora aniquiladas, conforme a epoca, e as quaes outra cousa não são mais do que escoadouros ou <vasantes> provenientes da declividade do solo. Taes o Jaguaribe, o Aracacú, o Barnabuhy, o Choró, o Ribeirão do Sangue, e tantos outros do Ceará e Piauhy, o Turvo, de Goyaz, etc., e grande numero dos que correm neste araxá. (2). Sinón : escoante

vice-almirante **s.m.** *Origem* : português.

Designação dada a oficial que ocupa essa patente, terceira maior na hierarquia do oficialato da marinha do Brasil, sendo imediatamente posterior à de almirante de esquadra e imediatamente anterior à de contra-almirante. **Por elle recebi porém do nosso <vice> no Rio de Prata, [...] as comunicações reservadas do dito mez de Setembro [...] (MOUTINHO, 1880, p. 270). Ver : almirante.**



http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/71/Vice-Almirante_MB.gif

vila **s.f.** *Origem* : português • Povoação de categoria inferior à de cidade e superior à de aldeia. **De toda essa antiga grandeza quasi que só restam**

reminiscencias «nessa pobre tapera ainda decorada com a hierarchia de cidade, titulo que não lhe durará muito. Ha poucos mezes, já em 1879, a assembléa provincial fez uma lei nesse sentido, rebaixando a ao foral de <villa>, e á qual negou sancção o presidente Pedrosa. (3).



[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igreja do Rosario \(Prospecto da Villa do Bom Jesus de Cuyaba\).jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igreja_do_Rosario_(Prospecto_da_Villa_do_Bom_Jesus_de_Cuyaba).jpg)

vinhático **s.m.** *Origem* : português. Árvore

de médio a grande porte, com cerca de 15 a 30 m de altura, de tronco áspero, medindo de 25 a 35 cm de diâmetro e que se descasca facilmente; possui folhas compostas, que lembram penas e flores brancas, dispostas em acho e produz em forma de pequenas vagens de com marrom. **As suas mattas são povoadas de uma infinidade de excellentes madeiras, que disputão entre si o primor e a riqueza. O cedro, o oleo, o jacarandá, o Gonçalves Alves, o <vinhatico>, a piuva, o jequitibá, o conderú, o coração de negro, o louro, a aroeira e o carvão, e tantas outras que fôra longo enumerar. Mais vale tarde do que nunca; faça-se agora o que a desidia e a ganancia não tem querido fazer; salve-se o que ainda resta dessa preciosa vegetação ribeirinha; e os jacarandás, o pau-santo, os cedros, o <vinhatico>, o guatambú, etc (2).**



<http://timblindim.files.wordpress.com/2008/04vinhatico2bx.jpg>

CAPÍTULO VII – Considerações pontuais sobre a nomenclatura do *Vocabulário*

Este capítulo busca evidenciar aspectos socioculturais, ambientais, políticos e econômicos da Província de Mato Grosso por meio da análise pontual de cunho quantitativo e qualitativo de dados que compõem o *Vocabulário*.

Considerando que este trabalho teve como principal objetivo analisar unidades léxicas representativas da Província de Mato Grosso extraídas de relatos de viagens, dispensando-lhes tratamento lexicográfico, acreditamos que os resultados obtidos evidenciam – pela ótica de viajantes (neste estudo representados por Joaquim Ferreira Moutinho e João Severiano da Fonseca), – aspectos linguísticos, socioculturais, políticos e econômicos da Província, bem como da Guerra do Paraguai, um dos maiores eventos ocorridos na História do Brasil, permitindo identificar, por exemplo, a produtividade das unidades lexicais segundo os campos léxicos, a saber: flora (73); relevo/hidrografia (48); militarismo (34); medicina fauna (29); medicina (24); Unidades de medida (23); exército (20); adm. e política (15); alimentação (10); náutica (9); habitação (8); marinha (7); lazer (4); clima (2); fenômeno da natureza (2); hábitos e costumes (2); utensílios (2); heráldica (1); instalações (1); nobiliarquia (1) e transporte terrestre (1) totalizando 316 unidades léxicas catalogadas e lematizadas, que foram extraídas das 34065 palavras *types* e das 292180 palavras *tokens* catalogadas no *corpus*. É importante ressaltar que se considerou, para lematização, apenas as unidades lexicais substantivas representativas da realidade da Província, opção metodológica que implicou a desconsideração das demais classes gramaticais de palavras e também das substantivas que não preenchessem esses requisitos, procedimentos esses que esclarecem a diferença numérica entre o número de itens lexicais contidos no recorte selecionado do *corpus* e a nomenclatura do *Vocabulário*, que reuniu 316 verbetes, organizado em ordem alfabética.

Considerando-se o índice geral de frequência, “rio”/“rios” – item lexical mais produtivo do *corpus*, com 556 ocorrências – denota a importância que esses cursos d’água tinham tanto para os moradores quanto para os exploradores e estudiosos da região, pois os rios eram as “estradas” de que

dispunham, à medida que muitas vezes os viajantes precisavam navegar parte do caminho, carregar as canoas ou barcos nas costas em terrenos íngremes a pé até que fosse novo acesso ao rio para continuar a navegação.

Já a análise da produtividade por campo lexical do recorte lexical lematizado, permitiu verificar-se a importância exercida pelo léxico como forma de registro de alguns aspectos culturais da Província e vem ao encontro da concepção de Biderman (2001, p. 139) de que o léxico é representa a experiência acumulada por uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”, uma vez que vivendo em uma área isolada da urbanização e não dispondo de recursos medicinais, o homem do século XIX recorria aos elementos naturais – mormente às plantas – para tratar e curar-se dos males e enfermidades de que era acometido, o que reitera a compreensão de que o estudo do recorte lexical selecionado propicia a compreensão de diversos aspectos da sociedade do Mato Grosso do século XIX. Esse campo lexical contou com 46 (23%) unidades lexicais lematizadas

Dentre as 316 palavras selecionadas para compor a nomenclatura do *Vocabulário*, 35 referem-se a militarismo, 20 ao Exército e 7 à Marinha: são de cunho militar, equivalendo a 18% do total, o que denota a importância da presença militar na região, um território estratégico e que também está relacionado à Guerra do Paraguai, um dos maiores eventos da História do Brasil e do qual a Capitania de Mato Grosso palco. Fonseca (1880, p. 236) refere-se a esta guerra como uma cruenta epopeia.

As diferenças diastráticas (de escolaridade e profissão) entre os autores dos textos-fonte justificam diferenças de uso de uma mesma unidade léxica. É o caso de “tropa”, que Moutinho comumente emprega para designar grupo militar e grupo de animais, enquanto Fonseca, (General do Exército) a utiliza apenas com a acepção de grupo militar.

O estudo demonstrou também que algumas unidades léxicas, apesar de registradas por dicionários contemporâneos, perderam a correlação com o referente de então por este ter sido substituído e/ou eliminado de uso, como é o caso de “anspeçada”, que no século XIX designava uma patente militar, situada entre as de cabo e de soldado, na atualidade é inexistente na hierarquia militar.

A análise evidencia, ainda, a significativa presença do substrato tupi na constituição do léxico do português do Brasil, considerando-se que dentre as 316 unidades léxicas lematizadas, 15% originam-se dessa língua, bem como da contribuição das línguas africanas, que contou, no recorte vocabular examinado neste estudo, com 3% do total das unidades léxicas.

Em síntese, o estudo demonstra a influência das relações sociais na constituição do léxico, ratificando o salientado por Sapir (1971, p. 45) ao argumentar que “fatores físicos só se refletem na língua, na medida em que atuaram sobre ele fatores sociais”. Os resultados do estudo ratificam, enfim, aspectos da inter-relação entre língua, cultura e ambiente na consolidação do léxico do português brasileiro.

Considerando a natureza do objeto de pesquisa, optamos por focalizar dados quantitativos do *corpus* selecionado, ilustrando-os por meio de gráficos. O primeiro, a seguir, ilustra a produtividade das unidades lexicais, segundo os campos léxicos a que foram agrupados⁶¹.

⁶¹ Campos léxicos: administração/política; alimentação, atividades de lazer, clima/tempo, costumes e comportamento, Exército, fauna, fenômenos da natureza, flora, habitação, heráldica, instalações, Marinha, medicina, militarismo, náutica, nobiliarquia, relevo/hidrografia, transporte terrestre, unidades de medidas e utensílios.

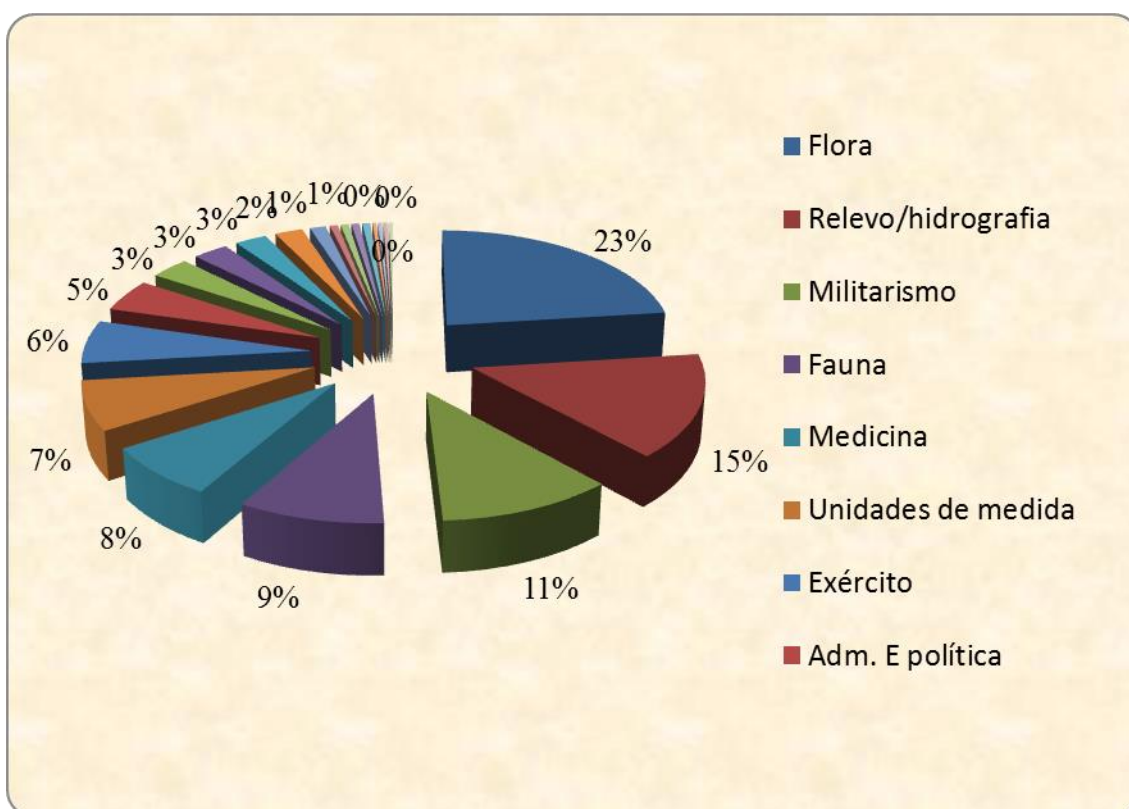


Gráfico I – Produtividade das unidades lexicais lematizadas, segundo os campos léxicos.

O índice de 23% de produtividade no campo lexical *flora* torna-o o mais produtivo da análise e reitera a concepção de que a flora era de vital importância no cotidiano do homem da Província de Mato Grosso, devido às propriedades alimentícias e medicinais apresentadas por inúmeras espécies de plantas às quais esse homem se via obrigado a recorrer devido à escassez de alimentos e de remédios dada a rusticidade do ambiente em que vivia.

Já os índices referentes ao militarismo (11%), ao Exército (6%) e à Marinha (1%) somam 18%, demonstrando a relevância da Guerra do Paraguai para a Província, que foi importante palco para esse evento e da atuação das forças armadas na demarcação dos limites fronteiriços do Brasil na região, da povoação e na melhoria infra-estrutural do Centro-Oeste, bem como no atendimento médico à população provinciana.

Já o Gráfico II refere-se aos índices de produtividade dos dados lexicais, segundo a origem linguística:

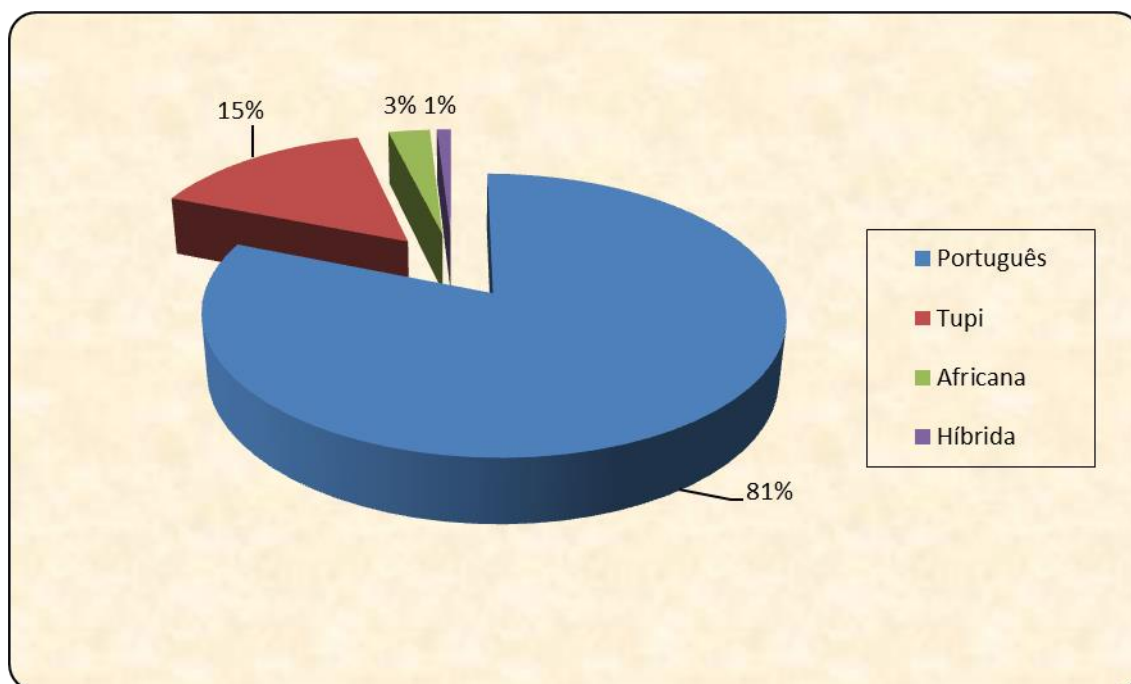


Gráfico II – Produtividade das unidades lematizadas, segundo a origem linguística

Os dados desse gráfico demonstram a supremacia da língua do colonizador sobre a do colonizado, haja vista que a maioria das unidades lexicais registradas no *corpus* da pesquisa é composta por termos vernáculos.

É notório ainda o fato de no campo das *enfermidades* não haver ocorrência de termos de origem tupi, o que evidencia que o branco colonizador era detentor do conhecimento científico das doenças e dos termos que as designavam, enquanto os autóctones detinham o conhecimento empírico acerca do uso de plantas como remédio.

A interrelação entre léxico, cultura e sociedade evidencia-se também por meio do percentual de unidades léxicas de origem africana (3%), pois conforme pontuamos na introdução deste trabalho, Volpato (1996, p. 216-217) assevera que nos séculos XVIII e XIX a mão de obra de escravos negros africanos foi empregada no Mato Grosso tanto na mineração quanto da agropecuária. O próprio Moutinho (1869), em sua obra tomada como parte do *corpus* de referência deste estudo, menciona a presença de indivíduos negros na Província, descrevendo o seguinte:

A igreja do Rosario fica sobre um plano elevado em continuação do morro da Prainha. Entremos e examinemol-a. [...] Sobre o throno está collocada a imagem de Nossa Senhora do Rosario, e nos dous altares lateraes as de Nossa Senhora

do Carmo e S. Benedicto. Ha duas irmandades compostas de homens negros, os quaes, apesar de não disporem de grandes recursos, conservão sempre a sua igreja com muito aceio e decencia. Suas festas são ordinariamente feitas com muito ruido; nomeão um rei e uma rainha, juizes e juizas de vara e de promessa (MOUTINHO, 1869, p. 58).

A leitura desse trecho evoca a ideia de que os negros viviam livres e felizes no Mato Grosso do século XIX, no entanto, nessa época, vigorava ainda no Brasil o regime escravista, já que a Lei Áurea foi assinada somente 19 anos mais tarde, questão que, associada ao fato de que existiram, nesse mesmo período, em Mato Grosso quilombos organizados e duradouros (VOLPATO, 1996, p. 20), e dos quais remanescem atualmente no Estado de Mato Grosso do Sul 12 comunidades rurais (BARROS, 2011, p. 281).

O Gráfico III, por sua vez, ilustra a produtividade das unidades lexicais de origem portuguesa, segundo os campos lexicais considerados neste estudo:

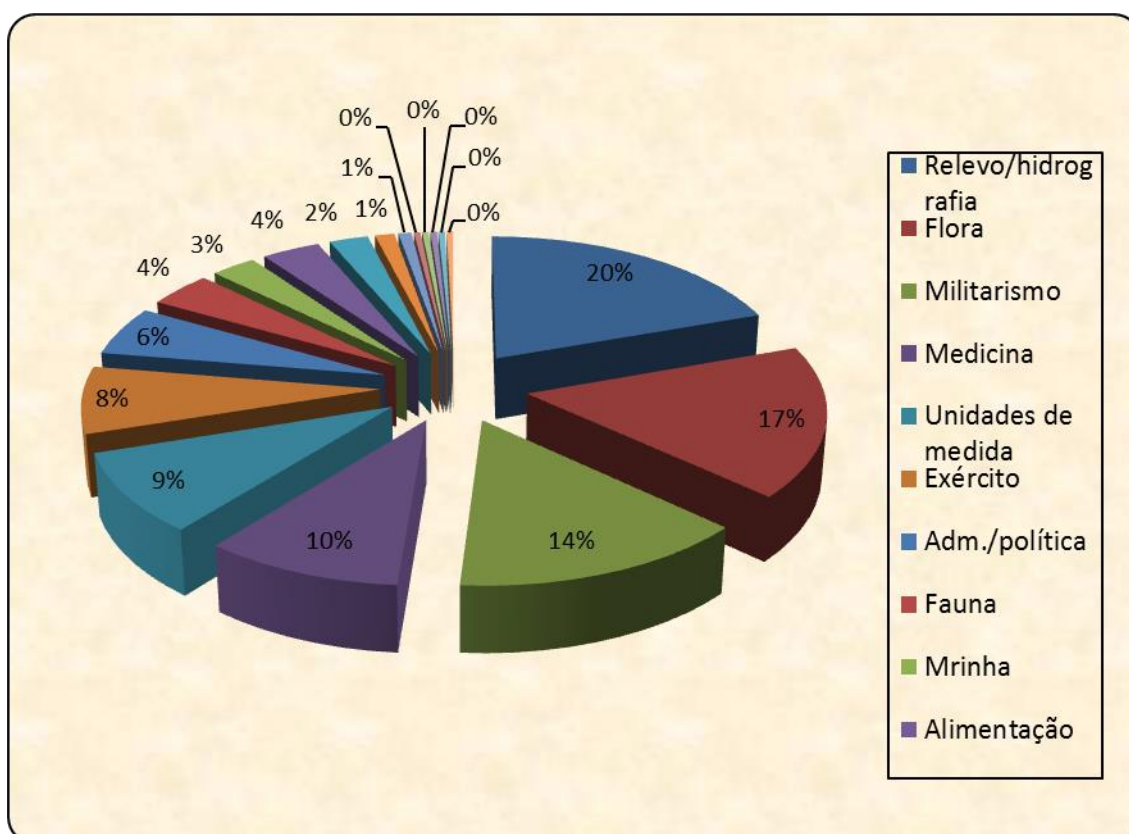


Gráfico III – Produtividade das unidades lexicais de origem portuguesa, lematizadas, segundo os campos lexicais estudados.

Os índices de produtividades das unidades léxicas de origem portuguesa que compõem os signos-entradas do *Vocabulário* dão mostras da realidade sociocultural da Província do Mato Grosso ao evidenciarem como mais produtivos campos léxicos referentes ao cotidiano dos viajantes e exploradores que a visitavam, bem como de seus habitantes: o índice de unidades lexicais referentes a relevos e a acidentes geográficos (20%), o mais alto dentre todos, por exemplo, remete às dificuldades que os viajantes encontravam para transpor as muitas barreiras naturais encontradas na Província, como bem ressalta Fonseca (1880), ao descrever um dos trajetos realizados pelo tenente de milicianos Antonio Peixoto de Azevedo:

[...] que á 26 de julho sahiu da capital e á 20 de agosto do porto de S. Francisco de Paula, á que deu tal nome por ser o de Magessi, do mesmo modo que baptizou com os de Magessi e Tavares dous dos principaes saltos, que encontrou no rio. Gastou sessenta e sete dias nessa exploração, e lutando com immensas difficuldades, como cachoeiras, baixios e indios bravos, chegou á foz do S. Manoel, subindo então pelo Juruheña. Na mesma época percorreu-o tambem o forriell Joaquim Ferreira Nhandú, que deu noticia de dous outros grandes saltos, um de duas e outro de vinte braças de altura (FONSECA, 1880, p. 81).

Já os índices de produtividade das unidades léxicas vinculadas aos campos léxicos referentes à flora (17%) e à medicina (10%) que somados totalizam 27%, demonstram que o homem branco da Província detinha considerável conhecimento acerca das enfermidades provincianas a que estavam constantemente expostos devidos às más condições de higiene e de alimentação a que se submetiam, bem como de sua prática de cura, que em sua maioria tinha como base as propriedades medicinais das plantas da região.

A unidade léxica *corrupção*, por exemplo, nomeia uma das mais temidas enfermidades da Província, enquanto *ipecacuanha* nomeia a planta utilizada para o tratamento e a cura dessa enfermidade. Ao descrever o acometimento dessa doença e sua respectiva prática de cura, Moutinho (1869, p. 167-168) assim se expressa:

Desenvolve-se esta molestia com facilidade, logo que não haja um aceio e cuidado extraordinario com o doente febricitante. Consiste em uma inflammação seplica do anus, intestino recto, e mesmo do colon, que passa facilmente a um estado

gangrenoso. E' acompanhada de febre, desfalecimento, somnolencia, dilatação do anus, a ponto de se poder introduzir a mão cerrada sem difficuldade, paralisia de parte inferior do intestino recto e do sphincter. Ao menor descuido desenvolvem-se no anus, bichos de varejas. O doente soffre em começo uma dôr na região occipital, tonturas, e emfim uma lethargia tal que chega até ao desfalecimento completo, cessando-lhe então os soffrimentos porque nade sente. Neste estado a morte é proxima, se não cede a molestia ao curativo quasi barbaro que é indispensavel fazer-se de prompto. Consiste elle externamente em clysteres repetidos de poaia, de agua com summo de limão e pimenta da terra, de licôr de Labarraque misturado com agua de emulsão camphorada, de agua creosotada; em suppositorios de limão descascado com polvora, pimenta malagueta e erva do bicho, e applicação no anus de pós de calomelanos ou de rapé. Interiormente no emprego dos tonicos e antisepticos.

Os índices de produtividade dos campos léxicos militarismo (14%), Exército (8%) Marinha (3%), por sua vez, remetem à situação de defesa do território, à construção do Forte Coimbra e, como não poderia deixar de ser, à Guerra do Paraguai, sobre a qual Moutinho (1869, p. 8), ponderar que

Flôr inda em botão—a malfadada Provincia teve de emmurhecêr e pender na sua haste, ao sôpro envenenado do vento da guerra. Cincoenta annos pelo menos são precisos para que ella recupere os immensos prejuisos que começou a soffrer desde o ataque do Forte de Coimbra, que teve lugar a 27 de Dezembro de 1864, e terminou pelo abandono da guarnição, depois de dous dias de brilhante resistência [...]

Os índices de produtividades das unidades léxicas de origem tupi (15%), lematizadas e consideradas a partir dos campos léxicos a que pertencem, estão representados no Gráfico IV:

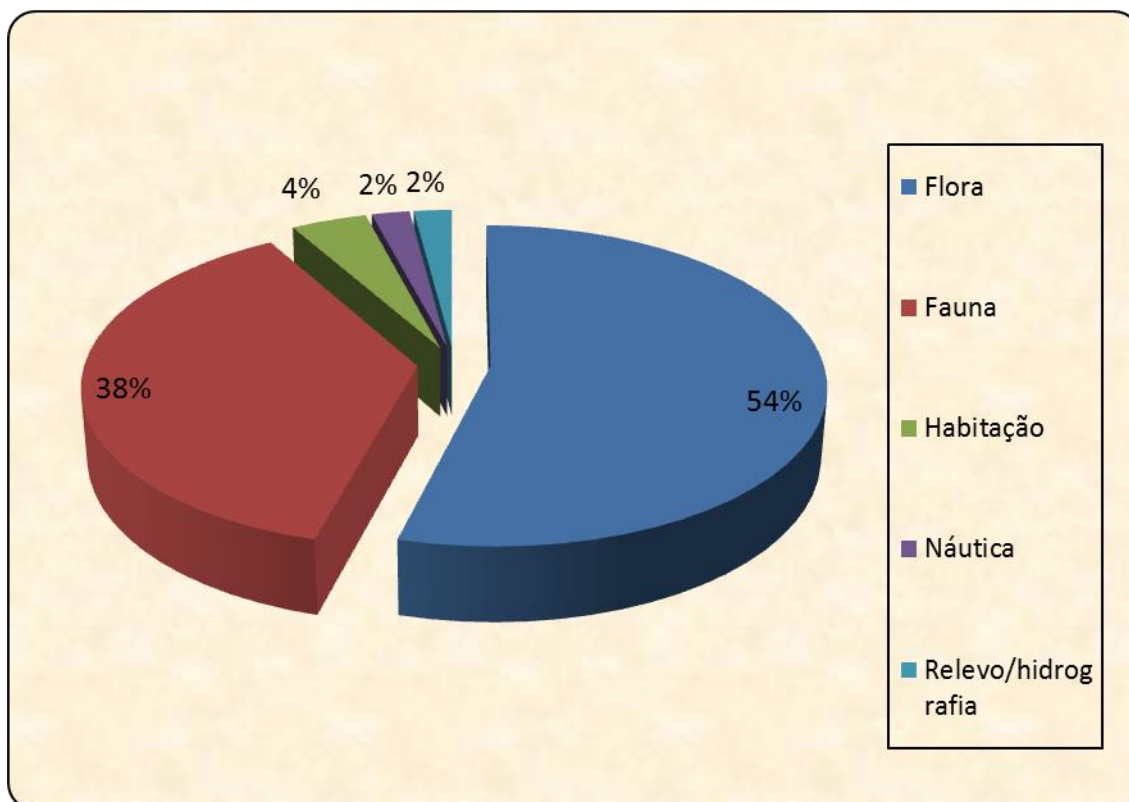


Gráfico IV – Produtividade das unidades lexicais de origem tupi, lematizadas, segundo os campos lexicais estudados.

Com relação aos dados apresentados no Gráfico IV, faz-se notório o fato de, no campo léxico das *enfermidades*, as ocorrências em tupi serem nulas, e de as ocorrências referentes ao campo léxico da *flora* apresentarem produtividade superior a 50%, o que pode evidenciar, conforme salientamos anteriormente, que o homem branco detinha o conhecimento científico das doenças, enquanto os índios dominavam o conhecimento das propriedades curativas das plantas medicinais da região.

Considerando que o léxico é “a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 1978, p.139), conclui-se que o estudo desse nível linguístico proporciona uma melhor compreensão da cultura de uma comunidade, haja vista que ainda hoje, em algumas localidades, dentre elas, as regiões pantaneiras, no estado de Mato Grosso do Sul, é prática corrente a utilização de plantas na cura de doenças.

Outro aspecto evidenciado pelo estudo é o de que a nomeação de certos referentes em tupi possui motivação extralinguística, como é o caso de *ipecacuanha* – que em tupi significa pênis de pato – e que é assim designada

devido à semelhança entre a raiz dessa planta e o órgão sexual dessa ave, conforme ilustram as figuras 33 e 34:



Figura 34: Pênis de pato⁶²



Figura 35 – Raiz de ipecacuanha⁶³

O índice de unidades léxicas de origem tupi referentes a elementos da fauna também se mostrou produtivo, com 38% das ocorrências, evento devido à configuração do meio ambiente da Província, que era riquíssima em variedades de espécies animais e que junto com as plantas e outros elementos naturais, constituíam o *habitat* de diversas etnias indígenas.

Moutinho (1869, p. 152) exalta a fauna da Província de Mato Grosso, enumerando espécies de animais terrestres, aves e ressaltando a piscosidade dos rios da Província:

Existião legumes de todas as qualidades, e ainda a par dessas riquezas do solo, muita caça nos arredores de cidade, como a anta, a onça, o tamanduá, o veado, o tatú, o quatí, o macáco, a cutia, o prehá, a preguiça, o porco, a capivara, a jaraticaca, a lontra, a ariranha, a hyrára, e tantas outras especies. Quanto ás aves é ainda grande a variedade, desde o anum, azulão,

⁶² Disponível em < <http://jornaldosbichos.blogspot.com.br/2010/08/membro-sexual-de-pato-e-maior-que-dos.html> > Acesso 26 out 2011.

⁶³ Disponível em <http://www.zeably.com/Carapichea_ipecacuanha> Acesso em 26 out 2013.

bemtevi, marido é dia, bicudo, caboré, canario, cardeal, S. Pedrinho, S. Joãosinho, e uma infinidade de pequenos passarinhos, dos quaes o menor é o colibri, ou beija-flôr, até ás classes maiores como jacú, jacumga, seriêma, êma, etc. Infinidade de papagaios, araras, rôllas e pombas de diversas qualidades, além de marrécas, patos, garças, colhereiros, e muitos outros passaros aquaticos. Os rios são sempre piscosos, se bem que nas cercanias de cidade o Guaporé não seja muito abundante, mas os pescadores alongavão-se mais, e fazião bellas e excellentes pescarias, e ainda algumas salgas, porque o sal custava então de 7 a 8\$000 o alqueire.

Fonseca (1880, p. 370) também menciona diversas espécies de animais da Província:

Tambem frequentam estas paragens, por causa das corixas ainda com agua, as onças, tamanduás, coandús, antas, etc. Dos guarás ou lobos (*canis jubatus*) temos ouvido os latidos á noite; perto da tapéra do Almeida, citada acima, vimos os restos de dous, mortos recentemente, assim como, pouco além da corixa dos Bugres, os de uma pequena onça pintada, todos na estrada. Impropriamente é dado aos guarás o nome de lobos, tão timidos são de animo, e sendo mais herbivoros do que carniceiros. Enorme praga de gafanhotos cobre os campos e principalmente a estrada, onde talvez venham fazer o chylo, após as devastações no campo. Sua marcha actual é na direcção do oriente.

A análise das unidades léxica de origem tupi reafirmou a importância do léxico como meio de registro da cultura de uma dada comunidade e do modo como ela concebe e representa seu mundo e sua realidade por meio da linguagem.

Já os índices de produtividade dos itens lexicais de origem africana (3%), lematizadas e consideradas, segundo os campos léxicos ocorridos, estão representados no Gráfico V:

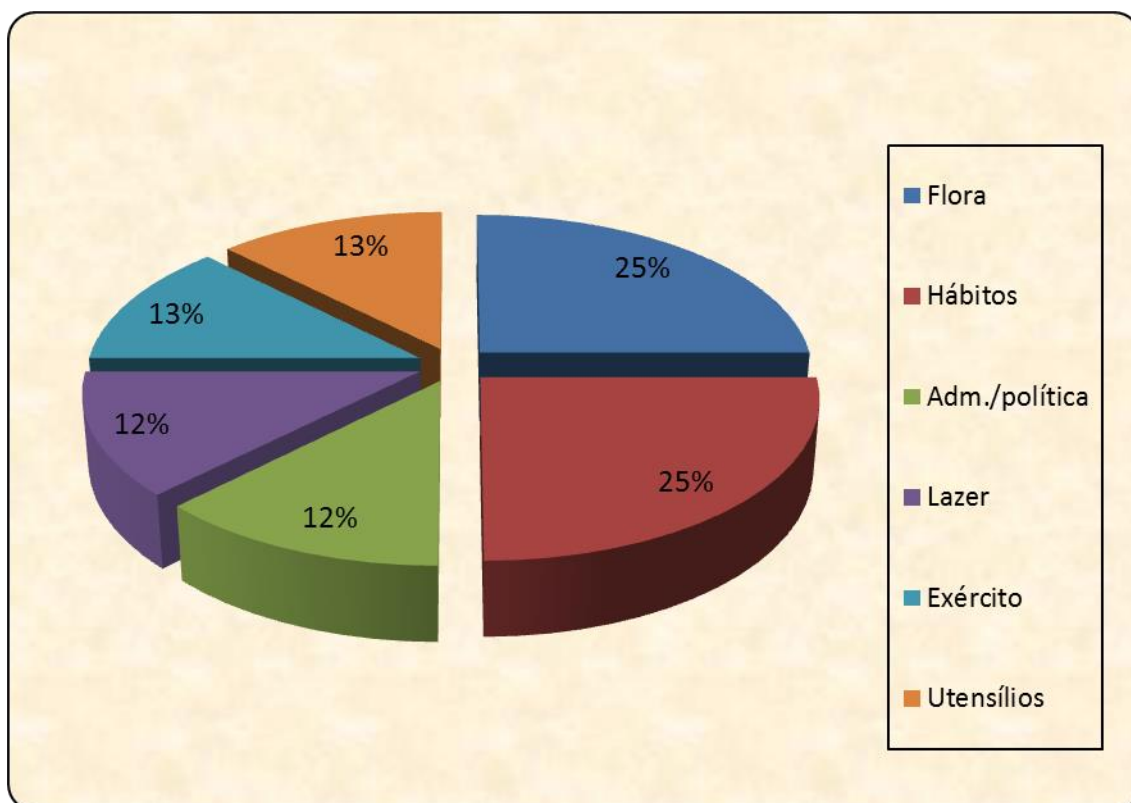


Gráfico v - Produtividade das unidades lexicais de origem africana, lematizadas, segundo os campos lexicais estudados.

Considerando-se o índice de unidades léxicas de origem africana presente na nomenclatura do *Vocabulário*, os índices percentuais do Gráfico V reiteram os argumentos anteriores de que a participação dos negros foi significativa em alguns aspectos socioculturais da Província de Mato Grosso, dentre eles, a participação direta e indireta na Guerra do Paraguai, conforme ilustra o percentual de 12% de unidades léxicas de origem africanas ligadas ao campo lexical exército. Moutinho, por exemplo, utiliza o item lexical *bombeiro* para nomear o soldado destacado para espiar ou explorar território inimigo.

No âmbito do lazer, destaca-se a unidade lexical *batuque*, por exemplo, que nomeia uma dança executada ao som de tambores e que está presente não apenas na Província do Mato Grosso, mas em grande parte do território nacional, tanto em atividades de lazer quanto em ritos religiosos.

As interações socioculturais dos habitantes da província evidenciam-se também por meio das unidades lexicais de origem híbrida *angelim-do-pará* e *jacaré-do-papo-amarelo*, que mesclam unidades léxicas de origem portuguesa

e de origem tupi e por meio da unidade coco-da-baía, composta por elementos de Origem africana (coco)⁶⁴ e de origem portuguesa.

⁶⁴ A classificação da unidade lexical “coco” como sendo de origem africana pauta-se em Lopes (2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivos analisar o léxico veiculado na Província de Mato Grosso no período entre e pós Guerra do Paraguai (a partir de relatos de viagens), verificando as origens linguísticas e conferindo-lhe um tratamento lexicográfico. Para tanto, foram catalogados 316 itens lexicais distribuídos nos campos lexicais *administração/política; alimentação, atividades de lazer, clima/tempo, costumes e comportamento, Exército, fauna, fenômenos da natureza, flora, habitação, heráldica, instalações, Marinha, medicina, militarismo, náutica, nobiliarquia, relevo/hidrografia, transporte terrestre, unidades de medidas e utensílios*.

Acreditamos que os resultados alcançados fornecem um panorama da realidade sócio-linguístico-cultural do Mato Grosso do século XIX, uma vez que os dados discutidos nos capítulos VI e VII permitem verificar a significativa ocorrência de extratos linguísticos tupis e africanos na língua escrita da província, uma vez que das 316 unidades léxicas contempladas pelo *Vocabulário*, 15% (48) são de origem tupi e 3% (9) de origem africana, sendo observadas algumas particularidades, principalmente em se tratando das unidades léxicas de origem tupi, que ocorrem com mais frequência no âmbito da *flora*, contando com 26 unidades, equivalendo a 8,5% do total de unidades léxicas contempladas pelo *Vocabulário* e da *fauna*, com 18 unidades correspondentes a 5,9% desse total, dados esses que evidenciam a realidade dos indígenas da província, que viviam permanente contato com a natureza, dela extraíndo elementos essenciais à sua saúde e subsistência.

Esses números ratificam também a importância linguística e sociocultural exercidas por essas duas etnias que, juntamente com o imigrante português, contribuíram para a formação e o desenvolvimento da norma linguística da região estudada, graças à miscigenação etnolinguística que se processou no território da Província por meio do convívio entre milhares de povos indígenas, o imigrante europeu e os negros que, importados do Continente Africano na condição de escravos, aturam como mão-de-obra de atividades rurais e de extração.

A análise evidenciou também a relevância da teoria dos campos léxicos para a organização dos dados, o que possibilitou a compreensão das várias áreas semânticas presentes no *Vocabulário* e que permitiram perceber a estreita relação entre léxico, cultura e sociedade.

A pesquisa revelou ainda que o léxico é um sistema aberto tanto à ampliação quanto à escolha, haja vista que os falantes introduzem, alteram ou excluem unidades lexicais de seu repertório de acordo com suas necessidades de comunicação advindas de alterações ou inclusões de novas tecnologias, de novas descobertas científicas ou de alterações na configuração de determinados segmentos sociais. Em nosso estudo, esse fato é percebido, dentre outros, por meio do uso da unidade lexical *alferes* que designava uma patente militar que atualmente foi substituída pela de *subtenente*.

Salientamos que o tratamento lexicográfico dos dados, bem como as análises quantitativa e qualitativa realizadas constituem duas dentre as possíveis abordagens que o *corpus* de estudo selecionado pode proporcionar. Essas abordagens, no entanto, possibilitaram atingir os objetivos estabelecidos para este estudo de modo que os resultados apresentam: (i) a produtividade das unidades lexicais selecionadas e a ocorrência de rubricas de antiguidade, desuso, obsoleto e regionalismo com relação às mesmas; (ii) a produtividade das entradas segundo a origem linguística e os campos léxicos selecionados; (iii) as relações estabelecidas entre as unidades léxicas mais produtivas e a realidade da Província; (iv) os campos lexicais que se sobressaem em relação às bases linguísticas.

Entendemos que dado o ineditismo deste trabalho no tocante à natureza do *corpus pesquisado* (considerando o número praticamente inexistente de pesquisas sobre o léxico da região estudada no período estipulado), este estudo reitera a importância dos estudos lexicais para a compreensão de aspectos referentes à história da língua, bem como de características socioculturais do homem brasileiro.

Em síntese, a análise do recorte lexical selecionado para compor a nomenclatura do *Vocabulário* permitiu-nos verificar a importância do léxico como forma de registro de aspectos socioculturais de uma comunidade e compreender que uma obra lexicográfica desempenha o papel de testemunha

da formação da norma lexical de uma comunidade. Acreditamos, portanto, ter contribuído para o estudo do léxico do português do século XIX, esperando que *Vocabulário* contribua com futuras pesquisas no âmbito da Lexicografia e que se torne um instrumento de estudo, de pesquisa e de divulgação sócio-linguístico-cultural do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul.

Referências

ABREU, João Capistrano de. Capítulos de história colonial – 1500-1800. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, 258 p. (Coleção Octalles Marcondes Ferreira; v.1).

ALCOFORADO, Fernando. Globalização e desenvolvimento. São Paulo: Nobel, 2006, p. 105-177.

ANDRADE, Maria Margarida de. Conceito/definição em dicionários de língua geral e em dicionários de línguas de especialidades. SILVA, José P. da (Org.). Semântica e Lexicografia. IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2000.

ANZAI, Leny. Caselli. Doenças e práticas de cura na capitania de Mato Grosso: o olhar de Alexandre Rodrigues Ferreira. Brasília, 2004. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade de Brasília, p. 96 - 226.

BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. IN: Ciencia e Cultura [on-line]. 2006, vol.58, n.2, pp. 38-41. ISSN 0009-6725.

BALBACH, A. As Plantas Curam. Itaquaquecetuba: Missionária, 1926, 297 p.

BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiologia. ALFA Revista de Linguística, Marília, v.9, p.7-36, 1966.

BARBOSA, Maria Aparecida. Contribuições aos estudos de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. In: Uniletras: Revista de Linguística Brasileira n. 08, São Paulo, 1995, p. 15-30. Disponível em <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewArticle/493>> Acesso em 24 Jun 2012.

BARROS, Lídia Almeida. Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. Ciência e Cultura, 2006, vol.58, n.2, pp. 22-26. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a11v58n2.pdf>> Acesso em 23/06/2012.

BARROS, Lídia Almeida. Curso básico de Terminologia. São Paulo: USP, 2004, 15-152.

BARROS, Luiz Eduardo Pinto. O processo histórico dos quilombos e o caso de Furnas de Dionísio. Revista Ideas: Interfaces em desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, v. 5 p. 274-291.

BARROS, Valter Magini. Potencialidades sul-mato-grossenses. Campo Grande: Ed. Oeste, 2006, 166 p.

BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2000, 94 p.

BEJÓINT, Henri. Computer and Corpora. IN : *Lexicography of English*, BEJÓINT, H. Oxford : Oxford University Press, 2010, p. 348-370

BERLINCK, Rosane de Andrade. Crônicas e Relatos de Viagens: fontes para o estudo da história da língua. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; GONÇALVES, Maria Filomena. (Orgs.) *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Série Trilhas Linguística, n.º 11. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2007, p. 11-27.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. (Orgs.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*, São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes, 2002, p. 15-64. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/2366951/Historia-do-Saber-Lexical-e-Constituicao-de-um-Lexico-Brasileiro>> Acesso em 30 abr 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: (teoria lexical e linguística computacional)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 75-202.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. (1998a) As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs). *As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do [do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998, p. 11-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. (1998b) Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs). *As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do [do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998, p. 131-144.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo . Léxico e Vocabulário fundamental. *ALFA Revista de Linguística* vol. 40. São Paulo, 1996. Disponível em <seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/3994/3664>

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (1984a). A ciência da Lexicografia. *ALFA Revista de Linguística* vol. 28 (supl.), São Paulo, 1984. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676/3442>>. Acesso em 09 mai 2011, p.1-26.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (1984b). Glossário. *ALFA Revista de Linguística* vol. 28 (supl.), São Paulo, 1984. Disponível em:<<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3683/3449>>. Acesso em 09 mai 2011, p.1-26.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (1984c). O dicionário padrão da língua. ALFA Revista de Linguística vol. 28 (supl.), São Paulo, 1984. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3677/3443>>. Acesso em 09 mai 2011, p. 27-43.

BIZZOCCHI, Aldo. O guarda-chuva da palavra. In: Revista Língua Portuguesa, ano 4, n.º 53, março de 2010, p. 52-54.

BORBA, Francisco da Silva. Organização de Dicionários: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003, 356 p.

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. História de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: TJMS, 1991, 194 p.

CAMPESTRINI, Hildebrando. História de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011, 415 p.

CARDEIRA, Esperança. O essencial sobre a história do português. Lisboa: Editorial Caminho, 2006, p. 75-97.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010.

CONCEIÇÃO, Moacir. Plantas medicinais no ano 2000 – Dicionário de plantas medicinais. Brasília: Editeria, 1984, 284 p.

CORRÊA, Lúcia Salsa. História e fronteira: o sul de Mato Grosso, 1870-1920. Campo Grande: UCDB, 1999, 244 p.

CHERNOVIZ, P. L. N. Dicionário de Medicina Popular e das Ciências Accessórias A. Roger & F. Chernoviz, 1890, 6ª edição, Paris,. Disponível em www.brasiliiana.usp.br/en/dicionario/4. Acesso em 12 dez 2012.

CORREA, Sílvia Marcus de Souza. Evidências de história nos relatos de viajantes sobre a África Pré-Colonial. In: AEDOS – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 2008, vol. 1, no.1. Porto Alegre, p. 11-21. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/aedos/issue/view/799/showToc>> Acesso em 16 mai 2012.

CORRÊA, Valmir; CORRÊA, Lúcia Salsa. História e historiografia de uma região. Corumbá: UFMS, 1985, 94 p.

CORRÊA FILHO, Virgílio. História de Mato Grosso. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969, 712 p.

CORREIA, Margarita. Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. In: Júnior, Manuel Alexandre (coord.) Lexicon – Dicionário de Grego-Português, Actas de Colóquio. Lisboa: Centro de estudos Clássicos / FLUL, 2008, pp. 73-85.

COSERIU, Eugenio. Lições de linguística geral. Tradução Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980, p. 08-125.

COSERIU, Eugenio. Principios de semántica estructural. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

COSTA, Francisco Felix Pereira da. História da Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Livraria A. G. Guimarães, 1870. Disponível em <http://historiar.net/images/pdfs/Guerrado_Paraguai_vol_2.pdf> Acesso em 22 Jul 2012.

CRUZ, João Hilário da. Dicionário das plantas úteis do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, 599 p.

CUNHA, Antônio Geraldo. Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

DAPENA, José-Álvaro Porto. Manual de técnica lexicográfica. Madrid: Arco/Libros, 2002. 367 p.

DUBOIS, Jean. et al. Dicionário de linguística. [direção e coordenação geral da tradução Izidoro Blickstein]. São Paulo: Cultrix, 1973.

DURAN, Magali Sanches; XATARA, Claudia Maria. As funções das definições nos dicionários bilíngues. ALFA Revista de Linguística, v. 50, nº 2, 2006. Disponível em <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1416/1117>> Acesso em 14 dez 2012, p. 145.

DUPRAT, Deborah. A reserva de Dourados é talvez a maior tragédia conhecida na questão indígena em todo o mundo. In: Ministério Público Federal Disponível em <[http://noticias.pgr.mpf.gov.br/noticias/noticias-do-site/copyofpdfs/entrevista Debora Duprat. pdf](http://noticias.pgr.mpf.gov.br/noticias/noticias-do-site/copyofpdfs/entrevista%20Debora%20Duprat.pdf)>

ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. Dicionário de termos militares. s.n.: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1980, 252 p.

ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. História do Exército Brasileiro. Brasília: Serviço Geográfico da Fundação IBGE, 1972 v1, 390 p.

FARIAS, Emilia Maria Peixoto. Uma breve história do saber lexicográfico. Revista Trama – Vol. 3 - Número 5 - 1º Semestre de 2007 - p. 89-9. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v1n27p11>> Acesso em 19 fev 2012.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010. versão 7.0.

FERREIRA, Elias. Palavra frequente, pronúncia diferente: a linguística de corpus auxiliando o ensino da pronúncia do inglês como língua estrangeira. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 6-26.

FISCHER, Steven Roger. A história da escrita. São Paulo: Unesp, 2009, 286 p. Tradução de Mirna Pinsky.

FONSECA, João Severiano da. 1880. Viagem ao Redor do Brasil (1875-1878), Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C., 1881 Volume 2. Disponível em <biblio.etnolinguistica.org/fonseca-1880-viagem> Acesso em 15 fev 2011.

FONSECA, João Severiano da. 1880. Viagem ao Redor do Brasil (1875-1878), Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C., 1880 Volume 1. Disponível em <biblio.etnolinguistica.org/fonseca-1880-viagem> Acesso em 15 fev 2011.

FLORENCIO, Irázio Pereira de Souza. História da ocupação e povoamento do Estado de Mato Grosso. Cuiabá: Fundação de Pesquisas Cândido Rondon, 1985, 80 p.

FROMM, Guilherme. Proposta para um modelo de glossário de informática para tradutores. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, 2002, p. 1-53.

GARCIA, Domingos Sávio da Cunha. Mato Grosso (1850-1889) uma província na fronteira do império. Campinas, 2001. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, p. 7-113.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 332 p. (Coleção General Murilo Benício).

GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello. Mato Grosso do Sul: Aspectos Históricos e Geográficos. Dourados: L. Gressler, 2005, 207 p.

GRESSLER, Lori Alice; SWENSSON, Lauro Joppert. Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao Município de Dourados. São Paulo: Dag Grafica e Editorial, 1988. 163 p.

HAENSCH, Gunther. Los diccionarios del español em el umbral del siglo XXI.... Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1997, 293 p.

HAENSCH, Gunther. et al.. La lexicografia: de la lingüística teórica a la lexicografia práctica. Madrid: Gredos, 1982, 547 p.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. versão 3.

HOLANDA, S. B. de et al.. *História Geral da Civilização Brasileira – o Brasil Monárquico*. Vol. II. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978, p. 173-190.

INNOCENTINI, Thaís Cristina. Capitánias Hereditárias: herança colonial sobre desigualdades e instituições. São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado em Economia) – Escola de Economia de São Paulo, p. 13-22.

INSTITUTO EUVALDO LODI. Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Instituto Euvaldo Lodi 1986, 520 p.

ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.); FINATTO, Maria José Borcony (Org.). As Ciências do Léxico, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. v. 01. 624 p.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa, BORBA COSTA, Sônia Bastos, CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa. Homenagem a Jacyra Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais. 1 ed. Salvador - BA: EDUFBA, 2009, v., p. 41-59.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Normas lexicais no português do Brasil e desafios para a lexicografia brasileira. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.). Múltiplas Perspectivas em Linguística. 1 ed. Uberlândia - MG: EDUFU, 2008, v. I, p. 447-458. Disponível em<http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_511.pdf> Acesso em 30 abr 2011.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O léxico do “soldado da borracha”: uma deriva de valores. ALFA Revista de Linguística. São Paulo, v. 38, 1994, p. 181-189.

IZECKSOHN, Vitor. O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do exército. Rio de Janeiro: E-papers, 2002, p. 7-201.

KARASCH, Mary. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). Por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1996, p. 240-262.

KATO, M. A. ROBERTS, I. (Org.). Português brasileiro: uma viagem diacrônica. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 10-105.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. (Orgs). As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2010, p. 161 – 175.

KRIEGER, Maria da Graça. et al.. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da Lexicografia brasileira: relações com a identidade do Português do Brasil. ALFA Revista de Linguística, vol. 50, São Paulo, 2006. p. 173 a 187, Disponível em: < <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676/3442>>. Acesso em 09 mai 2011.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. Introdução à Terminologia: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004, p. 75-106.

LEAL, Abinael Moraes. Dicionário de termos náuticos, marítimos e portuários. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, 144 p.

LENCI, Alessandro; MONTEMAGNI, Simonetta; PIRRELLI, Vito; I dati della lingua. In : LENCI, Alessandro ; MONTEMAGNI, Simonetta ; PIRRELLI, Vito. Testo e Computer : elementi di linguistica computazionale. Roma : Carocci, 2005, pp. 23-51

LEROY, Maurice. As grandes correntes da linguística moderna. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1971, 239 p.

LOPES, Nei. Novo Dicionário Banto do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2003, 259 p.

LOPEZ, Luiz Roberto. História da América Latina. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989, 208 p.

LORENTE, Mercè. A lexicologia como ponto de encontro ente a gramática e a semântica. IN: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2004, p. 19-30.

LUPETTI, Monica. Tra Cardoso e Bluteau. In: Minerva N. (Org.) Lessigologia e lessicografia nella storia degli insegnamenti linguistici [2]. Quaderni del SIRCIL, Bologna: CLUEB, 2005, v. 4, p. 65-77. Disponível em <<http://www2.Lingue.unibo.it/cirsil/>> Acesso em 06 mai 2011.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Orientações Atuais da Linguística Histórica Brasileira. DELTA vol.15, São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 27 fev 2011. p. 147-166.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. Ensaios para uma sócio-história do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 43-67.

MELLO MORAES, Alexandre José de. *Materia Medica ou Pathogenesis Homeopatica*. Rio de Janeiro: Eduardo Henrique Laemmert, 1857, 411 p. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=EBKB8_z0CrM8C&pg=PA296&lpg=PA296&dq=materiaa+medica+ou+pathogenesis&source=bl&ots=eniNKBRsvb&sig=TOXXukmz5EA6TwbxN_QHqF7VO2s&hl=pt-BR&sa=X&ei=4LHdUN6FLYbq8wSinIGwDQ&ved=0CDIQ6AEwAA#v=onepage&q=materiaa%20medica%20ou%20pathogenesis&f=false> Acesso em 28 dez 2012

MENDONÇA, Rubens de. *História de Mato Grosso*. [S.l.]: Ex-libris do Instituto histórico de Mato Grosso, 1970, 130 p.

MENEZES, Joara Maria de Campos. *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*. Belo Horizonte, 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, p. 18-36.

MESSNER, Dieter. *Publicações*. Disponível em <http://www.uni-alzburg.at/pls/portal/docs/1/515543.PDF> Acesso em 14 abr 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Alimentos regionais brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002, 141 p. Disponível em <http://189.28.128.100/nutricao/docs/geral/alimentos_regionais_brasileiros.pdf> Acesso em 27 dez 2012.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; RONCARATI, Cláudia Nívia. *Questões teórico-descritivas em sociolinguística aplicada e uma proposta de agenda de trabalho*. DELTA, vol. 17, São Paulo, 2001. p. 45-65. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/37775765/6710>> Acesso 06 mai 2011.

MONSERRAT, Ruth. *Introdução* In: Aryon Dall'Igna. *Línguas Brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986, 135 p.
MORAES SILVA, Antônio. *Diccionario da Lingua Portuguesa – Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813 – Tomos I e II*.

MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícias sobre a Província de Mato Grosso Seguida d'um roteiro da viagem de sua capital à São Paulo*. São Paulo: Typographia de Henrique Shoeder, 1869.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. *Lexicografia e história: o Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII*. In: ALVES Ieda et al. (Orgs.) *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo, 2009, 255 p.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. (2007a). *D. Raphael Bluteau: marco na lexicografia portuguesa de setecentos*. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; GONÇALVES, Maria Filomena. (Orgs.) *Novas contribuições*

para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa. Série Trilhas Linguística, n.º 11. Araraquara: Cultura Acadêmica, p. 159 -188.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. (2007b). D. Modelos de verbetes em dicionários clássicos da Língua Portuguesa. In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs). As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, p. 235 – 245.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição lexicográfica portuguesa: Bluteau, Moraes e Vieira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Orgs). As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2001. p. 153-159.

NUNES, José Horta. Dicionários no Brasil: Análise e História do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes Editores, 2006, 254 p.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos. Araraquara, 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, p. 2 - 136.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Linguística computacional - princípios e aplicações. In: I Workshop de Computação - WORKCOMP - SUL, 2004, Florianópolis. Disponível em < <http://inf.unisul.br/~ines/workcomp/cd/pdfs/2317.pdf>> Acesso em 30 abr 2012.

PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. (2002) *Manual de terminologia*. Trad. Enilde Faulstich. Direção de Terminologia e Normalização Departamento de Tradução do Governo Canadense. Disponível em <http://sis.posugf.com.br/AreaProfessor/Materiais/Arquivos_1/13881.pdf> Acesso em 30 mai 2012.

POTTIER, Bernard et al.. Estruturas Linguísticas do Português. São Paulo: DIFEL, 1975, 138 p.

REY-DEBOVE, Josette. (1984). Léxico e dicionário. Trad. Clóvis Barleta de Moraes. In: ALFA Revista de Linguística. V. 28 (supl.). São Paulo: UNESP, pp. 45-69.

RIVA, Huéinton Cassiano. Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil. São José do Rio Preto, 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.

ROCHA, Marco. Relações anafórica no português falado: uma abordagem baseada em corpus. In: DELTA vol.16 no 2 São Paulo, 2000, p. 229-261.

RODRIGUES, Aryon Dalla' Igna. Línguas Brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986, 135 p.

ROMEO, Rogelio Ponce de León. Gramaticografia e Lexicografia em Portugal durante o século XVI: do Latim ao Português. Limite, vol. 3, Porto, 2009, p. 45 – 65. Disponível em <[http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/21096/2/PonceLeonLimite 32009000 0876 18.pdf](http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/21096/2/PonceLeonLimite%2009000%200876%2018.pdf)> Acesso em 06 abr 2011.

SANROMÁN, Álvaro Iriarte. A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasesmas, Pragmatemas. Braga: 2001. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho, 2001, p. 51-137.

SAPIR, E. A linguagem. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SAPIR, Edward. Linguística como Ciência. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 8-62.

SAPIR, Edward. Language – an introduction to the study of speech, 1921. Disponível em. <www.gutenberg.net> Acesso em 14 abr 2012.

SARDINHA, Tony Berber. (2004a) Linguística de Corpus. Barueri: Manole, 2004, 410 p.

SARDINHA, Tony Berber. (2004b) Linguística de Corpus: uma entrevista com Tony Berber Sardinha. In: Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 2, n. 3, agosto de 2004. Disponível em [www.revel.inf.br]. Acesso em 11 nov 2011, p.1-5.

SARDINHA, Tony Berber. Linguística de Corpus: histórico e problemática. DELTA, São Paulo, v. 16, n. 2, 2000, p. 323-368.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. 30 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

SILVA PINTO, Luiz Maria da. Dicionário da Língua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

SILVESTRE, João Paulo. Bluteau e as origens da lexicografia moderna. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2008, p. 6-25. Disponível em <http://www.clul.ul.pt/files/joao_silvestre/silvestre_2008_bluteau_origens.pdf> Acesso em 16 fev 2012.

SOUSA, Rainer. China – primeira era imperial. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/china/china-primeira-era-imperial.htm>> Acesso em 06 abr 2012.

STABILE, Solange. Designações para plantas medicinais na Capitania de Mato Grosso: contribuições do tupi. In: Anais do XX Seminário do CELLIP – Centro

de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná. Londrina: UEL, 2011, p. 1-12. Disponível em <<http://www.4shared.com/account/dir/zMDAw03d/online.html?rnd=6#dir=132962920>> Acesso em 22 mai 2012

TAUNAY, Alfredo d'Escragno. A Retirada da Laguna. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1874. 252 p.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. Dicionário Tupi Português – Com esboço de gramática de Tupi Antigo, São Paulo: Editora Traço, 1984.

TILIO, Rogério. A evolução da teoria da relatividade linguística e a interface língua-cultura no ensino de línguas estrangeiras. In: Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, V. I, No XXI, Rio de Janeiro: 2007, UNIGRANRIO, p. 105-124.

ULLMANN, Stephen. Sinonímia. In: Semântica: uma introdução à ciência do significado. ULLMANN, Stephen. Tradução de MATEUS, José Albero Osório. Lisboa: 1961, 291-322.

VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. (Orgs.) História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro, São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes, 2002, p. 15-64. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/2366951/Historia-do-Saber-Lexical-e-Constituicao-de-um-Lexico-Brasileiro>> Acesso em 30 abr 2011.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. Quilombos em Mato Grosso: resistência Negra em área de fronteira. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). Por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1996, p. 213-239. Disponível em http://books.google.com.br/books?id=zRIJpOpeqEC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbsgesummary_r&cad=0#v=onepage&q=Mato%20Grosso&f=false

WELKER, Herbert Andréas. Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia. 2a ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, Gunther. et al (Org.). La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982, 547 p.

WEEDWOOD, Bárbara. História concisa da linguística. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial. 2002, p. 8-120.

ZAVAGLIA, Cláudia; ORSI, Vivian. Proposta lexicográfica bilíngue: semas erótico-obscenos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALMEIDA, Lidia (Orgs.) As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2010, p. 29-38.

ZAVAGLIA, Cláudia; Dicionários infantis: uma análise de suas microestruturas. São José do Rio Preto, 2010. Relatório (Estágio de pós-doutoramento) –

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, p. 3-18.